

**BOA VIAGEM - HISTÓRIAS E CRÔNICAS
PUNGENTES II**

**Paulo Timm - Org.
Leo Saes - Editor**

Torres/RS - 2022

ÍNDICE

1. Afonso Romano Sant'anna – A mulher madura
2. Alvaro Bianchi – Crítica ao militatismo
3. Anna Mahadevy Monteiro – A filosofia noturna
4. Antonio Paulo Rezende – A sedução do efêmero: Solidão e pós-modernidade
5. Antonio Quinet – O encontro e o laço amoroso
6. Arnaldo Barbosa Brandão
7. Arnaldo Barbosa Brandão – Assalto no shopping no natal
8. Arnaldo Barbosa Brandão – Nelson Gonçalves
9. Arnaldo Barbosa Brandão – “Criação” do gore vidal
10. Arnaldo Barbosa Brandão – A estrutura das revoluções científicas
11. Arnaldo Barbosa Brandão – A felicidade
12. Arnaldo Barbosa Brandão – A grande teoria (a minha teoria)
13. Arnaldo Barbosa Brandão – Aroma de Roseira
14. Arnaldo Barbosa Brandão – As academias, vida saudável, comida saudável, sexo saudável, etc.
15. Arnaldo Barbosa Brandão – Boa noite príncipe
16. Arnaldo Barbosa Brandão – Branco correndo é atleta, preto correndo é ladrão
17. Arnaldo Barbosa Brandão – Brasil x Argentina. Maradona, Adina Mera, Borges e Pelé
18. Arnaldo Barbosa Brandão – Cinema : Fidel, Pazuelo e Maria-Joana e Dolores Sierra
19. Arnaldo Barbosa Brandão – Conheça a história do Brasil (que não está nos livros)
20. Arnaldo Barbosa Brandão – Contravenção

21. Arnaldo Barbosa Brandão – Desenvolvimentistas x Monetaristas e outras pendengas
22. Arnaldo Barbosa Brandão – Dois professores inesquecíveis
23. Arnaldo Barbosa Brandão – Eleição do pai-padrinho
24. Arnaldo Barbosa Brandão – Eleições
25. Arnaldo Barbosa Brandão – Eleições em Manacapuru
26. Arnaldo Barbosa Brandão – Elomar, Camaron de la Isla e Paco de Lucia
27. Arnaldo Barbosa Brandão – Gregos e Baianos ou a invenção da filosofia (na Grécia e Brasil)
28. Arnaldo Barbosa Brandão – Independência ou morte
29. Arnaldo Barbosa Brandão – Lembranças da esq. direita/esquerda
30. Arnaldo Barbosa Brandão – Lembranças do Amapá
31. Arnaldo Barbosa Brandão – Memórias de casanova
32. Arnaldo Barbosa Brandão – Memórias de quando fazia planos diretores
33. Arnaldo Barbosa Brandão – Memórias do Círio de Nazaré
34. Arnaldo Barbosa Brandão – Memórias do hospício
35. Arnaldo Barbosa Brandão – Memórias do supremo
36. Arnaldo Barbosa Brandão – O aniversário do brasil vem aí em setembro
37. Arnaldo Barbosa Brandão – O carro de Gurgel
38. Arnaldo Barbosa Brandão – O espírito do desarrumado
39. Arnaldo Barbosa Brandão – O funk do bolsonaro. memórias de uma reunião no planalto
40. Arnaldo Barbosa Brandão – O gaúcho mais famoso de todos
41. Arnaldo Barbosa Brandão – O grande jantar: Lacan, Leví-Strauss e Merleau-Ponty
42. Arnaldo Barbosa Brandão – O integralismo e plinio salgado

43. Arnaldo Barbosa Brandão – O maior filme brasileiro de todos os tempos
44. Arnaldo Barbosa Brandão – O último tango
45. Arnaldo Barbosa Brandão – Os explicadores do Brasil
46. Arnaldo Barbosa Brandão – Sabor de melancia
47. Arnaldo Barbosa Brandão – Uma tragédia brasileira
48. Arnaldo Barbosa Brandão – Yokaanam e a cidade eclética
49. Arthur da Távola – O carisma e o estrelato
50. Blog da Redação – Trinta razões para ir à Marcha da Maconha
51. Blog Leis da sedução – Sedução Máxima: Os 4 Maiores Poderes do Mundo
52. Carlos Russo Jr. – A confissão de Freud
53. Carlos Russo Jr. – Em Machado de Assis e Shakespeare, o trágico absoluto
54. Eugenio Giovenardi
55. Eugenio Giovenardi – Negavírus/19
56. Fabrícia Hamu – Os donos de Goiás
57. Franklin Cunha – A obsolescência do homem
58. Gilberto Freyre
59. Gutemberg Cruz – Nordeste
60. Gutemberg Cruz – Sedução do mito
61. Gutemberg Cruz – Território da alma humana
62. Gutemberg Cruz – Território da alma humana (4)
63. Gutemberg Cruz – O poder dos cinco sentidos
64. Gutemberg Cruz – O poder dos cinco sentidos (2)
65. Gutemberg Cruz – O poder dos cinco sentidos (3)
66. Henrique Vieira Filho – Freud, nossas bisavós e os vibradores

67. Isaac Roitman – A importância das artes na educação
68. Jorge Saes
69. Juremir Machado – Rir é o melhor remédio
70. Laércio Meirelles
71. Leis de Murphy – Atualizações
72. Leonardo Boff – Carisma e carismáticos: que energia é essa?
73. Luiz Orlandi – Wilhelm Reich & o Anti-Édipo
74. Marcelo Alves Dias de Souza – Misteriosa obsessão
75. Marco Aurélio Nogueira – Novo, novidade, renovação
76. Marino Boeira – Falo com..
77. Mário Quintana – O laço e o abraço
78. Michel Luscombe
79. Miguel Ribeiro – O que é criatividade?
80. Milton Saldanha – Farol da ilha de alto mar
81. Milton Saldanha – Volta dos navios de cruzeiros virou assunto polêmico
82. Monica de Bolle – Tratado da estupidez humana
83. Paulo Baía – Voto é afeto
84. Paulo Monteiro – Negrinho do Pastoreio
85. Paulo Timm – Visão de túnel: A vereda sombria das seitas
86. Paulo Timm – Talento, carisma, beleza na era das aberrações
87. Paulo Timm – A beleza salvará o mundo?
88. Paulo Timm – Rhapsody in Blue
89. PUA Sedução – PUA – O guia completo do PickUp Artist (definitivo)
90. Raúl Pierri – A sedução do poder
91. Roberto Santos

92. Roberto Santos
93. Roberto Santos
94. Roberto Santos
95. Roberto Santos
96. Roberto Santos
97. Roberto Santos
98. Roberto Santos
99. Roberto Santos
100. Roberto Santos
101. Roberto Santos
102. Roberto Santos
103. Roberto Santos
104. Roberto Santos
105. Roberto Santos
106. Roberto Santos
107. Roberto Santos
108. Roberto Santos
109. Roberto Santos
110. Roberto Santos
111. Roberto Santos
112. Roberto Santos
113. Roberto Santos
114. Roberto Santos
115. Roberto Santos
116. Roberto Santos
117. Roberto Santos

118. Roberto Santos

119. Roberto Santos – André Thévet, um dos que fez com o mundo europeu descobrisse o “Brasil exótico”

120. Roberto Santos – A música que está rolando pelo mundo

121. Roberto Santos – A questão da cueca na política brasileira. Um ponto de vista histórico

122. Roberto Santos – Ainda na trilha de “As Viagens de Guliver” - a “Suite Guliver” de Georg Philipp Telemann

123. Roberto Santos – Belonave?

124. Roberto Santos – Brasília sexagenária - Lembrando Ary Paraisios e o “Esquadrão da Vida”

125. Roberto Santos – Conheça As Árvores Que Colorem Brasília Em Agosto E Setembro – Parte 2: O Guapuruvu

126. Roberto Santos – Conheça As Árvores Que Colorem Brasília Em Agosto E Setembro – Parte 7: A Sapucaia

127. Roberto Santos – Conheça As Árvores Que Colorem Brasília Em Agosto E Setembro – Parte 10: O Pequizeiro

128. Roberto Santos – Ideia de jerico – parte 2: Burro Empacador

129. Roberto Santos – Ideia de jerico 3 - O caso estúpido do “Guaraná Jesus”

130. Roberto Santos – Mais uma demonstração da grande criatividade do brasileiro

131. Roberto Santos – Michelle e o Tico

132. Roberto Santos – O que é mesmo que está sendo considerado o desafio do século?

133. Roberto Santos – Parece que o copo encheu. Será que vai melar a toalha do jantar

134. Roberto Santos – Registramos o falecimento do jornalista e cartunista Lan.

135. Roberto Santos – Sobre o SUS

136. Roberto Santos – Uma avestruz no Palácio do Planalto

137. Roberto Santos – Uma dúzia de frutas nativas do Brasil 05 – a seriguela
138. Roberto Santos – Vamos falar - e ouvir - alguma coisa sobre “country blues”?
139. Stephanie Kim Abe – Por que é importante contar histórias para o seu filho?
 140. Tereza Novaes – Amazônia
141. Wagner Correa de Araújo – O resgate do ofício de contador de histórias
 142. Walter Galvani – Longe ou perto
 143. Wikipedia – Sedução
144. Zola Xavier da Silveira – Eliezer Santos o “bola sete”

Por isto, pode-se dizer que a mulher madura não ostenta jóias. As jóias brotaram de seu tronco, incorporaram-se naturalmente ao seu rosto, como se fossem prendas do tempo.

A mulher madura é um ser luminoso e repousante às quatro horas da tarde, quando as sereias se banham e saem discretamente perfumadas com seus filhos pelos parques do dia. Pena que seu marido não note, perdido que está nos escritórios e mesquinhas ações nos múltiplos mercados dos gestos. Ele não sabe, mas deveria voltar para casa tão maduro quanto Yves Montand e Paul Newman, quando nos seus filmes.

Sobretudo, o primeiro namorado ou o primeiro marido não sabem o que perderam em não esperá-la madurar. Ali está uma mulher madura, mais que nunca pronta para quem a souber amar.

2

ALVARO BIANCHI

CRÍTICA AO MILITANTISMO

Sem o controle contínuo do pessimismo do intelecto o otimismo da vontade facilmente se converte em puro militantismo. O militantismo é o fetichismo da ação, a crença de que a atividade permanente e direta conduzirá inevitavelmente a uma vitória decisiva. Com a vitória ao alcance das mãos é preciso colocar-se em frenético movimento. Da panfletagem ao piquete, do piquete à assembleia, da assembleia à reunião, para a seguir reiniciar o ciclo. O militantismo conduz toda a vida dos sujeitos políticos a um tempo circular que não deixa lugar para mais nada. Todo dia é igual. Todas as energias são consumidas.

O fetichismo da ação só permite a repetição. A velocidade da ação dá a impressão de rápido movimento, mas o caminho percorrido conduz sempre ao mesmo lugar. O final de um dia agitado é apenas a véspera daquele que virá amanhã. O movimento não conduz a parte alguma. Paradoxalmente o militantismo tem como consequência a passividade. Os sujeitos aparentam mover-se, mas não saem do lugar. Mexem convulsivamente braços e pernas sem que novas posições sejam obtidas. Em um tempo cíclico a própria estratégia perde a razão de ser. O militantismo nunca consegue superar o umbral da pequena política.

O militantismo parece ter recuperado uma noção já ultrapassada de revolução. Na história do conceito de revolução, este indicou, primeiramente, um retorno contínuo a uma posição original. É com esse sentido que ainda hoje se fala das revoluções da Terra ao redor do Sol, ou da Lua em volta da Terra, ou que usamos revoluções por minuto como unidade de velocidade angular. No final do século XVIII a ideia de revolução começou a adquirir um novo sentido. Com a Revolução Francesa ela deixou de indicar o perpétuo retorno no interior de um tempo cíclico e passou a representar aquele ponto de ruptura, no qual voltar atrás já não era mais possível e o novo início se dava a partir de uma posição radicalmente diferente da anterior. A revolução mandava pelos ares o continuum da história, nas palavras de Walter Benjamin.

O militantismo reestabeleceu o caráter circular do tempo e com isso retornou àquela concepção pretérita de revolução. A revolução recomeça sempre com o raiar do sol na porta da fábrica, atravessa o dia sem interrupção para à noite descansar na espera de uma nova jornada. Nada distingue o ontem do hoje. O militantismo não altera a relação de forças, apenas a reestabelece diariamente de maneira rotineira.

A vida se esgota desse modo em uma permanente atividade irrefletida. Não há imaginação criadora no militantismo. Pensar é uma atividade contrarrevolucionária. A atividade intelectual representa um perigo que deve ser combatido. O pessimismo do intelecto pode moderar o otimismo da vontade, pode alertar contra seus perigos, ou pode, até mesmo, denunciar sua ineficácia ou irrelevância. O militantismo não admite moderação, muito menos contestação. Ele é total ou não é. É o critério pelo qual se mede a existência. Ameaça-lo é, assim, ameaçar a própria vida como ela é conhecida. Reage então violentamente contra tudo aquilo que o questione e o faz, em primeiro lugar, questionando a integridade dos opositores. É preciso destruí-los.

* * *

O militantista pertence a um mundo particular. Ele se encontra separado daqueles sujeitos sociais que quer libertar. Sua vida não pode se confundir com as destes. São passivos demais. Não são capazes de acompanhá-lo. Cabe a ele então fazer o que os outros não querem ou não podem. Por isso é necessário substituí-los pela vanguarda que ele próprio, o militantista, encarna. Mas é uma vanguarda de poucos. Raros o seguem. O custo é elevado demais para acompanhá-lo. Isolado, o herói de si próprio se aliena. Sua vida interior se esvai. Não é capaz de emocionar-se com nada que não seja a ação, com as vidas exemplares dedicadas à causa, com o sacrifício.

Uma estética própria surge com o militantismo, criada a sua imagem e semelhança. Obviamente a arte só pode ter um papel muito secundário em uma vida completamente dedicada à ação. Mas aquele reduzido espaço que lhe é reservado deve ele também estar subordinado à causa. Para o militantismo, a arte só tem valor se engajada, se denuncia ou exalta. Punhos fechados, braços musculosos e testas franzidas não podem faltar. O realismo heroico era a forma estética do militantismo em uma época na qual, segundo os dirigentes stalinistas, a revolução estava ao alcance da mão. Mas ele permanece como sobrevivência atávica no imaginário do presente e se expressa nos símbolos partidários, nas performances teatrais que acompanham as comemorações, nas pinturas das sedes e nos cartazes decorando suas paredes. A sensibilidade embrutecida só reconhece uma forma estética contrarrevolucionária, a qual tem o único propósito de retratar a revolução e seu sujeito mítico.

Narciso, o militantista só deseja o que é imediatamente reconhecido como idêntico a si próprio. Os amores, os afetos, as companhias devem ser iguais a ele, ter as mesmas crenças, participar das mesmas atividades. Só se apaixona por si mesmo. Os outros são o espelho perante o qual se deleita na autocontemplação. Fechado àquilo que é diferente, o militantista reduz sua vida sentimental e afetiva ao mínimo necessário. Afasta-se daqueles que não reconhece como iguais, rompe laços afetivos de longa data, imerge em um mundo coabitado pelas poucas pessoas que partilham não apenas os mesmos compromissos, como, principalmente, o mesmo estilo de vida. Sente-se seguro, assim. Sua identidade não é ameaçada pela diversidade e pelo desconhecido.

A tensão subjetiva inerente ao militantismo é insuportável. Enquanto durar inabalável sua fé não perceberá que a intensidade de sua ação é inversamente proporcional aos resultados obtidos. O futuro guarda consigo a promessa da redenção. Mas o tempo conspira a cada dia contra esse futuro, o qual cada vez dura menos. Chegará o dia em que ao olhar mais uma vez no espelho, o militantista verá um rosto cansado. A energia que o ciclo diário do militantismo exige lhe falta cada vez mais. Só os jovens podem realizá-lo dia após dia, mês após mês, ano após ano. Mas em breve eles também deixarão de ser jovens. Esgotar-se-ão. E quando virem sua nova imagem refletida perante si enxergarão as marcas do tempo em suas faces e, em um lampejo de lucidez,

irão ajoelhar-se e chorar. É o fim. Para outros, entretanto, é apenas o começo. Ao contrário do que pensa de si próprio, o militantista é facilmente substituível.

* * *

Superar o militantismo exige reestabelecer o controle do pessimismo do intelecto sobre o otimismo da vontade. Apenas uma vontade realista é efetiva e capaz de deter o tempo cíclico da história e realizar as esperanças que ela mesma promove. Para reestabelecer esse controle é preciso superar a divisão entre o trabalho intelectual e a ação política, uma divisão que separa teoria e prática em sujeitos diferentes, chefes que pensam e subalternos que executam. O controle da razão sobre a ação deve ser interno e não externo. Deve estar nos próprios sujeitos militantes e não em uma instância superior, distante destes.

Construir uma militância integral se faz necessário. Uma militância que seja capaz de questionar e desobedecer, de imaginar e agir, de refletir e fazer. Apenas uma militância integral é democrática, autônoma e emancipadora. Ela não relega a emancipação dos sujeitos a um futuro indeterminado. Empenha-se em sua construção hoje. Como tal ela também é uma utopia, um ideal não realizável. O pressuposto da divisão do trabalho social é a exploração do trabalho. Enquanto esta não for superada, aquela continuará a vigorar. Mas as utopias tem também uma função normativa, elas indicam o caminho que deve ser percorrido. E esse caminho passa pela superação do militantismo subalternizante e pela construção de novas práticas emancipadoras. Esse futuro já começou.

3

ANNA MAHADEVY MONTEIRO

A FILOSOFIA NOTURNA

Quando uma parte do mundo resolve dormir e os corpos ficam imóveis diminuindo a sonoridade , outro mundo emerge paulatinamente , aproveitando o silêncio que desfaz a coletividade.

Parece abrir-se contra o escuro uma luz de vida própria, mas de caráter singular e solitário, cuja chama é nutrida por reflexões cativantes do reverso , lugar onde a alma mora de forma desabrigada .

Os nexos se afrouxam , constatando que o mundo é invasivo e onipotente , propondo conteúdos em demasia para afastar a ausência que alimenta a poesia . Fica-se a sós, a boca impassível, e a telepatia parece conversar com outra dimensão sem rosto , mas atenta e intuitiva .

Toda metafísica ali rejuvenesce, questões das profundezas abissais que sempre infernizaram os homens , suaves , comparecem para conversar sem prêmios ou vitórias prometidas. Vivos , mortos , sem grandes convicções de ordem, tem expressões garantidas , como se nesse momento o espaço fosse outro , sem o rigor das lógicas consistentes , e se pode conversar , sem exigências de credenciais a priori .

Será esse o mundo da alma , tão guardado por segredos indecifráveis , que nos diz que não basta ficar acordado , já que não é para os acordados mas para os despertos o seu acesso?

Por alguma razão misteriosa presente-se a morte ali . Não como terminal que abriga defuntos , mas como limiar sensorial , onde um toque a mais parece nos colocar de um outro lado , lá onde vivem os incorpóreos, livres das amarras dos elos diários .

Aqui tudo parece possível com extrema liberdade , onde perguntas e respostas se precisam e se respeitam para o que quer que possa ser mostrado . Talvez seja daqui que partem às inspirações que anteriormente mostravam ao homem que sua constituição tinha o tecido do Infinito e que por isso sua vida em vigília tinha ou deveria ter as premissas de sua grandeza , um homem voltado para beleza do Cosmos com sua imensidão.

Alexandre Bhering

4

ANTONIO PAULO REZENDE

A SEDUÇÃO DO EFÊMERO: SOLIDÃO E PÓS-MODERNIDADE

As trajetórias da história não comportam a linearidade dos tempos, mas sim um constante diálogo entre eles. Devemos evitar o estabelecimento de hierarquias, eliminando a idéia da história enquanto realização de um plano da natureza ou mesmo exaltando transcendências progressistas que fogem ao cotidiano do fazer histórico. O sentido da história não é algo definido a priori, mas uma construção complexa. A leitura do sentido exige trabalhar com a diversidade das interpretações, com olhar de um hermeneuta que não se satisfaz com a mesmice. Contar a história é, portanto, um entrelaçamento da imaginação com as fontes pesquisadas, problematizando sempre e não pré-determinando os acontecimentos. A história é a grande invenção humana no seu viver e no seu narrar e sua cartografia não é fixa.

O território da história está aberto à comunicação com outros saberes, não havendo uma identidade imutável. É preciso ampliar a temática e não restringir os campos de pesquisa. Desde os tempos da Escola dos Annales que a historiografia vem passando por mudanças importantes. A crítica ao positivismo foi fundamental, como também a conexão com as Ciências Sociais. Não há um espaço do social que não possa ser investigado pelo historiador. São paisagens que movem sua capacidade de reflexão e ajudam a desvendar os enigmas do fazer histórico. A história é a construção da possibilidade, a busca criativa de alternativas para lidar com os múltiplas dramas e tragédias da vida que dão uma dimensão dos limites que nos cercam. Uma leitura das tragédias nos ajuda a compreender os significados mais profundos do ser humano.

A ampliação das pesquisas e das suas questões nos leva a pensar temas antes marginalizados. Com isso, novo referencial teórico deve ser definido e novos diálogos devem ser assumidos. Quando nos propomos a estudar A sedução do Efêmero: solidão e pós-modernidade, temos que nos envolver com temas antes pensados pela filosofia ou mesmo a psicanálise. Nossa reflexão, portanto, solicita que tracemos trilhas renovadoras e corramos riscos de quem anda pelas margens. Contudo, era uma grande

ausência nos estudos históricos a construção da afetividade, na sua dimensão histórica, tão trabalhada pelo historiador Peter Gay. Os nossos sentimentos também são invenções relacionadas com espaços e tempos da história. Não como negar sua inserção nos mais recônditos lugares da nossa vida e sua importância para compreendermos nossas escolhas, frustrações e desencontros.i

O estudo da afetividade, dentro de uma perspectiva histórica, sofre preconceitos. Há um receio de se estudar temas que envolvem a emoção e a subjetividade. Parece, então, que a história é a ciência do objetivo, quando sabemos da complexidade que compõe, de quanto as incertezas nos envolve, das sinuosidades que marcam os caminhos de cada vida, coletiva ou individual.ii A própria questão da objetividade está muito fragilizada desde as polêmicas já iniciadas no século XIX. Nietzsche, entre outros, mostrou como a interpretação e a linguagem são fundamentais, para o estudo do ser humano. Não há vida humana sem a possibilidade do exercício da interpretação, além de sabermos que formulamos nossas questões a partir das circunstâncias que compartilhamos. A neutralidade é uma grande quimera, não querendo negar com isso que há regras e ordens sociais, não esquecendo que o fazer social é resultado de continuidades e descontinuidades, mudanças e permanências, sem falar na teoria da compulsão à repetição formulada por Freud. Visualizar todas essas dificuldades significar afirmar que todo conhecimento tem lacunas e que é impossível se pensar em esgotar as perguntas que nos incomodam. Com isso, aquietamos esse desejo do absoluto que tanto nos confunde.

II

Quando ressaltamos o estudo da pós-modernidade e da solidão é preciso esclarecer esses conceitos bastante polêmicos. A pós-modernidade não é analisada como período superior ao anterior. Não elegemos a hierarquia com ponto diferencial. É difícil esmiuçar o conceito de pós-modernidade, porque é o tempo que vivemos, a nossa mais crua contemporaneidade. Além disso, não devemos esquecer que os tempos históricos se complementam ou se conflitam. A famosa crise da modernidade convive com a pós-modernidade. Nem tudo, está definitivamente perdido ou mesmo deixando de ter importância. É inegável, porém, que temos que procurar outras maneiras de analisar o mundo humano e ter um olhar mais crítico diante das verdades modernas. Há um retorno de práticas do passado, como também um crescimento exuberante da tecnologia. O bem e o mal se apresentam de forma confusa. Os valores éticos são outros e, na política, há um desencontro generalizado. Tudo isso significa renovação, mas amedronta, pois estamos vivendo grandes indefinições. A informática se faz presente de forma avassaladora. Nossas relações com as máquinas é parte do cotidiano. É a sociedade do espetáculo e da banalização da violência, contraditoriamente rica na produção de conhecimentos. Ultrapassemos muitos impasses, mas a sociedade globalizada não consegue viver sem drogas e depressões. Caímos num consumismo sem limites, sem uma socialização que possa diminuir as imensas diferenças sociais.

O morto pós-moderno não apenas acena para problemas sem soluções. Vivem-se certos reencantamentos com a natureza, faz-se uma feroz crítica à burocracia, buscam-se alternativas de convivências fora das fortalezas do narcisismo, retomam-se tradições orientais, pensa-se o holístico, desconfia-se da razão instrumental. Passamos por inquietudes que podem trazer soluções sociais e políticas que levem a práticas menos individualistas. Não há desenganos definitivos, nem tampouco o fim da história. As possibilidades de mudança continuam abertas, os paradigmas não são verdades absolutas, a história nunca deixou de ser uma invenção humana, como também o

projeto de autonomia não morreu, é válido para construir-se uma perspectiva mais igualitária e uma sociedade não infantilizada pelos brinquedos eletrônicos, pelo onipresente fetiche das mercadorias. Ainda há espaço de luta para salvar-se da insanidade mental ou do culto fundamentalista das riquezas materiais.

No mundo de tantas diversidades a questão da solidão ganha territórios imensos. Hannah Arendt já apontava para os limites da expansão tecnológica, no seu livro *Entre o passado e o Presente*, que levaria o ser humano a conviver com uma solidão destruidora diante da massificação constante dos valores. Criamos a cultura, estamos cercados dos nossos produtos, somos criador e criatura, mas mergulhamos numa relação coisificante com os nossos inventos. Para eles, muitas vezes, jogamos nosso afeto, desprezando a convivência social com outros seres que nos ajudaram a atravessar trilhas turbulentas. Essa dificuldade de distinguir os significados, até hoje, dos projetos de modernidade, faz com que pouco uso façamos das práticas de solidariedade. Ritualizamos para esconder os desequilíbrios e sacralizar o solene, o gosto amargo da não felicidade se esconde por detrás de alegrias fabricadas.

No mundo da cultura parecemos seres estranhos, sem intimidades com o que criamos, como vítimas dos mecanismos transferenciais que dominam a mídia, no reino do Big Brother. Portanto, o exercício da crítica se perdeu, parece ser monopólio de alguns iluminados pela arrogância de um tipo de saber considerado científico. Diante da tantas vicissitudes, nos recolhemos, muitas vezes, em moradias minúsculas, cercados de artefatos eletrônicos, mal sabendo a finalidade de seus usos. A solidão se apresenta como uma fuga, como uma dificuldade de se lembrar das nossas aventuras afetivas e alegres e nos debruçarmos nos buracos estreitos da vida. Tornamos-nos exilados, desconhecendo nossos vestígios, confundidos as andanças das nossas memórias, com medo de perseguir as travessias mais sinuosas do mundo. A solidão como uma defesa, como um esconderijo mal acabado de uma arquitetura sufocante, espalha-se de maneira visível pelo mundo da verdade capitalista. Parece uma armadura que silencia os ruídos incômodos dos fantasmas do eu.

O aprofundamento dessa solidão nos faz desconhecer o valor do outro. Estamos submersos no egocentrismo da mesmice, para pudemos suportar as refeições mal comidas nos restaurantes de quilo, as transas mais resolvidas nos quartos bregas dos motéis, a coca-cola salvadora da nossa digestão apressada. Não choramos as lágrimas que aliviam a dor, preferimos a ação química dos psicotrópicos multinacionais. O inferno termina sendo justamente o outro como afirma Sartre na sua peça *O diabo e o bom Deus*. Puro engano ou elegia da decadência dos humanos. Não é possível pensar a história sem o outro, sem o compartilhar, sem o toque violento ou amoroso do outro. Como bem salienta Castoriadis, nos seis volumes das *Encruzilhadas do Labirinto*, o histórico e o social estão entrelaçados, a manutenção desse vínculo move a cultura e fortalece a nossa capacidade de compreender a dimensão do mundo.

Por outro lado a solidão apresenta outras cores. Ela pode ser o encontro e não a busca. Ela pode ser a escuta e não o desespero. Ela pode sinalizar com os significados mais radicais, dando fôlego a nossa subjetividade. Não temos, portanto, o exílio medroso, mas a leveza do sonho, de não temer as fantasias, de vestir uma camisa listrada e sair por aí. Não é possível a história sem a construção do diferente, sem um projeto que nos arranque da passividade e do conformismo, sem a visão elucidativa da conjugação de todos os tempos, sem privilegiar o passado, nem o futuro, mas circulando no tempo mágico do presente, o grande caos onde desembarcamos todas nossa vivências amigáveis ou não. A solidão é, então, uma longa viagem pela clarividência que nos ajuda a desatar os nós com segurança e ânimo, nos fortalecendo como criaturas e

criadoras da história que não temem as assombrações, nem os simulacros, apenas não esquecem a curiosidade de perguntar qual o tamanho da dor, se ela pode ser maior do que nós mesmos. Como as cidades invisíveis de Ítalo Calvino, nossa solidão possui todas simetrias, mas fala o silêncio, pois se encanta com a fábula que, magicamente, faz de você sua própria e aconchegante moradia. Assim tecemos o manto do tempo sem pressa, costurando as surpresas e os desencantos, sem sufoco, sem pensar no que tarda, nem no que madruga, mas inserido no cenário de sua invenção cotidiana.

O efêmero nos lembra o conceito de modernidade de Baudelaire. Ele nos impressiona pela sua rapidez, mas dialoga com a eternidade, a sua medida, a sua máscara. A velocidade define o efêmero, mas a sentimos porque o imaginamos o tempo sem começo, nem fim. Elegemos sempre deuses, para salvaguardar nosso desejo de tornar-se infinito. Com desenvolvimento da tecnologia, as invenções ganharam um desempenho inesperado. Tudo se reduz a segundos, a milímetros. Tudo cabe em tudo. Espaços pequenos tornam-se imensos, de um celular minúsculo falamos para o mundo, numa tela plana de televisão avistamos mares nunca dantes navegados, nos aproximamos do proibido, nos assustamos com práticas culturais de outros povos. O que é mesmo a medida, ou melhor para que serve medir? Apenas dizemos o tempo passa, mas passou tanto, será que ele não se esgota, que não se acanha de nos incomodar com suas expectativas e dissonâncias? O efêmero talvez nem exista, seja apenas uma especulação, pois tudo é vivido com o gosto de sempre, com a dúvida do talvez? Nada mais subjetivo do que o tempo. Ame e sinta, os limites de não fazer do tempo uma ponte entre o desejo e o delírio. Por isso invente o efêmero, mas não queira vivê-lo, não sucumba aos seus encantos, despreze suas seduções. As escravidões do desejo são armadilhas que circulam incessantemente.

A análise da moda feita por Gilles Lipovetskyⁱⁱⁱ é bastante pertinente para se conhecer as curvas do efêmero, a sociedade da moda e do modismo, consagrando a novidade. A busca das diferenças faz parte da força do efêmero no mundo da moda que se anuncia desde os finais dos tempos medievais: O êxtase do novo é consubstancial aos tempos democráticos; foi esse crescendo na aspiração às mudanças que contribuiu poderosamente para o nascimento da Alta Costura enquanto formação burocrática fundada na separação do profissional e do particular e consagrada à criação permanente.^{iv} A sociedade pós-modernidade se institui na sacralização das novidades, não deixando de lado a possibilidade de exercitar o consumo desenfreado das mercadorias, tudo isso que nos faz pensar que o tempo é uma grande fantasia que faz manter a força de gravidade da história. O desejo e a sedução comandam nossas vidas. Um destino indelével pesa sobre a sedução. Para a religião, ela foi estratégia do diabo, quer tenha sido feiticeira ou amorosa. A sedução é sempre a do mal. Ou a do mundo. É artifício do mundo.^v

Restar salientar que as relações afetivas não ficam congeladas, nem apenas determinadas pelas chamadas infra-estruturas. Elas se entrelaçam com as aventuras humanas contribuindo com sua singularidade para periodizar os tempos históricos e mesmo seu dia-a-dia. São referências. A pós-modernidade ainda suspira incertezas quase absolutas. Seus mistérios se misturam com suas ousadias ou mesmo com sua banalização. É difícil se analisar com clareza o tempo que estamos vivendo, há sempre dúvidas, não se firmaram os hábitos e as surpresas estão sempre presentes. Existe na história essa dificuldade de se visualizar o que continua ou que se refez com outros significados. Assim vamos construindo a cultura, nosso território privilegiado apesar dos desconfortos e das reflexões pessimistas. O historiador não perdeu o encanto da narrativa, com poder de síntese, com pacto com uma forma que lembre a leveza das

dos bons textos de García Marquez. Sua solidão não é de estranheza diante da complexidade do que contempla. Seus ruídos são importantes. A sua narrativa só está salva quando também seduz. E, nesse momento, que ela foge silenciosamente da solidão, passando a pertencer à coletividade que a ler e comungar da astúcia das suas imagens e do seu conteúdo peregrino que não teme as diabruras do mundo, porque seu ofício se configura ao desenhar outros mundos, sempre diferentes, nos pactos silenciosos com sua imaginação.

Para que se livrar das dúvidas, se a história sem inquietações extermina nosso poder de invenção, esvazia nosso imaginário social? Viver e contar são as celebrações mais sedutoras que fazem imagens de espelhos intensamente riscados, parecerem contaminados com os instantes mais próximos. E, às vezes, acreditamos que a linguagem é o traço mais sublime da nossa cultura, sem perceber que ela lida com ilusões, é um cárcere disfarçado, para nossas alucinações, como um palhaço que queima o circo, para esquecer o riso incomum que lhe contagiava. Não há lugar para o sempre na história, tudo está por um triz, mas é loucura transformar isso numa verdade definitiva. O olhar do solitário rasga máscaras e finaliza o encontro. Ele sabe que a sua saída é, muitas vezes, não acreditar nele mesmo. Incomoda-lhe a mentira que roubou sua paz, aliciou sua agonia e escondeu a tragédia. O ofertório da história está, muito além, do que os olhos apenas contemplam. A loucura do palhaço é humana, também se constrói na história e não levita sobre o mundo como um beija-flor apaixonado pela a única flor do jardim. Sem o encantamento do mundo estamos prisioneiros, não escutamos os passos de quem se aproxima. Estamos na outra margem do rio sem ponte que, apenas, dirige-se ao oceano, subalternamente, ligado na sua solitária e egocêntrica sobrevivência. Quem não tem o que contar sepultou a história. Perdeu o outro, o encontro e se finaliza na busca, amarrado num sentido único que esconde a multiplicidade das histórias.

5

ANTONIO QUINET

O ENCONTRO E O LAÇO AMOROSO

"O encontro entre dois seres sexuais que falam é da ordem do "acaso", não se programa, ele acontece. É o que Aristóteles chama de a causa acidental, a tyché que pode ser eutiquia um bom encontro ou distiquia um mau encontro.

Se é um mau encontro seguramente não haverá laço e se for um bom encontro nada garante que o fará. O bom encontro promete muito, ele promete o laço mais nem sempre cumpre. As falas de amor durante o encontro sexual, as promessas são vãs.

No dia seguinte o telefonema não vem. O laço do encontro se rompeu e a saudade ficou. A recordação do gozo do encontro exige repetição e pede mais e mais.

Mas a repetição não é laço, é a repetição do um do gozo, a repetição do Um sozinho que comemora a irrupção do gozo. Um S1 que se repete.

O encontro é da ordem do Um do gozo e é sempre exigência de repetição desse gozo... que não deve ser confundido com o amor. Mas é claro que esse gozo do Um pode ser

o catalizador do laço do Dois do amor. E virar o encontro para a vida toda. Mas não é a regra.

Aliás não há regra nenhuma no amor ou no sexo. É tudo desregrado. Pois a exigência da repetição do Um do gozo não está predestinado ao laço do Dois do amor.

Não há discurso estabelecido e estável do laço amoroso.

O amor é louco – está fora do discurso como laço social dentre os que estruturam nossa civilização. O amor é incivilizável, ele prega a desobediência civil. Não há discurso totalizante sobre o amor. Temos apenas fragmentos de um discurso amoroso, como escreveu Roland Barthes. "

6

ARNALDO BARBOSA BRANDÃO

Procurei uma cadeira no meio dos alunos na tentativa de que eles me achassem um cara legal, levantei e mandei: "Hoje vamos falar de uma palavra chave para a vida de todos nós". Pela primeira vez ficaram todos atentos, devem ter pensado em dinheiro, e pensando bem era quase isso. Até a Carla me olhava com um ponto de interrogação na testa, o Cientista Louco também, mas esse era desculpável porque estava sempre com a interrogação ou exclamação logo acima dos óculos. Comecei então com uma pergunta, como sempre fazia: "Pra que vocês querem ganhar dinheiro?" Para reafirmar a pergunta e ganhar tempo, escrevi com giz azul no quadro verde. Deu-se aquele zum-zum-zum, discussões entre eles, gritos, socos na mesa. Pensei: dinheiro é realmente uma palavra mágica, até esses caras se preocupam com ele. Até o Zig levantou a cabeça, coisa que fazia raramente, jamais o flagrei olhando a bunda da Carla, mesmo quando ela aparecia com a calça justa de jeans colante. O Zig não era ponto de interrogação, nem exclamação, no meu primeiro dia de aula ainda dava umas olhadas, depois, nada, não tinha caderno, nem caneta, nem notebook, nada. Ele me observava sorrateiro e eu o olhava de esguelha, temeroso que ele me atacasse a qualquer momento com uma pergunta ou observação que me deixasse num beco sem saída, que me desmoralizasse no início do meu curso. Melhor ir pelo caminho que conheço. Digame Carla, porque você quer ganhar dinheiro? Pra comprar coisas, respondeu na bucha e acrescentou espertamente, coisas significam quase tudo: médicos, psicólogos, manicure, cabeleireiros, silêncio, conforto e por ai vai. Amor também? Parecia óbvio que o Zig tinha uma queda pela Carla, ainda bem que o Cientista Louco entrou na discussão e disse "principalmente" e começou a explicar daquele seu jeito torto, de que em vez de tomar a estrada principal opta pela viela esburacada e irregular que vai indo pelo meio da mata, sendo que ali a maioria gostava da estrada reta asfaltada, então a atenção se dispersava, mas eu gostava do trajeto que o Cientista Louco seguia, lá pras tantas citou um texto do Octávio Paz que fazia uma metáfora com fogo, chama azul, chama vermelha, misturava tudo com amor e sexo, só sei que o sexo era a chama vermelha. Ninguém prestava atenção, mas o Zig tinha levantado a cabeça e a barulheira ia aumentando na medida em que o Cientista Louco se aprofundava pelo caminho estreito que resolveu trilhar. Estava claro que o curso não era para os quinze ou vinte que compareciam com mais frequência, o curso era para três mais a Carla, mas os quatro valiam o esforço e o baixo salário que caia na minha conta no final do mês. Pensei: vamos avançar um pouquinho em cada aula. Percebi que estavam todos atentos como

nunca os tinha visto e aquilo era um tema em que podia enrolar pelo menos uns seis meses, e a Carla querendo adivinhar onde eu queria chegar, se é que já não tinha adivinhado. Bem, comprar coisas, pra quê, só por comprar? Devem querer comprar coisas que precisam ou desejam porque não é a mesma coisa, desejar é uma coisa precisar é outra, mas por enquanto ficamos por aqui, ou melhor, vamos acrescentar mais uma questõzinha, a quantidade, não se esqueçam, falam muito em qualidade, mas quase sempre quem manda é a quantidade. Olhei o relógio que comprara num camelô em Ipanema, cópia fiel feita pelos chineses que não sei que mágica faziam, chegava em Ipanema por dez Reais. Pensei: o Brasil está fodido, não dá pra concorrer, seremos a fazenda do mundo mesmo. Estava quase na hora, dava pra almoçar com a Carla num Selfservice em Botafogo mesmo, no Centro era arriscado, o marido da Carla trabalhava na Rio Branco, o pai e a mãe frequentavam Ipanema e Leblon, então Botafogo ficava bom, depois daríamos uma volta na beira da praia de Botafogo e eu iria para o batente no IBAM, perto do Humaitá. Marquei com a Carla às seis da tarde com a intenção de levá-la para um daqueles motéis da Avenida Niemeyer, dava pra deixá-la em casa antes das oito, o marido chegava as nove, às vezes dez, mexia com as finanças bancárias, era subgerente de um fundo de investimento e desejava chegar a gerente, a Carla me disse: “ele também é da natureza.” Entendi, mas não queria pensar em marido, atrapalhava o sexo. Aos sessenta, qualquer coisa atrapalha o sexo. Ela me pegou na porta do IBAM e fomos atravessando aquele trânsito todo, cortando pela General Polidoro, Túnel Velho, Cemitério, íamos conversando animadamente sobre tudo e todos, a família dela, o engarrafamento, a loja onde ela queria comprar um sapato, até que na subida da Niemeyer em vez de seguir em frente, deu uma voltinha e parou numa espécie de mirante, de onde se via a Praia de Ipanema e Leblon. Saltou do carro e disse com a voz ligeiramente rascante: “vermelho.” Pensei: de novo? Fiz as contas por alto, era isso mesmo. Tomamos um sorvete? “Claro. Vamos olhar o mar, as gaivotas estão assanhadas hoje, deve ser por causa do meu chico-preto, como você diz, pensando bem, você tem cada expressão. Essa eu nunca tinha ouvido, como você também diz, eu sou filhinha de papai. Mas me conta aquela história do homem morto no barco, que te deixa tão abalado”. Inesquecível, era de fato uma história inesquecível, daquelas que contando ninguém acredita, mas era uma longa história, o Rebordão esticado na madeira do pequeno barco foi só o começo, depois vieram outras mortes e o princípio de tudo foi aquela. Como eu disse, estávamos comendo mariscos e não nos demos conta imediatamente que o sujeito no barco era o Rebordão, só depois que a polícia chegou e botaram ele em cima das pedras, aí deu pra ver as marcas no corpo e no rosto, e o policial dizendo: “bateram muito e foi com um porrete”, ai meteram a mão no bolso dele e caíram umas coisas, que os policiais foram guardando, depois subiram a escadinha e levaram o corpo para a calçada, e nisso caiu um pedaço de jornal de um dos bolsos, o papelzinho foi sendo empurrado pelo vento até que parou num canto da mureta. Fui lá e peguei. Estava escrito “te amo” e um telefone escrito a lápis, letra cursiva caprichada de moça. O número era da casa do Raul. Guardei o papelzinho no meio de um livro de poesia que meu tio mandava de São Paulo, ele trabalhava na FTD e tinha a mania de me mandar livros. (Trecho do meu romance A PÉROLA DO MAR)

ARNALDO BARBOSA BRANDÃO

ASSALTO NO SHOPPING NO NATAL

Chegou aos setenta e oito com uma pensão do INSS que mal dava para o básico, pensou num emprego, mas quem daria um emprego para um cara da minha idade, repensou. Já tinha tentado vários, mas não deram certo: feirante, ambulante. Nada. Em outubro, o Valdemar, um vizinho de cara fechada, que não respondia nem “Bom dia”, e que se dizia segurança no Brasília Shopping, bateu na porta. Pensou que era algum problema, não era, era a solução. “Olha seu João, tenho um emprego para o senhor, mas só daqui a dois meses. Quando chegar novembro nós conversamos”. Estou na pior mesmo, então espero. Examinou a barba que crescia persistente, ultimamente faltava-lhe até a grana pra comprar gilete. Novembro chegou e com ele o Valdemar: “olha seu João, o emprego é onde eu trabalho, coisa simples, mas é bom o senhor deixar a barba e os cabelos crescerem”.

Não entendeu nada e como não conhecia o lugar resolveu dar uma olhada por lá. Saiu de Águas Lindas no escuro pensando em chegar as oito, afinal o ônibus levava três horas e depois tenho que andar da rodoviária até lá. “Esse cara que desenhou Brasília não pensou em velhos, nem em pobres”. Passou o dia no Shopping, ficou abismado com os preços. Cafezinho cinco Reais. Um pão de queijo seis Reais, um copo d’água 2 Reais. O povo lá joga dinheiro no lixo, falou pra si mesmo. Decidiu entrar numa livraria, pelo menos podia olhar o que quisesse e não pagava nada.

Finalmente, chegou dezembro. Valdemar bateu na porta: “Olha Seu João, o Senhor começa amanhã e vai trabalhar de Papai Noel, não precisa levar nada, eles fornecem tudo: roupa, botas, barba e principalmente, oferecem o saco do Papai Noel, que é o que mais interessa. Se der tudo certo depois do Natal o Senhor vai receber 30 mil. Quando chegar no dia de Natal eu explico pro Senhor como o deve agir, mas feche boca e não diga nada a ninguém, não diga nem que me conhece. Boca fechada. 30 mil? Mas é muito dinheiro. Véspera de Natal, aquela confusão, madames de sacolas cheias, maridos reclamando, muita gente bebendo nos bares, seguranças nervosos, carros buzinando, sirenes tocando. Papais Noéis atarantados.

Sete horas, as lojas começaram a baixar as portas, as nove o Shopping se esvaziou por completo. Valdemar foi até o quiosque do Papai Noel e cochichou: “Seu João, quando o saco estiver cheio o Senhor se manda pela porta lateral com o saco nas costas, entendeu bem? Depois pegue o ônibus e vá pra casa com calma. Deixa o resto por minha conta”. Claro que entendi Valdemar.

Dia 26 deu na manchete do Correio Braziliense: ASSALTO NAS JOALHERIAS DO BRASÍLIA SHOPPING, O MAIS LUXUOSO DE BRASÍLIA. NÃO HÁ SUSPEITOS. Comentário do Seu João para o outro vizinho: “como diz um livro que vi na livraria do Shopping, chamado “Encaixotando Brasília”, em Brasília todos são inocentes e todos são cúmplices”

ARNALDO BARBOSA BRANDÃO**NELSON GONÇALVES**

Quando conheci o Nelson Gonçalves(deve ter no google) ele bebia, fumava e cheirava todas. Conheci-o na Condor um Cabaré enorme, uma espécie de “Complexo da Sacanagem”do tamanho da Praça dos Três Poderes. Localizava-se em um flutuante, antigo porto de hidroaviões, que naquela época perambulavam por todo Norte do País. A Condor tinha palco para shows, salão de dança, cerca de 40 quartos de alta rotatividade, bares, etc. Conversar com o Nelson era pra “teias de aranha”, falava embolado e rápido, marchas e contramarchas, mil detalhes, confidências. O Cara era completamente gago quando não estava cantando, e muito divertido, com ele aprendi muita coisa, sobretudo sobre mulheres. Disse-me que tinha um grande amor em Belém do Pará. Vou contar como foi a nossa convivência a três: Eu, Nelson e a Magali. Vocês não sabem, mas tive muitas profissões, a mais interessante, sem dúvida, foi a de cantor, a mais emocionante foi a de militar, a mais chata foi de arquiteto, depois pulei para o Planejamento de Cidades e a coisa ficou muito mais divertida. Comecei a cantar como coadjuvante do grande Altemar Dutra(que cantava um tango como poucos) num “inferninho” na Tijuca, que ficava debaixo do prédio em que eu morava na Rua Uruguai. Chegava tarde me enfiava no escuro da Boite e ficava por ali ouvindo o Cara. Um dia ele fez uma brincadeira com os frequentadores da boite e com o tempo comecei a cantar algumas canções antes da entrada em cena do Altemar. Depois fui tranferido pra Amazônia de surpresa e nunca mais nos encontramos. Em Belém cantava em bares, botecos e cabarés, foi então que conheci o Nelson Gonçalves. Como ia dizendo, nesta época o Nelson bebia, fumava e cheirava todas e me contou que tinha uma grande paixão em Belém, e que a mulher apareceria na quarta-feira, dia em que a Condor esvaziava um pouco. Se eu quisesse conhecê-la aparecesse no camarim dele, na realidade um quarto enorme com poltronas, cadeiras, mesa, uma cama e um bar, um violão dourado e dezenas de ternos brancos. Ele morava ali por dias enquanto durasse a temporada dele na cidade. Eu era uma espécie tapa-buraco do Nelson, entrava antes dele no show pra tentar segurar o público, cantando alguns sucessos dele. Só que ele depois que bebia umas e outras nem aparecia e eu pagava o pato, cansei de levar xingamentos tipo: nelson gonçalves de merda, muquirana, babaca. Isso quando não lançavam pedaços de comida, houve uma vez que fiquei muito puto, um cara me jogou uma tigela de Tacacá(uma bebida esquisita do Pará), enquanto eu cantava, mas, como me pagavam bem e em dólares, eu nem ligava. O locutor de vez em quando dizia: “Nelson Gonçalves já vem aí...” E nada. Nelson estava na gandaia. Mas antes disso ele era um profissional aplicado, começou, se não me engano, na Rádio Nacional onde todos os grandes nomes do rádio começavam. Isto foi na década de 40/50 quando tentávamos imitar os americanos. Então um dia ele me chamou pra conhecer o grande amor da vida dele no Pará, devia ter outros grandes amores em outros estados ou em outros cabarés. Nelson era um homem de muitos amores. Na quarta-feira ele me chamou no tal camarim-hotel, fui lá cheio de curiosidade, pensando em encontrar uma mulher espetacular, a altura da fama do Nelson. E era. Bati, e adentrei ao recinto. Ele deitado de pijama com o ar ligado e uma mulher ao lado da cama numa cadeira de rodas. Logo que entrei, ele formalizou a apresentação, “essa é a Magali, um grande amor que encontrei em Belém”. A princípio, pensei que se tratava de algum problema passageiro, alguma fratura. Nelson virou pra mim e disse gaguejando: “ela é pa-pa-ra-

ralí-lítica das duas pernas, não pó-pó-de andar, mas pó-póde falar e fazer todo o resto que quiser, não é bem-bem-bem-zinho?” Eu era muito jovem naquele tempo, não conseguia entender bem como as coisas funcionavam, mas, gostei da Magali. Aí fui entendendo a canção que o Nelson gostava de cantarolar: “uma mulher diferente/ de andar e voz envolvente...”. Bem, depois de vinte dias o Nelson se mandou para outros grandes amores e eu herdei a Magali, e não só ela, mas o quarto, a cama e outros badulaques que ele costumava utilizar. Herdei inclusive o balanço que ele mandou botar exclusivamente pra ela fazer acrobacias. Vocês não fazem ideia do que ela era capaz de fazer no balanço. Aí fui entender porque ele gostava tanto dela, era de fato uma mulher infernal (talvez não seja o termo certo), mas era disso que se tratava. A Magali era infernal, pulava da cadeira diretamente na cama e quando eu já estava para enlouquecer, ela ficava de cabeça pra baixo, como uma acrobata pendurada num trapézio de circo. Tudo ia às mil maravilhas como num conto de fadas, a Magali aparecia as quartas-feiras e eu nunca perguntei o que ela fazia ou deixava de fazer nos outros dias. Até que um dia ela estava trepada no balanço de cabeça pra baixo, como gostava de fazer. Ouvi um barulho na porta, até hoje me lembro do olhar dela, “o olhar de Frinéia de umas das canções do Nelson”, o cara entrou derrubando tudo, puxou um parabellum e mandou cinco tiros na Magali e dois em cima de mim. Os meus passaram raspando, porque felizmente o rapaz estava bêbado, além de que como já contei, eu tinha o “corpo fechado”, é que quando nasci as baianas fizeram todas aquelas coisas, jogaram moedas na bacia pra que eu fixasse rico, botaram um pó de uma planta chamada “pau barbado” pra que eu mantivesse o tesão até os noventa e nove anos. Contei isso pro Nelson, ele disse que precisava conhecer esta baiana com urgência. Como ia dizendo, a polícia chegou de imediato, o delegado deslindou na hora: ciúmes. Foram investigar e descobriram que a Magali tinha outros grandes amores, todos tinham um balanço por cima da cama. Nelson chorou por dois dias quando soube, aí chamou o Adelino Moreira e fizeram outra canção chamada “Normalista”, vou cantar só os primeiros versos: “Vestida de azul e branco/trazendo um sorriso franco/um jeitinho encantador...Este era o grande Nelson Gonçalves.

9

ARNALDO BARBOSA BRANDÃO “CRIAÇÃO” DO GORE VIDAL

Hoje é dia do livro, então sou obrigado a postar a resenha de um grande livro. Ele não está entre meus preferidos, antes dele há um time de grandes nomes que transformaram a literatura americana na mais importante do mundo ocidental. Ele disse certa vez que “o amor não é o meu negócio”, mas se gabava de aos 25 anos já ter tido mil relações com homens... e mulheres. Acho que o negócio dele era escrever, escreveu 25 romances e incontáveis ensaios, escreveu para o cinema, atuou como ator em pontas no cinema e na TV. Os críticos dizem que ele não era bom em romances, seu forte seriam os ensaios. Bobagem. Cortava dos dois lados. Pois é, todos acham que os gregos eram o máximo, que criaram todo o conhecimento do Ocidente e inventaram a democracia, que sabemos como funciona: um bando de espertos no poder, e uma multidão embaixo tentando sobreviver de algum modo. O Gore Vidal nos diz, através do narrador desta história (Ciro Espitama), que não foi bem assim, que os gregos não eram os mandachucas, não inventaram tanto como se fala nas esquinas acadêmicas,

gostavam era de guerrear. Outra coisa que ele nos diz é que não há nada de novo na praça, o mundo continua trágico, os seres humanos continuam matando-se uns aos outros, e por aí vai. No Brasil, não podemos nos queixar, nunca tivemos uma democracia pra valer, chegamos, no máximo, ao populismo barato de sempre. No momento, o que temos é o “triunfo da arte de embalsamar” a julgar pelos que gerenciam a economia, os bancos, a Academia de Letras, as universidades, a justiça, as religiões, e o Congresso. Não estranhem o estilo, estou utilizando a linguagem do Gore, que tinha uma língua ferina e brigou com meio-mundo na área literária e na política. Do Truman Capote disse que “tinha elevado a mentira a condição de arte, uma arte menor”. De Jack Kerouac disse: “isto não é escrever, é datilografar”, no que eu discordo. Segundo ele, “o grande e indecente mal que está no cerne da nossa cultura é o monoteísmo”. Assino embaixo. Como alguém pode viver debaixo de um deus celeste e ameaçador como esse que temos, que diz poder mandar você pros ares a qualquer momento sem direito à defesa. Isto sou eu quem está dizendo, não o Gore. Bem, agora não adianta reclamar, vamos ao que interessa. A história se passa no século V a.C., século em que viveram Dario e Xerxes e Artaxexes, Reis da Pérsia. Buda, Confúcio, Heródoto, Tucídides, Sócrates, Anaxágoras. Lembrem-se que Zoroastro(Zaratustra), o herói do Nietzsche(Assim falou Zaratustra) viveu no século VII a.C. Querem mais? Foi neste século onde aparecem as ideias que influenciaram profundamente o mundo moderno. Também foi neste período que o Império Romano do Ocidente começa sua lenta decadência. Alguns podem pensar: mas Cristo não havia nascido? Maomé nasceu séculos depois de Cristo. Mas a ideia de um deus único já estava lá com Zoroastro, a complexidade do mundo oriental já estava lá com Confúcio e Buda. Bem, Sócrates já estava lá. Se Sócrates estava, Platão também estava, se Platão estava, Demócrito também estava e é quem anota a história descrita pelo narrador chamado Ciro Espitama, que nestas alturas da vida estava quase cego. Demócrito foi um filósofo grego que sacou a ideia de átomo, dizem que inventou a palavra. Nesta época, ele era muito jovem, queria saber tudo da Pérsia e ao mesmo tempo dizia ao Espitama como funcionava a Grécia, na visão dele. Espitama era um persa, neto de Zoroastro, e que sabia tudo e mais alguma coisa, e por isso mesmo era cético, era como o Gore Vidal, que assim como o Guimarães Rosa, viveu várias vidas. Deixa eu fazer um pequeno comentário sobre quem mandava no mundo na época e onde se passa a história. Quem mandava mais eram os persas, cujo domínio ia do Rio Nilo ao Indo, ou seja, incluía o Egito, a Grécia e o Norte da Índia, as fronteiras persas chegavam perto dos domínios de Roma. Roma do Ocidente, apesar de decadente ainda era a outra potência. Bem, havia os chineses que suponho não eram ainda uma nação organizada e havia a Índia e seus eternos elefantes, sempre um mistério. Com um império deste tamanho, é natural que os persas vivessem em guerra constante. Então, os persas merecem respeito, se não, os israelenses já teriam bombardeado as usinas nucleares deles. Ou alguém duvida de que eles vão fazer a “bomba”. Tem gente que confunde os iranianos(persas) com os árabes. Nada a ver. Podem até rezar nas Mesquitas, mas isso é outra história. Não é por nada que o pessoal do Itamarati, que conhece história, fica quieto quando aquele Aiatolá de plantão diz alguma coisa. Eles sabem que tem coisas maiores em jogo, e essa coisa é o petróleo, mas há também “os persas”, a última barreira obstinadamente resistente aos donos do mundo atual. É óbvio que o livro do Gore Vidal sugere certa correlação entre o Império Persa e o Império Americano. Alguns ingênuos pensam que o correlato seria o Império Romano, daí ficam fazendo umas previsões bobas sobre a queda do Império Americano.. Nada a ver, os romanos não viviam guerreando, preferiam a política ou cobrar uma taxa pela proteção, como os bandidos dos morros do Rio e da periferia de Brasília fazem. O Império americano tem tudo a ver com o Império Persa, inclusive o tamanho. Os americanos sabem dessas coisas há

muito tempo, daí gastaram o que gastaram pra ocupar o Iraque e garantir que os persas ficassem sob controle. Também descobriram que o Sadam estava namorando os persas por debaixo das persianas, aí resolveram detonar o Iraque. Todo o jogo atual é perpassado por esse jogo antigo, muito antigo, com a entrada recente em cena dos descendentes dos filhos do Maomé (sunitas, xiitas, alauítas), ou seja, quem decide é sempre a “cultura” e a religião, desde... desde sempre. Afinal a última grande guerra começou como? Obsessão de Hitler contra os judeus. Ou alguém pensa que o ódio europeu aos imigrantes é devido a cor deles, ou que nos EUA a religião não manda, ou que no Brasil estamos imunes a questão religiosa, ou não sabem por que a Espanha e Portugal foram pro brejo, e por consequência toda a América Latina? Foi Lutero, a teimosia do Papa, e o Rei da Inglaterra, aquele que mandou decapitar a Ana Bolena e ferrou a outra mulher dele. Tem gente que pensa que os gringos são os donos do mundo atual porque as calçadas são limpas, e o asfalto é liso, ou porque eles são imperialistas, e outras besteiras. Não é isso, é porque lá floresce um cara como o Gore Vidal, que no Brasil estaria fodido, encalacrado numa salinha de uma USP ou UnB da vida, onde nem os banheiros funcionam, sofrendo a inveja generalizada e o boicote do Ptismo ou do PSdebismo ou de comunistas ou de alguns fascistas. Ele nunca foi a favor de qualquer governo. Nem ele, nem o Norman Mailer. Eram contra tudo, nunca precisaram se filiar a partido político, essa babaquice brasileira, um nasceu rico em West Point e o outro pobre, no Brooklin. Bem, vamos ao livro. Começa com uma nota do autor, resumindo, a nota diz: cuidado, é um mundo grandioso, uma historia grandiosa. Nesta nota, ele fala da infelicidade do Afeganistão e do Irã, evidente que ele pensava no passado glorioso destes países, e sua miséria atual. É um livro de memórias, que tem um pé na história americana, uma obsessão do autor. No primeiro capítulo o narrador (Ciro Espitama) já está velho e quase cego, é embaixador da Pérsia na Grécia, então é uma história que vai sendo contada sem excessiva preocupação cronológica. E começa com o narrador comentando uma palestra do Heródoto, nesta época ele ainda não era o “pai da história”, mas era um dos grandes (Heródoto é o autor do livro que ficava no bolso do protagonista do filme “O Paciente Inglês”. Heródoto é o poeta dos ventos, adoro Heródoto). Na palestra ele fala das “Guerras Persas” e o narrador (Ciro Espitama) discorda de Heródoto, que tinha uma visão helênica do mundo, enquanto Espitama era um admirador dos persas e de certo modo, não gostava dos gregos. São nove capítulos e 800 páginas, então vamos com calma. No primeiro capítulo, o Gore trabalha com a ironia, para descrever os filósofos, reis e o próprio Heródoto, nota-se que seu texto faz alusões camufladas à política americana, que sempre foi sua obsessão. Então, neste início, o texto admite várias leituras indiretas, mas é um texto extremamente detalhista, de quem estudou minuciosamente a vida na Grécia e na Pérsia, os hábitos, a geografia e até certas expressões. Ou seja, um livro de quem sabe tudo. Além disso, o autor, embora jovem ainda (tinha cerca de 50 anos), mostra uma percepção aguçada da velhice de um intelectual, provavelmente devido ao pai ou ao ambiente onde circulava. Se lerem o livro, o que eu duvido muito, vão notar que o autor, de certo modo, tenta desmistificar a visão de que os gregos inventaram quase tudo. No segundo capítulo, o narrador é uma criança e vivia na Pérsia, na corte de Dario, então ele fala de Zoroastro, que era seu avô, o capítulo começa com uma frase significativa: “No começo era o fogo”. Foi aí que Deus (Sábio Senhor) apareceu pra Zoroastro. Para o ritual, todos tomavam uma bebida, o “haoma sagrado”, uma planta parecida com o Ruibarbo, que os deixava numa espécie de transe, “eu não estava inteiramente dentro nem fora do meu corpo, diz Espitama”. Foi durante este ritual que o menino(Espitama) se lembra de os “bárbaros” terem assassinado Zoroastro. A cena é sugestiva do estilo do Gore, é irônica, de quem não acreditava em nada, nem no haoma, nem no “fogo sagrado”, nem em Zoroastro, só na morte. Neste segundo “livro”,

prefiro “capítulo”, o autor dá um show sobre como era a Grécia, fala de pintores, filósofos, da política, entre outros detalhes, que fico sem saber se ele inventava muita coisa ou não. Provável sim. Lá pras tantas ele fala de Babilônia, aí eu não resisto e penso nos tais “jardins suspensos”, que jamais poderei imaginar. No livro 3, cujo título é “As Guerras Gregas”, o narrador (Ciro Espitama), está com 20 anos e é nomeado por Dario, sátrapa de Susa, uma cidade importante do Império. Aí vem uma descrição cinematográfica e pormenorizada de Dario e do lugar onde pretendia não ser achado, uma espécie de pavilhão de caça, embora todas as 300 mulheres do harém dele soubessem do seu paradeiro. Um pouquinho antes disso, podemos notar um pouco da genialidade do Gore Vidal, quando Dario diz: “vamos pegar a estrada pra Pasárgada. Pensei: desta vez finalmente vou entender o que o nosso grande poeta queria dizer com o poema “Vou embora pra Pasárgada”. Nada, Dario não vai pra Pasárgada naquele dia e me deixa com água na boca. E porque não foi, porque os gregos eram o problema. Qualquer dia continuo a resenha e vocês saberão por que os gregos eram e pelo jeito serão sempre, “o problema”.

10

ARNALDO BARBOSA BRANDÃO

A ESTRUTURA DAS REVOLUÇÕES CIENTÍFICAS

Foi uma época romântica, lembro que pulei fora da UnB e fui dar aulas para crianças, adolescentes e adultos em Brazlândia, na época a cidade mais distante e mais pobre do Distrito Federal, hoje deve ter outras mais longínquas e mais pobres. É o progresso. Eu tinha uma coleção de folhetos, tinha não, tenho até hoje, com pintores de todas as escolas, que comprava nos jornaleiros e ia mostrando aos alunos. Este é o Kandinsky, ele era louco e gostava de música, este é o Matisse, reparem as cores, ele queria reinventar a natureza. Este é o Leonardo, deixava os quadros pela metade. Passava informações que poderiam ser guardadas naquelas cabeças agrestes, quem sabe um dia poderiam gerar alguma coisa bela. Eu era uma alma otimista. E este é o maior de todos, o bam-bam-bam. Este é o Picasso. KKKKKKKKKKKKKK. Gargalhada geral, até minha aluna mais velha (devia ter uns 75 anos) ficou constrangida, desisti de explicar que “Picasso era um nome comum”, que ele não teria o pinto tão grande. Desisti. Como não sou de desistir, dez anos mais tarde passava em frente da livraria Civilização Brasileira na 309 Sul e vi um livro de capa branca, o autor era um tal Thomas Kuhn, o Benicio Schmidt deve ter. O nome do livro impressionava chamava-se “A Estrutura das Revoluções Científicas”, é bem verdade que em Brazlândia o nome do autor faria mais sucesso que o título do livro, contudo, me interessei, sou dessas almas curiosas. Comecei a ler ainda dentro da loja. Era de fato um achado. O Kuhn se propunha a explicar como ocorrem as “revoluções científicas” com base no que ele chamava de paradigmas. Como era um cara pretensioso começou não por um paradigminho qualquer, bateu logo nos tetos do mundo, começou com Copérnico, Ptolomeu, entre outros, reafirmando a ideia de que os paradigmas tinham algo de religioso, digo eu. Resumindo muito, ele dizia que a ciência começa a existir quando os estudiosos chegam a um consenso em torno de um paradigma. Fiquei meio desconfiado com esta história de “consenso”, mas que a coisa fazia sentido, fazia, ainda mais naqueles tempos em que estávamos loucos pra que as decisões tivessem algum consenso e ao mesmo tempo doidos para acreditar em alguma coisa que fizesse sentido. Resultado: gastei

meus últimos cruzeiros e comprei o livro. Nesta época eu já estava dando aulas de Teoria e Metodologia no Mestrado da UnB. Pensei: vou passar esta novidade para meus alunos e vou utilizar o paradigma marxista para convencê-los. O Marxismo era muito popular na época, não sei se continua sendo ou talvez já tenha sido desbancado pela Astrologia, uma vez que esta oferece as mesmas vantagens a custos bem mais baixos. Já adentrei na sala com o livro de capa branca debaixo do braço e fui logo anunciando: tenho uma novidade no campo da teoria. O nome do autor é Thomas Kuhn. Nisso ouvi uma risadinha no fundo da sala acompanhada da pergunta: “Thomas o quê, professor?” Thomas no Kuhn seu babaca, respondi puto da vida.

11

ARNALDO BARBOSA BRANDÃO

A FELICIDADE

Meus amigos, vou repetir mais uma vez: a vida não é pra ser feliz, a vida é pra ser interessante. Tem saído nos jornais umas bobagens interessantes. Uma delas fala num tal “índice de felicidade” como substituição ao PIB e outros índices que rolam por aí. A outra, fala que os brasileiros são o povo com maior índice de felicidade do planeta. No início, achei que estavam falando do planeta Marte. Se o Jamelão estivesse vivo iria dizer: “felizes como pinto no lixo”. Aqui a moda pega fácil, a mídia deita e rola, então, todos os dias aparece uma novidade, depois esquecem. Primeiro foi essa história de “qualidade de vida”, depois a conversa fiada do “meio-ambiente”, que explica tudo e não explica nada, pra começar, o meio-ambiente do planeta Terra depende do que ocorre no universo, e quem gerencia o universo? Vai ver é alguma ONG ambientalista. Nada é muito simples, ah! Mas a ciência, a ciência muda de tempos em tempos, a alguns séculos atrás todos giravam em torno da terra. Só para exemplificar: estava perdido nos confins da Amazônia, começo do Rio Negro, fronteira com a Colômbia, início dos fabulosos anos 60. Uma noite, sem ter nem porquê, deu uma ventania, coisa de 300 Km por hora, não ficou uma árvore em pé num raio de 200 Km. Depois, bateu um frio de rachar e nevou por dois dias. Neve da Cordilheira, sei lá. Metade dos índios bateram as botas de frio, neste tempo a TV não aparecia por lá. Meu barco foi parar em cima de um Guapuruvu, a mais de 80 km de onde eu estava. Escapei por pouco, graças a um buraco e à fogueira que mantínhamos acesa 24 horas. Culpa de quem? Já sei o que os ambientalistas vão dizer: os homens não deviam estar lá, ou seja, não deviam estar na terra. Na visão do a.b.b.(se a minha revisora concordar), há uma hierarquia: Primeiro o ser humano, sem ele não existe história, sem história não há nada. Segundo, os elefantes, devido ao tamanho, depois vem, pela ordem, os gatos, aí vem os macacos, as galinhas e o salmão. Parece coisa do Borges. Ainda bem que existe o a.b.b., para acabar com certas crendices, tipo estas histórias de “felicidade bruta”, “qualidade de vida”, “meio-ambiente”, etc. Vamos começar do início, com o grande Drumond (só perde pro João Cabral, embora o João só tenha começado a fazer versos depois que leu “no meio do caminho tinha uma pedra”), que disse certa vez: “cada ser humano é único”. Pensem um pouquinho. Se todos os seres são diferentes, uns dos outros, então sentem (do verbo sentir) de maneira diferente. “Ah, mas socialmente...”. Nem vou citar o básico: Malinowski(o melhor), Sahlins, Levi-Strauss, Radcliffe-Brown, Roberto da Matta, quem quiser que leia, comprem os livros, não fiquem bolinando na Internet que não adianta, ou então façam como eu fazia quando era pobre (agora sou remediado, tomo vários

tipos de remédios), leiam na própria livraria. Pois bem, não é preciso ir até as profundezas do “relativismo”(nem tudo é relativo), mas um pouquinho de “relativismo” é como um pouquinho de nicotina, um pouquinho da diamba, um pouquinho de álcool, abre a cabeça do sujeito. Pois bem, se as pessoas são diferentes (não há dois iguais), pensam de maneira diferente umas das outras, então, o que é bom para um, não é para o outro. O que esses índices querem é homogeneizar, para ficar mais fácil manipular, sacaram? Já dei um exemplo certa vez e vou repetir, qualquer um pode experimentar: entrem na fila do self-service e observem se há dois pratos iguais. Olhem na rua e vejam se há duas pessoas vestidas de modo igual(a menos que sejam obrigadas), mesmo quando a oferta de produtos é fortemente homogeneizada e quando o marketing é massificante. Agora me vem uns caras com essa conversa mole de “índice de felicidade” e esse papo furado de “qualidade de vida”. Depende de tanta coisa... Só para citar algumas: do lugar, da idade, do sexo, do modo de vida, dos interesses, de como foi o almoço, se fez sexo ainda há pouco, se é surdo, se anda depressa, se é culto, se leu muito, se nunca leu nada, se gosta de birita, se morreu alguém da família, se a mulher se mandou, se tem carro, se mora em Ipanema ou no Pedregal, se é preto ou branco, se tem um QI alto como o meu, se tem um cabelo rebelde, se torce pelo Flamengo, se é gay ou machão, se é gordinho ou magrelo, se é do PT...Estou perguntando se é do PT, porque outro dia li um comentário no Face. Dizia: “quem não melhorou de vida no Governo Lula/Dilma é porque não merecia...” Pois é, eu sou um dos que não merecia, porque olhei meus bens declarados no IRPF de 2004, e olhei agora, deu uma diferença, pra menos, de 30 milhões de dólares. Piorei muito. Acho que foi culpa do Lula.

12

ARNALDO BARBOSA BRANDÃO

A GRANDE TEORIA (A MINHA TEORIA)

Outro dia falei do Carro do Gurgel e do Brasil, especulei porque não deu certo. Agora instado pelo Jorge Francisconi e outros, vou dizer onde pegou. Nestas alturas tive que pensar em mim, na minha trajetória. Um Cara pobre sem eira nem beira que começou morando numa favela e aos 24 anos não tinha sequer o primário, estava fadado a me tornar um cara como muitos que andam por aí, que nunca leram um livro(se bem que o Lula diz que nunca leu um e chegou a presidente), nunca viram um filme do Fellini ou do Glauber(se bem que o Riella trabalhou com ele e diz que era louco), jamais se interessaram por um quadro do Boticelli ou do Da Vinci(se bem que o dono do JBS nunca se interessou e está podre de rico), jamais ouviram falar do Mahler(se bem que o Silvio Santos nunca ouviu e está podre de rico também), alguns não conseguem ler o nome do ônibus(se bem que muita gente não sabe mas vai a qualquer lugar). Dei sorte porque fui servir ao exército e eles por lá davam um certo valor à educação(se bem que hoje pelo que vejo por aí não dão mais), daí fizeram uma seleção via um teste de nível mental(eles gostavam disso) e daí fui parar numa turma experimental no IME-Instituto Militar De Engenharia, eles queriam saber se um cara que eles consideravam inteligente(pelo teste de nível mental) poderia entrar direto no segundo grau ou mesmo na Universidade, como foi meu caso. Naquele texto termino perguntando: Por que não deu certo? Será o clima? Serão as instituições? Serão os políticos? Vou dizer qual minha teoria. É simples, todos sabem que não gosto de complicações, apenas vou fazer um breve resumo histórico, e vou logo dizendo que não é o clima, mesmo porque dentro

deste enorme País temos vários climas, os políticos são iguais em boa parte do mundo, o exemplo clássico é o Trump, mas Hitler chegou ao poder apoiado pelo povo. As instituições não fedem nem cheiram, embora as nossas sejam terrivelmente fedorentas, mas “quem não é?” No passado tendia a achar como o grande poeta mexicano Octávio Paz: que o problema é que tínhamos nascido na Contra-reforma e que nos trezentos anos seguintes Portugal e Espanha, que ficaram com a Igreja Católica, entraram em decadência e nos passaram esta doença terrível. Depois que as igrejas evangélicas tomaram conta do pedaço, inclusive as pseudo sérias como as presbiterianas e luteranas, que andam emplacando ministros e até presidentes, já não acho isso, comecei a procurar outras coisas, ainda penso que por aqui não levamos a religião muito a sério, ainda bem. Tendo a achar o que o nosso problema central é o que muita gente acha. Uma vez jogando xadrez com o Simonsen perguntei qual o principal problema do Brasil? Ele me respondeu entre uma mexida na Torre e outra no Peão: “educação, mas sou ministro da economia”. Respondi: acho que é porque por aqui não se joga xadrez. E ele: “precisamos botar muita gente no xadrez, isso sim”kkkkkk(ele era grande mas tinha um sorriso tímido”. O nosso problema começou num belo dia quando fizemos o orçamento para o Brasil e decidimos se gastaríamos o dinheiro dos impostos e empréstimos externos em infraestrutura física ou social e o local destes gastos. Como o País era muito grande e carente de tudo embarcamos na infraestrutura física (portos, estradas, ruas avenidas, prédios bacanas, novas cidades, etc.) Lembro que quando estudei na Inglaterra assistia aula debaixo de uma escada, mas o professor era ótimo. No Brasil o bom presidente era aquele que fazia estradas no sentido de ocupar o território que é uma obsessão antiga dos militares, e como eles sempre mandaram frontalmente ou de tabela, foi assim que fizemos a Belém-Brasília, a Transamazônica, a Nova Capital(o primeiro desenho de Brasília foi feito por um general), Usinas hidrelétricas e atômicas, etc. E ao longo delas pergunte se fizemos alguma Universidade. Apenas a de Brasília devido a Anísio Teixeira(que apareceu morto misteriosamente) e Darcy Ribeiro. Esquecemos da educação, esquecemos que é ela que elege o bom ou mau político, que faz o bom ou mau cidadão. Bom ou mau profissional e são estas pessoas que fazem o País. Só nos lembramos disso eventualmente, por isso as escolas públicas são mal cuidadas, os professores são mal pagos. Agora recente o grande capital se interessou pelas escolas, radicalizando ainda mais a diferença de classes. Escolas públicas para os pobres, escolas particulares para os ricos. Isto não quer dizer que se cuide apenas da educação, mas a prioridade deveria ser a infraestrutura social como fizeram vários países desenvolvidos e como faz a China que manda milhares de jovens estudarem nos EUA, nós também mandamos, mas eles ficam por lá, poucos voltam porque aqui não se dá o devido valor a educação. Agora recente na procura por uma gambiarra pra fazer um programa social quase meteram o garfo no FUNDEB, criado recentemente pra financiar a educação básica, que é nosso problema central, acho.

ARNALDO BARBOSA BRANDÃO
AROMA DE ROSEIRA

Tem gente que vê a Esplanada e pensa no Oscar
Quando vejo os Ipês amarelos penso no Stenio que os plantou.
Aroma da roseira na varanda? Valéria acordando
Maracujá-do-mato penso no Formigão
Onde andaré o Formigão?
Percorro o gramado de Batatais da Esplanada,
jardineiros e jardineiras trabalhando, nada do Formigão.
Sibipiruna florindo: lembro do Ozanam
E o Burle Marx? Os jardins
Lembro que o Stenio Bastos plantou.
Vejo uma Canela-de-ema e penso em Deus.
Já viram uma Canela-de-ema?
Ficariam maravilhados com a sutileza da forma e da cor
Creio que arquiteto algum é capaz de recriar.
Uma visada na Sibipiruna florida me faz lembrar o Stenio.
Contemplo o Araticum e a Pimenta-de-macaco
Observo as meninas debaixo das mangueiras: seu Onoyama
Trabalhadores a sombra dos pequizeiros
Gritos e sons do dominó: hora do almoço
O renque de amoreiras no Parque a Cidade, penso num berçário,
Lembro que começaram d'uma semente como todos os seres vivos
Depois plantinhas, cresceram e vieram os frutos-amor(as)
Quase pessoas: primeiro o sémen(te), depois a mãe-terra alimenta
Depois o berço ao lado da mãe, depois o quarto com os irmãos. Os frutos.
A velhice. Os galhos caem em cima dos carros
como os carros é quem mandam e desmandam
a NOVACAP corta a árvore.
Penso em chamar o Ozanam e o Stenio

E o exército de trabalhadores do “Parques e Jardins” da NOVACAP
Que venham armados de foices, enxadas, pás e enxós.
Penso em chamar o Formigão que transplantava canelas-de-ema
Evitando que o fogaréu lambesse tudo
Tento, tento e não consigo gritar,
Alguém me chama: ARNALDOOOOOOOO
Olho pro céu, vejo um Guapuruvu gigantesco.
Mas o azul já me sufocava.

14

ARNALDO BARBOSA BRANDÃO AS ACADEMIAS, VIDA SAUDÁVEL, COMIDA SAUDÁVEL, SEXO SAUDÁVEL, ETC.

As academias são coisas muito antigas vem desde o tempo que o homem olhou seu peito e barriga e ficou decepcionado com o que viu, mesmo porque havia outros na disputa. Isso devia ser um tema para o Foucault ou Humberto Eco, mas como sou intrometido vou falar sobre e me limitar ao Brasil, mais precisamente ao Rio, por onde entravam as inovações, incluindo as doenças que vem do exterior como a gripe espanhola. Agora há São Paulo, que deve ter sido a principal porta de entrada para o Coronavírus, a bem dizer, hoje em dia as inovações entram por todos os lados. Voltando às academias, que devem ter vindo dos EUA, (mais precisamente da Califórnia) como tudo o mais, elas começam com o culto ao corpo como um elemento central na luta pelo poder nas sociedades, o poder de sensibilizar o outro por suas qualidades que não aquelas invisíveis ao olhar (como a inteligência, a virtude, etc.) e numa cidade ensolarada e cheia de praias e de descamisados, as academias evoluíram muito a ponto de se tornarem pontos de encontros. É claro que antes já havia os aficionados pela ginástica, havia até um programa de rádio que rolava bem cedo, na hora que eu saía pra trabalhar, sem falar nos caras que produziam suas “marombas” por cota própria. Também já havia os clubes de remo que se localizavam próximos a praia do Flamengo, que antes se esticava até a Avenida Rio Branco, e próximo à Lagoa. O Rio então era outra cidade, as praias não eram tão cheias, havia a Praia das Virtudes onde os adeptos do chamado “culto do corpo” ou fisiculturismo, apareciam pra olharem uns pra os outros e fazerem menção ao bíceps e ao músculo peitoral, as nádegas vieram depois com a chegada das mulheres. As mulheres por essa época ainda não queriam se expor aos olhares dos homens e das outras mulheres, então vieram os concursos de beleza com suas medidas exportadas desde Roliude e junto com tudo isso, veio a obrigação das mulheres ajudarem nas despesas da casa que começou durante a Segunda Guerra nos EUA, pois os homens foram morrer e matar na guerra. No Brasil isso demorou mais, pois o homem latino não admitia que sua mulher saísse pra “trabalhar fora”, morria de medo do patrão abocanhá-la, o que era um fato corriqueiro, pois o poder da grana já era grande. Nestas alturas começaram a aparecer as “academias”, primeiro discretamente em Copacabana, Barra e Tijuca e também em São Paulo. Nestas alturas aparecem as saunas onde batiam sua bolinha Gil, Caetano (depois viraram machões e hoje tem filhos

e netos), Bernard(jogador de vôlei) e outros menos disputados(sei que muitos vão dizer que é mentira, eu respondo: qual o problema? Não sei se viram um filme francês dos anos 60 do Godard: “Cada um vive como quer”. Depois vieram os motéis de alta rotatividade, e põe alta nisso, embora já existissem os estúdios, “matadouros”, cafofos e pequenos apartamentos apropriados para se fazer sexo, afinal talvez seja o fato mais importante da vida, depois da criação da prole, depois a prole fica adulta e adeus babau. Acho que foi por volta dos fabulosos anos 80 do século passado que as “academias” explodiram e começaram a aparecer por todos os lugares. Junto com elas veio a comida saudável, vida saudável e outras banalidades saudáveis e até mesmo o sexo saudável(acho que foi por causa da AIDS). Quando penso nisso, não posso deixar de lembrar de uma canção antiga acho que do Zé Rodrix, que dizia “eu quero uma casa de Campo/onde eu possa fazer meus rocks rurais...”. O culto ao corpo me parece uma tentativa de volta ao passado, aliás como tudo na vida. Se a gente for ver, tudo já foi feito pelos gregos, persas, egípcios, romanos, etc. Novidade mesmo só o computador inventado por um húngaro depois da Grande Guerra. Tanto que na Grécia antiga já se praticava o culto ao corpo e a mente. Falando dos tempos atuais, tudo começa com Eugene Sandow que dava shows de fisiculturismo. Depois vieram os filmes com Steve Reeves, até chegar em Schwarzenegger que veio demonstrar que quanto maior o corpo e menor a cabeça, melhor. Schwarzenegger passou pelo cinema e chegou a governador da Califórnia o que equivale a ser presidente do Brasil, cujo PIB é menor que o da Califórnia. Aqui, por enquanto estamos com um atleta na presidência, vejamos o que vai acontecer.

15

ARNALDO BARBOSA BRANDÃO

BOA NOITE PRÍNCIPE

Tinha acabado de almoçar, comprei um jornal e sentei num café do Brasília Shopping. Estava lendo as manchetes da Folha e pensando que o Mencken sabia o que dizia, quando escreveu na sua crônica: “política é quando a gerência do circo é feita a partir da jaula dos macacos”, levantei os olhos, vi que uma mulher de olhos e bunda orientais se aproximava. Pediu pra sentar, coisa incomum em Brasília, onde as pessoas, de modo geral, jamais avançam um milímetro sobre a privacidade alheia, isso nos cafés, porque no Metrô ou no ônibus o sujeito encosta nas mulheres e só falta tirar o pinto pra fora. Pensei: deve ser de fora, talvez japonesa ou chinesa, até hoje não sei diferenciar, só examinando bem. Cantei por dentro aquela música de sucesso de um cara da Internet: “ah se eu te pego, delícia, delícia”. Era das Filipinas e trabalhava numa dessas empresas de celulares, Claro ou Vivo, talvez Oi. Toda delicada, uma vozinha pequenininha, muito elegante, falando um português arrevesado, sainha curta, mas comportada, cabelo de homem. Boquinha oriental com um batom vermelho despropositado. Nestas alturas, minha cabeça viajava pelas “lendas” sexuais das orientais, a primeira delas me fez soltar um risinho. A Filipina perguntou: “Que foi?” Como eu ia dizer pra ela que era uma piada, a primeira que ouvi sobre a fisiologia das orientais. “Conta please”, insisti, “pode dizer”. Não me leve a mal, é uma brincadeira de mau gosto. “Conta please, mesmo assim, preciso me familiarizar com o Brasil, daqui

vou pro Rio, depois Santa Catarina”, falou num misto de inglês filipino e português, notei que tinha uma voz mais grossa que o normal. Tá, vou contar, é só uma cena, não se ofenda: a japonesa montou no corrimão do prédio e desceu escorregando. Que barulho fazia? “Não tenho a menor ideia, disse ela”. VRURMMMMMMMM. “Não entendi?” Disse com aquele risinho infantil de chinesinha. Então deixa pra lá. “Nada de deixa pra lá, eu quer saber.” É que aqui no Brasil existe esta história de que vocês são diferentes, tem a xoxota atravessada, entendeu? O que é a sosota? Perguntou, rindo miudinho. Tive que apontar para a pererequinha dela e dizer, a vagina, entendeu? “Ah, kikikikiki, agora entendi, vocês brasileiros...” Você mora onde? “Aqui do lado, num apart- hotel, está convidado pra tomar um café, mas não agora, eight ou nine, agora vou trabalhar, estou no 2106.” Quando cheguei ela foi logo dizendo, “aqui sem corrimão, kikiki”. Não tem problemas, nós podemos ver se é atravessada ou não no olhometro mesmo. Ela: “kikikikiki e se desmanchava toda de rir. A cada risinho dela aumentava meu tesão. Pensei: depois da bebida, pego essa oriental de jeito. Ah, se eu te pego, “delícia, delícia.” Bebi só dois cálices e lembro de ter visto uma cama enorme e dois travesseiros e o som do risinho dela: kikikikiki, o delegado queria saber mais. “Como era a moça afinal?” Sei lá seu delegado, ela tinha os olhinhos apertados, uma boquinha pequenininha delicadíssima, e pra não passar vergonha completei: lembro que não era atravessada. “O que que não era atravessada?” O senhor sabe. “Não sei nada não, só sei que o senhor está sem documentos, precisa de algum dinheiro pro taxi ?” Preciso sim, a filipina levou até meus óculos. “O Senhor caiu no conto que chamam: Boa noite Cinderela”. Delegado, vou lhe dizer uma coisa: ela pode ter levado tudo, mas foi uma experiência única: VRUMMMM. “Será que ele está bem?” Perguntou o escrivão.” “Esse remédio que elas usam deixam os caras assim, depois eles caem na real”. Pior mesmo é quando ele descobrir que ela não é ela, é ele”.

16

ARNALDO BARBOSA BRANDÃO

BRANCO CORRENDO É ATLETA, PRETO CORRENDO É LADRÃO

Estava vendo um discurso de um advogado negro na TV, de repente entra Jair que acordou cedo, deu uma olhada nos jornais e viu que o juiz Moro o inimigo público nº um, o Al Capone do Cerrado, tinha caído em desgraça no Politiburo. Jair pensou: finalmente choveu na minha horta. Imediatamente convocou todo seu estafe: dez motoristas, 20 secretárias, 5 amantes e 12 assessores e mais doze generais de pijama. Por último convocou seus dois neurônios preguiçosos, o Tico e o Teco. A seguir deu um grito de guerra: CADÊ AQUELE CRIOULO? O crioulo a que ele se referia era um tal de Wilson que morava na Favela dos Prazeres e por acaso trabalhava na Globo como cinegrafista e de vez em quando fazia umas gravações “mandrakes” e dizia uns desaforos contra o governo, coisas assim: “aquilo é um governo de filhos da puta”. Daí o Jair também apelidado de Messias, penteou com cuidado suas madeixas e mandou ligar para um tal Flavio também conhecido como Flavioca. Pois bem, o Flavioca como todo anticomunista radical que se preza imaginou que estava havendo um “golpe de mão” no estilo soviético, no estilo que o Prestes tentou em 1935 e deu aquela merda que todos sabemos, com um monte de gente presa, incluindo o Graciliano Ramos, que tinha uma frase clássica válida até hoje: “começamos oprimidos pela sintaxe e pela cor e

acabamos às voltas com a delegacia da ordem política e social...” Pois bem, enquanto todo mundo se preparava para comemorar o Natal e a Pandemia, o Messias se junta a uns caras das redes sociais e mais alguns mequetrefes, para acabar com o restinho de democracia racial que sobrou no Brasil. Sorte que o grande democrata Renan Calheiros depois de se aconselhar com o Eduardo Bananinha, também conhecido por Dudu das Mandiocas, decidiu ligar para o Sarney, seu patrono e conselheiro desde sempre. Sarney, um profundo conhecedor do Maranhão, do Amapá e de Brasília, onde reinou por anos a fio, avisou pro seu pupilo o rabino Alcolumbre: está aí tua grande chance de ficar presidente do Senado para sempre e continuar na linha sucessória e manter o foro privilegiado, como milhares de juizes, promotores, deputados, senadores, governadores e mais um monte de etc. que andam por aí. Dito e feito. Isso se não aparecesse um tal Messias pra bagunçar o coreto e então gritar do alto da árvore com sua linguagem enrolada de quem não se decidiu se é homem ou macaco: “preto quando não caga na entrada caga na saída”. Quando estávamos neste pé me aparece o Negão dos Prazeres e faz a seguinte pergunta: por que Negão não casa com filha de senador? O fato é que desde 1985 estamos tentando ser um país democrático. Já se passaram mais de trinta anos. Nestas alturas cabe uma pergunta. A democracia racial nos termos que existe nos EUA e na Europa funciona no Brasil? Mais duas perguntinhas. O Brasil progrediu em termos econômicos e sociais nos últimos 20 anos? O Brasil ficou mais igualitário nos últimos trinta anos? Há poucos meses fui dar uma volta na favela em que fui criado no Rio. Lá se vão mais de cinquenta anos. O que vi me deixou muito animado: muitas crioulas de shortinhos curtinhos subindo a ladeia na direção do baile funk e é pena que eu não morava mais lá. De repente a polícia chegou e deixou sete crioulos estirados no chão, por sorte escapei desta. Sorte que não morava mais lá. As melhorias realizadas no local são ínfimas e na maioria dos casos foram feitas pelos próprios moradores. Além disso, as favelas cresceram muito e não há mais diferenciações entre bairros periféricos e as favelas. Há também uma deterioração evidente do transporte coletivo, do sistema de saúde e do sistema educacional e até da segurança individual. Em termos de renda per capita vivemos com um quarto da renda média dos americanos, agora nem sei mais, o dólar subiu, então nossa renda caiu. Em suma, estamos fodidos. O funcionamento do sistema político degringolou de vez, há uma luta fratricida entre os três poderes, sendo que o executivo não mostra competência para gerir o País. A última grande vitória do governo foi em 1995 com o Plano Real que consegui debelar a inflação, mas ficou nisso. Depois tivemos treze anos do PT, que foram suficientes pra mostrar que o partido e seus aliados não têm condições sequer de controlar a segurança interna do Brasil. Entra eleição, sai eleição e o que vemos é a desmoralização da política. Acho que chegou a hora de rever nosso sistema democrático, que de democrático tem muito pouco, haja vista nossa posição de 85º no IDH mundial. Somos exportadores de produtos agropecuários, sendo que a indústria vem perdendo posição ano a ano. O que mudou mesmo foi o número de brasileiros que compram imóveis em Nova Iorque, assim como os que viajam para o exterior. Sei que muita gente vai dizer: mas você melhorou. Melhorei sim, mas tenho(tinha) um QI de 250 pontos, assim me disseram os caras do exército quando estive preso. Parece que era verdade, entrei na UnB só com a terceira série do fundamental. O problema é que tive de dar um duro infernal para sair da pobreza e isso deixa marcas profundas. Agora recente, depois de toda essa epopeia do Messias, é que percebi, com certa amargura, que esse negócio de estudar e trabalhar não te leva a lugar algum no Brasil. Se for negro então tá arriscado a morrer de “tiro, porrada e bomba”. Simonsen estava errado, Paulo Freire estava errado, estão aí o Lula e outros tantos, pra nos dizer: estudar é perda de tempo no Brasil. Muito garotos negros e brancos já perceberam.

ARNALDO BARBOSA BRANDÃO
BRASIL X ARGENTINA. MARADONA, ADINA MERA, BORGES E
PELÉ

Os argentinos são isso e aquilo, são criadores de casos, bagunceiros, essas coisas que se costuma dizer dos vizinhos, mas quando se precisa de algo urgente a quem se recorre? Lembrem-se que nós não temos trigo pra fazer o nosso pão. Como dizia meu pai: “macaco não olha seu rabo”. Noite passada estava olhando a TV e notei que até a Globo News saiu de seu cemitério pra mostrar o enterro do Maradona. Até a CNN que vai acabar no Cemitério, também mostrou. O enterro de alguém é sempre um motivo para a gente pensar na vida, foi aí que me passou pela cabeça os argentinos com quem convivi direta ou indiretamente. Tanta gente boa a começar pelos grandes escritores onde se destaca Borges. Outro dia li uma entrevista dele. Ai o Cara pergunta para o Borges, o que o levou a estudar anglo-saxão e nórdico antigo. Então ele muda de assunto e reclama que ninguém faz mais literatura épica, apenas T.E. Lawrence(Os Sete Pilares da Sabedoria, o livro espetacular em que ele conta como as tribos árabes derrotam os turcos, tomando o Golfo de Ácaba, o Lawrence falava árabe fluentemente e amava o deserto, depois percebeu que estava metido numa guerra colonial, se desencantou com os ingleses e depois morreu num acidente de moto) e o Kipling (O Homem que queria ser Rei, entre outros)por sorte li os dois e principalmente vi ambos os filmes. Então dou toda razão ao Borges sobretudo, quando ele afirma sua admiração pelo cinema e principalmente pelo Faroeste onde ainda é possível encontrar alguma coisa de épico, nem vou comentar as dezenas de faroeste que vi a começar de Shane, e por aí vai. Borges estava em Nova Iorque, lá pras tantas ele se vira para os repórteres que o entrevistavam e surpreendentemente diz: “fui eu que criei isso tudo”. Os repórteres entreolharam-se, devem ter pensado, “este velho está caducando”, que nada, é que Borges estava pensando no “Labirinto” de ruas e prédios. Quem leu Jorge Luis Borges sabe bem o que ele estava dizendo. E quanto ao nórdico antigo e o anglo-saxão? Adivinhem o interesse dele, queria saber sobre a metáfora, só isso. Esse era o Borges. Ainda vendo o enterro do pequeno grande Maradona, lembrei dele e sua “instabilidade” genial no futebol e na vida(nunca se sabia de que lado vinha o drible, o chute ou o passe) Lembrei dele batendo bola com Pelé, cabeçadas pra lá e pra cá sem deixar a bola cair, ele nunca se absteve do futebol, foi até o fim, nestas alturas internaram-no numa clínica, foi aí que ele pensou no labirinto do Borges e disse ao médico: “abstinência é uma boa coisa desde que praticada com moderação”, e foi mais longe: “abstinência é para os fracos, que negam a si mesmos o próprio prazer”, e foi mais longe ainda, “de todas as taras sexuais nenhuma é mais estranha que a abstinência”. Tive uma grande amiga argentina quando estudei no IBAM, estudei não, porque conviver com Adina Mera era muito mais que isso, era ir até as últimas consequências, era viver intensamente, com ela aprendi o essencial pra “viver a vida”, lembro que fui com ela visitar o grande Joaquim Cardozo, um grande poeta e calculista que projetou a Catedral e o Alvorada junto com o Niemeyer. A morte e o enterro televisionado do Maradona me fez ir no fundo do baú e lembrar de uma palestra na ESG, bem antes daquilo se tornar meio bagunçado, lá fiquei surpreso com muita coisa, mas uma delas me deixou estupefato, ou melhor, horrorizado, que é mais ou menos o que estou sentindo agora com as presepadas do nosso presidente. Soube na ESG que

nossa “hipótese de guerra” nº 1(um) era contra a Argentina, “hipótese de guerra” para os que não entendem a linguagem militar, é para onde o exército estava apontando os seus tanques e canhões, daí a grande concentração de quartéis na fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai. Funciona assim: na frente vai a cavalaria blindada, ou seja os tanques, depois a Infantaria por helicópteros ou em carros de combate leves ou a pé e por fim a artilharia lá de trás, dá cobertura a todos. Bem, os anos foram passando e a diplomacia brasileira resolveu acabar com aquela beligerância sem sentido, apesar de que a Argentina e os argentinos sempre foram instáveis vide Perón e as guerras em que se meteram e que tiveram um custo alto, e que culminaram com a pobreza e logo num populismo(de direita ou de esquerda, com poucas exceções) que dura até hoje. Como ia dizendo, no governo Sarney (um dos piores que tivemos mas a diplomacia funcionava), acertamos com o Paraguai e Uruguai a criação do MERCOSUL com a ideia inicial de pacificar nossa relação com a Argentina e por que não incluir o Paraguai(com quem fizemos Itaipu, nós entramos com a grana e eles com metade do Rio Paraguai), que estava numa merda danada desde o final da Guerra da Tríplice Aliança onde enfrentou Brasil e Argentina juntos. O tempo passou, a Fronteira Sul se acalmou o time do Brasil que tinha grandes ambições de ser um jogador mundial foi para 2ª divisão, a Argentina que era rica ficou pobre, o Paraguai que já era pobre continuou pobre. O tempo(estre senhor que tudo pode) foi passando, o Minuano foi passando e aparece o Bolsonaro e família, um cara cuja cabeça está parada nos anos 60 do século passado e de lá não sai de jeito nenhum, se ele não compreende o “movimento ambientalista” que até os caras da agricultura já perceberam que veio pra ficar, como vai entender as relações internacionais? Ele só pensa em como se reeleger em 2022 quando passar o expresso do Gil e quem estará dirigindo o trem? Os pirralhos da Greta que não demora estarão disputando o lugar da Merkel. O problema é que o Bolsonaro vive nos anos sessenta do século passado, mas os filhos não, ainda mais que estão convivendo diariamente com deputados e vereadores do Rio, onde urubu voa de costas e galinha cisca pra frente. Os filhos, espertos como são, logo vão entender que esse papo direita\esquerda se dissolverá diante dos “negócios”, por enquanto estão se divertindo, e andando em marcha acelerada tentando degradingolar o Brasil, pelo andar da carruagem vão descarrilar o bonde da Federação que nunca funcionou direito e o trem da economia que está velho e enferrujado. Maradona pelo menos dava seus dribles e fazia belos gols.

18

ARNALDO BARBOSA BRANDÃO

CINEMA : FIDEL, PAZUELO E MARIA-JOANA E DOLORES SIERRA

CENA 1. Estava no meu Cafofo tomando um Rum Montilla com Coca-Cola, ouvindo o piano do Rubèn González(tem no Google) e adubando o meu pé de Maria-Joana, é que vou secar umas folhas logo mais. CORTA PARA O EDIFÍCIO DA ONU. Fidel esperando a vez pra fazer aqueles discursos chatos e intermináveis. Aí aparece uma repórter: “Soy del Brasil El Comandante em jefe, queria uma entrevista particular”. “Brasil? O que eu não faria com uno país como el Brasil. Yo garanto que de cara estatizaria la TV Globo. Calma comandante em Jefe, e meu emprego e o emprego do Gil e Caetano, e a música brasileira, e as novelas da Regina Duarte e os filmes de sacanagem e os filmes do

Sex-Hot? Arranjo um empleo pra você em nuestra television para me entrevistar todos los dias las dez da noche. CORTA Pra HOJE: Dolores Sierra me liga do Hospital do Gama na periferia de Brasília e diz que está muito mal. Já falou com o médico? “Que médico amore, aqui non hay nem algodòn pra botar gesso na minha perna, non puedo ir no teu Cafofo hoje”. Liguei pro Pazuelo: Ô Pazuelo, dá pra mandar uns médicos cubanos pro Gama consertar a perna da Dolores, marquei um intercurso com ela pra hoje, pô. CORTA PRA 3 HORAS DEPOIS. Dolores Sierra chega ao meu Cafofo carregada por dois negões cubanos. “Olá amore, o médico me aplicou uma hidroxocloroquina-azitromicina-estreptomicina reforçada e ainda me fez um exame de próstata. Tudo de graça.”. Que porra é essa, mulher não tem próstata, será que esses cubanos pegaram minha boliviana? CORTA PARA O ITAMARATI. Ô Ernesto, alô, alô, alô, quero reclamar. ENTRA UMA GRAVAÇÃO: “este telefone não existe”. CORTA PRA TV GLOBO COM A REPÓRTER LEILOANDO NO BAR: Bolsonaro chamou a Damares pra discutir a relação, tiveram uma briga e ele botou ela pra fora de casa com a roupa do corpo. Pensei cá comigo: acho que vou perder minha Dolores para estes cubanos. O jeito é falar com a Bolso ou com o Lula. CORTA PRA ÁFRICA. Ô LULA, tou precisando urgente, os cubanos pegaram a Dolores. “Agora não dá amigo, tou chamando o Raulllll”. CORTA PRA MINHA CAMA. Dolores vira pra mim e pergunta: por que aqui non hay médicos nos hospitais, nem algodão mi amore? Ai, ai ai, vamos dormir Dolores.

19

ARNALDO BARBOSA BRANDÃO

CONHEÇA A HISTÓRIA DO BRASIL (QUE NÃO ESTÁ NOS LIVROS)

Onde eu parei mesmo? Ah, foi em Getúlio. Houve uns 5 Getúlios. O jovem que se vestia como um lorde e usava aqueles sapatos de duas cores e terno branco e que pegava as gaúchas. O político preferido do Borges de Medeiros(governador do Rio Grande), com quem aprendeu todas as artimanhas pra se manter no poder por anos e anos. O Getúlio que chegou nos braços do povo ao poder em 1930 e que governou cem certa flexibilidade. O ditador que governou com mão de ferro o país, de 1937 até 46 e o presidente eleito em 1950 que enfrentou uma oposição feroz do udenismo com Carlos Lacerda à frente, e que acabou suicidando-se em 1954. Talvez, sabendo do que ocorreu entre 30 e 55, fique mais fácil para os mais jovens entenderem porque houve o golpe ou revolução de 64, sei lá. Pois é, quando eu era jovem achava que foi golpe, agora, sei lá. Vou ficar com o que disse FHC quando era sociólogo em 1972: “O golpe de 64 acabou por ter consequências revolucionárias no plano econômico”. Não foi só o Jango. É que os militares (nem todos), não perceberam que os tempos eram outros e o Brasil, bem, o Brasil tinha estado na 2ª Guerra e houve o governo JK (50 anos em 5 não digo, mas 10 em 5, quem sabe). Bem que fiquei tentado, mas não há como fazer comparações entre a ditadura de Getúlio e a dos militares em 64. Mundos diferentes, Getúlio mudou o Brasil e JK ajudou. Os militares pós-64 também mudaram o Brasil. Sem eles não haveria Brasília, que JK deixou 5% pronta e eles completaram, nem Petrobrás, que Getúlio criou e não se interessou (perguntou aos gringos se queriam o petróleo), nem EMPRAPA, que Rockefeller criou com o nome de Ceres e que viabilizou a soja e o milho no cerrado, e de quebra o gado. Nem haveria as estradas que JK começou e

eles esticaram, nem energia elétrica (Itaipu), nem as universidades. Sem eles estaríamos no escuro, depois dos militares não me lembro de nada que alguém tenha feito (infra-estrutura), nem os portos, nem o FGTS(invenção do Roberto Campos). Pensando bem, até o Lula é criação dos militares, que desejavam uma esquerda desvinculada do comunismo. O fato é que nos governos militares teve de tudo, mas dá pra separar o trigo. Castelo era feio como uma trombada de trem, mas era trigo, Geisel se escondia atrás dos óculos escuros, falava pouco e agia muito, mas era trigo, Golbery era trigo, sem eles estaríamos numa enrascada política e econômica. Glauber percebeu isso antes de todos. Bem, depois dos militares, veio o Sarney que fez o Plano Cruzado 1, 2 e não deu em nada, depois Collor que fez merda, depois Itamar que conta, fez o Plano Real, depois FHC que deu uma estabilizada na economia e na política, depois veio o Lula e sua gente: fez-nos lembrar que havia pobreza no país, e também lembrou-nos que o sindicalismo continua o mesmo de sempre. Voltemos a Getúlio. Lembre-se que ele não admitia adversários, já os militares de 64, mais ou menos. Getúlio eliminou logo os dois principais: comunistas e fascistas. Morreu muita gente e muitos foram exilados, a mulher do Luiz Carlos Prestes, Olga Benário, foi entregue ao Nazistas, Prestes foi preso e torturado. Getúlio enfrentou de cara a “revolução constitucionalista de 32”, na verdade uma contra-revolução. São Paulo (leia-se a elite paulista) rebelou-se. Até o Mario de Andrade lutou por São Paulo, quem diria. Não pegou no fuzil, usava uma caneta, que, às vezes pode ser mais letal. O problema é que São Paulo queria o divórcio (e na certa iria ficar com a casa e os móveis). Lembrem-se que Getúlio prendeu até Graciliano Ramos, foi bom (nada, prisão é péssimo, já fui preso, sei como é), porque daí saiu o “Memórias do Cárcere”. A outra diferença é que Getúlio tinha uma visão mais “compreensiva” das relações sociais e principalmente, trabalhistas. Getúlio, como todos os ditadores, comunicava-se diretamente com as “massas” e centralizava todo o poder. Nomeou interventores para quase todos os estados, a maioria militares, muitos se perpetuaram no poder. Diferente dos militares em 64. Voltando a subir o morro, nesta época também aparecem uns sambas ressaltando a liberdade nas favelas, ao contrário da ordem e das normas mais rígidas no chamado asfalto. Confiram as letras do próprio Herivelto e de outros. Já estamos falando dos anos 50, e eu já residia no Morro da Coroa e via o “pau comer” todos os dias, porque a chamada “malandragem” descia de vez em quando e aprontava alguns roubos e assaltos nos bairros onde as favelas estavam estabelecidas, ou vocês pensam que os tiroteios nas favelas começaram agora. É bem verdade que a arma mais poderosa era o 45, embora meu pai usasse um parabélum. Há alguns estudiosos que tem uma visão romântica dos chamados “malandros”, é porque nunca moraram nas favelas. Nesta época(anos 40 e 50) chegaram os nordestinos (do sertão e adjacências, não do litoral), o que deu uma mistura interessante nos morros, uma argamassa explosiva, a julgar pela reação do meu pai, que detestava candomblé, samba, barulho e outras “pataquadas desses crioulos safados”, como dizia, mas um de seus melhores amigos era negro e veio da Bahia com ele, na quarta classe de um navio. Os nordestinos, em geral, preferiam os subúrbios, foi o período de crescimento dos subúrbios e da Baixada Fluminense e das cidades do ABC em São Paulo. Getúlio, que já era chamado “o pai dos pobres”, cria então, a “polícia especial”, que, como diz o nome, era especial, ou seja, podia fazer qualquer violência que quisesse. Lembro que usavam uns cassetetes de borracha, em substituição aos de madeira, porque doía, mas, não quebrava nada. Foi um grande avanço social. A polícia era a lei e acabou-se, entenderam porque até hoje não temos noção de justiça e morremos de medo da polícia, até hoje não aprendemos na escola que um processo começa com uma investigação policial, acompanhado por um promotor, e que vai para um juiz que manda prender. Aqui os processos começam com a “prisão do meliante para averiguações”. Aprendam mais esta: Só quem pode mandar prender é um juiz, a

não ser em flagrante delito, mas até hoje qualquer policial de meia-tigela prende você na rua e tu ficas(atenção revisora, é assim mesmo) mofando dias e dias, se for pobre, meses e meses e até anos. Outro fato importante, é que Getúlio fazia uma diferenciação muito grande entre pobres e trabalhadores. Pobres eles sequer reconhecia, dirigia-se aos “Trabalhadores do Brasil”. E como nas favelas só moravam pobres e alguns poucos “trabalhadores formais”, as favelas sequer eram reconhecidas. Alguns podem pensar: “mas Getúlio era um ignorante”. Não, Getúlio era culto, ele não era do time relativista, mesmo porque, na época quem mandava era o positivismo. Melhor ler o Pedro Demo(Metodologia Científica em Ciências Sociais) pra entender essas questões teóricas, em vez de ficarem se escorando no Google ou perdendo tempo com os filósofos franceses. Todas essas coisas que estou contando aqui, tiveram e ainda produzem, repercussões sobre o crescimento das favelas, e da criminalidade. Interessante, é que Brizola, um político oriundo do Getulismo, foi um dos primeiros a compreender que as “favelas” não eram só um fato físico, mas também social. E olha que eu não gostei do governo Brizola no Rio, mas isso não é vantagem, não gosto de nenhum governo, e por incrível que pareça, foi o governo que construiu o maior número de viadutos, claro, por influência do Jaime Lerner (linha amarela, linha vermelha), mais ainda, foi um dos primeiros governos que pensou em aproximar ricos de pobres, via transporte coletivo, lembro das madames de Ipanema indignadas por causa de uma linha de ônibus que fazia Ipanema-Metrô. Bem, agora o Metrô chegou a Ipanema, aquilo vai ficar igual churrascaria de subúrbio aos domingos. O jeito é escapar pro Leblon e pra Barra. Voltemos a subir o Morro. Se os morros eram territórios que o governo não reconhecia, e a polícia só aparecia de vez em quando, quem mandava nas favelas? Digamos no dia-a-dia? Os primeiros que se apresentaram com algum programa de governo foram os bicheiros, depois veio a Igreja católica, por causa de Dom Helder, se bem que conheci um padre que tinha “pontos” de jogo. Alguns bicheiros ficaram famosos, caso do Natal da Portela, que começou de baixo como apontador e virou banqueiro, isso com um só braço, imagine se tivesse os dois. Os bicheiros e sua influência sobre as favelas dariam um livros de milhares de páginas, mas não sou eu quem vai escrever, é coisa pra quem? Sociólogos? Conheci poucos que se interessaram, digamos o Carlos Nelson Pereira dos Santos e a Lícia do Prado Valadares, nome bonito? Ela também Cheguei a namorá-la (Toledo não vai acreditar), mas não deu certo, por minha culpa. Houve também o Artur Rios, e os estrangeiros. O mais importante deles foi, sem dúvida, o (CONTINUA OUTRO DIA).

20

ARNALDO BARBOSA BRANDÃO

CONTRAVENÇÃO

Ontem assisti um programa na TV, tentava desvendar os meandros do jogo do bicho, os assassinatos, suas vinculações com o Carnaval , o futebol, as milícias e outros trambiques, pegaram a vida do Aniz Abraão, Castor de Andrade e falaram até no Capitão Guimarães um cara que atuou no Doi-Codi. Não sei se sabem, mas cheguei a trabalhar no ramo quando morava no Rio, era pé-de-chinelo, só anotava jogo(não jogava) na esquina da Navarro com Itapiru e meu chefe era um bicheiro famoso por lá um tal Falagão. Lembro que nesta época me apaixonei perdidamente por uma colega de trabalho. Talvez ela tenha sido a primeira a atuar neste importante setor da nossa

economia. O problema é que ela era casada com o Falagão, que além de bicheiro era delegado de polícia e também vereador. Acumulava funções, como sempre. Os traficantes não precisam disso, Milicianos já acumulam geralmente são policiais ou assessores de deputados. Mais pra frente irão entender o tamanho do problema, por enquanto vou contar como ocorreu o “affaire”, palavra muito mencionada nos filmes franceses da época. Foi num desses filmes, chamado Ascensor para o Cadafalso (acho que com o Gerard Philipe dirigido pelo Malle), que estava passando no Pathé Copacabana, onde conheci a mulher. Como todos sabem, e se não sabem, deveriam saber, é o acaso quem gerencia a vida, pelo menos a minha, às vezes, ele se junta com a “necessidade”, e aí é como uma cachoeira, não há represa que segure. Foi o que aconteceu. Sentei-me na antepenúltima fila, havia uma mulher, a luz já tinha se apagado, então não deu pra prestar atenção, mas depois fui me acostumando com a escuridão e dei uma olhada furtiva nela, estava só e atenta ao filme. Me pareceu bonita, no escuro do cinema todos somos bonitos. De repente, no melhor do filme, a fita se enroscou, as imagens ficaram loucas, a luz acendeu. Eu disse: “mas logo agora”, ela comentou: “sempre acontece, mas não é problema, eu já vi esse filme ontem, voltei hoje, porque adorei o filme”. Rebobinaram, vimos o filme, e eu fui para o ponto do ônibus Rio. Adivinhem quem entrou junto comigo no ônibus? Lucimeire, era o nome dela. Mulata de olhos verdes, combinação rara na época, mãe negra e pai branco de olhos verdes. Trabalha onde? “No Ponto Cem Reis”. Mas onde? “Do lado de dentro da Fortaleza”. Como assim? “Sou casada com o Falagão, conhece?” Quem não conhecia o Falagão, se todas as mortes matadas que ocorriam na região da Navarro, do Fallet, do Fogueteiro, do Querosene e do Beco Ocidental eram creditadas (ou debitadas) na conta dele. O problema é que eu já havia sido mordido pelos olhos da cobra verde. Lembrem-se eu tinha 18 anos, não tinha medo de quase nada, isso não quer dizer propriamente coragem, quer dizer que eu não vislumbrava perigo mesmo que estivesse na beira da ribanceira. Entenderam? Então fui em frente, primeiro passo: passei a jogar no bicho(o que era proibido para anotadores). Peguei uns macetes com minha mãe que jogava diariamente com base na técnica da xícara. Conhecem? Vou explicar: pega-se uma xícara de café e joga-se um palito de fósforo aceso dentro, daí aparece uma figura, cada um interpreta qual o bicho aparece. É provável que o subconsciente de cada pessoa tenha grande importância na miragem da xícara. Coisa Freudiana ou se preferirem Lacaniana. No sábado, arrisquei um galo(50 mil réis) no macaco, no grupo (17), dezena (67), centena(767) e milhar(6767), queria quebrar a banca do Falagão. Muito difícil dar, mas deu. Foi por causa de um sonho, sonhei que fui pegar um caju e caí da árvore, na queda me agarrei numa bananeira e sobrevivi. Era um sonho que se repetia, desde o dia em que caí de verdade e fiquei pendurado numa bananeira. Quase morri. Como todo sonho é um desejo reprimido, meu desejo era ser um Macaco, sacaram o desejo? Joguei. Na terça, fui admitido na Fortaleza do (Ponto Cem Reis) para receber o dinheiro, (fortaleza era o lugar onde os bicheiro se reuniam pra decidir que bicho ia dar). É claro que os banqueiros descarregavam um nos outros, para não correrem o risco de quebrar, ou não pagar. E bicheiro sempre paga. A Lucimeire fingiu que não me viu, mas botou um bilhete no meio da bolada de dinheiro. Dizia uma frase enigmática: “macaco é tiantônio”. Entenderam? Não adianta procurar no Google. O Falagão quase me pegou. Quase. Qualquer dia conto os detalhes. Macaco é tiantonio, meus amigos, eu fiquei com a Lucimeire, mas tive que ir morar em Belém do Pará.

ARNALDO BARBOSA BRANDÃO

DESENVOLVIMENTISTAS X MONETARISTAS E OUTRAS PENDENGAS

Estes dias estava vendo na TV um programa sobre a vida da Maria da Conceição Tavares, pensei: bons tempos em que se debatia sobre o Brasil. Quem na prática fundou o ramo em que ela atuava, foi o Adam Smith, e o Ricardo, Marx copiou muita coisa e fundou a chamada “economia socialista” que no Brasil fez muito sucesso nas Universidades e nos botecos. Agora quase tivemos uma pendenga entre desenvolvimentistas versus monetaristas ou então neoliberais versus estruturalistas ou então Fulano versus Sicrano. Por enquanto, os neoliberais estão ganhando a parada, já que o chamado “processo de substituição de importações” parece ter se esgotado faz muito tempo e ninguém deu bola. Estou com o meu amigo Xi Jinping que diz: “não importa a cor do gato, importa é que ele pegue o rato”, mas aqui continuamos com o lenga-lenga de sempre em um governo que só se preocupa com bobagens. O fato é que estamos condenados ao economicismo do Paulo Guedes e a visão ultrapassada dos generais, não se fala em estratégia, nem objetivos do País, na crença que não existe outra regra para o desenvolvimento que não aquela praticada pelo ocidente burguês, leia-se EUA, Europa Ocidental e Japão, e que esta regra não se produziu no mundo subdesenvolvido por obstáculos sócio-políticos do tipo “feudal” no sentido que esta palavra é usada no mundo anglo-saxão, ninguém se lembra da nossa herança colonial. Tentamos burlar esta tendência mediante as propostas de Raul Prebisch e Celso Furtado com o processo protecionista chamado de “substituição de importações”, isso funcionou até certo ponto, impulsionado por uma crescente urbanização e a expansão da população, mas o modelo esgotou-se como já se sabia, e foi neste ponto que houve um interesse maior pelo “Sistema Urbano-regional” elaborado no governo Geisel(ver Francisconi), que se desenvolveu depois vinculado as chamadas bases “feudais”(estados onde se perpetuam famílias desde não-sei-quanto) e por isso a política no Brasil é dominada até hoje pelos filhos ou netos de fazendeiros ou seus capatazes. Quando aparece um “outsider” é isso que temos agora, o cara é um idiota que acabará controlado pelos “fazendeiros” de sempre, tipo Renan Calheiros, Fernando Bezerra e outros tipos piores, quando aparece uma cabeça mais moderna fabrica-se um desastre de avião e o cara morre, aí a FAB faz um inquérito fajuto e conclui que foi culpa do piloto. Mas voltemos ao tema desta postagem, onde eu estava mesmo? Desenvolvimento nacional. Recordemos que o desenvolvimento nacional decorre de uma maior ou menor adaptação a um fluxo internacional de inovações que há muito tempo vem dos mesmos lugares (China(novidade), EUA(Califórnia) e Europa Ocidental). Essas inovações entram normalmente pelas grandes cidades (São Paulo, Rio, Recife e Porto Alegre(a pedido do Pulo Timm) e se espalham pelo País a partir de uma hierarquia, ou seja, depois chegam nas médias cidades e daí para as pequenas e depois para o Brasil profundo onde nasci. Deve-se levar em conta que este modelo não funciona perfeitamente, porque em alguns casos essa hierarquia é quebrada, seja porque existem zonas específicas de comércio(zona franca de Manaus, por exemplo), seja pela especificidade da demanda(agronegócio por exemplo), ou ainda pelo tipo de produto(petróleo por exemplo). Veja-se o Coronavirus, é o exemplo quase perfeito para exemplificar o funcionamento das inovações, se não fosse pelo fato de alguns países serem mais cuidadosos que outros. Começa na China, vai para os EUA (onde encontra

campo fértil) e Europa Ocidental e daí se alastra pelos subúrbios do mundo, incluindo o Brasil.

22

ARNALDO BARBOSA BRANDÃO **DOIS PROFESSORES INESQUECÍVEIS**

Depois de uma passagem pelo Rio, voltei pra Brasília, fui morar num apê tipo JK na 412 Sul, eu e a Carla, uma mulher que conheci no ônibus da Itapemirim. Convidou-me para dividir o aluguel. Ela queria ser médica, então, depois de um mês dividindo a mesma cama, me chamou pra acompanhá-la até o cursinho do “Judeu Infernal” que ficava no Edifício Carioca no SCS. Chegando lá, o tal judeu, que se chamava Guelman (deve estar vivo), que era culto como o Guimarães Rosa, inteligente como o Von Neumann (o cara que inventou o computador como o conhecemos hoje), escrevia como o Fitzgerald e dava aulas como só ele mesmo (geografia, história, biologia e se quisesse até matemática, química, física e literatura e direito), disse que queria falar comigo. Em quinze minutos de conversa, me convenceu a fazer o tal cursinho pela metade do preço. Pensei: não há nada pra fazer mesmo, a cidade era um deserto, de mulheres, de diversão, de bares, de tudo. Até de carros na rua, que agora estão erodindo tudo, ocupando todos os espaços. A única diversão era a ZBM que ficava a dezenas de quilômetros, agora a Zona espalhou-se e pode estar em qualquer lugar. Frequentava o cursinho quando dava na telha, um dia sim, três não. Não iria fazer vestibular mesmo. Sábados e domingo nem pensar. Não tinha lápis nem caderno, só ouvia tudo com a máxima atenção. Ia muito bem, nossa “cultura” é de orelhas (rádio, conversa fiada, professores, piadas, pastores, padres, camelôs, etc.) ou visual (TV, cinema, placas, propagandas, vitrines, etc.), quase ninguém lê nem escreve. Isto vem de longe. Ler exige pensar e pensar é cansativo. O “Judeu Infernal” parecia saber disso muito bem, pois suas aulas eram um espetáculo inesquecível, falava como se estivesse tirando as palavras do bolso (menos o de trás, o da carteira, que ele não abria de jeito nenhum), era capaz de desenhar qualquer coisa, seja uma célula, ou o Bolívar em cima do cavalo, Dom Pedro por cima da Domitila, tudo isso com giz colorido e com todos os detalhes. Nunca vi nada igual, nem na UnB, nem no mestrado da UnB nem no doutorado da USP, muito menos no IME, nem na ESG, nem na Sorbonne. Com duas aulas por semana do “Judeu Infernal” aprendi tudo que tinha de aprender pelo resto da vida. Como ele era? Muito alto, gordo, óculos pesado, vesgo, sorriso de budista e faltava-lhe uma das pernas. Uma vez a mulher dele me disse uma frase que resume a personalidade do cara: “se eu disser pra ele que estou tendo um caso com você, ele não vai nem tomar conhecimento”. E assim, de ZBM em ZBM, de bares em bares, o ano voou. Quando chegou novembro o “Judeu Infernal” fez uma lista de dez alunos para terem aulas de reforço nos finais de semana. Me botou na lista. Nunca entendi, entendi, mas não devo falar. Deduzam. Fui obrigado a dizer-lhe o que ninguém sabia: “Não posso fazer o vestibular, só estudei até a 3ª série primária”. Como bom advogado respondeu que “no Brasil tem jeito pra tudo”. “Você se inscreve e diz que o diploma está a caminho, vem pelo Correio, como o Correio não funciona mesmo, ganhamos de cara uns seis meses”. Assim fizemos. Mas qual a área? Nunca tinha pensado no assunto. Física? “Não vão te aceitar”. Medicina? “É o dia todo não dá pra você”. Aí lembrei que estive uma vez no Instituto Central de Artes levado pelo Cláudio Rôla, que era aluno especial por lá e estudava no cursinho. Fiquei com uma cena na memória (não disse que é visual): as

irmãs Miranda (Marlui e Ana) sentadas em cima da mesa, saias estampadas enfiadas entre as pernas e as coxas de fora. Não acreditam? Podem perguntar pra elas, estão vivas. Está decidido: arquitetura. Letras não dá, vou morrer de fome, pensei. O mais grave é que passei em 8º lugar (está lá nos arquivos da UNB, há testemunhas). O “Judeu Infernal” ficou puto, disse “que não me esforcei, que eu devia ter feito engenharia, que arquitetura era profissão de viado”, ficou zangado, disse que eu deveria tirar em primeiro. Até hoje não sei o que ele queria, quer dizer, sei, mas não preciso dizer. E agora, como me matricular? Fui falar com Dona Arilda, que mandava e desmandava na UnB, o reitor nunca estava. Primeiro me interrogaram. Queriam saber como passei nas dez provas, sem falar nos testes vocacionais (o meu deu música, provavelmente por causa do zabumba que eu tocava no forró na ZBM), mas eu tinha traumas de testes e de siglas e elas só estavam começando, então vou dizer logo. ZBM é “Zona do baixo meretrício” e foi por causa de um teste que fui parar na cadeia do Oiapoque. Quando os caras da UnB estavam quase perdendo a paciência, fui salvo por Dona Arilda que me mandou pro Conselho Federal de Educação. Ouvi ela dizendo ao telefone: “resolvam aí, nunca vi um caso desses, o rapaz é louco”. Entrei no prédio do MEC e nem precisei ser fotografado, fichado e cadastrado como se fosse um meliante qualquer, como se faz agora para entrar em qualquer boteco do governo. O Conselho estava reunido, contei quase tudo (menos que estive preso umas três ou quatro vezes, afinal estávamos no “regime militar”), me ouviram atentamente, como eu ouvia as aulas do “Judeu Infernal” (ainda não havia celulares). Mandaram me matricular na Arquitetura e exigiram um exame do Art. 99 (supletivo). Fiz num final de semana, fui para o Elefante Branco e o rádio do carro tocava a canção do Tomzé: “o pé da roseira murchou e as rosas caíram no chão....” . Passei, mas foi difícil e quando admito que foi difícil é porque foi, mesmo porque nunca tinha estudado formalmente inglês nem francês, nem geografia, nem história e muito menos química, física, nem equação do segundo grau, nem de primeiro, nem objeto direto, nem gerúndio. Em suma, tinha estudado até a 3ª série na escola de Dona Mercedes no Morro os Prazeres no Rio. A Filosofia de ensino dela era simples: “escreveu não leu, o pau comeu” e para isso utilizava duas palmatórias, uma de madeira e outra de couro. Aluno bom para ela era o que decorava duas páginas do “Meu Tesouro” e discursava o texto sem titubear, como se estivesse lendo. Na metade do discurso ela ficava com a palmatória no ar esperando que o cara errasse pra ela baixar o cacete. Nas redações tinha fissura por metáforas baratas: não aceitava por exemplo, “o sol vem caindo a tarde”, tinha que ser: “vem caindo o astro triunfante”, não aceitava “ a grama está verde”, tinha que ser: “a relva verde alcatifa”, senão ela lascava a palmatória, acho que é por isso que tenho a mania de metáforas e uma erudição despropositada. Comecei a frequentar as aulas da UnB. Aquilo era um verdadeiro paraíso. Estudava de graça, comia de graça e tinha acesso à enorme biblioteca. Coisa de rico. Ali entendi a diferença entre os ricos e pobres no Brasil: os ricos se apropriavam das melhores coisas como se fosse normal, como se aquilo tivesse sido feito para eles, enquanto os pobres, sentiam-se como se estivessem roubando alguma coisa.

ARNALDO BARBOSA BRANDÃO

ELEIÇÃO DO PAI-PADRINHO

Essa eleição agora parece coisa da Máfia, todos tem um padrinho, as vezes é filho, outras vezes primos, até netos de alguém(não vê o senador que botou o filho como suplente). A Câmara e o Senado e todos os governos tem uma parentalha enorme pendurada. E como tem delegado, e militares, e haja pastores(há até um cara que se diz sargento e pastor), política agora é profissão que passa de pai pra filho igual na monarquia. Dizem que cada um tem uma estratégia, mas não é pra governar, é pra se eleger. Pior é que esta geração que saiu agora do forno não sabem e nem querem saber de nada, só vão votar porque assim podem fazer concursos públicos ou então é o cabresto Contribuindo com o TSE vou dar uma repassada geral nos acontecimentos até o ano 2.000 pra eles saberem quem fez o quê nos últimos tempos. Alguns pensam que o PT e o FHC criaram o Bolsa-família, que hoje mantém até o Bolsonaro. Bolsa-escola, bolsa-família e outros quebra-galhos já existiam antes do PT e do FHC. Houve várias versões, uma delas foi de Getúlio e se chamava salário-família. Salário mínimo é coisa de Getúlio (1937), assim como a legislação trabalhista. FGTS foi ideia do Roberto Campos (1967) que todos diziam ser um reacionário e o chamavam de Bob Fields. Todo mundo era contra porque acabava com a estabilidade no emprego que era uma falácia, com nove anos os patrões botavam os empregados na rua. Casa Própria, água, esgotos? Tenho cópia da carta da Sandra Cavalcanti para o Castelo Branco propondo a criação do BNH(com os rabiscos do Castelo Branco), que depois foi fechado(não o Castelo, o BNH) e os programas foram pra CAIXA, onde funcionam mal, BNH financiava água e esgotos também, se muita gente tem água hoje dê graças ao BNH. Antes do BNH existiu a Fundação da Casa Popular e os Institutos de Previdência na área da habitação. PETROBRÁS e Vale do Rio Doce(que foi privatizada e hoje dá bons lucros pra alguns “tubarões”) quem foi? Getúlio, depois conto os detalhes, vale dizer que Getúlio criou a Petrobrás contra a vontade porque diziam e era a verdade que só havia petróleo no mar e nós não tínhamos tecnologia(na época) para explorar. Indústria automobilística foi JK (se não fosse ela o PT nem existiria). JK criou estradas interligando todo o Brasil, acho que SUDENE e outras coisas mais. Embrapa e desenvolvimento dos Cerrados, que hoje segura nossas exportações, quem foi? Primeiro o Rockefeller que passando de avião aqui por cima viu esse cerradão vazio e perguntou por que não plantavam nada, aí ele deu o dinheiro e criaram a CERES, que antecedeu a EMBRAPA que se expandiu nos governos militares. Expansão da Universidade Pública e da Pós-graduação? Os militares. Em compensação criaram também o SNI. Brasília? Foi JK com a grana dos Institutos de Previdência e do governo e empréstimos externos (EXIMBANK).Muita gente é contra, mas se não tivessem construído fariam o que com a grana? Me digam? Transporte público e infraestrutura urbana, já tivemos de forma planejada com o Lerner e o CNDU uma ideia do Francisconi, na época do Geisel. Embraer saiu de onde? Do ITA, uma criação dos militares da aeronáutica. Taxa de crescimento do PIB alto também já tivemos, rolou entre 1969 e 1976 com média de 10% ao ano. Copa do Mundo? Ganhamos várias. Sem falar que muitas ideias vieram da Europa e principalmente dos EUA. Não me lembro de nada que tenha vindo da URSS a não ser grandes escritores e a Intentona do Prestes. Cuba nos mandou alguns médicos recentemente, mas só os boleros e os mambos e a boa literatura de sempre já valeram. INSS foi invenção dos militares, chegou a funcionar

bem, depois degringolou, mas salvou muita gente na Pandemia, antes eram os Institutos de Previdência, que eram controlados pelos políticos. Jango fez sua carreira controlando alguns Institutos. Bandalheiras, roubalheiras, desfalques, corrupção, trambiques, existem desde 1500. Há um livro na praça metendo o porrete nas privatizações do FHC. Nunca simpatizei com ele. Era das altas camadas, intelectual e pedante (bem diferente de Dona Rute que veio das camadas médias e tinha noção do que era pobreza). Lembro bem quando ele apareceu em um dos anexos do Planalto, onde eu fingia que trabalhava e onde ficava o Itamar, meu conterrâneo (nascemos na Bahia, terra de Didi, Corisco, Jorge Amado e outros luminares). FHC acabou Presidente e ficou oito anos. Mas também me lembro quanto paguei por um telefone fixo, quando fui trabalhar no Rio em 1987, e depois quanto tive de desembolsar em Cruzeiros (novos ou velhos), ou era Cruzados, ou era não sei qual moeda, quando fui morar em Vitória e precisava de um telefone fixo, corria os inícios dos anos 90. Vocês mais jovens (pero no mucho), que “metem o pau” no FHC (e de tabela no Itamar), talvez não consigam imaginar um país sem moeda e com inflação de 1.000% ao ano. Não dá pra imaginar a balbúrdia. Também não simpatizo com o Sarney(mas criou o seguro-desemprego) e o Lula, embora ele seja de Garanhuns, minha mãe era de lá e nós viemos para o Rio nas mesmas condições dele para SP, só que antes, mas reconheço que o Lula deu alguns passos à frente no combate a pobreza, e só pode dá-los porque alguém antes deu uma cacetada na inflação e criou uma moeda. No mais, ele continuou a política do FHC e achou que os programas sociais tipo bolsa-família iriam resolver os problemas. Não vão. Nem vou falar do Lula 2, Dilma e o Temer e Bolsonaro que não vale a pena. O que interessa mesmo ninguém fez até agora, que é passar do 80º lugar em renda per capita ou 85º do IDH, para, pelo menos, o 40º lugar do IDH. Pra fazer isso é preciso mudar muita coisa, não sei se temos cabeças pensantes que estejam dispostos a encarar a “selva” que é a política brasileira. Não sei também se ainda temos “executores” para trabalhar quinze horas por dia por dia e que não estejam de olho na próxima eleição. Para fazer isso é preciso

muito mais do que dobrar o salário mínimo em 10 anos de governo. Por fim uma dica: não acreditem nesta história de Brasil-primeiro-mundo. Já vi este filme. Na velocidade que temos andado, precisamos de mais uns 60 anos para atingir o padrão europeu ocidental. Se eles ficarem parados.

24

ARNALDO BARBOSA BRANDÃO ELEIÇÕES

Há eleições e eleições, algumas não têm grandes repercussões, mas outras podem ferrar a vida de um País. Essa em que o Trump quer se reeleger é uma delas, a confusão já começou, ainda mais porque lá o negócio é enrolado, a eleição é Estado por Estado, Condado por Condado e não há justiça eleitoral, então tudo pode acontecer. Vou lhes falar de uma eleição que fez um estrago no Brasil por anos, causou-nos um atraso gigantesco e até hoje as repercussões rolam por aí, e se não fossem uns dois ou três caras, talvez tivéssemos ido para o buraco pra sempre. Eu estava no exército, tinha acabado de escapar do paraquedismo, dei meu último salto no Campo dos Affonsos e pedi transferência para um lugar tranquilo: Parque de Comunicações em Triagem, perto do Morro da Mangueira, era uma calmaria, o nome dizia quase tudo, era uma espécie

de “parque”, um depósito de material de comunicações, onde chegavam pacotes e pacotes de válvulas para radares, que os americanos mandavam pra nós, por conta de um tratado obsoleto que o Geisel jogou pro alto. Radar naquele tempo era uma máquina de 20 m² de ferro por 2 metros de altura e rodas de pneus, que precisava de um caminhão pra ser transportada. De vez em quando a gente jogava uma pelada de coturno com um dos pacotes, aí já viu, era pedaços de válvulas pra todo lado. Os soldados que serviam lá eram oriundos de Copacabana, Ipanema e Gávea, ou seja, gente fina escolhida a dedo, classe média alta, porque ricos mesmo, jamais iriam aparecer por lá. Fui parar naquele lugar tranquilo devido ao paraquedismo, tive que passar pelo inferno pra chegar ao purgatório. Muitos devem estar pensando nos paraquedas leves e coloridos que pousam na Esplanada como folhas secas, nada disso, eram os que sobraram da 2ª Guerra e os americanos não queriam mais, iguais às válvulas dos radares. Nesta época a política brasileira estava fervendo, o Brasil estava numa encruzilhada como agora. Juscelino tinha saído ileso do governo, ninguém sabe como, talvez o jeitão mineiro, talvez seu Ministro da Guerra, talvez sua ascendência cigana, vai se saber. Ele só se aguentou por causa do Teixeira Lott, que tinha grande prestígio no meio militar, além de ser um sujeito decidido. É bastante conhecido o episódio em que os militares de 64 prenderam seu filho e ele invadiu o quartel, meteu bala em dois ou três e soltou o rapaz. Esta é a versão que conheço. Como ia dizendo, servia num lugar tranquilo e lá fiz amizade com um tenente da Força Expedicionária Brasileira, um paraquedista alto, louro, olhos verdes, fala enviesada, que vivia com uma italiana com quem se casara na Itália durante a 2ª Guerra. Era desses caras que tinham vivido tudo que tinha direito e agora estava morando com sua italiana no subúrbio do Rio, mais precisamente em Nilópolis. Eventualmente ele me pagava para que tomasse conta da casa dele, e acabamos amigos. A italiana era muito diferente das brasileiras, gostava de cantar e dançar, adorava o mar. Quando eu chegava ela me recebia com uma profusão de beijos, eu tímido como era, ficava todo vermelho, ela morria de rir e ele também. E assim chegamos às eleições de 1960, a tal que decidiu os destinos do Brasil para sempre. Não foi uma eleição de esquerda versus direita, eu pelo menos não achava que fosse, embora Jango fizesse parte da coisa e provavelmente tenha sido a causa da confusão que se formou depois da renúncia de Jânio. É óbvio que Jânio era louco e não se aguentou na solidão do Planalto Central na época, tão louco que resolveu homenagear Cuba e deu uma medalha para o Guevara, isso em plena Guerra Fria. Eu e o tenente discutíamos política diariamente, ele era bem mais velho, eu me achava muito avançado intelectualmente, sabe como são os jovens. Se acham. Gostava de novidades e então optei pelo Jânio, não foi uma coisa assim de orelhada, participava de um grupo político onde eu morava, lia os jornais e as revistas que ficavam penduradas nas bancas. Quando chegamos perto das eleições lembro que eu e o tenente apostamos uma caixa de Caracu, uma cerveja de tamanho pequeno que agora voltou à moda. Jânio venceu por larga margem, o tenente me olhou e disse: “essa eleição vai nos custar muito caro”. Nunca mais ouvi palavras tão proféticas. Jânio renunciou, Jango entrou, não se aguentou, foi deposto. Os militares entraram pra ficarem dois anos ficaram quinze anos, o PT ficou mais quatorze anos, mais um e completava o mesmo tempo dos militares. A eleição de 2018 nos custou caro e a de 2022 pode nos custar mais caro ainda. Melhor mudar, reeleição não dá certo em regime presidencialista. No Brasil então....

ARNALDO BARBOSA BRANDÃO

ELEIÇÕES EM MANACAPURU

Tanto se fala em eleições municipais que acabei me lembrando de uma inesquecível. Era verão, verão de outubro na Amazônia, isto significava dizer que fazia em média 48 graus à sombra durante o dia, à noite não variava muito, ou seja, calor de rachar, não era esse calorzinho de Brasília. O problema é que fui escalado para garantir as eleições em Manacapuru, um pequeno, mas confuzento município do Amazonas. Eleição que Jânio ganhou e depois renunciou, naquele tempo a eleição pra prefeitos e presidente e governadores era tudo junto e misturado e não tinha essa de urna eletrônica, era no papel. Em muitos municípios o Exército é que garantia as eleições pra não haver fraudes, hoje nem sei mais, não sei se eles têm moral pra garantir eleições. Fui com seis soldados inexperientes nestas rústicas variedades. Logo no início da manhã o prefeito me avisou: eleição aqui a gente resolve na bala, e de fato não havia sequer uma janela ou porta aberta, rua completamente vazia. Levava além dos soldados, um fuzil meio alquebrado, remanescente da primeira guerra mundial, meia dúzia de granadas que os soldados não sabiam manejar, uma pistola antiga enfiada no cinto e um monte de balas, de cuja validade eu desconfiava. Isto pra não mencionar os demais badulaques: mochilas, barracas, etc. Se vocês acham que as eleições no Brasil pra prefeitos estão polarizadas, não conheceram a de Manacapuru. E olhem que nesta época o PT ainda não existia e Bolsonaro era apenas um Caipira do interior de São Paulo. Só sei dizer que no meio da tarde o “furdunço” começou. Era bala pra todo lado, a maioria vinha na nossa direção, protegíamos as urnas do jeito que dava, fiquei atrás dum pé-de-pau enquanto deu, nossa sorte é que o piloto do avião que iria nos levar (nós e as urnas) percebendo nossa aflição se aproximou o mais que pode do local de votação, mas mesmo assim era pouco. Notei que havia dois grupos que queriam se apoderar das urnas, o da esquerda era o mais agressivo e utilizavam fuzis antigos e espingardas, o da direita mandavam balas de trezoitão. Como eu sabia? Pelo som que faziam. Tanto as de fuzis quanto a de revólver podiam matar um homem e de fato tive um soldado gravemente ferido e outro morto na refrega e só não tivemos mais porque nestas alturas apareceu um padre com os braços levantados e uma arma na cintura, berrando aquelas antigas palavras de ordem: “Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco...”. Encarar o tiroteio foi até fácil perto do que tive que fazer depois: entregar o morto à mãe do rapaz. A senhora veio até a porta e eu pedi para entrar na casa simples de pau-a-pique. Ela me trouxe um copo d’água, e eu não sabia por onde começar, duvido que alguém saberia, mas nesta altura chegou o padre local, ela então desconfiada caiu no choro, fiquei ali imóvel como se fosse o responsável pelo acontecido. O padre apenas botou a mão no meu ombro e disse: vá embora seu moço, você não tem mais nada pra fazer aqui.

ARNALDO BARBOSA BRANDÃO

ELOMAR, CAMARON DE LA ISLA E PACO DE LUCIA

Alguns de vocês não devem conhecer o Elomar, é da Região em que nasci (eu, Glauber, Xangai, Corisco, etc.). Assim como Glauber no cinema, o Elomar é uma rês diferenciada nesta boiada colorida que chamam de MPB. Que eu me lembre, não há nada parecido, talvez alguns repentistas antigos do Nordeste (Otacilio e Lourival Batista, cantando quadra/quadrão ou galope a beira-mar). Pra começar, ele canta preferencialmente a Região onde vive, assim tipo Noel fazia, Caymmi, Luiz Gonzaga e outros. Outra vantagem é que ele saiu de campo quando o jogo acabou. Lembro do primeiro show do Elomar na Escola-Parque, se é que se podia chamar aquilo de show. No palco, ele, o violão, o vozeirão e o filho pequeno com uma flauta doce. Os discos eram vendidos na porta, depois o Elomar foi “descoberto”, primeiro pelo Marcos Pereira, depois se juntou ao Jaques Morelembaum e chegou a cantar suas canções estranhas, de traços medievais, na Sala Cecília Meireles. Nada mal para quem tinha sido achado por acaso, pelo Henfil, numa fazendola de criação de cabras, nas margens do Rio Gavião em Vitória da Conquista. O bode Orellana do Henfil vivia lá. É estranho, mas toda vez que ouço o Elomar, me lembro de um cantor de Flamenco: o Camaron de la Isla. Deste não adianta falar, só mesmo ouvindo, porque o Flamenco, vocês devem saber, é um lamento profundo, que ressoa nos meus ouvidos como se fosse canto religioso, mesmo quando as letras são triviais. Aí deram de se juntar o Camaron de la Isla e o Paco de Lucia, cheguei a ver um show deles, acho que em 73. Só há uma palavra pra descrever: “INESQUECÍVEL”. E olha que não sou de me emocionar por pouca coisa. Vi muitos shows, mas três são inesquecíveis: 1. Camaron de la Isla e Paco de Lucia no ápice de ambos. 2. Elomar. 3. Nara Leão e Dominginhos juntos. Já ia me esquecendo: 4. Morengueira e Zéqueti no Teatro Opinião e Vandrê no Maracanãzinho.

ARNALDO BARBOSA BRANDÃO

GREGOS E BAIANOS OU A INVENÇÃO DA FILOSOFIA (NA GRÉCIA E BRASIL)

Vou começar como os gregos, dizendo que no princípio era o “Caos” então apareceram os gregos e baianos. Os primeiros para explicar, os segundos pra bagunçar. A aventura intelectual dos gregos começa nas colônias gregas (os gregos eram guerreiros e colonizadores): Jônia (Turquia) e na Magna Grécia (sul da península itálica e Sicília), já a dos baianos começa nas Metrópoles (por sinal uma palavra de origem grega). Os primeiros filósofos gregos viveram por volta do século VI a.C.. A divisão da filosofia grega se fundamenta na figura de Sócrates (favor não confundir com o meia-direita corintiano), que não escreveu uma palavra sequer, quem escreveu sobre ele (Sócrates) foi Platão, escreveu adoidado sobre tudo, mas sua obra principal como sabemos é “A República”. Dizem que Sócrates foi obrigado a se matar tomando cicuta, mas isso é uma

longa história, melhor deixar pra outro dia. Os filósofos gregos foram agrupados em escolas, pelos Caras que gostam de classificar: Jônica (Tales, Anaximandro, Anaxímenes, Heráclito, Empédocles), escola itálica (Pitágoras, lembram-se do famoso teorema, pois é), escola eleática (Xenófanés, Parmênides, Zenão); escola atomista (Leucipo e Demócrito). A palavra átomo, assim como muitas outras, vem do grego com Demócrito. Os escritos dos filósofos pré-socráticos desapareceram com o tempo, e só restam algumas referências. Geralmente, escreviam em prosa, abandonando a forma poética característica das epopeias, como a Ilíada e Odisséia do Homero (que ninguém sabe se existiu). Os primeiros filósofos pré-socráticos procuravam a racionalidade do universo (cosmologia) em vez da Cosmogonia (que tinha como base a mitologia). Significa que ao se perguntarem como sair do "Caos" para o "Cosmos", e como da "confusão inicial" surgiu o mundo ordenado, os pré-socráticos começaram procurando "a arché" (o início de todas as coisas), entendido não como o que antecede no tempo, mas como o fundamento do ser. Complicado, né. Buscar a "arché" era explicar qual é o elemento constitutivo de todas as coisas. As respostas dos filósofos são variadas. Cada um descobre o seu "arché": para Tales é a água, para Anaxímenes é o ar, para Demócrito é o átomo, para Empédocles, os quatro elementos, terra, água, ar e fogo, teoria aceita até o século XVIII d.C, quando foi criticada por Lavoisier. Dá pra notar a diferença entre o pensamento mítico e a filosofia nascente: os filósofos no início divergiam entre si, mas a filosofia escapa do dogmatismo dos mitos. Nestas alturas, houve uma ruptura entre "mythos" e "logos" (razão) que ocorreu de forma gradual e regional, cada região fez isso de uma maneira, de modo que a filosofia continuou mantendo vinculações com o "mito" (favor não confundir com Bolsonaro). Por exemplo, Hesíodo informa na "Teogonia" como Gaia (Terra) gera por segregação, o Céu e o Mar; depois, a união da Terra com o Céu, presidida por Eros (princípio de coesão do Universo), resulta na geração dos deuses. Nesta fase uma parte dos filósofos se aferrava a ideia de que pares opostos é que geraram o mundo (no que não estava totalmente errados). Para os filósofos, a ordem do mundo derivava de forças opostas que se equilibravam reciprocamente, a união dos opostos explicava os fenômenos meteóricos, as estações do ano, o nascimento e a morte de tudo que vive. Portanto, na passagem do mito à razão, há continuidade de certas "estruturas explicativas". Embora o mito fosse de fácil entendimento e acessível às massas, a filosofia acaba prevalecendo, a filosofia problematiza e por isso mesmo sugere a discussão e rejeita a interferência de agentes divinos. Com o passar do tempo, a filosofia passa a buscar coerência interna, a definição rigorosa dos conceitos, o debate e a discussão, organiza-se em doutrina e surge, como pensamento abstrato. Na nova abordagem do real, passa a haver uma vinculação entre filosofia e ciência. As preocupações dos primeiros filósofos é cosmológica, de maneira que na Grécia Antiga, o filósofo é também o homem do saber científico. Só no século XVII as ciências encontram seu próprio método e se separam da filosofia. É nesse ponto que os baianos entram em cena, e assim como os gregos começam com Gregório de Mattos Guerra (mito) Basílio da Gama e Santa Rita Durão (mitos). Gregório também chamado "Boca do Inferno" (poeta barroco que viveu em Recife, mas morou na Bahia, criticava Deus e o Diabo) e logo depois veio um Livro chamado "Reflexões (assim mesmo) sobre

a Vaidade dos Homens”, livro preferido do Suassuna(assim ele me disse) do Mathyas Ayres, naquele tempo os livros pra serem publicados tinham que ter a permissão da Igreja. Depois vieram os grandes poetas: Castro Alves, Pedro Kilkkerri, Gonsalves Dias, João Cabral, Cecília e Murilo Mendes, que queriam explicar o mundo poeticamente, depois veio Machado, Euclides, Graciliano e Rosa, entre outros. Até aí estamos na fase do mito, só quando aparece Glauber Rocha e Pereira dos Santos é que arrombamos a porta da mitologia. Por enquanto é só, qualquer dia falo dá tão famosa “democracia ateniense”, que era como a nossa, para poucos e como os gregos passaram da mitologia para a filosofia

TRÊS GOTAS DE VODKA

O padre, novo naquela paróquia, sentiu-se muito nervoso no seu primeiro sermão.

Antes do seu segundo sermão, no domingo seguinte, perguntou ao arcebispo como poderia fazer para relaxar.

Este lhe sugeriu que, na próxima vez, colocasse três gotas de vodka na água e assim ficaria mais tranqüilo.

No domingo seguinte o padre seguiu a sugestão do arcebispo.

Sentiu-se tão bem, que poderia falar alto até no meio de uma tempestade, tão feliz e descontraído que se encontrava.

Após a missa, ao regressar à Reitoria, encontrou esta nota, assinada pelo arcebispo:

Seguem algumas observações a respeito:

- 1) Antes da próxima pregação, coloque três gotas de vodka na água e não três gotas de água na vodka.
- 2) Não coloque limão e açúcar na borda do cálice.
- 3) O manto da imagem de Nosso Senhor Jesus Cristo não deve ser usado como guardanapo.
- 4) Existem 10 Mandamentos e não 12.
- 5) Existiram 12 Apóstolos e não 10.
- 6) Judas traiu Jesus, não o "sacaneou".
- 7) Jesus foi crucificado, não enforcado;
- 8) Tiradentes não tem nada a ver com a história.
- 9) A hóstia não é chicletes; portanto evite tentar fazer bolas.

- 10) Aquela "casinha" é o confessionário; não o banheiro.
 - 11) Evite apoiar-se na imagem de Nossa Senhora, muito menos abraçá-la.
 - 12) A iniciativa de chamar o público para cantar foi louvável, mas fazer trezinho e correr pela igreja foi demais.
 - 13) Água benta é para se benzer e não para refrescar a nuca.
 - 14) Nunca reze a missa sentado na escada do altar.
 - 15) As hóstias devem ser distribuídas para os fiéis, jamais servidas como aperitivo para acompanhar o vinho.
 - 16) Procure usar cueca embaixo da batina.
 - 17) Evite abanar-se com a batina quando estiver com calor.
 - 18) Jesus nasceu em Belém, mas isto não significa que ele seja paraense.
 - 19) Numa missa não se deve fazer perguntas ao público.
 - 20) Quem peca é um pecador, não um filho da puta.
 - 21) Quem peca vai para o inferno, e não "pra puta que o pariu".
- Pelos 45 minutos de missa que acompanhei, notei essas falhas que, espero, devem ser corrigidas já no sermão do próximo domingo.
- Ah....Padre,
- E "aquele sujeito, sentado no canto do altar",
- a quem você se referiu como "traveção de vestido"
- Era EU!!
- Atenciosamente,
- Arcebispo.

28

ARNALDO BARBOSA BRANDÃO

INDEPENDÊNCIA OU MORTE

A Independência do Brasil foi aquilo que se viu, Dom Pedro acampou na beira do riacho, deu o tal grito, depois vieram as consequências. No Brasil nunca se pensa nas consequências. O sujeito renuncia e deixa a confusão formada, o outro dá um golpe e depois larga o País nas mãos do Sarney, agora temos o Lula que na ânsia de voltar larga o Brasil nas mãos inábeis de uma pessoa sem qualquer preparo, como é o caso da Dilma, por último me aparece um tal Bolsonaro um sujeito cujo apelido no exército era Cavalão e realmente é uma mistura de cavalo com burro. Dom Pedro I jamais

imaginou o bode que ia dar, pensou apenas em garantir seu emprego de imperador. Depois vieram as consequências. O fato é que morreu muita gente nas chamadas “guerras da independência”. A principal delas foi a Revolução Farroupilha, se bem que eu prefiro “Guerra dos Farrapos”. Houve outras: Independência da Bahia (imagine a Bahia independente bem aqui do lado, ninguém ia aguentar os baianos), Revolta dos Malês, a Sabinada, Cabanagem, Balaiada e por aí vai, nem vou falar da Revolução pernambucana de 1817. Quando penso em independência penso no Rio Grande do Sul e por incrível que pareça, penso em Alagoas. Destes dois lugares, aparentemente tão díspares, saíram os homens que moldaram o Brasil moderno, que tinha como lema ser independente. Para os menos informados, basta lembrar Floriano, Hermes da Fonseca, Getúlio e Prestes, mas, se preferirem, podem ficar com Corisco (que Glauber imortalizou no seu “Deus e o Diabo...”) e um certo Capitão Rodrigo Cambará (que Érico Veríssimo tornou real). Há alguma dúvida sobre os homens citados, ou preciso explicar? Há dúvida sobre a importância de Prestes? Sem a chamada “Intentona” o Brasil seria outro, porque a partir dali o exército mudou (desconfiou de Prestes) e o exército talvez seja a mais importante e permanente das nossas instituições. Está aí há muito tempo. Quando digo aparentemente díspares, me referindo a Alagoas e Rio Grande, é porque há algo em comum de grande importância: são lugares de gente áspera, basta ler os dois grandes escritores representativos destes lugares. Se vissem um gaúcho cavalgando em alta velocidade tentando capturar uma rês, como eu vi certa vez em Dom Pedrito, ou um boiadeiro alagoano rasgando a caatinga, na tentativa de garantir sua “carne de sol” cotidiana, como vi em Palmeiras dos Índios, iriam entender bem o que estou dizendo. Dizem que a Revolução Farroupilha tem a ver com Carne de Sol, ou de Charque. Eu, como baiano não aceito uma explicação tão simplista, isso é reduzir a heroica Guerra do Farrapos a “pó de traque”. Não aceito. Primeiro porque nunca acho que as coisas são simples e se forem, trato de torná-las complicadas. Quem me explicou há muito tempo como funcionava a produção e exportação de charque, foi o Roberto Cavalcanti, até então imaginava que a carne de sol era coisa nascida e criada no Nordeste e sequer supunha que um nordestino transferiu a tecnologia para os gaúchos que passaram a dominar a produção. Nunca soube que exportavam charque há tanto tempo e pra tão longe, e que o produto representava tanto para a economia do Rio Grande. É comum que os historiadores afirmem, com certa convicção, que a causa da revolução farroupilha foi a entrada do charque argentino e Uruguaio no Brasil, tirando o mercado dos estancieiros gaúchos, e que a revolução interessava apenas aos estancieiros. É uma explicação excessivamente materialista, coisa do pessoal que reza pela bíblia marxista, e não condiz com as tradições gaúchas, nem baianas, nem pernambucanas, vou explicar por quê. Quem dera que as coisas fossem assim tão simples. Se assim fosse, a Revolução dos Farrapos não teria levado 10 anos, não teria mobilizado tanta gente e tampouco alcançaria a extensão territorial que alcançou. Ocorre que a Região Sul do Brasil sempre foi instável sob o ponto de vista político e militar, devido a muitos fatores, entre os quais, a formação política do Rio Grande (que só recentemente, com Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros, tornou-se um estado da Federação, de fato), a questão do Uruguai (criação da Província Cisplatina que mexeu com o Rio Grande), a Guerra do Paraguai, que contou com 1/4 de soldados do Rio Grande e portanto mobilizou militarmente o Estado, isto sem mencionar os problemas do Brasil com a Argentina, que é um país instável e beligerante desde sua criação. Quando estive na ESG em 85, soube que a ordem de Guerra nº 1 do Brasil era contra a Argentina. Sabem o que isso significava? Nosso principal inimigo não eram os ingleses ou americanos como os intelectuais marxistas achavam, eram os argentinos e isso implicava que nossa “máquina de guerra” estava virada para o Sul o tempo todo, pra invadir a Argentina. Daí veio o Mercosul que matou vários coelhos (melhorou a economia do Sul, integrou a

Argentina, etc.) e antes, veio Itaipu que nos vinculou ao Paraguai para o bem ou para o mal, mais para o bem. E, devido às circunstâncias, nós deveríamos pagar muito bem ao Paraguai pela energia, porque como todos sabemos desde o Beira-Rio até o Maracaná, não dá pra confiar nos portenhos. Daí quando o Grêmio ou Internacional joga contra o Penarol ou o Boca, o pau quebra. Por que? São povos belicosos. Coloque no caldeirão: cavalos (a verdadeira felicidade está no coração das mulheres e no lombo dos cavalos, sei que a maioria dos meus leitores jamais montou, a não ser nos parquinhos, portanto, não têm a menor ideia), sangue espanhol, distância de centros civilizados, desleixo do governo central, clima hostil (frio infernal e calor infernal), deixe cozinhar ao sol e veja o resultado. Mas ainda não chegamos na questão central das causas da Guerra dos Farrapos, e ela pode ser resumida numa palavra, e que palavra, vão saber daqui a pouco. Em meados dos anos 80, fui assistir uma palestra do Gilberto Freire na casa dele no Recife, onde tomei um licor de pitanga do quintal. Estava arrastando os pés, mas lúcido como sempre. Anotei várias coisas, uma delas nunca tinha cogitado. Ele disse textualmente: “Nordeste faz fronteira com a África”. Fronteira? Pois é, recente, lendo os livros do Costa e Silva é que fui entender bem, mas já desconfiava (“eu quase não sei de nada, mas desconfio de muita coisa”). Pois é, meus amigos, FRONTEIRA é uma palavra muito complexa. Na Fronteira (como vocês devem ter notado num texto que publiquei aqui), você tem que estar preparado pra o que der e vier. E lá no Sul são três. Por isso, os gaúchos, assim como os nordestinos, assim como os paraenses, são tão briguentos, ou melhor, beligerantes. Se não tem ninguém pra brigar, brigam contra eles mesmos. Todos sabemos que o Rio Grande sempre teve uma tradição separatista, que diferentemente dos pernambucanos, baianos, maranhenses e paraenses, era mais fácil de ser insuflada, seja pela geografia, pela cultura, e até pela língua e sobretudo pela beligerância e também, porque não, pelo caráter fanfarrão, que depois, a migração europeia tratou de acalmar. Lembro sempre da história do gaúcho que se afogava no Guaíba e berrou: “sai da frente Guaíba, senão te engulo todo”.

Voltando à Guerra dos Farrapos, seria mais pertinente dizer que houve um conjunto de causas, não saberia dizer qual a mais importante (ou estrutural, concedendo alguma coisa à Marx), contudo é bom considerar que o Brasil viveu o “período regencial”, quando o poder central estava enfraquecido e o exército fraturado por facções, daí a ocorrência, não somente da Revolução Farroupilha, mas também da Sabinada, Balaiada, Cabanagem, Revolta dos Malês, etc. Vejam que, quando o País se reorganizou, Caxias foi lá e acabou com o bafafá. É, meus amigos, quando até baiano faz revolução é porque a coisa estava esculhambada, mas isso não é novidade.

29

ARNALDO BARBOSA BRANDÃO

LEMBRANÇAS DA ESG. DIREITA/ESQUERDA

Muita gente metia o pau na Escola Superior de Guerra, mas o fato é que o governador de Brasília (José Ornelas) me mandou pra lá por um ano, isso foi logo depois que fui demitido injustamente da UnB por “justa causa” pelo Azevedo. Depois fiz concurso e voltei. Lembro que ele (Ornelas) me disse: “acho que você está precisando se acalmar e lá você ganha diárias. Tinha razão, perto mar eu costumava me acalmar, e as diárias me acalmavam mais. Havia discussões interessantes na ESG, me meti numa delas, era

sobre a Lei de Segurança Nacional. Caí de pau na tal lei, achando que ainda estava na UnB, onde todos se diziam marxistas e todos estariam contra a tal Lei, depois fui perceber que não era bem assim, alguns caras da UnB, se pudessem, aplicariam a LSN nos adversários, isso sim. A bem dizer, na ESG eu não fazia perguntas, fazia observações que na maioria das vezes ultrapassavam o sinal verde, o amarelo e até o vermelho, os caras desligavam o microfone, mas lá na frente o general comandante da ESG levantava o braço e fazia um sinal pra que eu continuasse a falar. Passei a ultrapassar o sinal vermelho todo dia. É que lá havia um dispositivo interessante. Quando você pegava o microfone acendia uma espécie de sinal verde, você tinha trinta segundos pra formular a pergunta, passado os trinta, o sinal ficava amarelo indicando que devia concluir a pergunta. Como na época ninguém obedecia a sinais de trânsito no Rio(era aquela bagunça de sempre), nem me preocupei. No alto da mesa, bem no alto, pra mostrar quem mandava, e pra diminuir a importância da pergunta, ficavam cinco caras pra respondê-la. Caras experientes. Alguns bem velhos e quanto mais idosos os caras mais sugeriam que você era importante(na época eu era o cara mais novo da Escola). Uma espécie de bedel anunciou: “o arquiteto (nunca houve um arquiteto por lá) Arnaldo vai questionar o palestrante”. Todo mundo olhou pra trás. E quem era o palestrante? Vocês não fazem ideia, o cara era um gênio, reverenciado por todos os intelectuais desde Amoroso Lima. Reverenciado até por Prestes, o cara tinha sido assistente do Herbert Marcuse. O Cara era da direita radical. Felizmente, eu não sabia nada disso, não conhecia o cara, além disso, eu estava com a palavra e “quem está com a bola no pé tem sempre a vantagem”, como dizia o Zeca da Joana, um cara que morava no Morro do Fogueteiro no Rio e jogava uma bola infernal. Peguei o microfone, dei uma paradinha pra criar certa ansiedade, nestas alturas até o general comandante da escola olhou pra trás, esperando o chute de curva tipo folha seca. Ouvi uns cochichos atrás de mim, silencio total entre os cento e tantos alunos, que incluíam generais, almirantes, brigadeiros, embaixadores e muitos pernas de pau como eu. Mirei o alto da mesa, estavam lá os caras mais velhos da Escola. Falei pra mim mesmo: “estou ficando importante aqui, quem diria”, e mandei a bomba: “essa lei foi feita pra pegar caras de esquerda” e por aí fui. Um deles, talvez o mais idoso de todos, pegou um livrinho e começou a responder em russo (é, russo mesmo, aquela língua cheia de consoantes praticada pelos bárbaros que ficavam do outro lado da cortina de ferro). No final ele disse: “vou traduzir pra você.” Resumindo: a lei dizia que na União Soviética se você matasse uma pessoa pegava doze anos, mas se falasse mal do governo pegava trinta. O cara não me conhecia e queria me humilhar, achava que eu era de esquerda, e por consequência, “comunista” ou “socialista”, que na época era a mesma coisa. O cara era civil. Saímos para o café, eu puto com o cara, pensando em dar o troco. Aí a Marília Barboza que escrevia livros sobre música popular(tenho um dela sobre o Cartola) me chamou: “Sabe quem é esse cara? É o Nuno Veloso”. Nunca tinha ouvido falar. “Ele foi parceiro do Cartola, foi assistente do Herbert Marcuse.” Não acreditei, achei que ela tinha se enganado ou estava me sacaneando. Há pouco tempo, estava ouvindo a Nacional FM então tocou talvez a mais linda canção do Cartola. No final o locutor anunciou: “A Canção que Chegou” de Cartola e Nuno Veloso. Pensei: vou tirar essa dúvida agora, peguei o dicionário de música popular do Ricardo Cravo Albin. Estava lá: “Nuno Veloso. Filósofo, compositor e cantor, morou na Alemanha e nos EUA, foi assistente do Herbert Marcuse. Nasceu no Morro da Mangueira, foi criado pela mãe de Dona Zica, mulher do Cartola na época, formou-se em direito por insistência do Cartola”. A raiva guardada por anos, esfumou-se no ar, junto com a letra da canção: “Na manhã que nascia encontrei/o que na noite tardia...”. Acabou a palestra o cara disse que queria conversar comigo, conversamos sobre Marcuse e outros bam-bam-bams. Fui pra casa pensando na esquerda e direita no Brasil, e se isso tem algum significado,

lembrei de Getúlio, fazendeiro e criador das leis trabalhistas, Lacerda de direita que foi um bom governador, Brizola que era esquerda fez as linhas vermelha e amarela ligando a Zona Norte a Sul, duas nações inimigas, Castelo de direita trouxe Roberto Campos que criou o FGTS. Depois de 16 anos com a esquerda no poder fazendo governos desastrosos, temos um cara que se diz de direita que e está num beco sem saída. Se meteu com o Trump, Trump não tem mais, fala mal da China, os Chineses são um dos donos do mundo. Pensei: o Cara não é de direita nem esquerda, o cara é um idiota.

30

ARNALDO BARBOSA BRANDÃO

LEMBRANÇAS DO AMAPÁ

Como sabem Amapá é o local onde Sarney fincou seu padrão depois que percebeu que no Maranhão não dava mais, Sarney apesar de estar arrastando os chinelos, ainda manda muito, tanto que emplacou o presidente do Senado um tal Alcolumbre, o que não é pouca coisa. Lembrei de Macapá porque passei um Carnaval lá. Foi uma “bagaceira”. Foi logo que saí da prisão em Clevelândia do Norte na fronteira com a Guiana Francesa, o C-47 me deixou primeiro em Macapá. Era Carnaval, Domingo de Carnaval e eu estava doido pra chegar no Rio onde passaria uma quarentena no navio Raul Soares que estava fundeado na Baía de Guanabara. Levado pela tripulação do avião fui parar no Baile de Carnaval, baile é modo de falar, a música era uma mistura do baticum indígena com Siriri(não confundir com siririca, que é outra coisa) Siriri é uma música de Mato Grosso, derivada da guarânia paraguaia com andamento rápido.. Como foi parar lá não me perguntem, deve ter vindo através das Guianas, assim como o uísque, vodka e outras coisas, ou como o merengue ou como o Carimbó-Sirimbó-Siriá dos paraenses. Nesta época eu era “apenas um rapaz latino-americano sem dinheiro no bolso”. Macapá era um pequeno vilarejo, similar às pequenas cidades de Minas ou Goiás. Para terem uma ideia, Macapá não chegava aos pés de Paracatu. Hoje não sei, meu filho que andou por lá ultimamente diz que não chega, pelo que vi na TV, chega. Como disse, fui levado pela tripulação do avião que sequer tirou o fardamento, foram ao baile fantasiados de piloto, co-piloto e comissário. Lá fiquei amigo de um cara que foi transferido do Rio pra aquelas bandas, o Cara tinha nome de capim, chamava-se Luis Braquiara(não sei por que, mas esse Braquiara me lembrou nome de judeus convertidos já que os portugueses botavam nomes de plantas neles), certamente fez alguma besteira, pois ninguém iria parar naquele fim de mundo de graça. Baile muito animado, lotado de indígenas e alguns brancos e morenos, e principalmente muita bebida, o que significava muito uísque, Vodka, e uma cerveja estranha de rótulo azul e amarelo, tudo contrabandeado das Guianas. Foi um dos Carnavais mais violentos em que estive, primeiro porque todo mundo estava “aparelhado”(as armas também vinham das Guianas), inclusive algumas mulheres, segundo porque o povo não estava acostumado com o Carnaval como brincadeira, pra eles era uma briga, o que tem certa lógica já que o Carnaval do Rio nos inícios(século 18) e até agora é muito violento, Naquele tempo se chamava “entrudo”, com um nome desses já viu né, o Carnaval não era para os “fracos”, jogava-se xixi um nos outros, polvilho e até cocô, se não me engano o Debret immortalizou o entrudo nas suas gravuras. Logo que começou o baile me agarrei no traseiro de uma índia seminua(normal naquelas bandas na época) que disse chamar-se Timbuia Wayãpi, assim entendi no meio do barulhão e da confusão. Estava

acostumado com elas (índias), porque havia sido casado com uma na Fronteira. Nestas alturas vocês podem imaginar meu estado, encharcado de uísque e vodka, mas antes é bom lembrar que tinha saído da cadeia poucos dias antes do baile e estava naquela idade em que o Pinto passava o tempo todo espetando as calças. A Tibuia então me chamou pra rede dela num barraco perto do baile, fiquei atiçado, só que não podia ir sem permissão do chefe da escolta, que estava com uma mulher num hotelzinho meia estrela, bem vagabundo, falei com o piloto do avião, botou o polegar pra cima como quem diz “tudo bem”, igual fazia pra decolar com aquele objeto americano meio estropiado pelo uso e pela velhice. A Tibuia me levou para o barraco e mal entramos foi logo tirando o restinho de roupa, então notei que era igual às outras mulheres, tinha tudo que as outras tinham, e fez questão de me mostrar tudo até o “tucinho”, corpo muito bonito de garota de 16 anos, estirou o corpinho na rede e disse “vem meu bem”, no mesmo instante a luz apagou, escuridão total em toda cidade. O fato é aquele “meu bem” e o apagão generalizado me apagou também, abri a porta e sai de fininho, ficou só a lembrança da Tibuia e sua língua esquisita cheia de erres e esses e seu belo corpo de 16 anos. O “meu bem” saído da boca da Tibuia ficou na minha cabeça por um tempão e vocês devem imaginar por que. Não é que agora a TV me diz que o Bolsonaro vai viajar ao Amapá para acender a luz, que eu saiba o Jair não costuma acender, mas apagar a luz.

31

ARNALDO BARBOSA BRANDÃO

MEMÓRIAS DE CASANOVA

Nesta época eu namorava uma garota do Long Beach, um cabaré que ficava na esquina da Rua Padre Prudêncio com General Gurjão, no centro de Belém. O cara que escolheu o lugar sabia o que estava fazendo. O L.B. como a gente chamava o Cabaré, era uma reles plantinha na grande floresta da sacanagem. Trabalhavam ali de vinte a trinta moças, quase todas do Norte e Nordeste, ocorria uma espécie de rodízio das mulheres, que começava em Fortaleza, passando por Teresina, São Luís e Belém, o grande centro regional, na época. Natal, Recife, João Pessoa, Aracaju e Maceió faziam parte de um conjunto específico no contexto da prostituição organizada, muito mais lucrativo, pela importância econômica de Recife que, não por acaso, era chamada de Recífilis, a venérea brasileira. A ideia era renovar para estimular os clientes, que deveriam ter a impressão de que havia mulheres novas no lugar. Um efeito adicional desse rodízio era dificultar a paixão entre os clientes e as moças, coisa de difícil controle, e que resultava em prejuízos para o negócio, porque muitas delas não cobravam de quem gostavam, como era o meu caso. Cada cabaré empregava, além das mulheres, garçons, seguranças, arrumadeiras, cozinheiras, para não falar nos demais negócios vinculados como o jogo, venda de bebidas, entre outros. Nem sei se é o caso de falar em emprego, porque a maioria das mulheres era mantida sob um regime de escravidão, sequer podiam sair do perímetro da Zona, e eram pagas pela produção, se é que me entendem.

Nesta época eu cantava num cabaré na Beira do Rio Guamá, o dono era um chinês que tinha paixão por uma canção: Dolores Sierra do Wilson Batista (um dos três maiores de todos os tempos). Passei a cantá-la como abertura do show, para isso recebia um

“extra” do chinês. Nesta época eu estava numa boa, aí apareceu a Lepra ou Hanseníase se preferirem, e minha vida virou de cabeça pra baixo.

Nesta época eu gostava de pegar no gol. Me considerava uma mistura de Higuita e Garrincha, futebol pra mim, era antes de tudo arte e humor. Vencer estava em segundo plano. Lembro bem do dia em que o “Presepa” chegou na beira do campo e fez sinal pra mim dizendo que queria entrar no meu lugar. O “Presepa” não jogava nada, o apelido era devido às presepadas que fazia quando dançava num Merengue que havia na Avenida Nazaré. Era desses caras que andava dançando, todas as mulheres queriam dançar com o “Presepa”. Morria de inveja dele, lá muito lá em casa pra me ensinar uns passos especiais do merengue, uma dança da família da rumba que saiu de Cuba, passou pelo Caribe, pegou o rumo de Roraima, atravessou a Selva Amazônica e desembarcou pra sempre em Belém.

Joguei o tênis pra cima ele pegou no ar já aos som do Merengue, que certamente tocava nos ouvidos dele o tempo todo. Saí para encontrar uma mulher, mas felizmente cheguei atrasado, senão seria mais uma a ser obrigada a fazer aquele exame terrível no Hospital Carlos Chagas. O “Médico Amarelo” exigiu que indicasse as pessoas com quem tive contato íntimo durante os três meses anteriores ao aparecimento da mancha no peito do pé. E quem disse que me lembrava, sem a ajuda do meu amigo Araujo não me lembraria nem da metade. Por sorte, acho que não passei a praga pra ninguém, mas não tenho certeza.

Aconselhado pelo Araujo investi de início na religião. Sempre achei o que todo o povo acha: primeiro a religião depois a razão. Foi então que o Araujo, que era amigo de todo mundo, cavou uma audiência com o Arcebispo de Belém, que todos diziam ser o maior “comedor” de toda a Região Amazônica. A Basílica era deslumbrante, lembrava um daqueles filmes do Valério Zurlini(Dois Irmãos e a Moça com a Valise). Como nunca tinha prestado atenção naquela monumentalidade? O Araujo, já ajoelhado, me apresentou ao arcebispo: “sua majestade, este é o pecador que lhe falei”, a mãe dele me pediu que falasse com sua majestade. Mentira do “Doutor”, se minha mãe soubesse que eu estava com lepra morreria antes de mim, mas o Araujo disse que era pra convencer o arcebispo a me receber.

Dom Gaudêncio Ramos sentou-se numa cadeira alta, atrás de uma mesa enorme trabalhada em madeira, a seguir encostou as mãos, uma na outra, como se fosse rezar. Pensei: vai me dar o maior esporro. Começou com uma voz sussurrante de conquistador de almas, e de mulheres, diziam as más línguas. Falava portunhol e pelo bafo que soltava, parecia ter bebido. A seguir, sem mais nem menos, subiu o tom e despejou uma encíclica em cima de mim. Depois mandou que rezasse trezentos padre-nossos e cento e cinquenta ave-marias. E emendou: “isto é só pra começar”, antes de me mandar sair tornou a recomendar: “e nada de muchachas”.

Comecei os padre-nossos no terceiro dia, segundo o arcebispo quanto mais rápido melhor. Fui com o meu amigo Lasvegas, um cara que sabia de cór e salteado todas as rezas, além de tudo conhecia o médico do CMA um frequentador assíduo do Long Beach. O Lasvegas decidiu me levar ao subsolo do CMA pra consultar com o “Médico Amarelo”, que contava uma história esquisita. Dizia que ganhou na loteria no Rio de Janeiro, mas preferiu trabalhar em Belém no hospital militar para tratar de doenças exóticas, era o nome que se dava à montanha de doenças tropicais que assolava toda a Amazônia. De todas a que me causava mais medo era a Lepra, depois a Febre Amarela e a seguir vinha a “Terçã Maligna” uma espécie de malária, que em três dias deixava o cara morto e enterrado.

Entrei no consultório morrendo de medo, ele pegou os exames que eu tinha feito no hospital deu uma olhada rápida, depois foi na gaveta e pegou uma lupa enorme, acho que o Cara era tipo os médicos de antigamente, não acreditava em exames, preferia saber os sintomas e olhar o estrago da doença com aquela lupa, que somada aos óculos de “fundo de garrafa” dele, dava pra ver carapanã no escuro. Resmungou: “ainda bem, está no início, você vai tomar este medicamento aqui, chama-se Dapsone, estou preparando uma pomada para ajudar a paralisar a mancha. Mas há um problema: não pode beber nada de álcool durante dez anos. Acabou-se a farra. Trate de mudar de vida, senão a hanseníase te mata”. Foi assim que me viciiei noutra cachaça: os romances. Comecei com os dez volumes das “ Memórias de Casanova”.

32

ARNALDO BARBOSA BRANDÃO

MEMÓRIAS DE QUANDO FAZIA PLANOS DIRETORES

Lembro que fui fazer o Plano Diretor de Foz do Iguaçu. Meu chefe era o Jorge Francisconi, amigo do Benicio recém-chegado do EUA. O Francisconi era desses urbanistas jovens que acreditava no Brasil, na época havia essas crenças. Usava umas camisas de gola alta que me matavam de inveja. Peguei o pagamento adiantado na tesouraria do CNDU e comecei a queimar a grana logo em Curitiba. Ô lugar difícil pra pegar mulher. Pra vocês terem uma ideia, não havia motéis na cidade, então baixei num inferninho de polacas, quase perdi o avião. Mal saltei em Foz tinha uma manifestação do pessoal do PT contra a construção da Represa de Itaipu, imagine se o Geisel tivesse paralisado as obras, hoje o Bolsonaro despacharia a luz de velas. Itaipu era uma coisa absurda, havia um guindaste ligando o Brasil ao Paraguai passando por cima do Rio Paraná e lá no meio do guindaste um cara praticamente invisível comandando o lançamento de concreto pra tapar a passagem do Rio. Pois é, por isso não fazem mais represas, é que dá um trabalho danado. No aeroporto mesmo contratei um taxi por quinze dias e fui para o melhor hotel de Foz, a Avenida principal me dizia que a cidade nem precisaria de um plano, estava tudo arrumadinho. Comentei com o taxista, ele disse: “o que o doutor quer ver?” Respondi: “a pobreza, a ZBM e um Baile funk”. Ele disse: “basta pegar uma transversal e sair desta pista, isso aqui é pra turistas.” Pensei, pronto, peguei um pessimista igual a mim, é tudo que precisava, porque planejador otimista dá merda, não vê Brasília. Convidei o taxista pra jantar no hotel, afinal o governo estava pagando, comemos um filé de três andares, bebemos o melhor da adega e fui conhecer a periferia, onde, segundo o taxista, havia um Baile Funk imperdível. Mal saí da pista principal, notei que a energia residencial piscava o tempo todo, e iluminação pública simplesmente não existia, esgoto? Nada. Água? Só de poço. A energia era fornecida por um autônomo que comprou um gerador e cobrava luz de todo o bairro. Fiquei abismado, então estavam construindo uma hidrelétrica de bilhões de dólares e do lado de lá da pista não havia energia? Atravessamos uma rua escura e ouvi o batidão do funk: “tchutchuka, tchutchuka linda/vem cá no teu tigrão/ vou te jogar na cama e botar muita pressão”. Paramos o fusquinha na porta, apareceu uma mulata gordona e nos empurrou pra dentro, desembolsei um bocado das notas, mas tudo bem, o taxista fez um sinal com o polegar pra cima: “olha ali, Doutor”. Vocês não fazem ideia da beleza e do tamanho da louraça que me chamou na meia-luz do salão. E o batidão comendo solto: “tchutchuca, minha tchuchuca linda...”Me agarrei com a louraça, ela me disse no

ouvido: que queres meu tigrone”. Eu disse: tudo e mais alguma coisa. Lembro que na confusão ainda vi o taxista fazendo sinal de “não” com a mão direita. A esta altura não tinha mais volta, já tinha sido engolido pelo batidão do funk, pela multidão e pela louraça argentina. Quando acordei dois dias depois, enfiei a mão no bolso e achei umas pratinhas de dez cruzeiros, ainda não haviam inventado estas moedinhas chatas de real que não valem mais nada. Depois de muito esforço consegui enfiar as calças, a cueca perdi para sempre, e finalmente alcancei a porta do cabaré de terceira categoria, minha sorte é que o taxista estava me esperando, e do lado do carro dele um camburão que ele tinha providenciado, achando que eu tido morrido ou desaparecido naquelas barrancas do Rio Paraguai, mas como dizia minha penúltima mulher: “vaso ruim não quebra”. Aí juntei os cacos e comecei a fazer o tal Plano que o Francisconi havia me encomendado. Deve estar arquivado em alguma prateleira velha de algum ministério vagabundo desses, onde hoje estão empoleirados um monte de apadrinhados de políticos do PT, PMDB, PSDB, etc. e tal. Agora vocês veem como são as coisas: passados mais quarenta anos o Francisconi me manda um email me convidando pra fazer o Plano Diretor de Brasília. Respondi na hora: Ô Francisconi, aí em Brasília tem Baile Funk? Disse que não sabia dessas coisas. Aí peguei meu Aifone e liguei pra minha amiga MC Kaline. Ela disse que havia pelo menos uns trinta na periferia e que no Plano Piloto não tinha, “é um pessoal que não gosta de barulho de música, prefere o das motocicletas e dos bares”. Sentei no meu Porsche Carrera que comprei com a grana que ganhei trabalhando para a PETROBRÁS e me mandei pra Samambaia, encontrei a MC Kaline com um shortinho arrocado e uma dezena de negras bundudas vindo na minha direção já no ritmo do Funk : “O bonde das maravilhas é a nova sensação/ pra começar chama a Karol do popozão”.Acordei na piscina da MC Kaline, examinei meu corpo, estava na água e parecia inteiro, examinei o Pinto, ficava boiando, parecia ter morrido, olhei em volta, silêncio total, parecia minha quadra de manhã. Da beira da piscina avistei a Esplanada dos Ministérios. Ouvei o batidão do Funk distante: “Tchuchuka, vem cá minha tchutchuka”. Pensei: tá tudo dominado.

33

ARNALDO BARBOSA BRANDÃO BRANDÃO MEMÓRIAS DO CÍRIO DE NAZARÉ

Hoje dei uma de Proust, senti uns cheiros esquisitos e voltei no tempo. Era cheiro do Tacacá, Açai, Tucupi, Maniçoba e até Caruru. Dizem que é a maior festa religiosa do Brasil, talvez do mundo (sabe como é tudo no Brasil é o maior do mundo). Na “republica” em que eu morava o pessoal comentava jocosamente que era a maior reunião de cachaceiros do Pará no Largo de Nazaré, onde ficava a Igreja e também a Pensão da Dona Alice onde morei algum tempo, havia ainda cinemas(a TV ainda não havia chegado por aquelas bandas, nem o celular e muito menos telefones públicos) e bares, muitos bares e até um circo onde conheci uma mulher infernal, a “Mulher Elétrica” que lá trabalhava. Nesta época, o Largo de Nazaré era uma espécie de segundo Centro, o primeiro era o “Centro da cidade” cuja rua principal era a João Alfredo. Como ia dizendo, a festa durava quinze dias(15 a 30 de outubro), quanto mais pobre o povo mais tempo a festa dura, não vê o Carnaval da Bahia que começou com três dias passou pra quatro e hoje já está em um mês, isto pra não mencionar o Rio onde os ensaios das Escolas de Samba começam depois do Natal e vão até o começo do Carnaval. Voltando à festa,

lembro que frequentava a “Barraca da Santa”, um lugar separado da turba, coberto, se não me engano tinha até ar condicionado, que naquela época era um luxo. O lugar era frequentado pelas famílias ricas da cidade, as garotas da “alta sociedade”(como se dizia na época) funcionavam de garçonetes (como se tivessem pagando seus pecados), e a comida era de primeira. Na “Barraca da Santa” pontificavam políticos de alto escalão, o alto clero, funcionários e militares graduados. Nesse tempo, Belém vivia a decadência depois do ápice da fase da borracha, praticamente não havia classe média, que era representada por militares e pequenos comerciantes. É claro que eu não tinha grana pra frequentar tal ambiente, ocorre que namorava uma das garçonetes da “Barraca da Santa” que se chamava Maria de Nazaré(nome comum na cidade), ela trazia toda a comidaria: tacacá, açaí, caruru(que conforme me contaram veio da Bahia trazido pelos soldados baianos e suas mulheres que vieram combater a Revolta da Cabanagem em 1835) e uísque a granel, que em Belém na época era mais barato que cerveja, devido ao contrabando. Somente eu e meus amigos não pagávamos nada, era o amor passando por cima(ou por baixo) da religião, da Santa e do Bispo de Belém que arrecadava a grana. De vez em quando lembro da Maria de Nazaré e fico pensando: onde andaré com sua delicadeza e sua beleza singular, uma loura numa terra de morenas. Ao mesmo tempo olhava a procissão de homens suados segurando uma corda que separava a Santa e seu carro todo florido, do povaréu que jorrava como o Rio Amazonas na direção da Baía de Guajará, que banhava Belém e sua região. Lembro ainda que o calor era acachapante, ensopava as roupas, as maquiagens se deturpavam e tinham que ser refeitas a todo momento, o fedor exalado por todos aqueles corpos nunca me abandonou, até hoje aterrorizam minha memória quando tento me lembrar da procissão. Lembro de Dom Gaudêncio Ramos, o Arcebispo de Belém todo paramentado como se fosse a um baile carnavalesco, a mim parecia que este era um grande dia pra ele, onde fazia seu sermão para uma igreja cheia, na sua grande maioria mulheres e então dispararia suas rajadas de eloquência num português espanholado. A rigor só entrei na Basílica uma única vez, quando peguei lepra e fui pagar uma promessa aconselhado por amigos, então fiquei maravilhado com os afrescos no teto que me lembrou um filme do Valério Zurlini (cineasta italiano genial de poucos filmes) talvez tenha no google mas não garanto. O fato é que a Nossa Senhora de Nazaré funcionou, afinal ainda estou por aqui.

34

ARNALDO BARBOSA BRANDÃO

MEMÓRIAS DO HOSPÍCIO

Antes de me levarem comprei hoje um livro chamado “Adultério”. O autor é o nosso mais importante escritor. Vendeu mais livros que Jorge Amado. Morou na Avenida Atlântica no Rio, foi parceiro do Raul Seixas, ele fazia as letras e Raul as músicas, esteve no Pínel uns tempos devido às drogas, naqueles belos dias dos anos sessenta. O livro é da Sextante, uma das mais prestigiosas editoras do País, não sei se faliu o Benício deve saber. O autor tem todas as credenciais para torná-lo um dos maiores nomes da literatura brasileira em todos os tempos. Sua obra já foi publicada em 168 países, tem o livro brasileiro mais vendido no mundo em todos os tempos(pois é, vocês pensam que só brasileiro que lê besteira). O autor é membro da Academia Brasileira de Letras e Mensageiro da Paz das Nações Unidas. O cara é um fenômeno e só pra nos espicaçar

diz na última página que mora em Genebra. Nestas alturas, alguém poderia dizer aquelas coisas de sempre: “os livros dele são uma merda, o nosso povo é analfabeto, por isso vende muito”. Infelizmente não é tão simples. Não consigo entender. Resolvi dar uma olhada no livro, quem sabe entenderia. Comecei pela capa. Branca. Na parte de cima há o nome do autor em vermelho, no centro atraindo todos os olhares, três cerejas vermelhas, na parte de baixo fica o título em preto. A orelha faz um resumo bem simples e direto da história, que é contada por uma mulher. Até aí tudo bem. O último parágrafo da orelha diz quase tudo sobre o estilo rastaquera do autor: “Agora ela fará de tudo para conquistar esse amor impossível, e terá que descer até o fundo do poço das emoções humanas para enfim encontrar sua redenção”. Pensei: tô fodido, não vou aguentar ler essa porcaria. Estava neste ponto quando ouvi na TV que o Gabriel Garcia Marques tinha morrido, cheguei mais perto e lá estavam os jornalistas dizendo aquelas abobrinhas de sempre. Joguei o Paulo Coelho pela janela e fui ler uma entrevista do Gabriel feita em 1981, (ainda não tinha ganho o Nobel) para a Paris Review. Muito interessante. Ele estava num dia bom, falou de tudo com tranquilidade, entre outras coisas disse que ele escreve o verdadeiro “realismo socialista” (esnobou o Manuel Scorza que inventou o realismo mágico, esnobou Alejo Carpentier esnobou o Julio Cortázar), disse que a revolução cubana teve um efeito negativo sobre a literatura o que é verdade. Disse que não aceitou que fizessem filme sobre seus livros, sua agente fixou o preço de um milhão de dólares, e por aí foi metendo pau nos críticos como todos os grandes fazem. No mais disse o feijão-com-arroz de sempre, com apenas uma exceção: que o mais difícil é escrever o primeiro parágrafo. Pode-se levar dias e até meses no primeiro parágrafo de um livro. É claro que li as aventuras do Coronel Aureliano Buendia, mas o que mais me emocionou foi “O Amor nos Tempos do Cólera”. Lembro de ter lido quando estava internado no Hospital Psiquiátrico. O primeiro parágrafo é proustiano. “Era inevitável: o cheiro das amêndoas amargas lhe lembrava sempre o destino dos amores contrariados.” Lembro que o médico me proibiu de ler o romance, mas eu o escondia debaixo do colchão, e bastava alguém se aproximar que eu deitava no colchão com a intenção de dificultar o acesso ao livro. Houve uma vez que fiquei fissurado num texto em que o personagem (Doutor Juvenal Urbino) ensinava o papagaio a falar francês como um acadêmico, para isso tinha “apelado para os recursos mais árduos de sua paixão pedagógica”. Justo neste instante me aparece o Doutor Teógnis, o mais truculento médico de onde eu estava. Pulei pra cima da cama como se fosse um gato, pensando em retomar a leitura mais tarde. Vieram três enfermeiros fortões me agarraram e me jogaram no chão e então o Dr Teógnis mandou levantar o colchão. Só havia o livro e um montão de comprimidos de Carbamazepina espalhados em cima de um papelão, escondia os comprimidos do Teógnis embora ele me fizesse abrir a boca e beber água, mas eu botava os comprimidos debaixo da língua.

35

ARNALDO BARBOSA BRANDÃO

MEMÓRIAS DO SUPREMO

Fala B. Tralha! Aqui é o Marão da redação. “Bom dia Chefe, acabei de chegar de um Baile Funk no Paranoá, ainda estou com o batidão na cabeça: “Tchuchuça, Tchuchuça, vem cá no teu tigrão.” Ô B-Tralha, se manca rapaz, este é um veículo sério pô, e não esqueça que tu tá no Supremo, fica dando bobeira aí que o Fux te bota na lista do Ali

Baba e te manda pro xadrez e ainda tira tua peruca, e se ele souber que você comprou o diploma na Ceilândia, aí tu tá fodido, pensa que eu não sei. Fala baixo Chefe. Olha aí B-Tralha, prestenção, saiu a declaração do Marcelo Odebrecht à Veja: “Tô mais quebrado que arroz de terceira, de tanto pagar adevogado”, sei não chefe. Issh! B-Tralha, o juiz Mello entrou na sala com 894 pastas, diz que vai detonar os réus um por um, sem dó nem piedade. Aquele que é primo do Collor? Pra você vê B-Tralha, o Brasil é interessante, de tempos em tempos aparece alguém pra nos lembrar que no deserto ainda há vida. Assim tivemos Lampião e o Conselheiro que se deram mal. Teve Zumbi dos Palmares que se deu mal. Apareceu o Barbosão e o Moro que se deram mal. Que personagem o Barbosão né B-Tralha, agia como o dono da Casa-grande, se espichava na cadeira de balanço, atrás dos óculos de fundo de garrafa você não via nem um leve sorriso, só dava pra notar certa satisfação oculta, que parecia estar guardada há séculos. Ele sentava na cadeira de balanço e lascava o pau: “corrupção ativa e passiva, formação de quadrilha, lavagem de dinheiro, bota na cadeia e mete o chicote”. O muito que tenho de negro e de pobre (existe uma cultura da pobreza que não se desgruda de você – leram Oscar Lewis?), se assanha, eu digo pra mim mesmo: “adorava o Barbosão e o Moro.” “Ô chefe, o Barbosão tá em Miami”. Quanto aos outros juízes? Dá pra sentir no ar o que estão pensando. Afinal ali está a elite jurídica brasileira, que, como dizia um advogado meu amigo: “é uma casta”. E o Barbosão mandando ver. Barbosão andou lendo o Boaventura Santos, ele quer o direito com um componente “emancipatório”, entenderam? Olha aí Marão, não adianta falar essas coisas, teus leitores do Facebook não sabem nada disso, talvez o Benício que já foi adevogado, ou o Timm, ou o Castro ou então o Timothy. Quem sabe o Mozart Serra, a Palazzo que frequenta os arabescos antigos. E o Temer mal assessorado como sempre. Ô B.Tralha, me diz aí, você que entende dessas coisas, que já foi em cana várias vezes: quantos anos vai pegar o Cabral? Bem, $3 \times 9 = 27$, nove fora nove, sobram 3, abate 30% da comissão, sobra 2 anos na especial, com direito a sair de manhã e voltar no outro dia cedo. E o Dirceu? Vai pedir asilo a Cuba, que é mais ou menos como morar na Bahia sem ter que ouvir a Ivete Sougalo e o Carlinhos Bronha. Peraí Marão, decisão importante dos juízes: o julgamento só pode ser transmitido depois das dez da noite, dizem que tem muita sacanagem. Ô B. Tralha, tu só pensa em sacanagem e Baile Funk, pô, quero saber o que está nos autos do processo. Olha Marão, o procurador disse que a grana foi levada num carro da Drinks, então já viu, né. Sei. Mas o que está nos autos? Não foi nos autos, foi por baixo. Já vi que tenho que explicar para o B.Tralha o que é um processo. Estava fazendo a ESG, foi lá um juiz do Supremo, acho que o Moreira Alves. O título da palestra era “O Processo”. Lembrei-me do Kafka por Orson Welles. Aí ele falou, falou, e ninguém entendeu nada, nem os “adevogados”. Só entendi a frase final: data vênica, que também não sei o que é até hoje. Se bem que o juridiquês parece ser coisa do Brasil, outro dia li o Kelsen, só os adevogados devem conhecer (Teoria Pura do Direito). O assunto era uma pedreira, mas o texto é claro, cristalino, límpido, e olha que o cara era austríaco e escreveu no século passado. Ô Marão, pra que tu vai encher tua cabeça com essas coisas, com tanta mulher por aí, francamente não te entendo. O B-Tralha está chamando, deve ser importante. Fala B. Tralha! Olha aí Marão, acabaram de entrar os juízes em fila indiana, daqui pra frente tudo pode acontecer. O presidente disse que o procurador vai fazer a denúncia. Ih Marão, a coisa aqui ficou esquisita: o procurador chamou o homem de confiança do Lula, de “chefe da quadrilha”, diz que roubaram milhões, eu prefiro desviaram, afinal não são larápios tipo aqueles que o senhor conheceu nos morros do Rio. Essa foi demais, alguma coisa fizeram em cima do procurador, que não procurava nada e achou de repente. Tomou um Lexotan e fez como o Roosevelt aconselhava: “fale baixo e leve um porrete”. Pois é, fiquei chocado, nunca acreditei no tal petrolão, acho que é coisa dos PIGs. Eu pergunto Marão, como o cara

pode criar uma “quadrilha” dentro do Planalto, e ninguém sabia? Eu não aceito B-Tralha. Zé Dirceu puxava as passeatas e eu ia atrás, Genoíno também não aceito, o pessoal do PTB, o partido do Gegê. Delúbio não sei não, o cara com um nome desses deve ter saído do horóscopo de alguém. Do meu é que não foi Chefe. Ô B.Tralha, me diz, e agora como vai ficar a política: o PT, PSDB, UDN, a PM, PF, o jogo do bicho, o contrabando, o Beira-mar? E o Cachoeira, e a Floderlis? Preciso saber qual o bicho vou jogar hoje, me diz: jogo no gato, cachorro ou veado? Olha Marão, melhor jogar no bode. Pois é Marão, até agora os réus não deram as caras. Nunca tinha visto julgamento sem réus, nos filmes que vi os réus são os primeiros a entrar. Peraí B.Tralha, não aceito que chamem o Malafaia, o Crivella e o Aécio de réus. Marão, não adianta não aceitar, já está nos jornais, na Internet, agora adeus babau, é igual as fotos da Carolina Dieckman pelada, ninguém tira mais, milhares de punheteiros já estão com as fotos pregadas nos banheiros com o picholão esticado e gemendo ahm-ahm-ahm. Os advogados dos réus também vão ter que esticar o picholão, fazer o mingau engrossar, vão montar um teatro que até Pirandello (Assim é se lhe parece, conhecem?) ficaria impressionado. Vão plantar bananeiras, chutar o pau da barraca, levantar as saias das periguetes, em suma, vão jogar Viagra em pó no ar. Ô B.Tralha, vê se não exagera, comporte-se homem, afinal esta reportagem agora sai em tabloide na Editora Verbena do Benicio, então mais respeito. Tá Chefe, desculpe, ainda tou como o Baile Funk na cabeça: tchutchuca, tchutchuca, vem cá no teu tigrão. É. Vou ter que demitir o B-Tralha. Olha aí B.Tralha, saiu o resultado final e definitivo. O juiz Moro que prendeu uma porrada de gente agora vai preso, até o Dalanhol foi pro xadrez. Meus informantes secretos dizem que não ficam nem um ano em cana, está sendo providenciada uma anistia ampla, geral e irrestrita. Não disse Chefe, melhor voltar para meu baile Funk no Paranoá. Tchuchuca, tchuchuca, vem cá no teu tigrão, vou te pegar no colo e botar muita pressão.

36

ARNALDO BARBOSA BRANDÃO

O ANIVERSÁRIO DO BRASIL VEM AÍ EM SETEMBRO

O problema do Brasil é a certidão de nascimento, que geralmente traz a data de nascimento, lugar e o nome dos pais. Infelizmente nascemos na contra-reforma (movimento que se opôs a reforma protestante), e na parte de baixo do mapa (fora das rotas comerciais do ocidente). Além disso, os pais (Portugal e Espanha), embora fossem importantes nos anos do descobrimento, entraram em decadência nos 300 anos seguintes (período da colonização) perdendo poder especialmente para a Inglaterra, mas também para a Alemanha, Holanda e a França, e EUA. Portugal ainda fez muito: manteve e expandiu o território, uma especialidade dos portugueses. A Espanha nem isso, só queria o ouro. Otavio Paz, o maior poeta latino, sugere que é mais profundo. Ele acha que a contra reforma enraizou uma “cultura” que foi transferida de Portugal e Espanha para a América Latina e o problema é essa “cultura”. Para complicar, ela valoriza a pobreza: (“é mais fácil um camelo passar pelo buraco da agulha do que um rico entrar no reino do céu”) e não valoriza o “trabalho”. Por isso Nelson Rodrigues dizia que o subdesenvolvimento não é coisa que se improvisa, é uma construção de séculos. O fato é que vivemos mais de 450 anos debaixo do tacão da contra-reforma, e todas as tentativas de modernizar o país (Pombal, etc.) encontraram uma resistência feroz nos seus seguidores. A conhecida reação “entrega a Deus” ou então, “deixa pra lá, é assim

mesmo”, é parte desta “cultura”. Bem, o restante é explicado pelos economistas e sociólogos: “povo cordial (coração) do Sergio Buarque de Holanda”, ou seja, não muito racional, exploração pelas grandes potências europeias desde o nascimento, depois exploração pelos EUA. Demora em acabar com a escravidão. E principalmente, a formação de uma estrutura sócio-política do tipo feudal, que só recentemente começou a ser desmontada pela agricultura do grande capital e pelas corporações estrangeiras. É só olhar o Congresso, Judiciário, Universidades, Exército, Marinha, OAB, IAB, Academia de Letras e outras instituições, pra vermos porque não vencemos o feudalismo. “Ah! O passado, o passado, é ele quem governa o futuro e o presente”. Mas vamos ao que interessa agora. Só recentemente(depois da Segunda Guerra), os países centrais(que estão no centro do mapa mundi) passaram a se interessar pelo Brasil e suas adjacências. Foi nessa que viramos economia exportadora de commodities (antes era só o café), embora tenha havido tentativas fraudadas de industrialização, mas isso exigia uma política econômica o mais técnica possível (para que não fosse contaminada pelo sistema feudal), por isso os Ministérios podem ser ocupados por qualquer ignorante, mas o Banco Central e a Fazenda, não. Se não fosse essa imposição antiga dos americanos, não sei em que buraco estaríamos nestas alturas. Nos princípios havia a “direita”, que era remanescente dos movimentos fascistas que ocorriam na Europa, aos quais aderiu Plínio Salgado (que foi exilado) e a esquerda marxista, que era remanescente das ideias da revolução russa, as quais aderiu Prestes(que foi exilado e depois preso). Quem prendeu e exilou ambos? Getúlio, é claro. E quem ferrou Getúlio? Lacerda, que havia sido comunista na juventude e depois foi para a direita, que se opunha a Jango (fazendeiro vizinho de Getúlio em São Borja que foi parar no Alvorada). Havia um “Centro”? Sempre houve, era gente preocupada com seus pequenos negócios, na política se vinculavam ao PSD, quando a massa urbana amplificou-se e o funcionalismo se expandiu então houve certa expansão do que se chama “classe média”, que segundo os estudiosos dariam alguma estabilidade ao País. É neste contexto de alta urbanização que aparece Juscelino. JK era maçã de outra árvore

JK é extração de Minas, gente sonhadora do Sertão. Jânio era um corpo estranho. Jânio era louco (por poder), quem tinha juízo ali era Dona Eloá, a mulher dele, que criou aquelas emas do Alvorada, que sobrevivem até hoje. Tentou um golpe (o Jânio e não as Emas), os militares não toparam. Quem ferrou todos eles (Jango, Lacerda, JK, Jânio e até Brizola)? Golbery(estrategista de 64). É dele a frase de que Lula acabaria com esquerda no Brasil. Acabando a esquerda acabaria a direita, um não vive sem o outro. O Problema é que Lula quase acaba com o Brasil. Lembro de um debate sobre cinema, noite estrelada e lua cheia de agosto na UnB, aquela confusão, esquerda\direita, lá pras tantas, levanta-se no meio da multidão um sujeito todo de branco com boné azul e se anuncia: “eu sou o poeta José Godoy Garcia e vou lhes dizer: “Glauber está acima da esquerda e da direita”. Agora tem um pessoal aí querendo transformar Glauber em vítima da tal ditadura. Glauber não nasceu pra ser vítima de ninguém. É por isso que só um poeta pode dizer por que não demos certo, e um grande poeta, e latino (Octávio Paz), nascido num país trágico, sim, porque conforme outro poeta, a norte-americana Elizabeth Bishop, que viveu e morou por aqui : “O Brasil é triste, mas o México é trágico”. Tem gente que acha o Brasil alegre, deve ser por causa da transmissão do Carnaval feita pela TV, ou então estão confundindo o Brasil com um domingo de praia no Rio, ou olhando pra si mesmo. Não precisam ir tão longe, Guimarães Rosa ou Lima Barreto ou mesmo Graciliano e até Amado, lhes dirão se o Brasil é alegre. Bem amigos, setembro vem aí, é hora de dar uma olhada no horóscopo, ver se um dia chegaremos ao centro do mapa-múndi. Para isso ninguém melhor do que o Leopardi (poeta das estrelas) que

certamente lerá seu verso mais famoso: “Oh estrela fiel e pura, quando me darás uma oportunidade menos efêmera?”

37

ARNALDO BARBOSA BRANDÃO

O CARRO DE GURGEL

Vi muitos presidentes passarem por aqui, Bolsonaro até agora foi o pior, depois teremos outros. Dilma era como minha faxineira, depois que ela passava não ficava pedra sobre pedra. Duvido que o Temer consiga achar o lápis de sobancelha e a tinta de cabelo. Vi JK e sua polidez, vi Jânio que queria acabar com as brigas de galos e que condecorou Che Guevara com a medalha do pacificador (logo o Che que fuzilou centenas em Cuba). Vi Jango, que queria reforma agrária na lei ou na marra, se tivesse conseguido o PT não teria massa de manobra hoje em dia. Vi a sisudez dos militares. Vi o Collor e sua arrogância jovem, vi o Itamar, Sarney, vi Lula e até Tancredo. No dia da morte do Tancredo pensei na grande poeta americana Elizabeth Bishop, dizia ela que o México era trágico, mas o Brasil era triste. Nestes cinquenta anos em que moro em Brasília já vi de tudo. Quando cheguei as árvores eram recém-nascidas, o Lago Paranoá(a obra mais importante da cidade) acabara de encher. Nos últimos anos aprendi que o Brasil é trágico. Lembro que quando cheguei em Brasília o Rio já era um caos(não para os ricos, é claro), nas ruas a multidão de desempregados e subempregados, as favelas cresciam a olhos vistos, faltava água e luz. Como estava saindo de uma das minhas prisões que frequentei, raciocinei: preciso arranjar um lugar pra me esconder, conversei com um amigo do meu pai que havia matado uns caras no Rio, então ele me disse: estou tirando uma nova identidade, vou pra Brasília, o Rio está muito perigoso. Parecia que ia dar certo, Brasília crescia no meio do cerrado, emprego era mato, lembro da fila ao longo da W3 pra comprar merda. Isto mesmo, merda pra fazer exame de fezes exigido pelas empreiteiras. Como os candidatos ao emprego estavam cheios de lombrigas, melhor era comprar a merda garantida no camelô. Pensei que ia dar certo, o problema é que as multidões de pobres do Sudeste, Nordeste e Centro-Oeste pensaram o mesmo que eu, aí vieram as cidades satélites, as favelas, a periferia degradada, foi então que alguém teve a infeliz ideia de fazer eleições diretas para governador de Brasília. Pra terem ideia da coisa, até os anos oitenta Brasília não tinha sequer sinais de trânsito. Até que apareceu um sujeito que ganhou altas comissões e encheu a cidade deles, desde então o trânsito virou um inferno. Toda vez que penso no crescimento das cidades me vem a cabeça um poema do Saint-John Perse: “as cidades crescem enquanto as mulheres sonham”, uma alusão ao caráter talvez confuso dos sonhos femininos. Cabeça de poetas tem cada coisa. Por falar em sonhos, lembro que faz pouco tempo estávamos muito otimistas com o futuro. Foi então que o PT entrou no governo, mas eu no meu pessimismo crônico de quem sabe onde está pisando, sempre pensava: não demora e os gringos resolvem seus problemas financeiros, o Dólar começa a subir de preço (como já aconteceu antes), a inflação vem com tudo e voltamos para o lugar que nos pertence desde sempre: os subúrbios do mundo. Ali entre Madureira e Cascadura, se preferirem, entre Ceilândia e o Sol Nascente. Pergunta importante que o grande Schumpeter faria: qual a única inovação na área biomédica, tecnológica, ou em qualquer área, criada no Brasil? Que eu me lembre foi a “bicicleta” do Leônidas da Silva e a rodopiada com a bola no ar do Ronaldinho Gaúcho(Benício me desminta se não for verdade). Ia me

esquecendo, houve a descoberta da doença de Chagas, de como o mosquito infectava, onde ele se escondia como era a cara dele. Resultado: todos os anos morre um monte de gente com a doença de Chagas, aqui bem perto de Brasília. E agora morre mais um monte de Zika Virus, Chikungunha, Dengue hemorrágica e o Coronavírus e outras barbaridades. Por que será que com a gente nada dá certo. Isto vem desde a viagem de Cabral que ia para as Índias buscar pimenta do reino e acabou batendo os costados aqui, para acabar com a tranquilidade dos nossos índios que passavam o dia todo na rede e mandavam as mulheres trazerem a comida. Pensando bem, se Napoleão não resolvesse botar D. João VI pra correr, hoje estaríamos em situação bem pior, e mais importante: não teríamos a Biblioteca Nacional, o Museu Nacional, nem o Jardim Botânico. Não teríamos a Lapa, nem Santa Teresa e nem a Favela dos Prazeres, onde morei uns bons anos. Agora temos esta conversa fiada dos políticos, de economistas, de partidos políticos e mais uma porção de torcedores, que, das cadeiras numeradas dos novos estádios afirmam com todo o fervor: agora vai. Agora o Bolsonaro vai governar. Desculpem, mas não acredito. Estou cansado. Um país que não consegue ser a matriz de uma fábrica de automóveis, até os coreanos já tem umas três ou quatro. A única tentativa de fazer uma foi do Gurgel, um cearense arretado que pegou o motor do fusquinha, a transmissão do fusquinha, a suspensão do fusquinha e chamou o carro de Gurgel. Quase deu certo. Não tem jeito. Há várias teorias que tentam explicar porque não dá certo. Será o clima? Será o povo? Será a religião? Serão as instituições? Serão os políticos? Também tenho a minha teoria: explicarei qualquer dia.

38

ARNALDO BARBOSA BRANDÃO **O ESPÍRITO DO DESARRUMADOR**

Um belo dia fui à Igreja Universal no final da Asa Sul, calhou de ser numa terça-feira, dia em que os espíritos demoníacos iriam baixar por lá. Fiquei impressionado com o conforto: ar condicionado, cadeiras estofadas, etc. Lá pra tantas foi aquele pega-pá-capá, baixou o “espírito do desarrumador”, simpatizei com ele à primeira vista, o pastor tentou de tudo, até que teve que jogar um balde d’água no cara. Bem, depois frequentei uma “Assembleia de Deus” no Guará, o pastor apontou o dedo pra mim no meio da multidão (uma honra) fui escorregando na cadeira tentando me esconder, até que ele disse: “você de camisa vermelha”. Cismou que ia dizer como eu sou e seria no futuro. Era um “profeta”, tinha vindo de Minas, terra de “profetas”. Foi na época do bafafá da cassação de um deputado, estava cheio de pastores-deputados na igreja, pra ouvir o que o “profeta” tinha a dizer a cada um deles em particular. No meu caso acertou quase tudo. Disse que eu era muito rico e que escrevia bem. A igreja estava coalhada de gente pobre. Estive um dia numa igreja bem simplesinha nas quebradas do Paranoá. No final do culto, fizemos uma vaquinha pra levar os crentes em casa numa Kombi. “Ah, mas os caras tomam o dinheiro do povo, dizendo que se contribuir pra igreja a vida do crente vai melhorar”. Vi como funciona e vou contar pra vocês. Na Universal, na do Malafaia e do Valdomiro pedem dinheiro abertamente. No Ministério da Fé, aqui no início da Asa Norte, são pedidos eventuais, mas vale a pena dar uma chegada por lá, como tem mulheres bonitas. Na Assembleia pouco se falou em dinheiro. Na Universal, primeiro eles chamam quem vai doar 5.000,00 Reais, aí desce um sujeito (deve ter combinado com o Pastor, pra estimular os outros), depois ele chama os que vão doar

2.000,00, depois 500,00, até que chega em 1 Real. Eu ia nessa. Claro que há os ambiciosos que doam muito pensando em ganhar muito. Eu doava 1,00 porque não pensava em ganhar nada. É a vida. Estive em todas essas igrejas porque tive uma mulher que era evangélica. Já Marina começou sua vida na igreja católica, queria ser freira e assim foi entre cânticos e rezas e fome e doenças, deve ter tomado muito medicamento pra malária, daí aquela cor cinzento-amarelada. Logo aprendeu que talvez devesse tentar um lugarzinho no céu, porque na terra não seria fácil sobreviver. Até que apareceu o MOBREAL, esse Mobral que eu achava demagogia dos militares, mas que para Marina abriu as portas da leitura. Ler é tão fundamental que devíamos já nascer sabendo. Querer saber nas asas da Bíblia nos obriga a ter uma visão fragmentada do mundo. A Bíblia são diversas narrativas. Li num desses jornalecos da internet: Marina tem uma visão fragmentada da realidade. Pensei: eu também. O tempo voa, não demora chega o Natal. Qualquer dia vou ficar em casa escrevendo uma história de Natal: “O menino nasceu numa manjedoura, pobre, carente, despojado de tudo. Qual era a religião dele? Judeu? Acho que não, foi crucificado com a ajuda deles. Católico? Ainda não existia o catolicismo. Evangélico? Só apareceram depois de Lutero, mais de mil anos depois que Ele nasceu. Talvez existisse o Candomblé com suas entidades. Ou Confúcio e Buda. Quem sabe? Talvez por isso Riobaldo Tatarana, com toda a sua sabedoria, preferisse “beber em todas”. Pensando bem, não é má ideia.”

39

ARNALDO BARBOSA BRANDÃO

O FUNK DO BOLSONARO. MEMÓRIAS DE UMA REUNIÃO NO PLANALTO

“Tchutchuca, tchutchuca, vem cá no teu tigrão/vou te botar no colo/vou botar muita pressão”. Já tivemos presidentes loucos, tipo Jânio Quadros, que era louco mas não era burro, já tivemos ministros dementes, em suma, já tivemos de tudo, contudo faltava-nos um Cara como o Bolsonaro com seu estilo particular em que porra funciona como virgula. Só faltava ele pra fechar meu álbum de figurinhas. Imagine que nestas alturas ele decide fazer um plano de governo. E quem ele chama? Uns quarenta caras que têm ideias diferentes do seja um plano e do que seja governo democrático, alguns deles sequer sabem o que é um “Plano de governo” e outros não sabem o que é democracia. Pois bem, para completar o Bolsonaro resolve coordenar a reunião, um cara que não está preparado nem pra coordenar uma reunião de condomínio. Resultado: foi aquele “bafafá” e ninguém sabia bem o que estava sendo discutido, se era o “plano” ou se era a segurança do presidente, meio-ambiente ou os valores da ministra Damares, que no final de sua fala ameaçou prender governadores e prefeitos, mas a ministra Damares está desculpada, não sabe o que fala mesmo. E qual era o “plano” que se pretendia discutir? Um tal plano Pró-Brasil com dois programas que se chamavam “ordem e progresso”, adivinhem donde tiraram esses nomes tão criativos? Aí pegaram um general pra coordenar o plano, era normal então que ele chamasse a “coisa” de Plano Marshall que talvez seja do tempo dele, um cara treinado pra fazer “planos de guerra”, aí entra em cena o Guedes e disse com todas as letras que não se fazem mais planos do tipo que o general estava pensando, baseado em recursos públicos e digo eu que não fazia sentido um País como o Brasil ter um “Plano Marshall” simplesmente porque não emitimos dólares. Daí a discussão desandou e o Bolsonaro atacou o Moro pelo flanco

direito na região do fígado, Moro respondeu com um cruzado de esquerda na região da Baixada onde estavam os filhos do Bolsonaro e onde o Queiroz estava escondido. Por falar nisso, o Moro que se cuide, andou prendendo muitos ladrões, e no Brasil isso é perigoso, O fato é que há defensores do plano do general, por exemplo. o Marinho que está de olho nas obras do DNOCS que o Centrão já abocanhou. O Doutor Nelson quando viu tudo aquilo pensou: vou sair de fininho e saiu mesmo, o Cara do BNDES meteu o pau no Lula que andou distribuindo a grana a torto e a direito, o Cara do Banco do Brasil que eu conheço de Teresópolis(tremendo mulherengo, e quem não é?) defendeu a privatização do BB, não é que eu discorde dele, mas nestas alturas, nem vai ter compradores, né. Finalmente entra em cena o pessoal do juridiquês porque o Weintraub disse as besteiras de sempre e depois se mandou pros EUA, então para completar o Toffoli e mais uns quatro pegaram o Coronavírus, que estava quietinho na reunião, apesar de todos estarem sem máscaras, só o Teich falou do plano dele mas ninguém quis ouvir porque ele sempre diz que precisa de todos os dados. De repente aparece o Bolsonaro, o Rodrigo e o Alcoolumbre e dizem que agora vão economizar(deviam começar vendendo as mansões onde moram)vão fazer o ajuste fiscal. Aí quando eu menos esperava quem aparece na minha tela: o Temer fazendo média com os árabes, um lance do Bolsonaro pra pegar a grana dos “turcos” pra eleição dele. Aí eu desliguei a TV, depois pensei já cochilando: valeu, podia dormir sem essa.

40

ARNALDO BARBOSA BRANDÃO

O GAÚCHO MAIS FAMOSO DE TODOS

Pois é meus amigos, pensei em falar das besteiras do Bolsonaro, depois desisti, pra isso já tem gente demais, aí me lembrei que estamos no início da Semana Farroupilha, é um assunto “bagaceira”, morreu muita gente, chega de mortes já chega o COVID, depois falo da Guerra dos Farrapos. Temos que aceitar a situação, o mundo não é mais de professores, muito menos dos políticos(eles pensam que é), por isso quando vim para Brasília falei com meus amigos: “não contem a minha mãe que entrei pra política, ela ainda pensa que toco piano naquele puteiro”. O mundo não é mais de escritores, filósofos ou de artistas plásticos ou de músicos ou poetas. De economistas, de sociólogos, antropólogos? Nem pensar. O mundo não é mais dos milicos. Já foi tempo em que até arquitetos ficavam famosos, cansei de dar entrevistas à Veja, ao Correio Braziliense e até pra TV nos anos 70 e 80. Isso tudo já era. O mundo agora é dos jogadores de futebol, dos cantores populares, dos atores de TV e das chamadas celebridades, uma profissão nova que circula por aí e acumula funções com as outras, inclusive com a mais antiga de todas. Pra vocês terem ideia, até uns programinhas bem discretos sobre literatura que havia nos canais a cabo, de repente foram tomados pelos Caetanos, Gil e família, e Cantores sertanejos que vicejam aos montes por aí. É a busca de audiência. Até o Paulo Coelho, que veio da canção popular (fazia letras pras maluquices do Raulzito), e diz ter sido escritor, está tendo que dizer umas coisas de quando ele se internava no Pinel, pra tentar atrair o olhar da mídia. Então, nesta primeira homenagem da SEMANA FARROUPILHA, que me desculpem os gaúchos mais letrados, mas vou ter que apelar. Vou falar um pouco de um grande cantor popular do Rio Grande. Vou logo avisando: não é o Lupicínio, muito menos Kleiton e Kleidir(que têm sotaque dos Beatles, que, como vocês sabem, iniciaram o processo de aveadagem

do rock, com aquelas franjinhas e terninhos abichalados), cantando “deu pra ti, baixo astral, Ciao”. Devem ser de Pelotas, não sei não. O cara a que me refiro, começou com um “tiro ao alvo” em Passo Fundo, tinha um programa de rádio por lá, foi passear em Porto Alegre, voltou, vendeu o “tiro ao alvo”, gravou “Coração de Luto” que o pessoal mais refinado, fã dos Beatles e do Michael Jackson, chamava pejorativamente de “churrasco de mãe”. Teixeira comprou uma produtora de cinema, e fez doze filmes, felizmente ainda não vi nenhum. Bem, Teixeira foi o sujeito que mais vendeu discos no Brasil, e quiçá no mundo, vendeu mais do que o Michael e a Madona. Falam em 120 milhões de cópias, sabem como são os gaúchos. Pois é, entre ele e o Michael e a Madona, fico com Teixeira. Quer dizer, sugiro que a gauchada fique com Teixeira, porque eu fico mesmo é com a Angelina Jolie.

41

ARNALDO BARBOSA BRANDÃO

O GRANDE JANTAR: LACAN, LEVÍ-STRAUSS E MERLEAU-PONTY

Aproveitei o feriado pra perder tempo com duas coisas aparentemente desconformes. A biografia do Jacques Lacan da Elisabeth Roudinesco, e o filme “Os Dez Mandamentos” lançado em 1956 e que trata da fuga dos judeus para o Sinai, onde ficaram quarenta anos, tem gente que desejaria que não voltassem nunca mais. Sempre tive paixão pelo Lacan, pelos Dez Mandamentos nem tanto, discordo de alguns. Todas as vezes que vejo este filme lembro-me dos cultos evangélicos que frequentei, muita música, muita mulher bonita, muita mentira, muito barulho e muito sexo. Conheci o Lacan por causa do Spinoza, isso foi no tempo que eu tentava ler o Benedito Spinoza em latim, garanto que é mais fácil do que entender Lacan. Como vocês sabem, Lacan era um cara contraditório e confuzento, pra não dizer que era louco. Um cara que se propõe derrubar o edifício erguido por seguidores de Freud e construir outro, só podia ser louco. É mais ou menos como querer derrubar o barraco construído por Marx e seus capangas e construir um arranha céu em plena Nova Iorque. Cabe aqui uma volta ao Lacan, que ficou muito rico clinicando e passou a comprar as obras de arte indígenas do Lévi-Strauss, ambos tinham uma profunda cultura artística. Nem vou falar sobre o Merleau-Ponty que estava presente no jantar, mas vocês podem imaginar o nível da conversa. O papo do jantar começou com a psicanálise, mas à medida que a dosagem de álcool aumentava no sangue, a conversa rolava para outros interesses, a discussão desceu na direção do “incesto”, tema que interessava muito a todos. A questão tinha sido recentemente recolocada por Lévi-Strauss em outros termos, que misturavam etnologia e medicina. Esta interpretação do incesto pelo Lévi-Strauss até hoje me deixa boquiaberto. De início, devido ao Marx, ele joga tudo no balde da “economia”, não sei se vocês se lembram, a coisa toda tinha um vínculo com a proibição por razões econômicas, e depois isto acabou criando uma interpretação, digamos biológica. Toda a interpretação do “incesto” está no livro “As Estruturas Elementares do Parentesco”, um livro imperdível, que infelizmente está entre os que foram para a fogueira quando briguei com minha quarta mulher. Muito tempo depois quando já havia esquecido do ocorrido, é que fui entender que Lévi-Strauss opunha o que se chama “natureza” ao que se chama “cultura”. Neste sentido, o incesto pertence em parte a “natureza” em parte a

“cultura”. O incesto que encontramos entre famílias urbanas no Brasil e no Mundo é a prevalência da “natureza” sobre a cultura, digamos assim, embora nada seja tão simples, e no caso, tenho sempre a impressão que estou relendo a “Epístola aos Romanos” do Apóstolo Paulo de Tarso.

42

ARNALDO BARBOSA BRANDÃO

O INTEGRALISMO E PLÍNIO SALGADO

Quem acha que a luta política está muito acirrada não faz ideia do que já vivemos no passado recente. Lembro que nos anos cinquenta saía do trabalho e ia na direção da Cinelândia me guiando pelo perfume do gás lacrimogêneo, era a polícia de Getúlio(o pai dos pobres)combatendo os lacerdistas, tido pelos estudantes de hoje como fascista. Depois tivemos o “frodó” de 1964, mas antes Jânio e Jango caíram. Depois tivemos o “trelê” de 1968, depois as “diretas já”, depois a queda do Collor. Agora a queda da Dilma. E assim, de tumultos em tumultos, de agitação em agitação, de quedas em quedas chegamos até aqui. Interessante é que todos que são postos pra fora do governo recebem salários, mordomias e outras benesses. Tive um sogro que foi integralista, desses que botavam o uniforme verde e ia para as praças arranjar confusão, tal e qual fazem os petistas e outros, e fizeram os comunistas, getulistas e udenistas e até eu mesmo fiz. O nome dele era Saldanha. Um domingo me chamou pra visitar um grande nome da História do Brasil que ele chamava de “Chefe”. Fiquei curioso Pensei que era JK, Jango ou Lacerda ou Jânio ou quem sabe o Geisel que também ainda estava vivo. “Nenhum desses”, disse o Saldanha, “o homem era muito mais importante o “Chefe” criou uma doutrina política, um movimento nacional de grande importância”. Fiquei curioso. A figura histórica morava numa chácara do Park Way, meu sogro foi avisando: “ele não gosta de contar vantagens e ultimamente anda bebendo mais do que deveria. Mas eu gosto muito do Chefe”. O “Chefe” era Plínio Salgado, o homem que criou o Integralismo, doutrina meio incompreendida, geralmente é confundida com o fascismo, uma espécie de fascismo brasileiro. Só sei que dela participaram grandes intelectuais e artistas nacionais, só pra citar alguns: Alceu de Amoroso Lima, o maior crítico literário do Brasil, Miguel Reali(pai deste advogado que defendeu impeachment da Dilma), Câmara Cascudo, Dom Helder Câmara, Abdias do Nascimento e até Gilberto Freire andou namorando o integralismo. O “Chefe” era um homem simples, discreto, falava baixo, mas tinha noção de sua importância histórica e do fracasso de sua empreitada, que começou em 1932 e se alastrou por todo o País como uma febre. Neste dia conheci também a mulher do Chefe Dona Carmela Salgado, uma das fundadoras da Casa do Candango de Brasília. O Chefe, além de político, era um intelectual, escreveu dezenas de livros (entre eles um dicionário tupi-guarani), com viés nacionalista. O Integralismo influenciou muita gente das artes (literatura, arte plásticas, poesia). O movimento antropofágico, movimento pau-brasil, Tarsila, Mario de Andrade, Raul Bopp, a poesia indianista de Alencar, todos foram influenciados pelas ideias do Integralismo. Havia muitos militares integralistas, inclusive o chamado “almirante negro”(João Candido) que liderou a revolta da chibata. Assim me disse o “Chefe”, deve estar no Google. O grosso do integralismo eram trabalhadores (sapateiros, carpinteiros, pedreiros). Meu sogro foi um dos braços direito dele, do Plínio Salgado, participou de muitas marchas dos “barrigas verdes”, inclusive a famosa marcha do Rio de Janeiro, que se transformou numa tentativa de

golpe de estado, e deu uma confusão danada e que fez com que Getúlio resolvesse acabar com a história. Resultado: o “Chefe” foi preso e exilado em Portugal (origem do integralismo) e meu sogro teve que se esconder e enterrar no quintal os livros e as fardas do movimento e mandar toda a família de volta pra Barbacena. Como o nazismo foi derrotado, os integralistas passam a ser os anti-heróis da história, os comunistas que venceram a guerra, foram adotados pela elite intelectual e acadêmica devido aos escritos de Marx, sobretudo na Europa e no Brasil. Basta dizer que a doutrina marxista tinha grande prestígio até recentemente. Na UnB, na arquitetura e nas ciências sociais, até nos anos 70, quem não citasse Marx na sua tese estava fodido, até eu tive de fazê-lo, meio contra vontade, preferia os funcionalistas(Radcliffe-Brown e Malinowski e até Parsons). Bem, os getulistas estão por aí até hoje (vejam o PTB, PDT e até o PT). Os comunistas estão por aí também batendo sua bolinha (PC do B, PCB). O Integralismo desapareceu como movimento, mas permaneceu como ideia nacionalista oposta aos comunistas e está aí com Bolsonaro e seu nacionalismo de fancaria. O integralismo tinha umas propostas abraçadeiras (o congresso seria formado por segmentos profissionais: pedreiros, carpinteiros, sapateiros, o que talvez fosse melhor do que essa turma que está lá). Muitas coisas que propuseram eram equivocadas e não tinha sentido, se é que esta “democracia” que temos tem algum sentido. Se é que o comunismo também tinha algum sentido, como ficou provado depois na União Soviética e em Cuba e na Albânia. Finalmente ficamos com o Getulismo e um “capitalismo de estado” que persiste até hoje, teleguiado em parte pelos militares e judiciário brasileiro e por uma elite que se considera dona do País. O problema com o Plínio Salgado(assim como Prestes) foi desafiar Getúlio (o Pai dos Pobres da época). Getúlio ameaçou apoiar os Nazistas, mas se passou para os lado dos americanos rapidamente, oferecendo inclusive a exploração do petróleo e o controle das bases aéreas de Natal e Belém. Os americanos não quiseram o petróleo (tinham demais e sabiam que só havia no mar) então Getúlio criou a PETROBRÁS como um instrumento de marketing político, que patinou 20 anos por falta de tecnologia, mas acabou dando certo, depois do Geisel que fez a empresa funcionar, até que vieram os petistas e afundaram a PETROBRÁS. Em troca Getúlio conseguiu a CSN (a planta veio completa dos EUA, incluindo o projeto das vilas residenciais de um grande arquiteto modernista), queria dar partida na Indústria pesada brasileira. Passeou com Teodoro Roosevelt pelo Brasil(aquele que dizia: “fale baixo e leve um porrete”), acertou auxílio financeiro e assinaram um convênio: passamos mais de 30 anos recebendo equipamentos velhos e emprestáveis dos gringos, até que o Geisel resolveu acabar com a sacanagem e detonou a Comissão Brasil-EUA. Eu mesmo quando entrei no Exército cansei de jogar pelada com caixas de válvulas para radares (vinham milhares), que nunca utilizamos pra nada, mesmo porque os radares eram uns vinte e ninguém sabia manejar. Saldanha era daqueles aventureiros, que não se aguentava em lugar algum, largou Barbacena, esteve no Rio, veio pra construção de Brasília(morou na Vila Planalto), andou pelo Maranhão, um dia foi trabalhar de pedreiro em Nova Iorque, de lá arribou para a Rússia (União Soviética, na época) e de lá foi parar na Ucrânia, era apaixonado pela Ucrânia, talvez fossem as ucranianas. Voltou da Ucrânia direto para o Alvorada, havia sido mestre-de-obras na construção e ficou por lá como pau-para-toda-obra, sabia como tudo tinha sido feito e os hábitos estranhos dos que moraram por lá (JK, Jânio, Jango, Castelo, Costa e Silva , Médici, Geisel) sabia que foi Dona Eloá que levou as emas, que Jânio bebia no cinema e até onde escondia o uísque. Fui muitas vezes lá levado por ele, a pretexto de ver os detalhes do projeto. Há poucos dias fui ao Alvorada com o neto do Saldanha para uma entrevista fotográfica com a Dilma .Fiz até uma crônica que chamei “NA CAMA DA DILMA”.

ARNALDO BARBOSA BRANDÃO O MAIOR FILME BRASILEIRO DE TODOS OS TEMPOS

Lembro que tivemos Alberto Cavalcanti e depois Glauber Rocha com “Terra em Transe (1967)” num filme seminal tratando da política brasileira, Joaquim Pedro com “Macunaíma” do romance do Mario de Andrade, mais recente tivemos “O Cheiro do Ralo”(imperdível) do Dhalia/Mutarelli, história dum cara que se apaixona por uma bunda. “Vidas Secas(1963)” do Pereira dos Santos e “São Bernardo(1975)” do Hirszman ambos baseados nos romances do Graciliano Ramos e tivemos também “Lavoura Arcaica” do genial romance do Raduan Nassar que largou tudo e foi criar cabras como minha amiga Adina Mera. Mas foi antes disso tudo, antes do “cinema novo”, antes do neorrealismo italiano e da Nouvelle Vague antes de Orson Welles, mas não antes de Méliès com seu pioneiro “Viagem a Lua”(1902) baseado em Júlio Verne, nem antes do D.H. Griffith com “Intolerância” e “Lírios Partidos” . Lembro que foi Antes de tudo. Antes mesmo do genial Fritz Lang e antes do expressionismo alemão, do polonês Robert Wiene com seu fantástico “O Gabinete do Doutor Caligari” e antes até de Carlitos. Lembro que foi depois de “A Faca na Água” do genial polonês Polanski. Já perceberam que cinema e literatura andavam juntos. Ambos contavam uma história, mas naquele tempo...

O Cara era muito rico e decide fazer um filme para mostrar que o tempo é uma coisa ilusória. Será? Era jovem, culto, rico, inteligente, persistente e terrivelmente talentoso. Então pôs as mãos-a-obra. O filme é de 1930 quando o Brasil vivia uma de suas costumeiras revoluções, mas ele não falou em política, vivia num mundo a parte, muito mais interessante, o mundo da arte. Escolheu o cinema porque era a arte de ponta, a arte da era industrial que se avizinhava no Brasil, mas podia ser a pintura ou a literatura. Resultado: estava aqui louco atrás de um livro do Glauber Rocha chamado “Revisão Critica do Cinema Brasileiro” que emprestei para um coronel que era fanático por cinema e ele nunca me devolveu como sempre acontece com livros, mas agora tenho dois exemplares, um veio da Lucia e o outro da Rejane. Nele, Glauber, aos vinte e seis anos fala de “Limite”(que viu aos pedaços) e diz tratar-se de uma obra prima, uma obra única elogiada até pelo “papa” do cinema mundial da época(Eisenstein). O fato é que o cara era infernal, melhor, genial e estava disposto a mostrar que era o bam-bam-bam e sabia o que estava fazendo. Quem vê-lo verá o expressionismo alemão nos seus grandes momentos, verá Antonioni no original, antes dele ter feito àqueles lindos filmes com a Monica Vitti, antes de “A Noite”, antes do “Deserto Vermelho”. O apelido do autor era Maçarico, por causa de um passarinho. O nome era MARIO PEIXOTO e tinha vinte anos quando fez o filme. Uma lenda como Glauber, mas muito diferente do Glauber, era introspectivo, quieto, delicado. Juntou alguns atores amadores, pegou um bom fotógrafo(o melhor que havia por aqui chamado Edgard Brasil), tinha grana pra bancar, então resolveu fazer uma obra de arte sem interferência de ninguém. É uma demonstração que se pode fazer muito com muito pouco. O convite para a primeira exibição dizia apenas que “LIMITE” “é o encontro de três vidas no limite de num barco à deriva no mar de Guaratiba no Rio de Janeiro”. Lembro que o conjunto de cenas de beleza sem igual vão lentamente transportando as pessoas para uma tragédia, mas não há angústia e sim o silêncio do tempo, embora o autor tenha dito que “em nenhum lugar existe tempo algum”, mas parece claro que o filme é sobre três coisas, a natureza, o tempo e os homens (e mulheres é claro).Por incrível que pareça, quando me lembro de “LIMITE” penso no maior filme de todos os tempos(Lawrence da Arábia), e que se passa no deserto. A cena inicial é antológica, influenciou meio mundo. Começa com um palito

de fósforo aceso, aí ele corta para o crepúsculo, e quem é visto ao longe como uma pequena mancha vermelha na imensidão do deserto? Omar Sharif montado num camelo. A mancha vai crescendo, crescendo, crescendo, crescendo até que há um tiro que repercute continuamente no deserto. Isto é só o início. É uma história fantástica, a impressão que tenho é que esse tiro ecoa até hoje naquelas bandas. No filme do Mario Peixoto o mar funciona como o deserto, e tem aquela natureza virgem que se espalhava por todo o Rio de Janeiro (silenciosa como o deserto). O filme do “Maçarico” é um hino à natureza, que ele parecia antever que seria futuramente destruída por um confronto muito similar ao que destruiu o Oriente Médio, só que silencioso. Talvez um dia o tempo nos diga se o Mario Peixoto tinha ou não razão, porque ele só fez este filme e tentou fazer outro e depois silenciou. E precisava mais? Esqueci de dizer que dificilmente verão LIMITE, pois passa de anos em anos na TV. Com essa Pandemia quem sabe, não estão passando Lavoura Arcaica?

44

ARNALDO BARBOSA BRANDÃO

O ÚLTIMO TANGO

Ontem vi um documentário espetacular, ando cansado de Bolsonaros e outros temas mais trágicos. Era sobre o filme do Bertolucci, ou melhor, do Marlon Brando. Na realidade, quem dirigiu e roteirizou o filme foi o Brando, ele fazia isso desde que começou como ator, não é à-toa que dizem ser o melhor ator de cinema que já existiu. Prefiro o Paul Newman, sempre achei que o Brando exagerava e forçava a barra demais. A vida do Brando foi um inferno depois que voltou do Tahiti (como já tinha ocorrido com o Gauguin), mas sua vida na ficção foi uma maravilha, isso desde “Sindicato de Ladrões” seu primeiro grande filme, depois vieram outros até chegar no “O Grande Motim” filmado no Tahiti (filme que marcou sua vida pessoal) depois disso ele dirigiu um faroeste, “A Face Oculta” (foi como dissesse: “vejam como se dirige um faroeste seus babacas”). E assim foi indo até que o Bertolucci o chamou pra fazer o filme que o colocou no patamar mais baixo (visto de hoje) de sua vida. A história é conhecida e pode ser resumida assim: um homem de cinquenta anos com problemas de todos os tipos vive uma paixão por uma garota de dezoito. Paixão no caso pode ser resumida em sexo, aos cinquenta, o amor costuma se dissolver e acaba virando sexo, o que não é nada mal e aos 70 o sexo vira amor. Nabokov já tinha contado a história em outros termos. Viram Lolita? Leram Lolita? Voltemos para o Brando. O Último Tango é um filme em que todos saíram perdendo (menos o Grimaldi o produtor). O Bertolucci sempre fez sucesso e bons filmes. Na Itália foi proibido pela justiça e queimaram todas as fitas. Brando passou vinte anos sem falar com Bertolucci, que nunca mais conseguiu falar com Maria Schneider (morreu em 2011), uma iniciante que ficou marcada para sempre como “aquela da manteiga”. Ela era muito jovem e apesar de ter percebido que estava entrando numa fria, não conseguiu fazer o Bertolucci (Brando) parar a cena. Não sei se sabem, mas a Schneider era filha de um dos mitos do cinema francês chamado Daniel Gélín o primeiro ator a contracenar com Brigitte Bardot num filme chamado sugestivamente de “Desfolhando a Margarida” que vi no cinema Olímpia no Rio. Consta que foi ele quem iniciou a Danuza Leão, de quem foi namorado, no vício da coisa e consta que a Schneider herdou o vício do pai. O Bertolucci no documentário não mostra arrependimento, nem se justifica por ter deixado o Marlon Brando praticamente dirigir o

filme, saindo do roteiro e “estuprando” a Maria Schneider na frente de todos. Ele se lembra de quando o filme foi exibido pela primeira vez e na saída seu pai lhe disse: “Como pudeste fazer isso”? Como pudeste dar uma facada no movimento feminista? Porque nestas alturas, só restava à Schneider chamar o pai dela ou então o policial da esquina, o que viria a dar no mesmo sob o ponto de vista “feminista” da época. Muita gente vai dizer, “mas era só cinema”. Depois que vi os filmes do Rosselini nunca mais consegui separar o que é realidade, e o que é cinema, ultimamente então. Hoje vi um documentário espetacular. Era Gardel cantando “Por uma Cabeça”, quando ouço Gardel entro em transe e me desentendo com a Argentina, quando ouço Piazzola tocando Adios Nonino no bandoneon entro em transe e entendo a argentina. Tive uma amiga e professora argentina chamada Adina Mera, comadre do Mozart Vitor Serra. Ela sempre me dizia: Arnaldo, você nunca entenderá a argentina, você nem conhece as histórias infantis. Falava de Branca de Neve. Foi ela quem me levou para conhecer Joaquim Cardozo(quando ele já estava doente. Ontem, ouvindo Gardel e Piazzola, e vendo o Último Tango em Paris e a tragédia que foi o filme, estive perto de entender a Argentina. Jamais entenderei a Argentina. Se Adina Mera tivesse sobrevivido acho que ela poderia me explicar a Argentina. Já ia me esquecendo: a música do filme é do Gato Barbieri.

45

ARNALDO BARBOSA BRANDÃO **OS EXPLICADORES DO BRASIL**

“Que me quer o Brasil, que me persegue?”

Essa pergunta aí de cima é do poeta Gregório dos Matos Guerra, um dos primeiros a questionar o Brasil, antes tivemos o Mathias Ayres que o Suassuna adorava, mas agora estou interessado nos explicadores do Brasil mais atuais. Há os grandes explicadores do Brasil, temos Gilberto Freyre(com seus estudos onde usava a moradia para falar de seus ocupantes: Casa Grande e Senzala, Sobrados e Mocambos), Sergio Buarque de Holanda(com seu famoso homem cordial que todos pensavam ser um homem calmo e cordato, mas ele pensava num Cara que era mais coração e menos cabeça, hoje sabemos que é estômago e fígado), Florestan Fernandes, Manoel Bomfim, Celso Furtado(que sempre encontrava passeando em Copacabana com sua Rosa), Raimundo Faoro, José Maria Paranhos, etc. Outros explicadores foram pelo caminho pedregoso do romance, como é o caso do Rosa(Grande Sertão-veredas), Raquel de Queiroz(O Quinze), Graciliano(Vidas Secas), Veríssimo(O Tempo e o Vento), Mário de Andrade(Macunaíma). E temos outros explicadores que trilharam o caminho do meio e nem por isso deixaram de ser grandes. Estava zapeando os canais de TV aí me aparece o Antônio Candido falando do seu famoso livro “Os Parceiros do Rio Bonito”, sem ter nem porque minha cabeça foi parar em Darcy Ribeiro, mais precisamente no seu primeiro romance chamado “Maíra”, onde mescla seus conhecimentos dos índios, com os quais conviveu, com sua visada antropológica, numa visão romanceada dos indígenas. Nestas alturas me lembrei de outro Antônio, o Callado e seu magnífico romance “Quarup” que também trata dos índios, e ainda tem os Caras do cinema, teatro e música popular e erudita como Villas Lobos que merecem uma crônica a parte, mas como estas crônicas não podem se alongar muito, vou falar apenas de “Os Parceiros

do Rio Bonito”, um livro que me marcou para sempre e vou dizer por quê. Sabem como é isso de fazer uma tese? Primeiro você se decide por um tema, depois vai atrás da literatura existente, antes disso arranja um orientador e fala com as pessoas que vão fazer parte da sua banca. Conversei com o Fernando Correa Dias(da sociologia e amigo do Benicio Schimdt) um grande intelectual, um cara inatacável por qualquer dos lados do campo que a bola viesse. Falei com o José Galbinski um polaco tido como um cara exigente e duríssimo e que havia chegado a Brasília junto com o bloco dos gaúchos jovens que renovaram o curso de Arquitetura: Miguel Pereira, Ricardo Farret, entre outros, sendo que alguns foram para os EUA obterem seus doutorados. Para contrabalançar a coisa escolhi o americano Paul Mandel como meu orientador. Sabem como é o meio acadêmico, se não sabem fiquem sabendo: é como um Seminário a briga é por migalhas, a disputa é por prestígio. Se um publica um artigo, os outros morrem de inveja. Depois de um certo tempo, e na ânsia de evitar a auto destruição, há uma tendência natural de se formar algumas “patotas” que duram por anos e anos e temos então amizades(ou inimizades) eternas. O Paul Mandel era provavelmente o cara mais culto do “Urbanismo”, mas tinha um grave defeito (na época): não rezava pela bíblia marxista e fazia questão de deixar isso bem claro. A bíblia dele era Adam Smith. Se hoje, falar mal de um governo do PT ou Bolsonaro, já te deixa em maus lençóis perante amigos e até parentes, faça ideia você defender ideias neoliberais naquela época, você era imediatamente taxado de reacionário e outras sandices, não pelo Farret nem pelo Galbinski que tinham certa antipatia pelos marxistas, mas por alguns professores e pela maioria dos alunos. Pois bem, falei para o Paul Mandel das minhas más intenções: contar a história da Habitação Popular no Brasil começando dos começos (Moradia dos Índios, visão dos primeiros viajantes, primeiras favelas, vilas residenciais, vilas de fábricas, etc.), mas sem calcar em Marx e assemelhados, tomando mais como referência o trabalho dos antropólogos(que sempre tomaram certa distância do marxismo, embora alguns tenham se aproximado muito, teoricamente falando). Ele riu sarcástico, riso de americano e judeu, e inteligente como era, disse: “acho que você quer aumentar a intensidade de suas encrências, se continuar assim vai acabar sendo posto na rua”. Palavras proféticas de quem tinha experiência no ramo acadêmico. O Mandel levava uma grande vantagem sobre os outros professores, era americano, e o debate que rolava por aqui estava contaminado pela doutrina marxista, que tinha se infiltrado irremediavelmente nas entranhas das nossas universidades públicas, assim como o bolsonarismo está entranhado em certos ambientes de intelectuais de hoje. Como eu não podia sair do Brasil, e precisava sobreviver, achei que o melhor a fazer era estudar com um americano tipo Mandel, mesmo sabendo que ia acabar me dando mal devido ao patrulhamento da “esquerda” ou da “direita”, pois estávamos em pleno regime militar. O Paul Mandel pediu que fizesse um texto explicitando quais eram minhas intenções e o que eu queria dele como orientador. Mandeí trinta páginas (talvez a melhor coisa que escrevi até hoje), pena que não sei onde anda. Marcamos três dias depois, então ele me deu um papel com uns hieróglifos que demorei a entender, tamanha era a dificuldade do cara em escrever em português. Levei o texto a um farmacêutico que traduziu: “Os Parceiros do Rio Bonito do Antônio Candido”. Sai correndo pra Livraria Civilização Brasileira, escarafunchei as prateleiras e foi como se achasse um tesouro. Tudo o que eu queria estava lá. Era a tese de doutorado do Candido que foi lida e relida por todos os grandes nomes da USP nos anos 60, incluindo FHC e Florestan. Hoje não acho que seja “grande coisa”, mas naquela época foi como se o Paul Mandel fizesse como Jesus Cristo e dissesse: “o caminho das pedras é esse”. Era mesmo. É um estudo sobre os “caipiras paulistas” e suas condições de vida. Ele cita todo mundo que interessava em centenas de pés de páginas, tudo isso numa linguagem extremamente correta, sem qualquer exagero para mais ou para menos. Sem

qualquer escorregão gramatical, sem causar frisson, sem fazer críticas ácidas. Talvez por isso ele acabou por se tornar uma espécie de “concordância geral”. Recordo-me que ele começa pelas “necessidades humanas”. Quando fiz o CEMUAM (curso que se fundamentava nas ideias do Padre Lebrez e também principiava pelas “necessidades”), sempre me perguntava se haveria uma “necessidade” mais importante que outra? Ou um “bem” mais importante que outro? Então ele (Candido) vai às obras filosóficas do Lebrez e explica porque não há um “bem” mais importante que outro. Não me convenceu, mas cabe uma boa discussão, e esse é sem dúvida, o papel das “teses”, ou não? Ia me esquecendo de dizer que depois mandei o texto para o Ênio Silveira (dono ou gerente da Editora Civilização Brasileira) que me mandou uma carta amável, pediu que mandasse o cartapácio, que ele tinha interesse em publicar, então resolvi reler o texto e comecei a mexer, comecei mexendo no título que virou “CEM ANOS DE HABITACÃO”, influenciado pelo grande livro do Garcia Marques. Nestas alturas o Ênio morreu. Resultado: estou mexendo até hoje, agora há pouco tempo tentei editar pela VERBENA do Benício, deu uma confusão com as centenas de pés-de-páginas, depois fiquei doente. Por último tive um sonho em que Deus me dizia com voz grave, aquela voz rouca típica de Deus: NÃO PUBLIQUE ESTA MERDA, DEIXA ISSO PRA LÁ.

46

ARNALDO BARBOSA BRANDÃO ·

SABOR DE MELANCIA

Somente há pouco tempo é que fui entender com clareza porque a China está lá na frente no chamado “processo de produção de inovações”, como diria Schumpeter. E como percebi isso? Vendo um filme no canal a cabo, o nome do filme é “O Sabor de Melancia” (2006) dirigido por um cara de Taiwan. Não há propriamente uma trama, aliás, trama é coisa de Hollywood anos 50. Depois do Godard, trama já era, a não ser que se passe no Espaço Sideral, tipo “2001 Uma Odisseia Espacial” ou “Blade Runner”.

Bem, o filme foi feito em Taipé, é a história de um vendedor de relógio que passa a trabalhar como ator de filmes pornôs. Não dá pra explicar num espaço como esse, onde prolifera o “amor romântico”, seja pelas árvores, pelas flores, pelos lugares, pelos cachorrinhos, pelos peixinhos, por comidinhas, pelos automóveis e até por pessoas. Aqui quem manda é Madame Bovary (Flaubert 1857) e não adianta chorar, por isso me mudei para o Badoo já faz tempo. O problema é que alguns leitores brasileiros são brutos como um pedregulho, a gente fala, explica, mas tudo continua do mesmo jeito. O filme nos diz com todas as letras: o mundo está despedaçado, não há mais lógica, não adianta tentar “organizar” o conhecimento, o que existe são estilhaços. É assim como se alguém quisesse encontrar uma lógica no que aparece no facebook. O amor? O filme nos diz, só há o sexo, mas não o sexo como nós achávamos que havia, ficou o sexo na tela, como espetáculo, aliás, como Godard disse em “Alphaville” nos anos 60 mas ninguém acreditou, nem eu. O mais interessante é que o filme é extremamente divertido...e louco. Lembro-me que estudei cinema na UnB. Havia um curso de cinema inovador com grandes nomes do nosso cinema como professores. Havia o Capovilla, o Dahl e até Glauber. Entre esses nomes havia um cara muito interessante. Era o Jean-Claude Bernadet. Conheci-o em circunstâncias anormais. Meu compadre matriculou-se numa matéria chamada Introdução a Linguagem Cinematográfica, mais conhecida por

ILC. Nessa época começava a ditadura das siglas que dura até hoje, sendo que demos pra encurtar as palavras e os nomes próprios numa tentativa de simplificar a vida e tentar entende-la mais facilmente, como se isso fosse possível. Na época e eu era um devorador de filmes e de livros, mas tudo sem qualquer método, ou melhor, usava o método secreto do a.b.b. O fato é que meu compadre me ligou de um boteco na 114 Sul, onde ele residia em cima de uma lojinha, disse que estava com um problema escolar e era sobre cinema. Fui lá à noite, não vou negar que estava curioso como um gato com fome na madrugada. O problema dele era complicado, o Bernadet havia passado na sala de aula um filme do Eisenstein chamado “Outubro”, normalmente o Bernadet teria passado o “Encouraçado Potemkim”, que era um filme digamos, mais popular. Mas Bernadet não via o mundo em telas de 9 mm, ele era como eu, gostava de complicações. Meu compadre foi me falando como era o filme e eu fui escrevendo um texto infame numa maquinazinha Lettera 22, muito semelhante aos que escrevi para “Os Torpedos” durante três anos. Entre uma página e outra bebemos várias cervejas, acabamos de manhã e lembro que saímos pra tomar café numa padaria que havia em frente à sobreloja onde ele morava. Ele tinha que entregar o texto no mesmo dia de manhã.

O Bernadet recolheu os textos e na aula seguinte deu de comentá-los, ele era francês e, portanto, muito exigente. Fez logo uma declaração assustadora. Disse que o único que se salvava era o texto do meu compadre. Este imediatamente escorregou na cadeira e afundou pra debaixo da poltrona do auditório. O Bernadet é francês e, portanto, insistente e chato. Deixou um recado para meu compadre dizendo que queria conversar urgente com ele. Resultado: acabei sendo chamado na sala do Bernadet. Em vez de me passar uma descompostura, disse, como um bom francês, que queria discutir comigo certas coisas que eu tinha posto e que ele discordava. Entre estas, ele não aceitava a interpretação que eu tinha dado para certas repetições da cena (repetições rápidas, quase imperceptíveis que o Eisenstein gostava de fazer), Bernadet me deu uma aula sobre o teatro chinês, de onde, segundo ele se originavam as tais repetições utilizadas pelo russo. Marcamos três horas da tarde, eu disse que trabalhava e não podia. Ele disse quatro, respondi: “não posso”, ele, cinco, até que marcamos as seis, a conversa rendeu, saímos do bar às dez da noite. Já devem ter visto “Outubro”(se não viram não percam seu tempo). É uma espécie de homenagem à revolução russa utilizando a linguagem mais descarada do “realismo socialista”. Nesta época eu tinha uma certa admiração por Eisenstein, que se dissiparam há dois anos, quando revi “Encouraçado Potemkim” no Canal 53. Saímos do bar e lembro que o Bernadet me fez assinar num guardanapo de papel o que seria minha matrícula na matéria dele, a tal ILC que frequentei com certa resistência e onde vi belos filmes, eu e mais um bando de alunos, quase todos da área de publicidade, hoje devem estar todos ricos. Um desses filmes chamava-se “SOI CUBA”(1954), um filme sobre a revolução cubana feito por um russo e que os cubanos acharam uma merda (descobri isso quando estive em Cuba para meu sétimo casamento). Puro realismo socialista, mas com uma música interessante. Na época achei o filme uma boa merda, depois percebi que havia algo de Glauber Rocha naquele filme. Esses dias estava passando de um canal pra outro distraidamente, quando vejo um trecho do “Soi Cuba” que tinha sido recuperado pelo Martin Scorsese e que achava o filme o suprassumo do cinema, se bem que o Scorsese não é lá essas coisas. Continuei no curso de cinema por mais algum tempo, onde acabei atuando como ator em vários filmes do Miguelzinho Freire (Tigipió, entre outros), que hoje mora em Teresópolis e conhece minha ex-mulher Lúcia Lins, que é arquiteta e cantora e mora lá e que pode testemunhar sobre a veracidade de todos os fatos narrados aqui (Miguelzinho faz favor de me mandar umas cópias dos filmes que fiz). O Bernadet foi

injustamente aposentado pelo Ai-5 em 1968. Foi nesta época que comprei o carro do Honestino Guimarães e tive que desaparecer de Brasília e da UnB. Já havia passado mais de um ano e meio preso no Oiapoque e se alguém associa este carro com minha prisão estaria na cadeia até hoje. Tem hora que a vida se mistura com cinema, é nessas horas que temos de tomar cuidado.

47

ARNALDO BARBOSA BRANDÃO

UMA TRAGÉDIA BRASILEIRA

Tem gente que pensa que foi a menina que foi jogada do prédio de apartamento, outros acham que foi o assassinato do marido-filho-genro da Flordelis, outros acham que foi a prisão do Lula, outros acham que foi a morte de Guimarães Rosa. Há ainda outros que pensam que foi o boato da morte do a.b.b. Tem gosto pra tudo, tragédias é que não faltam no Brasil, aqui vamos falar de uma que abalou o País de Norte a Sul. A tragédia decorreu como sempre de um triângulo amoroso, cujas pontas eram: o maior escritor brasileiro de todos os tempos, perdendo apenas para Machado de Assis, o Euclides da Cunha, sua mulher Ana de Assis e o então cadete Dilermando de Assis. Dá-se que Euclides viajava muito, as viagens era para demarcar a Fronteira Norte do País, às vezes essas viagens levavam até dois anos, porque Euclides era um perfeccionista. Têm gente que acha que quem demarcou a fronteira foi o Barão do Rio Branco, ora o Barão nem sabia pra que lado ficava a Fronteira. O Barão era um diplomata e diplomatas não são de por a mão no barro, talvez alguns como meu amigo Paulo Roberto o façam, mas são exceção. O Barão apenas negociou com os vizinhos tomando seu uísque com soda. Como ia dizendo Euclides fazia longas viagens e deixava sua linda mulher em casa dando sopa. Eles moravam na Vila Militar, quem morou nestas Vilas deve saber que é um come-come danado. Nestas alturas, Euclides já era um escritor famoso, escreveu “Os Sertões”, o livro mais importante da literatura brasileira, além de ter tomado parte na chamada “Revolta da Vacina”, movimento ocorrido no início do século contra a vacinação obrigatória, imposta por Oswaldo Cruz, que deu uma confusão dos diabos com mortos e feridos entre apoiadores e contrários a vacina. Como ia dizendo, Euclides gostava de uma confusão, foi ele que nos fez tomar conhecimento de que havia no Brasil um sertão profundo onde florescia um Antônio Conselheiro através de suas reportagens direto do “front” de Canudos que viraram livro. O que faz dele um dos primeiros repórteres policial. É engraçado que nestas reportagens, embora torcesse pelo conselheiro, um monarquista convicto, Euclides terminava o artigo com um “VIVA A REPÚBLICA”. Numa dessas longas viagens, Euclides chega em casa e encontra uma criança, além das que já tinha, só ai ele percebe que havia mais alguém (como vocês sabem, os homens são muito distraídos nessas coisas). Euclides então, num acesso de raiva, pega o revólver e investe contra Dilermando que atira em Euclides, ferindo-o de morte. Na refrega Euclides acerta o irmão de Dilermando, o Dinorah que veio morrer alguns dias depois. Dilermando também saiu ferido no episódio. E assim morreu o maior escritor brasileiro, depois do Guimarães Rosa, que certamente foi influenciado por Euclides da Cunha, até mesmo no nome de sua grande obra. Agora vocês veem como é o mundo: finalmente Ana de Assis casa-se com Dilermando e viveram felizes para sempre.

ARNALDO BARBOSA BRANDÃO

YOKAANAM E A CIDADE ECLÉTICA

Brasília, como muitos não sabem, nos começos era terra de loucos, visionários e aventureiros de toda espécie. Depois mudou, hoje é de gente pacata, os criminosos não são muitos, boa parte deles atua na Região da Praça dos Três Poderes ficam por aqui três dias por semana e voltam para suas cidades. Tive amigos no Rio que vinham pra Brasília pra ver discos voadores, e muitos juravam que viam. Aqui perto de Brasília há uma cidade especial, onde as mulheres andam ou andavam de vestidos brancos e longos e onde reinava um clima de religiosidade, e onde existiam normas rígidas para namorar, casar, pra vida familiar, etc. Bebida, cigarros e TV nem pensar. A Damares ia adorar morar lá. O fato é que há muitos anos passou por aqui um aviador chamado Yokaanam(deve ter no google), olhou pra baixo e pensou “vai ser aqui mesmo”, outros dizem que o avião caiu por aqui e ele resolveu ficar. Tudo lenda, na realidade Yokaanam Oceano de Sá nasceu em Alagoas e morava no Rio. Naquela época, Brasília ainda não existia, isto aqui era apenas um pasto gigantesco onde ruminava o gado do Roriz, enquanto as estradas não apareciam pra valorizar suas terras, depois é que vieram outros ruminantes e roedores. Nestas alturas, Santo Antônio do Descoberto era apenas um lugarejo rural perdido no Cerrado. Foi ali perto que o Yokaanam resolveu fincar sua estaca. Reuniu trezentas e tantas famílias oriundas de diversas facções do Espiritismo e rumaram em caravana na direção de Brasília, que naquela época era apenas um desenho na cabeça do Lúcio Costa ou uma ideia na cabeça de JK, então vocês podem imaginar a epopeia, porque não havia estradas asfaltadas, nem hotéis que coubessem tanta gente. Só mesmo a religião e o fanatismo que dela decorre pode explicar. Yokaanam estabeleceu normas rígidas de convivência e criou uma comunidade que existe até hoje: a Cidade Eclética. Ainda me lembro dele com sua barba branca e longa subindo um morro que havia por lá, com seu inseparável cajado, tal qual um Zaratustra caboclo, lá ia ele e sua fé intensa e radical, lembro que as mulheres não podiam cortar o cabelo, só podiam usar roupa branca e todo ano subiam o morro numa procissão esquisita com o Yokaanam à frente como um profeta de outros mundos. Namoro só com permissão do mestre, casamento então nem se fala. Yokaanam começou na Umbanda e juntamente com outros adeptos pregava uma integração com outras religiões. Tanto que a Fraternidade Eclética tinha vínculos com o catolicismo, espiritismo e outras religiões. Jesus pra ele era apenas um mestre e não o filho de Deus. É bom lembrar que os seguidores do Yokaanam também o chamavam de mestre. O fato é que namorei uma mulher da Fraternidade Eclética, conheci a moça na UnB onde trabalhavam vários discípulos do Yokaanam, de lá costumava sair um ônibus lotado com moradores da Cidade Eclética, só que ela dizia ser uma seguidora fanática das normas do Mestre, usava vestido branco e longo com os cabelos na cintura, que por sinal atrapalhavam bastante a minha performance, ocorre que logo no primeiro dia a crente pegou no meu pau e por aí foi com a maior desenvoltura e eu sem saber o que fazer, afinal ela era uma fiel seguidora do Yokaanam, cheguei a ouvir a voz rouca do Mestre dizendo “não faça isso seu pecador desgramado(palavra de origem alagoana)”, mas o ferrão do sexo era mais forte e então fui com tudo. Desculpe Mestre, mas não aguentei.

ARTHUR DA TÁVOLA

O CARISMA E O ESTRELATO

O estrelato é o resultado de uma disposição empática do ser que recebe uma ampliação mercadológica e pode advir ou não da qualidade artística de seu portador. Quando ocorre a coincidência das duas condições (empatia e ativação mercadológica) com a qualidade artística, o estrelato pode alcançar a idolatria.

O ídolo é, portanto, a junção das condições empáticas e mercadológicas com a qualidade artística e um profundo sentido de mediania. O ídolo é – sempre – um mediano de alto talento. O artista acima da média pode alcançar a fama, a genialidade e até a imortalidade. Raro, porém, consegue a idolatria em vida. Suas mensagens estão acima, adiante e além da média.

Sintonia com a média é fator da idolatria e do estrelato, daí dificuldade de críticos e vanguardas reconhecerem os méritos artísticos porventura existentes no artista em estado de estrelato. Crítica, vanguarda e comunidade acadêmica num movimento de autodefesa e auto-afirmação só aceitam identificar-se com o gênio ou a imortalidade, jamais com a estética da trivialidade transmitida pelo estrelato ou pela idolatria, vale dizer, pela mediania em estado de exaltação e prestígio.

A relação profunda, porém, do estrelato, é com o arquétipo do herói. O herói é sempre – ele também – um mediano dotado de superpoderes. É a aplicação (ou o sinal da Graça) do arquétipo do herói a uma pessoa dotada de misteriosos fluxos e comunicações empáticas. É uma representação dos valores com do mito do herói e não mais

decorrência de personagens heróicas. Nenhum ator ou atriz é astro ou estrela por representar figura do herói na ficção. Eles a representam porque são astros e estrelas, vale dizer, trazem misteriosas marcas de empatia que os identificam com os valores simbolizados na figura do herói. São atores (pessoas) unguídos por alguma forma de graça excepcional (dom gratuito, logo marca misteriosa, divinatória). Não são os personagens que os heroizam: eles heroizam os personagens. Independe do valor artístico da criação em tais seres se exerce o mistério da comunicação com valores profundos do “self” individual ou cultural. Por isso são estrelas: participam da morada dos deuses, sendo mortais.

Pela leitura ideológica, o estrelato é uma apropriação pelo sistema produtor das qualidades empáticas e de certos dons gratuitos de atores tomados pela magia do estrelato. Pela leitura psicológica o estrelato é uma relação profunda entre pessoas com um “self” extrovertido capaz de simbolizar valores patentes, latentes, ou jacentes no público. São seres marcados por alguma forma particular de Graça, identificados com o mistério e o sagrado. Daí o carisma, marca peculiar, “graça extraordinária concedido pelo Espírito Santos” segundo a definição do cristianismo.

Examinando a natureza interna do carisma através do estudo e densidade do cristianismo e segundo a anteviu São Paulo em suas Epístolas, encontram-se entre eles alguns sinais e características que sob forma laica os atores e comunicadores também caracterizam: Apostolado; Profecia; Discrição de Espírito; Palavras da Sabedoria e a

Palavra do Conhecimento; A Graça do Curar; O ofício de Doutor para Ensinar a Verdade; aí, segundo o cristianismo, formas pelas quais o carisma se manifesta na condição de “dom para o desempenho da missão”. O paralelismo desse “in-sight” religioso com a missão do ator e do comunicador é evidente. Latejam as mesmas intensidades e idênticos e misteriosos poderes, dedicados, conforme o caso, a diversas finalidades, todas elas formas de evangelizar verdades e finalidades outras (políticas, humanas, existenciais etc)

Um desses carismas , o (dom) da Profecia , é expressivo das relações profundas com a arte dramática. Na acepção carismática, profecia é o dom de revelar “ o que não está ao alcance do conhecimento comum “. Será outra a missão do ator? E, dentro dela, a do estrelato que é uma forma aguda, intensa e nítida de revelação imediata dos valores contidos na figura do herói.

O estrelato em televisão não reside, com os mesmos conceitos, apenas no atores. Entre jornalistas, correspondentes, repórteres, locutores, cantores, bailarinos, animadores, comentaristas, dá-se o mesmo fenômeno, independente da qualidade, da artísticidade ou do desenvolvimento profissional, embora tais virtualidades impulsionem e amplifiquem o efeito do estrelato.

Dons gratuitos, portanto, de origem misteriosa. Toque sutil da Graça, ao mesmo tempo em que utilização pelo sistema produto, para as suas finalidades diversas (de mercado, ideológica, estatal, conforme cada caso ou sistema) , eis a complexa (com) fusão representada pelo estrelato, responsável por seu entendimento e trato tão precários por parte da crítica, dos próprios atores e das pessoas em geral.

Astros e estrelas são, pois, uma espécie de arautos e sacerdotes dos desígnios dos sistemas, ao mesmo tempo em que emprestam qualidades artísticas e valores humanos a uma heroicidade simbólica que, sem eles (astros e estrelas) , não permitiria a coincidência necessária – em comunicação – entre símbolo e verdade pessoal.

Sempre que o que está simbolizado encontra uma pessoa (ator) com graus de verdade pessoal conotada com os valores representados, dá-se o milagre da comunicação profunda (comunhão) . O estrelato é um carisma que contém esse dom. Por isso , ainda que sendo uma versão bonificadora do sistema produtor, é um valor que atua de forma independente e com fortes cargas de libertação e representação de elevados valores de vida.

50

BLOG DA REDAÇÃO

TRINTA RAZÕES PARA IR À MARCHA DA MACONHA

Hoje falta exatamente um mês pra Marcha da Maconha SP 2014, que este ano acontece no dia 26 de abril a partir das 14 horas. Pra esquentar os motores – ou pulmões – nesse mês decisivo de divulgação e atividades, o DAR levanta aqui trinta motivos que tornam a manifestação imperdível.

1 – A guerra está no fim: faça parte da mudança

Se a humanidade tem milhares de anos de consumo de drogas, nos cerca de cem anos mais recentes essa busca pela alteração de consciência convive com a hipócrita e arbitrária proibição de algumas dessas substâncias. De lá pra cá o consumo não diminuiu e a guerra às drogas tem trazido males muito maiores do que mesmo o mais abusivo dos usos pode trazer, e felizmente isso tem ficado cada vez mais claro no Brasil e, sobretudo, no mundo, que caminha cada vez mais em direção a outras políticas de drogas. Vai ficar de fora desse debate?

2 – Estamos em diversos cantos do país e do mundo

Se desde os anos 1980 há manifestações pela legalização no Brasil, a Marcha da Maconha, com esse nome, ocorreu pela primeira vez no Rio de Janeiro, em 2007. No ano seguinte, já eram doze cidades e em 2013 marchamos em 43 cidades, reunindo milhares de pessoas. Funcionando em rede e de forma horizontal, os coletivos da Marcha da Maconha mobilizam milhares de pessoas pelo Brasil. Desde esse início, a Marcha fez parte da Global Marijuana March, movimentação iniciada nos anos 1990 nos Estados Unidos e que ano passado ocorreu em 225 cidades de 42 países pelo planeta. Nossa vitória não será por acidente!

3 – O Uruguai é aqui

Em 2014 será a primeira vez que marcharemos depois da legalização do consumo, da produção e da venda de maconha pelo Estado uruguaio. Ou seja, será nossa primeira manifestação que conviverá com um processo de legalização em curso, com consequente abertura de muitas outras possibilidades no mundo. Comemoramos: o Uruguai é logo ali, legalize logo aqui!

4 – EUA: o proibicionismo está ruindo por dentro

Se o mundo inteiro convive hoje com o proibicionismo, muita da responsabilidade é da diplomacia e da política externa estadunidenses, que utilizou-se do jogo internacional para difundiram a guerra às drogas dentro e fora de suas fronteiras, aliando o suposto combate às drogas com diversos de seus interesses geopolíticos e imperiais. E mesmo lá entre os criadores da proibição o consenso proibicionista já acabou, com crescente abertura para alternativas. Já são vinte estados que permitem a maconha medicinal, e recentemente Colorado e Washington legalizaram a erva para todos os fins, o que pode acontecer em mais estados em 2014, quando haverá novos plebiscitos. Como aponta o ativista estadunidense Ethan Nadelmann, a questão da legalização não é mais de se virá, mas quando virá.

5 – Chega de Amarildos!

O caso do pedreiro Amarildo de Souza, torturado e assassinado por policiais de “pacificação” no Rio de Janeiro no ano passado, é só mais um exemplo da liberdade que o Estado tem para atacar seus cidadãos com a desculpa do combate às drogas. Por conta da luta das comunidades, nossos mortos agora têm nome próprio – Amarildo, Ricardo, Douglas, Cláudia... –, mas a justificativa é quase sempre a mesma: traficantes. “Até quando você vai levando porrada? Até quando vai ficar de saco de pancada?”

6 – Contra o encarceramento em massa dos pobres

O povo preto brasileiro, ou os brancos quase pretos de tão pobres, quando escapa de se tornar Amarelado corre o grande risco de virar mais um número entre os milhares encarcerados. Se o consumo e o comércio de drogas envolve todos os setores sociais, ele só é penalizado no âmbito das camadas mais baixas, que lotam as prisões sem qualquer perspectiva de futuro, e mesmo de presente. Entre os quase seiscentos mil presos brasileiros, praticamente um quarto está atrás das grades por conta da proibição das drogas, e esse fenômeno afeta de forma dolorida e injusta não só a suas vidas mas a de suas famílias, amigos e do próprio horizonte de justiça e democracia.

7 – Desmilitarizar as polícias

Se desde a invenção do Brasil as classes poderosas precisam de seus capitães do mato para conter as revoltas populares, a violência brutal da Polícia Militar está se tornando cada vez mais inaceitável para grandes parcelas da população brasileira. Depois de junho de 2013, quando manifestações pacíficas foram seguidamente agredidas pelos fardados, a pauta da desmilitarização da polícia está na agenda do dia dos movimentos sociais e de qualquer pessoa sensata na cena política brasileira. A guerra às drogas precisa tanto da militarização quanto a militarização precisa da guerra às drogas, vamos acabar com as duas!

8 – Junho novamente vai passar pela Marcha!

Ano passado marchamos em 8 de junho, bem no início do furacão que tomou conta das ruas do Brasil nesse inesquecível mês. Em 2014 vamos pras ruas um pouco antes, mas novamente bem no comecinho do fortalecimento das mobilizações que prometem ser massivas perto das datas da Copa do Mundo. Antes de ir pra campo contra a Fifa e a polícia durante a Copa, venha treinar com a gente na Marcha da Maconha!

9 – A rua é nós

Passado o susto que levaram com as revoltas populares de junho, os governantes têm aproveitado o clima mais acirrado das manifestações pra tentarem aprovar leis que restringem o direito de livre manifestação e a liberdade de expressão, buscando criminalizar qualquer forma de dissidência com absurdos como a lei antiterrorismo atualmente em tramitação. Nesse contexto, ir as ruas em defesa de nossas bandeiras é uma forma de resistência contra os instintos ditatoriais sempre presentes em nossos políticos e juristas, é praticamente uma obrigação.

10 – Da pele pra dentro mando eu!

A minha liberdade termina quando começa a do outro, diz o velho clichê. Pois bem, é a partir desse raciocínio que especialistas em direito qualificam o uso de drogas ilícitas como um crime sem vítimas, afinal se há um prejudicado ele é, no máximo, o próprio usuário, que optou que fosse assim. Assim como em questões relativas a sexualidade ou alimentação, no campo das drogas também não cabe ao Estado nos dizer o que

podemos ou não colocar dentro dos nossos corpos. Como canta a rapper Mefe, assim que fumarei, amarei e chorarei justo quando tiver vontade!

11 – Pela liberdade de cultivar

Se o mal não é o que entra na boca do homem, mas o que sai da boca do homem, como diz a música, fica mais difícil ainda dizer que ele é o que sai da terra, e não o que nossa civilização predadora enfia nela a cada dia. A defesa do cultivo para consumo pessoal é histórica na Marcha, e sua não possibilidade é tão inexplicável como seria proibir o cultivo de tomates ou manjeriço em nossos jardins e quintais.

12 – Dizem que é remédio pra neurose: pela liberdade de se tratar

Milhares de pessoas no mundo sofrem desnecessariamente com doenças ou sintomas que poderiam ser amenizados e tratados com o uso de maconha, em diversas formas. Estudos e depoimentos comprovam que o uso de canábis (e LSD, e MDMA, entre outras drogas proibidas) é altamente benéfico no tratamento de doenças graves como câncer, AIDS e esclerose múltipla. Impedir que mais pessoas tenham acesso, de forma legal, a essas vantagens é de uma crueldade difícil de tragar.

13 – Contra a prisão de Ras Geraldinho: pela liberdade de acreditar

A pena máxima para tráfico de drogas é de quinze anos. Líder de uma igreja em Americana, o rastafári Geraldinho foi condenado a catorze anos por agir de acordo com suas crenças. Onde está a garantia constitucional de liberdade religiosa?

14 – Racistas otários nos deixem em paz!

Chamado de “fumo de Angola” ou “diamba”, entre muitos outros apelidos, o cigarrinho de artista sempre foi vinculado aos negros no Brasil, desde os tempos da escravidão. Se hoje os capitães do mato vestem farda, as costas chibatadas continuam sendo as mesmas, é só olhar para qualquer prisão ou velório de periferia. A proibição das drogas é mais um dos inúmeros mecanismos de guerra racial no Brasil, e seu desmantelamento é um passo fundamental para a construção da igualdade e do respeito aos direitos humanos. “Pensa aí, o moleque que trafica no Brasil/Teve o antepassado traficando num navio/E hoje no crime raramente passa dos trinta/O mesmo tempo de vida que qualquer escravo tinha”.

15 – Ventre livre e cabeça feita

Assim como diversos problemas sociais graves, a proibição e a guerra as drogas incidem de forma particularmente cruel sobre as mulheres, seja no crescente encarceramento seja estigmatização ainda maior, entre outros exemplos. Não a toa, as lutas feminista e antiproibicionista têm estado cada dia mais juntas: Legaliza a maconha, polícia é uma vergonha/ legaliza o aborto, direito ao nosso corpo!

16 – Nem criminoso nem doente: saia do armário

A discussão sobre uma nova política de drogas vai muito além dos direitos do usuário, isso é bastante evidente. Mas se eles não fizerem a sua parte e não saírem do armário como os homossexuais fizeram, dificilmente as coisas vão mudar. Usuário de drogas é um cidadão como outro qualquer, e merece ter seus direitos respeitados – nem criminoso, nem doente!

17 – Por políticas de redução de danos

Além de violentas e desrespeitosas dos direitos humanos, nossas atuais políticas de drogas são altamente ineficientes para lidar com os problemas que existem sim em determinados contextos e formas de uso. Diferente do modelo que prega a abstinência de uma forma quase fundamentalista, o enfoque no que se costuma chamar de redução de danos parte de um outro ponto de vista, muito mais óbvio e pragmático: as pessoas sempre usaram drogas, e continuarão usando, não importa o que o Laranjeira ou o Datena digam. Mais inteligente do que dizer que as drogas são ruins, é minimizar seus danos através da educação e do estímulo ao autocontrole e ao autoconhecimento, premissas básicas da redução de danos. “Quem usa, não abusa/ quem não usa, não acusa”.

18 – Louco é quem me diz: em defesa da reforma antimanicomial

Fruto de muita luta e ainda não totalmente concretizada, a reforma antimanicomial é uma conquista dos movimentos sociais brasileiros, que souberam afastar a discussão sobre saúde mental das intenções controladoras, autoritárias e segregacionistas daquela meia dúzia que adora lucrar com o sofrimento alheio. Usando o combate as drogas como justificativa, uma série de iniciativas que contrariam o legado da reforma antimanicomial estão em curso no momento, sendo a internação compulsória em massa a principal delas. “Se liga, olha onde pisa, faz a sua cota e não corta a minha brisa!”

19 – Hipócritas: filhos do sistema!

Dos muitos filhos e herdeiros do proibicionismo, certamente a hipocrisia é dos mais ilustres. Uma sociedade que estimula a todo momento o consumo de álcool, tabaco e medicamentos, praticamente se sustentando neles, não tem a menor moral pra falar da nossa fumaça. “Mas quem sou eu pra falar de quem cheira ou quem fuma? Não dá... nunca te dei porra nenhuma”.

Do ponto de vista do combate ao tráfico a hipocrisia talvez seja maior ainda do que na esfera do consumo: “Eu não vou ficar do lado de ninguém porque/ Quem vende droga pra quem? /Vem pra cá de avião, pelo porto ou cais/Não conheço pobre dono de aeroporto e mais Fico triste por saber e ver/Que quem morre no dia a dia é igual a eu e a você”

20 – Toda farmácia é uma biqueira legal

“Enquanto tem gente morrendo tem outros enchendo a pança”, já cantava o Planet antes mesmo de existir Marcha. Enquanto os comerciantes de maconha ou cocaína são

assassinados ou encarcerados, os vendedores de antidepressivos e outras substâncias tão ou mais potencialmente viciantes e perigosas riem de orelha a orelha com o descontrole do mercado de drogas legais, que favorece a crescente colonização da vida cotidiana pela indústria farmacêutica. É justo isso?

21 – Também morre quem atira

Se a indústria farmacêutica adora a proibição, a de armas, então, ela ama! Não importa quem é vencedor, quem é vencido, no fim das contas quem vende as armas é que sempre sai ganhando numa guerra, e é difícil imaginar algum interesse menos defensável do que o dos mercadores da morte: pois é do lado desse tipo de interesse que estão os defensores da proibição.

22 – Legalize Sua Descoberta

Trazer deus para dentro de si, conectar-se ao universo, o infinito em todas as coisas, o apocalipse perpétuo em contínua transformação, numa boa pescando pessoas no mar... as tentativas de descrição do nível potencial de transformação pessoal, de estímulo de autoconhecimento e de aperfeiçoamento das tecnologias de si que uma experiência psicodélica podem trazer são incontáveis. Evidente que quem não quer recorrer a elas jamais precisará fazer, mas impedir os psiconautas de o fazerem soa no mínimo meio Inquisição, não?

23 – Pela cultura dos debaixo

Capoeira, hip hop, reggae, jazz, rock and roll, literatura beat e romântica, surrealismo, samba, pagode, Cheech, Chong, Bezerra e Pink Floyd... a cultura dos debaixo é toda permeada pela contestação relax e pela expansão dos sentidos que a verdinha nos traz. Máximo respeito aos arquitetos da cultura libertária!

24 – Abra sua mente

Não é só no campo da saúde que a proibição das drogas freia o progresso do conhecimento científico: o estudo dos endocanabinóides, moléculas análogas as da maconha que são encontradas em nosso corpo, é um dos ramos mais promissores da ciência de ponta no Brasil e no mundo, e pode nos ajudar a entender melhor como funciona a mente humana.

25 – Quem ama respeita

Muita violência e intransigência é difundida todo dia, religiosamente ou não, utilizando-se do discurso do amor, do é melhor pra você. Se você tem filhos, faça como a mãe do Seiva Roxa e entenda que quem ama respeita, mesmo que não concorde.

26 – Pela diversidade

Da mesma forma que não é preciso ser homossexual para entender o tamanho da importância da luta contra a homofobia e o preconceito, a luta pela diversidade grita a cada passo da marcha, que defende um mundo que respeite as escolhas e as decisões daqueles que só fazem o mesmo que nós, buscam um jeito de tentar ser feliz no mundão.

27 – Traga seu bloco: uma marcha onde cabem muitas marchas

Assim como no ano passado, estimularemos a presença de blocos temáticos na Marcha da Maconha, garantindo a pluralidade de vozes e bandeiras. No ano passado tivemos bloco de uso medicinal, bloco religioso, bloco feminista, bloco contra a internação, bloco psicodélico, bloco da zona sul, bloco de esquerda, etc, etc e etc, e esse ano a tendência é que haja muitos mais. Junte-se a seus parceiros e faça seu bloco, nessa marcha cabem muitas marchas.

28 – Jogar terra no projeto de Osmar Trevas

Se o mundo inteiro tem visto cada vez mais o fracasso da guerra as drogas, políticos brasileiros parecem fazer questão de estar na vanguarda – do atraso mundial. É o caso por exemplo de Osmar Terra, que acredita que o problema do fracasso da guerra é a falta de guerra, propondo um endurecimento ainda maior na atual lei de drogas com sua proposta de mudança atualmente em debate no congresso. Caso aprovado, seu projeto de lei pioraria ainda mais a situação do encarceramento e da violência estatal contra os pobres no Brasil, além de abrir a porta para mais internações compulsórias arbitrárias e em massa.

29 – Come together, join the party

Protestamos contra muita coisa, contra inimigos poderosos e intransigentes. Mas cá entre nós: nossa marcha é divertida pra caralho!

30 – Pela liberdade, ainda que tardia

“Liberdade, essa palavra que o sonho humano alimenta que não há ninguém que explique e ninguém que não entenda”

51

BLOG LEIS DA SEDUÇÃO

SEDUÇÃO MÁXIMA: OS 4 MAIORES PODERES DO MUNDO

Hoje eu vou falar sobre uma coisa muito importante. Se você conseguir entender a mensagem você poderá mudar completamente sua vida com relação a sedução de mulheres como também com muitas outras áreas da sua vida. Alguma vez vocês já

parou e pensou: O que move a vida das pessoas? O que move o mundo em que vivemos? É sobre isso que vou falar abaixo!

Basicamente, existem 4 tipos de poder que movimentam o mundo. Eles influenciam a vida de todos os seres humanos desde quando somos crianças. E logicamente tem um impacto na sedução. São eles:

1. Dinheiro: Indiscutivelmente, dinheiro traz muito poder para uma pessoa. Se você fosse o homem mais rico do mundo, como Bill Gates, com 50 bilhões de dólares na sua conta bancária, você teria grande influência na sociedade. Com esse dinheiro não apenas centenas de mulheres maravilhosas se aproximariam de você, como também muitos políticos e homens de negócios influentes. Sua capacidade para satisfazer seus desejos fica gigantesca, você consegue muita cooperação e atenção das pessoas. O dinheiro move as pessoas e faz elas tomarem determinadas atitudes para consegui-lo. E se é você que está com o dinheiro, é você que está no controle. E o dinheiro certamente transforma o poder de sedução. Mas não necessariamente da forma como deveria ser, como veremos adiante.

2. Beleza Física: Imagine duas pessoas com exatamente as mesmas habilidades e capacitações profissionais. Só que uma é feia e a outra linda? Quem você acha que vai conseguir o emprego? Agora você deve ter começado a perceber o poder da beleza física em nossa sociedade. Analise o poder que a Gisele Bündchen tem comparado a uma mulher feia e não atraente que trabalhe numa repartição pública. Quantos anos a não atraente teria que trabalhar para ganhar os milhares de dólares que a Gisele ganha num dia? Sem falar na atenção da mídia e influência sobre a moda. Com relação ao poder de sedução, de conquistar as mulheres, compare o poder que Tom Cruise ou Reinaldo Gianechini tem com o poder que um mendigo desdentado tem? Beleza física sem dúvida concede muito poder.

3. Força/Violência: A habilidade e capacidade para usar a força é motivo de poder desde a idade das cavernas. Ainda mais no mundo atual cheio de guerras e conflitos em que vivemos, o poder da força é muito evidente. Na escola, por exemplo, quem tem mais poder, o magrinho da turma ou o mais forte da turma? Quem vai ter mais poder de decisão e de influenciar os outros colegas de classe? Qual provavelmente tem mais sucesso com as mulheres.

4. Persuasão: A capacidade para influenciar as outras pessoas é uma arma extremamente poderosa. Embora tenham muitos exemplos dos 3 tipos de poder mencionados, quantas pessoas você conhece que se tornaram mestres na persuasão? O mais interessante é que se você vira um mestre na persuasão...

Você controla totalmente as pessoas nas 3 categorias anteriores!!!

Não importa o que a pessoa tem ou é, se você sabe como persuadir você está no CONTROLE. Isso quer dizer que se você virar um mestre da persuasão, você terá mais poder do que os ricos, os lindos e os fortes. Que tal? Já imaginou isso no jogo da sedução?

É isso mesmo! Se você sabe como persuadir, você pode tornar o rico num aliado e gozar do dinheiro dele de mil formas, desde viagens de graça até financiar sua empresa. Você também pode aproveitar da beleza dos outros para ter benefícios e pode usar a força dos outros a seu favor.

Mas além disso tudo o mais importante que você deve entender é que se você pode ter mais poder que as pessoas destas 3 categorias, imagine o poder que você pode ter sobre as pessoas comuns!

Para conquistar mulheres, muitos homens passam a vida toda tentando enriquecer, ficarem mais bonitos, se tornarem fortes. Uns trabalham todos os dias de forma super desgastante com a esperança de que um dia fiquem ricos, outros passam o dia inteiro na academia ou em mesas de cirurgões plásticos para ficarem mais fortes e bonitos. Tudo isso é feito com a esperança de ganhar mais poder de sedução com as mulheres. O fato é que a maioria não consegue e mesmo os que conseguem, têm menos poder do que um mestre na persuasão.

52

CARLOS RUSSO JR. A CONFISSÃO DE FREUD

Em 1926, quando Sigmund Freud completou 70 anos, ele se confessou!

Foi na noite do dia 6 de maio, logo após uma modesta recepção para poucos amigos e parentes. Freud estava duplamente abatido. Primeiramente porque para ele as festas de aniversários sempre lhe traziam à mente a presença da morte; depois porque a Associação Vienense de Psicanálise tivera diversas deserções, a mais importante delas, a de seu ex-discípulo, Otto Rank.

De suas confissões, das quais sou testemunha, extrai os tópicos que modificaram a minha visão do fundador da psicanálise!

“Vivo entre médicos que me invejam quando não me desprezam e junto aos discípulos que se dividem em papagaios e ambiciosos cismáticos”, desabafou.

“Ensinei aos outros as virtudes da confissão e nunca pude abrir inteiramente minha alma. Por que decidi fazer isto agora, não sei. Talvez pelos meus 70 anos... É verdade que já escrevi uma pequena autobiografia, mas essa se destinava sobretudo à propaganda de minhas teses”. Olhando-me nos olhos perguntou-me: “O senhor tem uma ideia do que seja psicanálise?”

Sem aguardar minha resposta, desabafou:

“Todos acreditam que eu faço questão do caráter científico da minha obra e que minha finalidade principal seja a cura das doenças mentais. Este é um enorme mal-entendido que nunca consegui, e, para dizer a verdade, nunca quis desfazer. Eu sou um cientista por necessidade, não por vocação, pois minha verdadeira natureza é artística”.

Perante meu ar surpreso, continuou:

“O meu herói secreto foi sempre, desde adolescência, Goethe. Ah, como teria gostado, então, de me tornar poeta. E lhe digo que durante toda a vida desejei

escrever romances. Foram minhas antigas aptidões reconhecidas por meus professores, que me levavam à literatura. ”

“Acontece que minha família era pobre e a poesia rende a pouco, isso quando chega a render. Além disso era judeu, o que me põe em condição de inferioridade manifesta numa monarquia antissemítica. Também o exílio e o mísero fim de Christian Heine, o último de nossos poetas românticos, me desencorajaram”.

“Escolhi, então, sempre sobre a influência de Goethe, as ciências da natureza. No entanto, meu temperamento continuava romântico. Quando tinha 28 anos, para poder de rever por alguns dias minha noiva que estava longe de Viena, negligenciei um trabalho sobre a coca e deixei que outros raptassem os núcleos da descoberta da cocaína como paliativo da afasia”.

Seu sorriso logo se desfaz quando retorna ao tema de sua vocação:

“Antes de me casar, nos anos 85 e 86, estava em Paris e essa temporada na França teve uma influência decisiva no meu espírito. Não tanto pelo que aprendi com o Charcot ou com Bernheim, mas porque a vida literária francesa era, naqueles tempos, ardente, inovadora e eu, como bom romântico, passava horas nas suas livrarias e à noite frequentava os cafés do Quartier Latin. Na verdade, uma verdadeira batalha literária estava em desenvolvimento. O simbolismo contra o naturalismo, o predomínio de Flaubert e de Zola estava sendo substituído, entre os jovens, pelo de Mallarmé e de Verlaine. Rimbaud corria por dentro”.

“Não conto isto para exibir cultura. Falo por que as três escolas literárias, o romantismo recém morto, o naturalismo ameaçado e o simbolismo ascendente foram inspirações para todo meu trabalho posterior”.

“Assumo que como literato concebi a ideia de transformar um ramo da medicina psiquiátrica. Se em literatura fui poeta e romancista frustrado, sob forma de ciência, eu assumo a psicanálise como transferência de uma vocação literária, agora realizada. ”

“Somente lhe peço que jamais divulgue esta confissão! Aliás, poucos lhe dariam crédito”.

Levando seu sempre presente charuto à boca, prosseguiu: “Como seria natural, devo meu primeiro impulso para descoberta do método psicanalítico ao meu amado Goethe. O senhor deve saber que ele escreveu Werther para se livrar do pesadelo doentio de um sofrimento íntimo, pois a literatura era para ele uma forma de catarse. Afinal, em que consiste o meu método para tratamento da histeria senão em fazer o paciente contar tudo, livrando-se da obsessão? Nada além de obrigar meus pacientes agirem como Goethe”.

“Pois a confissão é a libertação! Ou seja, a cura. A igreja católica já sabia disto há séculos; no entanto, foi Victor Hugo quem me ensinou que o poeta é também um sacerdote! ”

“Percebi também que as confissões de Santo Agostinho constituíam precioso repertório de documentos humanos. Nisto eu fazia um trabalho idêntico ao de Zola. Desses documentos extraía romances e eu era obrigado a guardá-los para mim mesmo. ”

“Já a poesia decadente chamou minha atenção para semelhança entre o sonho e a obra de arte, assim como a importância dos símbolos e da linguagem simbólica. Nesse momento nascia o sentido da psicanálise. Foram estas as inspirações essenciais, não como dizem por aí, as sugestões de Breuer ou os vislumbres de Schopenhauer, de Nietzsche. Elas me auxiliaram, não nego, mas o fundamental foram as proposições críticas das escolas literárias que eu amava”.

“Irei mais fundo. O romantismo, que retomando as tradições da poesia medieval, tinha proclamado a primazia da paixão, sugeriu-me o conceito da sensualidade como centro da vida humana. Já sob a influência dos romancistas naturalistas, dei ao amor uma interpretação menos sentimental e mística. O naturalismo, e sobretudo Zola, me levaram a ver os lados mais repugnantes e também os mais comuns e gerais da vida humana. Compreendi que a sensualidade e a avidez se acobertam sob a hipocrisia dos bons modos, ou seja, o animal inserido no ser humano. E muitas das minhas descobertas dos segredos vergonhosos escondidos pelo subconsciente, nada mais são que a prova do desprezado ato de J’acuse, do Zola. Finalmente, o simbolismo me ensinou duas coisas: o valor dos sonhos assimilados à obra poética e o lugar ocupado pelos símbolos e a alusão na obra de arte. Ou seja, no sonho manifesto”.

“E foi assim que começou a se forjar meu grande livro sobre a “Interpretação dos Sonhos”, sonhos reveladores do subconsciente, aquele mesmo subconsciente que é a fonte de inspiração dos artistas simbolistas, onde cada poeta cria sua linguagem. Daí realmente eu criei o vocabulário simbólico dos sonhos, o idioma onírico”.

“Somente para completar o quadro das minhas fontes primárias, acrescentarei os estudos sobre o classicismo grego, que me sugeriram os mitos de Édipo e de Narciso. E com Platão, também alcancei que o brotar do inconsciente é a base da vida espiritual, e que toda fantasia noturna tem um significado recôndito. ”

“Em todos os meus trabalhos, sempre deixei transparecer para quem soubesse me interpretar, que a minha cultura era essencialmente literária. Minhas contínuas citações de Goethe, de Heine e de tantos outros poetas... Nunca escondi que meu espírito é inclinado ao ensaio, ao paradoxo, ao dramático, e nada tem da rigidez pedante e técnica de um verdadeiro cientista”.

“Agora confesso que em todos os países onde a psicanálise penetrou, fui melhor entendido e ela aplicada melhor pelos escritores e pelos artistas que pelos médicos. Realmente os meus livros pouco se assemelham a tratados de patologia. Meus estudos sobre a vida cotidiana e humor são na realidade literatura e testei meu talento ao enveredar pelo romance histórico quando escrevi “Totem e Tabu. ”

“Em todo caso, soube por via transversa vencer o destino e alcançar o meu sonho: permanecer na literatura apesar de ser o médico fundador da psicanálise, a qual um dia se disseminará em toda a sua grandeza por todos os cantos”.

“Finalmente, gostaria de lhe dizer que, se prestarmos atenção, em todos os grandes cientistas existe neles presente o fermento da fantasia, mãe das intuições geniais. Embora ninguém até então houvesse se proposto a traduzir em teorias científicas as inspirações oferecidas pelas correntes da literatura moderna. Sem nenhum narcisismo, eu o realizei”

53

**CARLOS RUSSO JR.
EM MACHADO DE ASSIS E SHAKESPEARE, O TRÁGICO
ABSOLUTO**

Apesar de o Trágico Absoluto ser relativamente raro na literatura, nós o encontramos em duas obras de enorme grandeza que, do passado, espreitam os dias de hoje: “Quincas Borba”, Machado de Assis e “Timon de Atenas” de Shakespeare.

O que podemos denominar de Trágico Absoluto?

São trabalhos literários rigorosamente fundados no postulado da fatalidade da vida humana. Chegam, no extremo, a proclamar que o melhor mesmo é nem nascer e, uma vez sendo inevitável a vida, morrer cedo!

Neles os seres humanos destinam-se a passar por sofrimentos e derrotas, quase sempre, imerecidas; os mais sensíveis são as maiores vítimas, enquanto que aqueles com menor sensibilidade, muitas vezes se alvoram em algozes de outros seres humanos, embora tão pouco estes obtenham felicidade.

Na obra “Quincas Borba”, mais que em qualquer outro romance de Machado de Assis, o mundo não oferece oportunidades àqueles que não se destinam a parasitar outros seres humanos; aos mais ingênuos restará apenas a loucura e a morte na mais completa solidão. Aos espertos e malandros, a ânsia permanente de acumular riquezas e de consumir, consumir sempre num mundo oco de aparências, até o esgotamento.

No trágico absoluto, tanto Machado, quanto Shakespeare, dão razão de sobra a Pascal ao dizer “que Cristo permanece em agonia até o final dos tempos”, conduzido por mãos humanas insensíveis.

“Não se comenta Shakespeare, admira-se”, pois “Shakespeare dá a comer e a beber a

sua carne e o seu sangue”. Da mesma forma também o fez, para todo o sempre, o autor desta frase, nosso Machado de Assis.

E essa admiração de Machado se concentra, sem dúvida, na ousadia de Shakespeare.

E esta está no rompimento de preconceitos e paradigmas do teatro e dos costumes de seu tempo.

Acontece que à semelhança do que faz o inglês, Machado também extrapolou, de maneira magistral, metafórica e cinicamente os paradigmas de sua época, época negra da escravidão, da desagregação do Império que é substituído por uma República sob a chibata militar, na sua essência uma continuidade do antigo regime.

Será nas personagens mais “cotidianas” que surgem os grandes dilemas shakespearianos, tais como os de Hamlet e Ofélia, o sofrimento de Romeu e Julieta, a ganância de Macbeth e de sua esposa. No entanto, onde há o tormento e a ruína, prospera afinal a esperança. Hamlet morre, mas será substituído por Fortimbrás, as famílias Capuleto e Montéquio terminam por se entender, Macbeth perde o reino que havia usurpado.

Sempre, em todas as tragédias shakespearianas coexiste o cômico e o drama, e, ao final a esperança, nalgum tipo de resolução dos conflitos.

Mas existe um momento de expressão da absoluta descrença nos valores da sociedade construída pelos homens: ele está na tragédia o “Timon de Atenas”!

Neste texto, inspirado e distópico, o universo é acometido de uma violenta praga: a existência humana!

Em “Timon de Atenas”, nenhuma boa ação é perdoada. Nenhum impulso decente deixa de provocar o escárnio e o desdém. A geração de um ser humano não passa de uma provocação idiota voltada à dor e a traição.

De nosso lado, a criação monumental de “Quincas Borba” se irmana ao Timon shakespeariano.

Diferentemente de todos os romances da fase realística de Machado de Assis, somente em “Quincas Borba” ouvimos o mesmo grito de guerra à maldade que a ganância dos homens pode produzir, assim como o peso da ingratidão e a linha tênue, embora feita do mais puro aço, que separa a riqueza da mais miserável pobreza.

Ao presenciar a história de “Timon de Atenas”, a plateia tem o retrato de uma sociedade corrompida, da qual todos nós fazemos parte, e pela qual somos também responsáveis. Homem de extremamente generosidade, Timon é um cidadão respeitável de Atenas, pela qual lutara de armas na mão e que não mede esforços para agradar amigos, dissipando sua fortuna em presentes, regalos e em ajudas.

Timon era também um grande mecenas, patrocinava políticos, artistas, filósofos, prostitutas, assim como a qualquer um que se dissesse ser seu amigo.

Atenienses ilustres, senadores, desfilam pelo salão de Timon e gravitam em torno dele. O mecenas é cantado, pintado, esculpido, analisado, cultuado e louvado em discursos. A prodigalidade dos elogios ao grande personagem não conhece limites.

Mas sua fortuna findará, ele procurará os amigos, e não receberá nem mesmo uma ínfima parcela da ajuda que, quando rico, tanto ofereceu! Absolutamente nenhuma solidariedade por quem tanto fizera!

Shakespeare expõe a proximidade entre pobres e ricos, separados não pelos valores, mas pelo tamanho da fortuna.

“Timon de Atenas” explode em nós a consciência do egoísmo como uma faceta terrível da corrupção e do cinismo humanos.

Como sempre conviveu com a fartura, a pobreza derruba Timon com força brutal e ele busca na misantropia e na loucura sua ruptura com o mundo, na busca da própria morte.

Talvez um dos monólogos mais significativos do ódio à sociedade dos homens e à cidade que o traíra pode aqui se expressar:

“Ah, muralhas de Atenas, vou olhar pra vocês pela última vez. Vocês, que cercam esses lobos, caíam por terra e deixem Atenas ao deus-dará. Mulheres chafurdem na bacanal. Crianças, não obedecam mais ao pai. Escravos e idiotas arranquem do plenário os veneráveis membros murchos do Senado e assumam o poder. Virgens em flor convertam-se. Falidos do mundo, "uni-vos" - em vez de pagar as dívidas, puxem da navalha e rasguem a garganta dos credores. Trabalhadores assalariados roubem seus patrões, que são ladrões de mão grande, que roubam também, mas com o apoio da lei. Empregadas, já pra cama do patrão - a patroa ainda não voltou do bordel”.

E ainda: *“Que a luxúria e a libertinagem penetrem sutilmente na medula dos jovens, pra que eles nadem contra a corrente da virtude e se afoguem na perdição. Que sarnas e pústulas plantem-se fundo nos corações atenienses, e que a colheita seja a lepra geral. Que o hálito infecte o hálito, e que a amizade destile puro veneno”.*

“Não levo dessa cidade execrável nada mais que a nudez do corpo. Que ela fique nua também, debaixo de mil maldições. Timon vai pra floresta, onde a fera mais desumana é mais humana que a humanidade. Que os deuses amaldiçoem os atenienses, dentro e fora dessas muralhas. Que a vida de Timon faça o seu ódio ser eterno. Contra todos os homens do mundo, no Olimpo e no Inferno. Amém”.

Rubião, herdeiro do filósofo “humanista” Quincas Borba, “fitava a enseada – eram oito horas da manhã. Quem o visse, com os polegares metidos no cordão do chambre, à janela de uma grande casa de Botafogo, cuidaria que ele admirava aquele pedaço de água quieta; mas, em verdade, vos digo que pensava em outra cousa. Cotejava o passado com o presente. Que era há um ano? Professor. Que é agora? Capitalista”.

Eis o primeiro parágrafo de “Quincas Borba”. Machado de Assis já introduz a história do ingênuo professor de Barbacena que, inesperadamente, recebe a herança do amigo, cuja morte é descrita em “Memórias Póstumas de Brás Cubas”. A fortuna vem com a incumbência exclusiva do herdeiro de cuidar do cachorro Quincas Borba, cão com o mesmo nome do finado dono.

Rubião se dá a todos que lhe cruzam no caminho com boa vontade, amizade, generosidade extrema.

A história do triângulo formado por Rubião e pelo casal Cristiano e Sofia Palha, conhecidos em um trem vindo da falida cafeicultura de Vassouras, se baseia na sedução de Rubião por Sofia e num adultério que não se realiza, pois ela o considera um caipira, sem o apelo sexual de um jovem da corte.

O casal Palha, todo o tempo, é unicamente movido pela ambição material e pelo desejo da ascensão social. O uso do amor e da sedução servem exclusivamente para a exploração moral e material do outro, que os considerava amigos.

“E assim se dá, porque depois de ter toda sua fortuna sugada pelo casal Palha e por outros falsos amigos, Rubião é descartado por todos.”

Cristiano Palha é um ‘zangão da praça’, o tipo de especulador financeiro, que surge no Brasil início dos anos 1870.

Na realidade, tanto o casal Palha, quanto o advogado e aventureiro político de nome Camacho, encarnam os valores de uma nova ordem, a da união da política e do capital financeiro, enriquecidos não apenas com especulações financeiras e com a exploração de tipos ingênuos como Rubião, mas também com as patranhas político-militares da Guerra do Paraguai, fonte de tantos corruptos e corruptores, fardados ou não.

O processo de depauperação é sequenciado pelo enlouquecimento de Rubião. Em sua loucura mantém as fortunas que esvaíra por seus dedos, sugadas pelos “amigos”.

Enquanto Timon de Atenas busca na loucura de sua misoginia o ódio a todos os seres humanos, Rubião se acredita imperador, e torna-se objeto de escárnio até mesmo de uma criança, a qual salvara no auge de sua fortuna.

Falido, doente, enlouquecido, nosso Rubião não busca a fuga e morte na mata como Timon o fizera; ele retorna a Barbacena onde morrerá ao lado de seu cachorro, Quincas Borba, que era tudo o que lhe restara da vida. Até mesmo sua morte ocorre às portas de uma igreja que não se abre, afinal, ele era um arruinado.

A solidariedade humana somente se pode encontrar entre os mais humildes servos (atenienses), ou junto à velha comadre de Barbacena.

Afinal, como disse o Pintor, personagem da tragédia shakespeariana, “a não ser entre a gente simples e ingênua, está fora de uso cumprir-se com a palavra dada.”

Diríamos também, toda a dignidade humana, até os dias de hoje.

54

EUGENIO GIOVENARDI

Amigos da natureza, vocês consideram que seja natural um sabiá, ou um joão-de-barro, ou um bem-te-vi, cantar `às 23h, à 1:30 e às 4h da madrugada? A cidade iluminada alterou os relógios biológicos da passarada.

No Sítio das Neves, os sabiás se despedem às 19h e só voltam às 5h30 sandando o Sol.

A espécie humana se estressa e estressa a passarada.

Será por isso que a estultícia tomou conta da alta cúpula da nossa República?

55

EUGENIO GIOVENARDI

NEGAVIRUS/19

Manifestou-se, em 2019, no ambiente brasileiro, um vírus político que resiste a todas as medidas científicas de controle para evitar o contágio das instituições em vigor. O Negavírus/19 se revela por frases de efeitos, bravatas soltas, espasmos culturais, desprezos provocativos, cansaço institucional, canetaços quixotescos.

O vírus se caracteriza pela negação da realidade. É a principal atitude que permite detectar sua presença e seu comportamento nas relações de convivência pública. Negar é preciso.

Não há pandemia no Brasil. A contaminação de milhões de pessoas pela gripe letal Sars2 é uma gripezinha que, até o momento, sacrificou apenas 181.000 cidadãos, que afinal, se escusa o Negavírus, um dia teriam que morrer.

Não há racismo no Brasil, apenas tensões sociais e injúrias raciais.

Não há negros, apenas brasileiros de cor verdade-amarelo.

Não há racismo, apenas discriminação de pobres, desempregados, gente de cor.

Não há corrupção no governo, apenas incompetência, leilão de cargos bem-pagos, desvios milionários, processos negociados.

Não há desmatamento na Amazônia, no Cerrado, na Mata Atlântica, apenas corte de árvores para a passagem da boiada, plantio da soja e exploração de minérios.

Não há queimadas na Amazônia, no Pantanal, no Cerrado, apenas alguns focos de calor.

Não há país no mundo que trate tão bem as florestas como o Brasil.

Não são os grileiros de terras públicas que incendeiam a Amazônia, são os índios e os pequenos agricultores.

Não houve apagão no Amapá, apenas um sinistro elétrico.

Não são confiáveis as urnas eletrônicas por alterarem votos. fraudar os eleitores e a esperança dos candidatos.

Não são as empresas brasileiras que compram ilegalmente quatro quintos da madeira ilegalmente serrada por madeireiros.

Não há vacina infelizmente para o negavírus. E, se porventura fosse oferecido pelo generalato que comanda a guerra contra o vírus, ninguém pode obrigar o contaminado a tomá-la em nome da liberdade e da democracia.

O coronavírus é uma questão de saúde física e mental e não de liberdade. A ignorância cobra mais caro do que a educação.

26.11.2020

Jaboti, cláusula bem conhecida.

56

FABRÍCIA HAMU OS DONOS DE GOIÁS

Sábado encontrei com um jornalista de Brasília que, ao me cumprimentar, já foi logo dizendo: “Puxa, mas a máfia do Cachoeira tomou conta da sua terra, hein? São os donos de Goiás!”. Não é a primeira vez que escuto esse comentário de quem vive fora do Estado sobre os recentes escândalos de corrupção envolvendo pessoas daqui. Também não é a primeira vez que discordo dele.

Sinto muito, colega jornalista, mas Goiás pertence aos goianos. E ser goiano não é para quem quer, nem para quem se autointitula, é para quem pode e faz por merecer. Para ser goiano não é preciso nascer em Goiás, mas é indispensável honrar este Estado, lutar por ele, amá-lo de verdade e não envergonhá-lo. É imprescindível não abrir mão da decência e da honestidade.

Goiás é do professor Altair Sales, que à frente do Instituto do Trópico Subúmido da PUC-Goiás produz pesquisas incansáveis sobre o Cerrado e alerta para sua extinção iminente. É do fotógrafo João Caetano, que transforma cada pedaço desse bioma em arte e beleza. É do aposentado Corivaldo Ferreira que, mesmo paraplégico, não deixa de regar todos os dias, no Conjunto Itatiaia, os ipês, jatobás, carobas e sibipirunas.

Aos médicos que transformam o Estado em referência de excelência em suas áreas de especialidade; aos que atuam na rede pública, lutando contra a falta de infraestrutura e os baixos salários, e aos idealistas, como Danilo Maciel, que no Hospital de Medicina Alternativa mostram que a natureza pode ser uma enorme prateleira de medicamentos, é que pertence o nosso Estado.

Goiás é da equipe do Centro de Valorização da Mulher (Cevam), que acolhe e conforta centenas de vítimas de violência doméstica. É de Ana Motta, que por meio da Asdown luta pela inclusão das crianças com Síndrome de Down. É da advogada Cynthia Barcellos, que com sua atuação incansável na área de Direito Homoafetivo ajuda a combater o preconceito aos homossexuais e transexuais.

São goianos o cineasta Pedro Novaes, que com sua Sertão Feelmes mostra que se pode ir além, muito além de coisas banais como “E aí, comeu?!”; a equipe do Coletivo Cine Cultura, que com o Cinealmofada prova que a experiência de ir ao cinema pode ser muito mais acessível e agradável do que se imagina; a dupla Márcio Júnior e Márcia Deret, que com obras como “O ogro” mostram que animação é coisa séria.

Goiás é das equipes da Monstro e da Fósforo Cultural, que com seu apoio às bandas e seus festivais mostram que o Estado é lugar de rock de qualidade, sim senhor; é dos artistas do Estúdio Bicicleta Sem Freio, que com suas ilustrações provam que criatividade e talento não faltam por aqui; é da Quasar Companhia de Dança, que encanta o Brasil e o mundo com seus movimentos sutis e intensos.

O Estado pertence à gente como os membros do Pedal Goiano, que lutam por políticas públicas que garantam a mobilidade urbana com uso de energia limpa e mostram que sustentabilidade não é discurso, é prática. Pertence ao grupo Vida Seca, que também segue o preceito de que atitude é tudo e leva arte e educação ambiental a crianças carentes com o projeto “Lixo Ritmado, Batuque Reciclado”.

Também são goianos de verdade os católicos que ajudam a combater a desnutrição infantil, os evangélicos que levam conforto e auxílio aos pacientes carentes nos hospitais e os espíritas que distribuem alimento para as pessoas que dormem ao relento. São goianos os ateus que, apesar de não crerem em Deus, creem nos homens e ajudam aqueles que estão em situação de vulnerabilidade social.

Goiás é dos professores da rede pública, que enfrentam as precárias condições de trabalho e insistem em levar conhecimento aos estudantes. É dos alunos que desafiam o cansaço de quem precisa estudar e trabalhar ao mesmo tempo, mas ainda assim não abrem mão de se formar. É também daqueles que não puderam estudar, mas fazem questão de aprender com a vida.

São goianos aqueles que geram emprego e renda, que tratam seus colaboradores com respeito; aqueles que trabalham incansavelmente, ainda que por um salário mínimo mensal ou menos que isso, sem desistir da meta de viver honestamente; aqueles que lutam por melhores condições de trabalho para a coletividade, que não nos deixam perder de vista que um mundo mais justo e igualitário é possível.

São goianas milhares de outras pessoas cujos nomes, felizmente, não caberiam nesse espaço. Aqueles que vivem em Goiás apenas para levar vantagem são os falsos filhos da terra. Hoje estão aqui, mas amanhã podem estar na Suíça, nas Ilhas Cayman ou em qualquer outro lugar que lhes seja mais conveniente do ponto de vista financeiro e do tráfico de influência. Esses não fazem história, fazem escândalos.

É a essa gente que leva arte, alegria, saúde, educação, alimento, conhecimento, qualidade de vida e dignidade aos outros, não porque vai enriquecer com isso, mas porque entende essa tarefa como sua missão de vida, que Goiás pertence. Talvez o grande problema seja o fato dessas pessoas não fazerem valer sua autoridade. Como donos de Goiás, está na hora de mostrar quem manda de verdade por aqui.

57

FRANKLIN CUNHA

A OBSOLESCÊNCIA DO HOMEM

Em 1956, um filósofo judeu alemão escreveu esta reflexão:

"Para sufocar antecipadamente qualquer revolta, não deve ser feito de forma violenta. Métodos arcaicos como os de Hitler estão claramente ultrapassados. Basta criar um condicionamento coletivo tão poderoso que a própria ideia de revolta já nem virá à mente dos homens. O ideal seria formatar os indivíduos desde o nascimento limitando suas habilidades biológicas inatas...

Em seguida, o condicionamento continuará reduzindo drasticamente o nível e a qualidade da educação, reduzindo-a para uma forma de inserção profissional. Um indivíduo inculto tem apenas um horizonte de pensamento limitado e quanto mais seu pensamento está limitado a preocupações materiais, medíocres, menos ele pode se revoltar. É necessário que o acesso ao conhecimento se torne cada vez mais difícil e elitista..... que o fosso se cave entre o povo e a ciência, que a informação dirigida ao público em geral seja anestesiada de conteúdo subversivo.

Especialmente sem filosofia. Mais uma vez, há que usar persuasão e não violência direta: transmitir-se-á maciçamente, através da televisão, entretenimento imbecil, bajulando sempre o emocional, o instintivo. Vamos ocupar as mentes com o que é fútil e lúdico. É bom com conversa fiada e música incessante, evitar que a mente se interrogue, pense, reflita.

Vamos colocar a sexualidade na primeira fila dos interesses humanos. Como anestesia social, não há nada melhor. Geralmente, vamos banir a seriedade da existência, virar

escárnio tudo o que tem um valor elevado, manter uma constante apologia à leveza; de modo que a euforia da publicidade, do consumo se tornem o padrão da felicidade humana e o modelo da liberdade.

Assim, o condicionamento produzirá tal integração, que o único medo (que será necessário manter) será o de ser excluído do sistema e, portanto, de não poder mais acessar as condições materiais necessárias para a felicidade. O homem em massa, assim produzido, deve ser tratado como o que é: um produto, um bezerro, e deve ser vigiado como deve ser um rebanho. Tudo o que permite adormecer sua lucidez, sua mente crítica é socialmente boa, o que arriscaria despertá-la deve ser combatido, ridicularizado, sufocado...

Qualquer doutrina que ponha em causa o sistema deve ser designada como subversiva e terrorista e, em seguida, aqueles que a apoiam devem ser tratados como tal "

Günther Anders

"A Obsolescência do Homem" (1956)

58

GILBERTO FREYRE

“Pelos recifes ou arrecifes de Boa Viagem é agradável passear o menino, o moço e até o velho, quando o mar está baixo; e os peixinhos, uns azuis, outros amarelos listrados de preto, se deixam ver em toda sua glória de cores, nadando nas poças esverdeadas que o sol aquece. O sol aquece, tempo de verão e de mar baixo, a água das várias bacias que em Boa Viagem são uma verdadeira sucessão de piscinas, entre os arrecifes e a praia. Tem-se a idéia de que, dentro dessas piscinas, alguém prepara a água de banho: uma misteriosa mucama que gradua a temperatura do mar – o mar assim condicionado em piscinas – para regalo dos muitos ioiôs e das muitas iaiás da terra ou vindas do Sul e do estrangeiro que não encontram aqui o frio das águas europeias ou mesmo das de Copacabana; e sim uma água ao mesmo tempo verde e morna. Um banho em Boa Viagem é um dos maiores regalos que o Recife oferece a adventícios, tanto quanto a nativos. Uma das experiências mais recifenses que o adventício pode ter no Recife: um mar de água morna, um sol que em pouco tempo amorena o corpo do europeu ou do brasileiro do Sul; vento fresco; recifes; sargaço. Um cheiro bom de sargaço fresco recebe às vezes o turista.”

GUTEMBERG CRUZ

NORDESTE

Poucos deputados deram atenção à audiência pública sobre a seca na Bahia

A presidenta da União dos Municípios da Bahia (UPB), prefeita de Cardeal da Silva, Maria Quitéria, fez questão de abrir seu discurso na audiência pública, “A seca e seus feitos na Bahia”, que aconteceu na manhã da quarta-feira (17), na Assembleia Legislativa, chamando a atenção para baixa participação dos deputados na sessão.

“É lamentável ver tão poucos deputados interessados com esse tema, tendo em vista que a seca está dizimando nosso estado. É uma falta de respeito com o povo baiano. Vocês deputados que aqui se fazem presente estão de parabéns, pois nós prefeitos não viemos aqui pedir nada para gente. Aqui viemos representando o povo de nossos municípios que estão sofrendo de fome e sede e vendo suas plantações e criações morrerem”, falou Maria Quitéria.

Marcada para começar as 09h, a audiência começou apenas as 09h40 e com a presença, além dos prefeitos, de 28 dos 63 deputados. No decorrer do debate alguns deputados foram se achegando ao plenário, marcavam sua presença no painel eletrônica da Assembleia e tempos depois iam embora.

Presidente da audiência, o deputado Cacá Leão afirmou que, “todos os deputados foram convidados formalmente através de ofícios enviados aos seus gabinetes. Os que se interessaram aqui estiveram presentes e permaneceram”.

Durante a audiência foi debatida a morosidade e burocracia na liberação de recursos emergenciais e estruturantes no combate à seca. (Fonte: Ascom UPB)

GUTEMBERG CRUZ

SEDUÇÃO DO MITO

O drama do mito tem no herói, desde tempos imemoráveis, o personagem principal. É impossível pensar a mitologia sem o heroísmo, porque se entrelaçam e se confundem naquilo que podemos definir como transcendência do Eu. O herói é alguém que deu a própria vida por algo maior do que ele mesmo. Mas é bom lembrar essa frase: “Basta

um instante para fazer um herói, mas precisa-se de uma vida inteira para fazer um homem do bem”. Os deuses gregos nasceram enraizados em reações humanas diante da vida. Seres carnaís, seu comportamento ainda sobrevive na cultura moderna e permanecem vivos exatamente porque são mitos criados à semelhança de seu criador: o homem.

No princípio, era o Caos. O Caos engendrou o Érebro, as trevas infernais, a noite, o dia e o éter, o céu superior. Depois veio Géia, a Terra, e Eros, o Amor. De Géia, nasceu Urano, o céu. E de Géia e Urano surgiu a primeira geração divina da mitologia grega. Nunca se viu mitologia tão humana como a grega. Tão humana que os deuses frequentemente desciam do Olimpo para se intrometer na vida dos mortais, quando não para se entregar a eles.

Hermes, por exemplo, capaz de atravessar o espaço repentinamente, graças às suas sandálias aladas, é o Superman de hoje (ou o Flash, o homem relâmpago, para ser mais preciso). E Afrodite, exuberante, que encarna a fecundidade, mas também o erotismo, um tipo de Marilyn Monroe ou Catherine Deneuve do cinema. A mitologia era a projeção, na tela do céu, da imaginação, dos desejos e dos temores dos gregos. Os combates do Olimpo refletiam fielmente as rivalidades reais entre as cidades. Segundo as lendas, cada cidade possuía seu deus fundador. Zeus (senhor do raio e do trovão) é originário de Creta; Dionísio (deus da força vital), da Trácia; Afrodite (deusa do amor), de Rodas; Artemis (deus da caça), de Esparta. Os habitantes dessas cidades consideravam os deuses como seus longínquos ancestrais. Assim deuses e humanos são quase a mesma família.

A figura do herói fascina o cidadão comum. Com ele nos transportamos para um mundo mágico, onde as soluções dependem desse ser encantado. Na Antiguidade, o herói era cantado em prosa e verso (Ilíada, Odisséia). A mitologia grega era povoada de heróis (Aquiles, Heracles, Ulisses). Mas todas as culturas tiveram ou têm os seus heróis e seu significado é modelo exemplar para a sua comunidade. E mesmo na mitologia, o herói nem sempre é perfeito. Heracles matou os próprios filhos. Teseu abandonou Ariadne que o havia ajudado a percorrer o Labirinto.

Há heróis da pátria (Tiradentes, Bolívar, Bonaparte) que merecem um lugar no panteão, há outros que são produtos de biógrafos e historiadores. São alguns dos homens públicos que acabam recebendo coroa de louros nas páginas da História porque tiveram enriquecimento ilícito de parentes ou propina das empreiteiras. É do poeta Jean Cocteau esta convicção: “A História prefere a Mitologia, porque a História parte da verdade e ruma em direção à mentira; a Mitologia parte da mentira e se aproxima da verdade”. E o que dizer do anti-herói? O sem nenhum caráter Macunaíma, de Mário de Andrade, ou do herói bandido como Robin Hood nos bosques de Sherwood, Giuliano nas montanhas da Sicília ou Lúcio Flávio nos morros do Rio. Tem ainda os heróis trágicos, os mártires como Saco e Vanzetti do movimento comunista, Joana D’Arc, Maria Quitéria entre outros.

Sabemos apenas que nos dias de hoje os heróis mitológicos foram substituídos pelos heróis da moderna ficção: cinema, televisão, histórias em quadrinhos e videogame. Os do cinema são mais perenes (por graças aos mitos criados pelo celulóide que a arte cinematográfica construiu a ponto que faz com que o mundo bidimensional da tela e o tridimensional do espectador entrem em confluência), enquanto os da TV são mais voláteis, têm vida curta. Gary Cooper, Errol Flynn, Greta Garbo, Claudia Cardinale, Brigitte Bardot encantaram gerações e gerações, agora os tempos são outros e a TV vai competir com o cinema mas sem a mesma capacidade de sedimentar a figura do herói. A TV fabrica mitos e os devora. Já nas histórias em quadrinhos os super-heróis continuam imbatíveis. Abrangendo um público que vai da criança ao adulto, o culto é de encantamento. Por isso o cinema e a TV estão sempre aproximando os mitos dos quadrinhos para permanecerem atuais e atingir o grande público.

61

GUTENBERG CRUZ

TERRITÓRIO DA ALMA HUMANA

Depois de embalar duas grandes guerras, o século XX conheceu uma nova onda de colonização. Não mais horizontal ou geográfica, mas verticalmente, penetrando os territórios da alma humana. A industrialização do espírito, segundo Edgar Morin (2009, p.13), por meio do avanço tecnológico, se voltou para a organização do interior do homem, soterrando-o sob camadas de mercadorias culturais.

“...as palavras e imagens saíam aos borbotões dos teletipos, das rotativas, das películas, das fitas magnéticas, das antenas de rádio e de televisão; tudo que roda, navega, voa transporta jornais e revistas; não há uma molécula de ar que não vibre com as mensagens que um aparelho ou um gesto tornem logo audíveis e visíveis (...) Através delas, opera-se esse progresso ininterrupto da técnica, não mais unicamente votado à organização exterior, mas penetrando no domínio interior do homem e aí derramando mercadorias culturais. Não há dúvida de que o livro, o jornal eram mercadorias, mas a cultura e a vida privada nunca haviam entrado a tal ponto no circuito comercial e industrial, nunca os murmúrios do mundo – antigamente suspiros de fantasmas, cochichos de fadas, anões e duendes, palavras de gênios e de deuses, hoje em dia músicas, palavras, filmes levados através de ondas – não haviam sido ao mesmo tempo fabricadas industrialmente e vendidas comercialmente. Essas novas mercadorias são as mais humanas de todas, pois vendem a varejo os ectoplasmas da humanidade, os amores e os medos romanceados, os fatos variados do coração e da alma” (MORIN, 2009, p.13-14)

E desde a infância, o cidadão médio dessa sociedade de massa é inserido em uma sede de informações que mescla os mais diversos conteúdos, que são cuidadosamente elaborados para integrar diferentes categorias de consumidores aos meios de comunicação. E esse caráter emigra da imprensa para os outros meios. A maior parte das mercadorias que alimenta essa sociedade de massa associa palavras rápidas e sucintas a imagens suntuosas, fascinantes e dinâmicas.

As invenções técnicas foram necessárias para que a cultura industrial se tornasse possível. O crescimento de todo sistema industrial exigiu o máximo consumo para um público variado. E essa variedade é, ao mesmo tempo, sistematizada, homogeneizada. Assim a diversidade dos conteúdos foi homogeneizada. A maioria dos filmes, por exemplo, sincretiza temas múltiplos no seio dos grandes gêneros: num filme de aventura haverá amor e comicidade e num filme de amor haverá aventura e comicidade, assim como num filme cômico, haverá amor e aventura. Essa linguagem homogeneizada exprime esses temas.

O rádio tende ao sincretismo variando a série de canções e programas, mas o conjunto é homogeneizado no estilo da apresentação radiofônica. A grande imprensa, a revista ilustrada tendem ao sincretismo se esforçando por satisfazer toda gama de interesse.

Informa Morin: “No começo do século XX, as barreiras das classes sociais, das idades, do nível de educação delimitavam as zonas respectivas de cultura. A imprensa de opinião se diferenciava grandemente da imprensa de informação, a imprensa burguesa da imprensa popular, a imprensa séria da imprensa fácil. A literatura popular era solidamente estruturada segundo os modelos melodramáticos ou rocambulescos. A literatura infantil era rosa ou verde, romances para crianças quietas ou para imaginações viajantes. O cinema nascente era um espetáculo estrangeiro. Essas barreiras não estão abolidas. Novas estratificações foram formadas: uma imprensa feminina e uma imprensa infantil se desenvolvem depois de cinquenta anos e criam para si públicos específicos” (p.37). E conclui: “A cultura de massa é, portanto, o produto de uma dialética produção-consumo, no centro de uma dialética global que é a da sociedade em sua totalidade” (p.47).

Para concluir esse espírito do tempo onde a cultura de massa é um embrião de religião da salvação terrestre, mas falta-lhe a promessa da imortalidade, o sagrado e o divino, para realizar-se como religião, Morin assim afirma: “A contradição – a vitalidade e a fraqueza – da cultura de massa é a de desenvolver processos religiosos sobre o que há de mais profano, processos mitológicos sobre o que há de mais empírico. E inversamente: processos empíricos e profanos sobre a ideia-mãe das religiões modernas: a salvação individual”.

Assim a união entre o imaginário e o real é muito mais íntima do que nos mitos religiosos ou feéricos. O imaginário não se projeta no céu, fixa-se na terra. Os deuses (e os demônios) estão entre nós, são de nossa origem, são como nós mortais. Só não há resposta para as contradições da existência, estas estão em movimento, e esse movimento pode criar respostas, também em movimento.

62

GUTENBERG CRUZ

TERRITÓRIO DA ALMA HUMANA (4)

A imagem gráfica foi um dos primeiros e mais presente elemento para o estabelecimento de diferentes formas de comunicação e registro narrativo da aventura humana. A pintura rupestre, presente até os nossos dias, é um exemplo das primeiras narrativas por sucessão de imagens (MOYA, 1970).

E em outro momento histórico, em que a comunicação já procedia de uma linguagem falada inteligível e codificada, o nascimento dos primeiros alfabetos reteve o caráter da imagem gráfica. Até os nossos dias, algumas culturas vivas preservam estas estruturas primordiais da escrita em alfabetos ideogramáticos, como é o caso da escrita do idioma chinês. A aproximação entre a escrita e a fala, contudo, foi essencial para a apropriação crescente da leitura como atividade cotidiana das populações, encaminhando sua democratização a constituir-se em um direito e patrimônio da humanidade.

A difusão das linguagens de matriz visual verbal continuou na Europa, nos séculos XVII e XVIII, como forma universal de comunicação impressa, o humor gráfico dá o próximo passo quando um imigrante italiano radicado no Brasil, Ângelo Agostini, lança a obra *As Aventuras de Nhô Quim* em 1869, considerada a primeira história em quadrinhos do mundo por certos especialistas (RIANI, 2002, p.38). No entanto, para efeito de internacionalização da linguagem, o primeiro registro mundial fica com *Yellow Kid*, história em quadrinhos de autoria de Richard Felton Outcault, lançada em 1895 (MOYA, 2003, p.95).

Consolidando-se como linguagem da mídia na imprensa norte-americana do século XIX, a história em quadrinhos concentrou-se em conteúdos humorísticos e esteve inicialmente voltada para o público menos letrado, abordando com comicidade as mazelas do operariado, dos núcleos familiares de classe média e baixa, contemplando também a possibilidade do protagonismo feminino, de minorias sociais e étnicas. A distribuição destas primeiras HQs, denominadas na época *comic strips* (chamadas no Brasil de “tiras”) foram levadas dos EUA para o mundo por meio dos *syndicates*, que são até hoje organizações distribuidoras de notícias e material de entretenimento para jornais do mundo.

Além de difundir o trabalho de seus artistas gráficos, a distribuição sindicalizada dos quadrinhos norte-americanos colaborou, juntamente com o cinema, para a internacionalização de diversos elementos da cultura e formas de produção de bens culturais nesse país. A ampliação dos parques gráficos norte-americanos, aliado ao aprimoramento da linguagem das HQs, fez com que estes obtivessem um veículo próprio, uma publicação periódica chamada *comic book* (conhecido no Brasil como *gibi*).

O efeito de despertar o gosto pela leitura não se perdeu para as histórias em quadrinhos, segundo os especialistas, mesmo quando outras mídias foram crescidas nas vivências domésticas e comunitárias das pessoas, como o rádio, a televisão, o cinema e, mais recentemente, as mídias digitais e o advento da Internet. Uma das características que resgata as histórias em quadrinhos como componente geracional, ou seja, traço inerente à geração atual, é determinado pelas propriedades hibridizadas de sua linguagem, devido aos elementos semânticos de sua matriz visual verbal. Assim, a geração de jovens que cresceram sob a égide da informática se identifica com a mídia quadrinhística, sentindo-se atraída também pelas possibilidades que cada leitor tem de criar suas próprias narrativas por meio desta linguagem.

Em seu estudo sobre culturas híbridas, Nestor Garcia Canclini abordou dois “gêneros impuros: grafites e quadrinhos”: “São práticas que desde seu nascimento abandonaram o conceito de coleção patrimonial. Lugares de intersecção entre o visuale o literário, o culto e o popular, aproximam o artesanal da produção industrial e da circulação massiva” (CANCLINI, p. 337)

E mostra a sua aliança inovadora, desde o final do século XIX, entre a cultura icônica e a literária. Participam da arte e do jornalismo, são a “literatura” mais lida, o ramo da indústria editorial que produz maiores lucros: “Poderíamos lembrar que as histórias em quadrinhos, ao gerar novas ordens e técnicas narrativas, mediante a combinação original de tempo e imagens em um relato de quadros descontínuos. Contribuíram para mostrar a potencialidade visual da escrita e o dramatismo que pode ser condensado em imagens estáticas. Já se analisou como a fascinação de suas técnicas hibridizadoras levou Bourroughs, Cortazar e outros escritores cultos a empregar suas síntese de vários gêneros, sua ‘linguagem heteróclita’ e a atração que suscita em públicos de várias classes, em todos os membros da família” (CANCLINI, p. 339).

Mais adiante Canclini informa: “Se a história em quadrinhos mistura gêneros artísticos prévios, se consegue que interajam personagens representativas da parte mais estável do mundo – o folclore – com figuras literárias e dos meios massivos, se os introduz em épocas diversas, não faz mais que reproduzir o real, ou, melhor, não faz senão reproduzir as teatralizações da publicidade que nos convencem a comprar aquilo de que não precisamos, as ‘manifestações’ da religião, as ‘procissões’ da política” (CANCLINI, p. 345).

63

GUTENBERG CRUZ

O PODER DOS CINCO SENTIDOS

Ciclo é uma palavra de apenas cinco letras mas muitos significados. No dia a dia vivemos muitos ciclos. A semana, o ano, os meses de gestação, tudo em ciclo. A inspiração e a expiração completa um ciclo que nos mantém vivos. Em todas as áreas do conhecimento há significados próprios para o ciclo. Os ciclos indicam o fim de uma fase, quando uma termina a outra já começou. Não é o fim de tudo, é o recomeço por sempre. A idéia do círculo, quer dizer ciclo, simboliza a perfeição exatamente por não ter nem começo e nem fim. A grandeza e importância dos ciclos medem-se pela intensidade dos sentimentos. É esta intensidade que marca o valor das experiências e que nos modifica permanecendo como progresso conseguido.

Na sabedoria chinesa, todo ano a primavera se repete como um a das estações, mas as flores são sempre novas, outras. Se alguém vive bem a experiência de um ciclo, torna-se apto a viver ainda melhor o próximo porque aproveitou e aprendeu com o que viveu na fase anterior. Viver inconseqüente equivale a não ter vivido, não acumulou vivência. A consciência leva a compreensão. Afinal, estar vivo é estar consciente. Se o ciclo não trazer uma consciência do que fazer de nada nos valerá para o próximo.

As transformações conseguidas num ciclo de experiências vão reorganizar as energias para o próximo ciclo de vida. Assim, a espiral da vida é um momento circular que vamos ascendendo, crescendo na compreensão da vida pelas experiências vividas. O sol, a lua, os elementos da natureza, as estações do ano, o dia e a noite, as horas, todos os seres, tudo está relacionado, nada é separado. E o universo é regido por dois princípios, duas energias opostas e complementares a que chamam de Yin e Yang. Yin é tudo que se concentra, que está no interior, que converge para o centro, que resfria e pacifica.

Yang é tudo o que se expande, se movimenta, aparece e dinamiza. Yin é a energia materializada e Yang é a energia fluída. Yin é a terra, Yang o céu. Yin o escuro, noite, frio, interior. Yang é céu, dia, calor, exterior. Yin é água, Yang fogo. Yin o universo, a lua e a noite. Yang é o verão, sol e o sal. Yin é o conservador, Yang o inovador. Yin é a mulher, Yang o homem, Yin é a intuição e Yang racionalidade. Para cada qualidade Yin, você encontrará uma oposta e complementar Yang. Tanto Yin quanto Yang são necessários.

Para os chineses, entre a água (Yin) e o fogo (Yang) existe a madeira, a terra e o metal. Assim Yin e Yang que são dois se tornam cinco. Na natureza cinco elementos (madeira, fogo, terra, metal e água), relacionados a cinco direções (leste, norte, centro, oeste e sul), relacionados a cinco estações do ano: primavera, verão, canícula (os últimos 18 dias de cada estação), outono e inverno. Cada estação apresenta um dos cinco fatores climáticos: vento, calor, umidade, secura e frio. E na natureza prevalecem cinco cores: verde, vermelho, amarelo, branco e preto. Também são cinco as fases da vida: nascimento, desenvolvimento e crescimento, vida adulta, velhice e morte.

São cinco os órgãos internos do ser humano (fígado, coração, baço, pulmão e rim), cinco as vísceras complementares (vesícula biliar, intestino delgado, estômago, intestino grosso e bexiga), cinco os órgãos dos sentidos (olhos, língua, boca, nariz e ouvidos), cinco os tipos de tecidos (tendões, vasos, músculos, pele e ossos), cinco os sabores (ácido, amargo, doce, picante e salgado) e cinco as emoções relativas ao desequilíbrio de cada órgão (raiva, euforia, preocupação, tristeza e medo).

O homem, “por meio dos sentidos, suspeita o mundo” (como diz o poeta Bartolomeu Campos de Queirós, Os cinco sentidos), simboliza, se expressa, diz para si mesmo e para o outro. Nossos sentidos não apenas percebem e enviam sinais nervosos para o cérebro, mas dão significados ao que nos cerca, criam, transformam, estabelecem relações, revelam, mostram e se comunicam. Com os olhos, olhamos a vida, imaginamos, acordamos sentimentos, criamos imagens. O olfato e o sabor despertam a memória, fazem o pensamento ir longe entre cheiros e sabores da história individual e coletiva. Com os ouvidos escutamos os sons e os silêncios dos nossos interlocutores e do mundo, nos encantamos e inventamos novos ritmos e melodias.

A pele envolvendo o corpo inteiro, estremece, se arrepia, toca e é tocada, dança, chora, ri, registra e se deixa registrar. Assim, “por meio dos sentidos suspeitamos o mundo”, o recriamos e o damos à compreensão do outro. Todos os sentidos participam de cada linguagem, inclusive o sexto sentido, o que nos faz suspeitar, pois, como revela o filósofo e crítico da modernidade Walter Benjamin, a clarividência, o extra-sensorial estão presentes na linguagem.

GUTEMBERG CRUZ**O PODER DOS CINCO SENTIDOS (2)**

As maneiras que usamos para deliciar nossos sentidos variam de cultura para cultura. Nossos sentidos transpõem o tempo. Eles nos ligam intimamente ao passado com mais intensidade do que nossas ideias. Vivemos atados por nossos sentidos. Ao mesmo tempo em que nos fazem crescer, eles nos limitam e cerceiam. Temos a necessidade de criar obras de arte para aprimorar nossos sentidos e aumentar as sensações do mundo que nos cerca, para que nós possamos deliciar mais com os espetáculos da vida. Vamos comentar neste segundo artigo de dois importantes sentidos para nossas vidas: a visão e o olfato. O primeiro torna-se mais densamente mais rico quando o percebemos com os olhos, e o poder do olfato sempre foi assunto de povos de todas as culturas.

Vamos começar pelos olhos. Os olhos continuam sendo os grandes monopolizadores de nossos sentidos. Cerca de 70% dos receptores dos sentidos do corpo humano estão localizados nos olhos, e é principalmente por meio da visão do mundo que o podemos julgar e entender. Nossa linguagem está baseada nas imagens. Sem a luz e sem a água a vida existiria? A luz afeta nossos estados de espírito, acelera os hormônios, detona nosso ritmo. Durante as estações em que prevalece a escuridão nas latitudes do norte, aumentam os índices de suicídios, a insanidade surge em vários lares e o alcoolismo torna-se uma constante. Uma característica de nossa espécie é a habilidade de adaptarmo-nos ao ambiente e também de mudá-lo para servir-nos melhor. Quando queremos iluminar o mundo em torno de nós, construímos lâmpadas. Nossas pupilas aumentam naturalmente quando estamos entusiasmados ou excitados.

Há muitas maneiras de ver. O esforço para enxergar projeta uma visão diferente de tudo e de todos. Às vezes as sombras desenham imagens que distorcem a verdade das coisas e das pessoas. E também a visão direta da claridade, sem acostumar os olhos, cegava. Para enxergar bem, é preciso olhar profundamente e isso faz descobrir novas formas e significados e até mesmo outras visões. Os olhos que tudo vêem, não vêem a si mesmos, têm que se adaptar ao desejo de quem olha.

Já os odores detonam suavemente nossas memórias. Basta percebemos um aroma, e as lembranças explodem todas imediatamente. O olfato é o sentido mudo, o que não tem palavras. Vemos somente quando existe luz suficiente, degustamos o paladar quando colocamos coisas na boca, sentimos apenas quando tocamos alguém ou alguma coisa, ouvimos somente quando os sons são audíveis. Mas cheiramos o tempo inteiro, sempre que respiramos. Se cobrirmos os olhos, deixaremos de ver, se taparmos as orelhas, deixaremos de ouvir, mas se bloquearmos o nariz para não sentir mais cheiros, morreremos. "Quem dominasse os odores dominaria o coração das pessoas", escreveu Patrick Suskind no romance *O Perfume*.

O olfato está intimamente ligado às emoções, à memória, além de influenciar seu bem-estar, sua imaginação e personalidade. O olfato tem ligação com nosso subconsciente. Os nervos olfativos se ligam com a gente do cérebro que regula a atividade sensório-motora, o sistema límbico. Esta região cerebral é responsável pelos impulsos primitivos de sexo, fome e sede e afeta diretamente o comportamento emocional.

Os cheiros compõem um alfabeto e linguagem particular que têm o poder de provocar reações específicas no corpo e na psique. Assim atingem os mais profundos cantinhos da alma, muitas vezes desconhecidos. Muitos artistas procuram sensações olfativas para estimular a criatividade. Segundo Jean Jacques Rousseau o sentido do olfato é a própria imaginação. O aroma de um pedaço de bolo e uma xícara de chá inspiraram Marcel Proust a descrever, em uma das maiores obras primas da literatura, a recordação infantil de comer bolinhos chamados “madeleines”. O olfato é um sentido muitas vezes menosprezado pela cultura excessivamente visual da atualidade. Os cheiros envolvem-nos, giram ao nosso redor, entram em nossos corpos, emanam de nós. Vivemos em constante banho de odores. O olfato é o mais direto de nossos sentidos. Cada um de nós possui suas próprias memórias aromáticas. O olfato foi o primeiro de nossos sentidos a se desenvolver. Pensamos porque cheiramos.

A cegueira não é empecilho para que o herói do gibi como Demolidor faça justiça. Quem é de veras cego? Pergunta José Saramago (Cia das Letras) no “Ensaio sobre a Cegueira”. Já João Vicente Ganzarolli de Oliveira (Revan) explicita como o belo é concebido pelo cego em “Do Essencial Invisível”. Em “O Perfume, História de um Assassino” (Record), Patrick Suskind busca a fórmula de um perfume ideal, num mundo descrito por odores, enquanto que o poeta Chales Baudelaire em vários poemas do “Flores do Mal”, traz a sinestesia, trabalha muito com o olfato. Isso sem falar na obra maior de Marcel Proust, “Em Buscas do Tempo Perdido”, no qual o odor de uma madeleine no chá traz à tona recordações de infância, inspirou pesquisadores ingleses a investigar a relação olfato-memória, que foi batizada de “proustian phenomena”. O terceiro e último desses artigos sobre sentidos vamos conhecer o tato, o paladar e a audição.

65

GUTENBERG CRUZ

O PODER DOS CINCO SENTIDOS (3)

O tato é o nosso sentido mais essencial. É o sentido que apresenta funções e qualidades únicas, mas que, frequentemente se combina com os outros. Afeta todo o organismo, assim como sua cultura e os indivíduos com quem entre em contato. O órgão é a pele que se estende por todo o corpo. Se o tato não fosse uma sensação gostosa, não existiria as espécies, as famílias ou a sobrevivência. Se não gostássemos da sensação de tocar e acariciar as outras pessoas, o sexo não existiria. O tato é a chave da sobrevivência. É o primeiro sentido que se desenvolve no feto e, em uma criança recém-nascida, é automático, sugerindo até mesmo antes que os olhos se abram ou que o bebê comece a ter consciência do mundo que o cerca. Logo depois do nascimento, apesar de não enxergar ou falar, começamos instintivamente a tocar.

O tato ensina-nos que a vida tem profundidade e contornos; faz com que sintam os o mundo e nós mesmos tridimensionalmente. Sem esse intrincado conhecimento do mundo, não existiriam os artistas, cuja habilidade é fazer mapas sensoriais e emocionais. O sexo é a intimidade em seu grau mais elevado, é o tato em seu mais alto nível. No beijo penetramos a pele um do outro e a mente e o corpo se ativam com deliciosas sensações. Mas o primeiro toque que os namorados trocam, geralmente, é nas mãos. Ou o aperto de mão que continua sendo um a espécie de contrato ou

cumprimento comum. O tato é tão importante em situações emocionais que somos levados a tocarmos da maneira que gostaríamos que os outros nos consolassem. As mãos são as mensagens da emoção. O tato é veículo de cura tão poderoso que muitas vezes usamos os profissionais do toque (médicos, cabeleireiros, massagistas, etc). Quando não existe o toque, surge nosso verdadeiro isolamento. O contato aquece nossas vidas.

Na hierarquia dos sentidos, o gosto ocupa o primeiro posto na fase inicial de cada biografia. A primeira interpretação humana é que a criança estabelece ao chupar as coisas. O sábio (palavra de maior prestígio intelectual e humano até há poucos séculos) é o homem que entende de sabores, que sabe a quem sabe as coisas e o que significa isso.

O paladar é sentido íntimo. Não podemos sentir gosto a distância. E o gosto que sentimos das coisas, assim como a composição exata de nossa saliva, pode ser tão individual quanto nossas impressões digitais. Ao longo da história e em muitas culturas, o paladar, ou gosto, sempre teve duplo sentido. Paladar é sempre julgamento ou teste. As pessoas que têm bom gosto são aquelas que apreciam a vida de maneira intensamente pessoal, descobrindo sua parte sublime; o resto não tem gosto. Uma coisa de mau gosto é tida como obscena ou vulgar.

Todas as culturas usam o alimento com o sinal de aprovação ou comem oração. Precisamos comer para viver, da mesma maneira que precisamos respirar. Mas o ato da respiração é involuntário, e a busca da comida não, exige energia e planejamento, para nos obrigar a abandonar nosso torpor natural. Sair de casa pela manhã, ir para o trabalho são para “ganhar o pão de cada dia”, ou, se preferirmos, “merecermos nosso sal”, de onde vem a palavra salário.

A fome sexual e a física sempre estiveram interligadas. Qualquer alimento pode ser julgado afrodisíaco. Aqueles com formas fálicas, como cenouras, pepinos, picles, bananas e aspargos, sempre foram julgados afrodisíacos durante algum período, assim como as ostras e os figos, que lembram os órgãos genitais femininos.

A audição é o quinto sentido. O som engrossa o caldo sensorial de nossas vidas e dependemos dele como auxílio para interpretar, comunicar e expressar o mundo em torno de nós. O espaço sideral é silencioso, mas na Terra, quase tudo produz algum ruído. Os sons cativam tanto a gente que gostamos de ouvir palavras rimadas. A música, o perfume da audição, surgiu provavelmente como um ato religioso, com a finalidade de despertar grupos de pessoas. A música pode agitar ou acalmar, transportando nossas emoções. Escutamos com nossos corpos. É difícil ficarmos parados quando ouvimos música. A música produz estados emocionais específicos compartilhados por todas as pessoas e, como resultado, permite que

comunique as nossas emoções mais íntimas sem que tenhamos que mencioná-las ou defini-las por meio de uma rede de palavras.

Para Beethoven, a surdez não foi entrave na composição de obras-primas. “Vendo Vozes” de Oliver Sacks (Cia das Letras), o autor conta a história dos surdos e questiona qual a melhor maneira de serem integrados à sociedade. Ariovaldo Franco descreve em sua obra “De Caçador à Gourmet” (Senac) os rituais e costumes que se formaram em torno da alimentação em diferentes civilizações. Já Jean Anthelme Brillat-Savarin aborda em “A Filosofia do Gosto” (Cia das Letras) as origens da gastronomia e do

funcionamento do gosto. Para conhecer mais a fundo cada sentido uma obra primordial é "Uma História Natural dos Sentidos", de Diane Ackerman (Betrand Brasil).

66

HENRIQUE VIEIRA FILHO

FREUD, NOSSAS BISAVÓS E OS VIBRADORES

As milenares Técnicas Tântricas aliam-se ao centenário Orgasmo eletromecânico e a curiosa origem dos vibradores no Século 19 como tratamento para todos os males da mulher, atualmente resgatado como instrumento terapêutico nas versões modernas da milenar arte tântrica.

Quando iniciei-me no universo "alternativo", há algumas décadas, o Tantra era quase exclusivo aos pares formados entre os próprios terapeutas, como meio para equilibrar os centros energéticos e atingir a transcendência, tendo a sexualidade e amor como instrumentos. Eventualmente, era ofertada como terapia para casais, com estes participando de cursos onde aprendiam a teoria e prática tântricas.

Já nos últimos cinco anos, surgiu uma nova turma de "gurus do sexo", propondo outras formas de dispor do tantrismo como terapia. Polêmicas à parte, no formato adotado por estes grupos neo-tântricos, já não é mais pré-requisito o casal, sendo que, no caso do Cliente procurar a terapia individual, caberá aos profissionais fazerem o papel complementar, seja o masculino, ou o feminino. Por meio do toque, respiração e movimentos, propõe-se a ativação da energia da libido, harmonizando e redistribuindo por todo o ser. O orgasmo, ainda que não seja a finalidade, é comum ocorrer neste processo. Neste contexto tão diferente do que era há algumas décadas, deparamos também com o uso de luvas de borracha (aspepsia e tentativa de minimizar a erotização do toque por parte dos profissionais) e, no caso da clientela feminina, o acréscimo de um recurso eletromecânico: os vibradores...

Por sinal, esta metodologia vem obtendo grande atenção da imprensa, como as recentes matérias nas revistas Nova e Trip. Em primeira impressão, parece uma "modernização" da técnica, porém, a verdade é que nada mais é do que a volta a uma prática muito comum no final do Século 19 e primeiras décadas do 20, justificada por milenares interpretações machistas atribuídas a Hipócrates. Este chamava de histeria, aos sintomas físicos sem causa aparente, condição que considerava tipicamente feminina, razão pela qual, pressupunha que a origem do problema deveria estar no útero, ao qual atribuíam o estado de "ardente"...

Eis que no puritano universo ocidental nos idos de 1850, uma "epidemia" do gênero tomou conta das recatadas damas da sociedade e, o único tratamento conhecido para a "histeria" era o toque clitoriano, que era realizado pelos médicos, em seus consultórios. A manipulação era continuada até que a Cliente atingisse o "paroxismo histérico", que era considerado um espécie de "ataque de histeria" obtido em ambiente controlado. Em decorrência disto, os sintomas físicos desapareciam e os maridos ficavam satisfeitos em constatar esposas mais calmas e felizes. Ou seja, pareciam desconhecer o que era um ORGASMO feminino, mas, pelo menos, já usufruíam de seus benefícios para o equilíbrio somatopsíquico...

Eis que aqui, já podemos justificar a presença de Freud no título deste artigo, pois, foi justamente trocando informações com seus colegas que trabalhavam nesta linha de terapia, que firmou sua convicção de que problemas ligados à sexualidade eram a origem e a chave para solucionar inúmeros distúrbios. A Psicanálise trabalhou esta hipótese e, nesta linha, ninguém ousou mais que seu discípulo dissidente, Wilhelm Reich, que publicou os inúmeros benefícios do "clímax" sexual, em sua obra: "A Função Do Orgasmo".

A procura por esta terapia "miraculosa" era tamanha que os consultórios não davam conta de atender, já que dependiam da destreza manual dos profissionais, que começavam a sofrer danos por esforços repetitivos.

Como alternativa, experimentava-se os jatos de água, mas, como podemos constatar pela figura ao lado, no formato que adotaram, não era prático, nem eficiente.

Eis que em 1880, o doutor Joseph Mortimer Granville, patenteia o primeiro vibrador eletromecânico, de fabricação encomendada com seu relojoeiro. Rapidamente, a idéia foi aperfeiçoada por várias empresas, até conseguirem tamanhos portáteis e baixo custo, o que possibilitou que todo lar pudesse ter ao menos um equipamento para o tratamento da "histeria" sem mais depender de ir a consultórios médicos.

A popularidade era grande e com as bençãos da sociedade machista, que bem ignorava as demais potencialidades deste instrumento terapêutico.

Propaganda de época

Propagandas em revistas, jornais e cartazes, não raro, anunciavam os equipamentos como "a maior descoberta médica de todos os tempos", capazes de proporcionar "paroxismos histéricos" de alta intensidade, eficientes para tratar de todas as mazelas femininas.

Seja a bateria, ou a manivela e até por ar comprimido, há grandes chances de nossas bisavós (isso se o leitor for da mesma faixa etária que eu, claro...) terem usufruído das maravilhosas invenções terapêuticas, porém, é bem provável que nossas avós e mães não tenham tido a mesma oportunidade, pois, a partir de 1920, com o advento dos filmes pornográficos, finalmente a sociedade machista e puritana tomou conhecimento dos potenciais usos destes equipamentos. Assim sendo, de terapia doméstica indispensável em qualquer lar que se preze, os vibradores passaram a ser enquadrados como inadequados às "mulheres de bem".

Os fabricantes não se deram por vencidos, e buscaram outras formas de divulgar de forma mais discreta, a disponibilidade para compra. Desde anúncios em que as figuras estavam aplicando os vibradores na... têmpora (!), até literalmente vendidos disfarçados em caixas que anunciavam aspiradores de pó, e outros ofertados como aparelhos de "múltiplas utilidades", onde os motores serviam, em primeira análise, como batedeiras de bolo, mas, que possuíam acessórios que, uma vez conectados, possibilitavam utilidades bem diferentes. Apesar desta estratégia, é fato que entre as décadas posteriores a 1940, a popularidade dos vibradores desapareceu, vindo a ressurgir, nos anos 70 em diante, assumindo seu caráter de instrumento voltado ao prazer feminino.

Assim sendo, como a Terapia Holística tem por tradição resgatar terapêuticas milenares ou, ao menos, seculares, até que não é de estranharmos que a linha tântrica traga de

volta, mais uma antiga prática do tempo de nossas bisavós, ou seja, o vibrador, como uma panacéia universal...

Na certeza de que o tema é muito polêmico e que ainda carece de normas técnicas específicas, que só poderão ser criadas após amplo debate entre os profissionais, aliados à análise jurídica da questão, que fique este artigo, como uma forma bem-humorada e curiosa de trazer o assunto para discussão.

67

ISAAC ROITMAN

A IMPORTÂNCIA DAS ARTES NA EDUCAÇÃO

A arte na educação foi considerada em passado recente como atividade de lazer e recreação na escola. Um bom exemplo que ilustra essa concepção merece ser lembrado. Em 1972, quando Ana Mae Tavares Bastos Barbosa, considerada a grande pioneira da arte-educação, solicitou à Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Ensino Superior) uma bolsa para a realização de seu mestrado no exterior e teve sua solicitação negada. A resposta foi negativa, pelo não reconhecimento da arte-educação como área de pesquisa.

Felizmente, os conceitos mudaram e hoje a pioneira é bolsista de produtividade em pesquisa, nível 1A, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

As ideias e pensamentos de Ana Barbosa foram fundamentais para a conceituação e importância das artes na educação. Em 1991, ela dizia: "Como a matemática, a história e as ciências, a arte tem domínio, uma linguagem e uma história. Se constitui num campo de estudos específicos e não apenas em meia atividade.

A arte-educação é epistemologia da arte e, portanto, é a investigação dos modos como se aprende arte na educação infantil no ensino fundamental e médio e no ensino superior. Talvez seja necessário para vencer o preconceito sacrificarmos a própria expressão arte-educação que serviu para identificar uma posição e vanguarda do ensino da arte contra o oficialismo da educação artística dos anos 1970 e 1980.

Eliminemos a designação arte-educação e passemos a falar diretamente de ensino da arte e aprendizagem da arte sem eufemismos, ensino que tem de ser conceitualmente revisto na escola fundamental, nas universidades, nas escolas profissionalizantes, nos museus, nos centros culturais e a ser previsto nos projetos de politécnica que se anunciam".

A arte é um importante trabalho educativo, pois procura, através das tendências individuais, amadurecer a formação do gosto, estimular a inteligência e contribuir para a formação da personalidade do indivíduo, sem ter como preocupação única e mais importante à formação de artistas.

No seu trabalho criador, o indivíduo utiliza e aperfeiçoa processos que desenvolvem a percepção, a imaginação, a observação e o raciocínio. No processo de criação, ele pesquisa a própria emoção, liberta-se da tensão, ajusta-se, organiza pensamentos, sentimentos, sensações e forma hábitos de trabalho.

Sendo a escola o primeiro espaço formal onde se dá o desenvolvimento de cidadãos, nada melhor que por aí se dê o contato sistematizado com o universo artístico e suas diferentes linguagens: arte cênica, cinema, desenho, escultura, pintura, literatura, teatro, dança, música, etc. No entanto, a contemplação e a criatividade nas artes, devem transcender o ambiente escolar. Além da expansão dos espaços culturais é importante que, em cada um deles, haja de forma permanente um espaço reservado para as crianças provido de material visual, ferramentas de interatividade, oficinas de pintura, artesanato, música, etc. A arte tem sido tradicionalmente uma parte importante nos programas da primeira infância.

Friedrich Froebel, o pai do jardim de infância, foi o primeiro educador a enfatizar o brincar e a atividade lúdica. Ele disseminou o conceito de que as crianças deveriam criar as próprias expressões artísticas e apreciar a arte criada por outros.

No Distrito Federal existe um campo fértil para experiências pedagógicas que poderiam estimular os benéficos estímulos das artes no desenvolvimento das crianças. A parceria virtuosa que está se estabelecendo entre a Secretaria da Criança do GDF e o Instituto de Artes da Universidade de Brasília (IDA/UnB) certamente será um instrumento importante no desenvolvimento integral de nossas crianças, que perpassam também pelo seu desenvolvimento cultural. É preciso apreciar, entender e estimular a criatividade das crianças, ilustrada pela célebre frase de Pablo Picasso: "Precisei de toda uma existência para aprender a desenhar como as crianças".

68

JORGE SAES

Pensemos! Conta-se que um turista americano foi à cidade do Cairo, Egito, com o objetivo de visitar um famoso sábio. O turista ficou surpreso ao ver que o sábio morava num quatinho muito simples e cheio de livros. As únicas peças de mobília eram: uma cama, uma mesa e um banco. Onde estão seus móveis? Perguntou o turista. E o sábio, bem depressa olhou ao seu redor e perguntou também: E onde estão os seus? Os meus?!!! Surpreendeu-se o turista. Mas, estou aqui só de passagem! Eu também, concluiu o sábio. A vida na Terra é somente uma passagem. No entanto, vivemos como se fôssemos ficar aqui eternamente, esquecendo de ser livres e felizes. Desapego também é liberdade. Não somos seres humanos passando por um experiência espiritual. Somos seres espirituais passando por uma experiência humana.

69

JUREMIR MACHADO

RIR É O MELHOR REMÉDIO

Tem dado sobre tudo. Até sobre o riso. Quem ri mais? Uma pesquisa afirma que os franceses riem 4,6 vezes por dia em média. Os cariocas andam rindo de graça. Por

causa da bunda da atriz Paolla Oliveira. Só se fala nisso. Carioca ri de qualquer coisa. Tem cara andando de praia em praia para encontrar bumbuns mais engraçados. O riso depende da idade. Um francês de menos de 25 anos ri em torno de sete vezes por dia. Já 21% dos franceses na chamada melhor idade, ou terceira idade, riem menos de uma vez por dia. Segundo o viajante Jean de Léry, que esteve no Brasil no século XVI, os índios só faziam rir. Hoje, parecem velhos franceses. Não acham graça de coisa alguma. Também pudera. Eles já sabem que foram saqueados e que não tem volta.

Os dados são de precisão impressionante. Em 1939, os franceses riam 20 minutos por dia. Os nazistas acabaram com a festa. Em 1980, os franceses já riam apenas seis minutos por dia. Hoje, um terço dos franceses ri menos de um minuto por dia. Não é triste? Sérias medidas estão sendo tomadas. O riso é coisa grave. Terapias do riso ganham força. Empresas já pensam em premiar quem ri mais de dez vezes por dia no trabalho sem diminuir a produtividade. O riso profissionalizou-se. Antes, as pessoas riam do que elas mesmas faziam ou contavam. Agora, a maioria ri do que é oferecido por profissionais do riso, os humoristas. O riso é uma das mercadorias mais valorizadas da nossa época. O riso vale muito na bolsa dos valores imateriais da humanidade.

A gargalhada está em extinção. Vai desaparecer antes da ararinha azul e dos armadores de cabeça erguida. Um processo de adestramento vem eliminando a gargalhada dos espaços públicos. Europeus raramente soltam uma gargalhada num restaurante. Há quem considere a gargalhada tão grosseira quanto soltar pum. Pessoas elegantes apostam em “felicidade sóbria”, “satisfação frugal” e “slow life”. A gargalhada é vista como uma aceleração descabida. Alguns desses dados podem ser encontrados em “Da leveza”, livro de Gilles Lipovetsky sobre a verdadeira luta de classes do século XXI, o combate mortal entre leves e pesados, leveza e profundidade, lúdico e chatice. Eis o paradoxo: ri-se menos na era da leveza. Paga-se para rir. Rir tem preço. O preço da leveza.

Ri melhor quem ri mais. O Brasil pode explorar a indústria do riso. Europeus, no futuro próximo, pagarão qualquer coisa para rir até chorar. O riso aparentemente espontâneo voltará a ser valorizado, em oposição ao riso industrializado. Rir faz bem à saúde. Rir é o melhor remédio. Foi encontrado um europeu que só ri de economistas. O economista A defende o desenvolvimentismo e o fim da austeridade. O economista B defende o Estado mínimo e controle fiscal rigoroso. O político A segue o economista A. Dá errado. O político B segue o economista B. Dá errado. Ambos garantem que fazem ciência. O grego ria para não chorar. Cansou.

Quer soluções mais sérias.

As sociedades vão se dividir em sociedades que riem muito, pouco ou nada. O riso é o capital do século XXI. Não achou graça?

Procure um terapeuta. Seu caso é grave.

70 LAÉRCIO MEIRELLES

Nesta foto, estou com Ildo Kettermann, agricultor ecologista, há algumas décadas, no Vale do Caí, região citrícola do RS. Prazer enorme revê-lo e ainda ouvir/relembrar uma bela história. Contou-me que, lá por meados da década de 1990, ele foi a uma exposição

sobre citricultura no Estado de São Paulo. Lá, visitando estandes com produtos que poderiam ser usados nas suas bergamoteiras (bergamota, tangerina, mixirica, a denominação varia ao longo do país), ele perguntou ao vendedor se aquela substância não era química, se não faria mal usá-la. Resposta que ouviu: “você não sabe que aqui em São Paulo têm muitos nordestinos? Eu não uso esses produtos, contrato um deles para aplicarem para mim”. Ildo me contou que ficou impressionado com o que ouviu, com essa abordagem tão despropositada e desumana. E que também fez a conta... “Laércio, pensei, lá em casa o nordestino que usa veneno sou eu!”. Regressou ao lar com aqueles pensamentos na cabeça... e disse à esposa: “mulher, acho que uma hora vamos ter que parar de usar esses venenos na lavoura”. Resposta dela: “por mim, paramos hoje!”. Ildo pegou uma madeira e selou a porta da casinha onde guardava os agrotóxicos. Nunca mais usou, colaborou de forma ativa na formação da Ecocitrus e trilhou um bonito caminho dentro da Agricultura Ecológica e da Biodinâmica. Querem mais uma partezinha da história? Naquela época, havia um convênio da Secretaria da Agricultura do RS com a GTZ (Cooperação Técnica Alemã, atualmente GIZ). Agricultores da mesma região, dentre eles a família do Ildo, eram beneficiários de algumas ações. Uma delas, um certo estímulo a procurar a agricultura orgânica. Pois, nesse pacote, veio uma excursão a São Paulo, de algumas lideranças, para aprenderem algo mais sobre citricultura. Ele conta que quando foram à AAO (Associação de Agricultura Orgânica), ouviram: “mas, se lá no RS vocês têm o CAE-Ipê (atualmente Centro Ecológico), o que vocês vieram aprender aqui, se nós saímos daqui para aprender lá?”. Lembro-me desse fato porque, em 1994, fui procurado por algumas pessoas, dentre elas meu amigo Sr. Cláudio Laux, também um dos fundadores da Ecocitrus, na Feira dos Agricultores Ecologistas de Porto Alegre. Eles queriam combinar uma visita ao Cae-Ipê. Visitas marcadas - com quatro ônibus lotados, em quatro diferentes dias. Em uma delas, estava o Ildo. Relatou que a visita toda foi muito interessante... especialmente ao conhecer o pomar de maçã do Delvino Magro (pomicultor, um dos criadores do biofertilizante enriquecido que acabou por herdar seu nome, o Supermagro). No momento em que o Magro mostrou o solo por baixo da adubação verde, pegou na terra, cheirou, pediu a outros que também sentissem aquele cheirinho de “terra de mato” e falou da vida no solo, ele, Ildo, se emocionou. E decidiu, definitivamente, nunca mais deixar a Agricultura Orgânica. E assim fez, e assim foram dados passos nos primórdios da Agricultura Ecológica em terras gaúchas. Curtiram o caso? Mais uma para a séria série “histórias da agroecologia!

71

LEIS DE MURPHY ATUALIZAÇÕES

LEIS E PRINCÍPIOS DEMONSTRADOS EMPIRICAMENTE:

“O seguro cobre tudo, menos o que aconteceu” (Lei de Nonti Pagam).

“Quando você estiver com apenas uma mão livre para abrir a porta, a chave estará no bolso oposto.”

(Lei de Assimetrias).

“Quando tuas mãos estiverem sujas de graxa, vai começar a te coçar no mínimo o nariz.”

(Lei de mecânica).

“Não importa por que lado seja aberta a caixa de um medicamento. A bula sempre vai atrapalhar.”

(Princípio de Aspirinovisk).

“Quando você acha que as coisas começam a melhorar, é porque algo te passou despercebido.”

(Primeiro teorema de Tamus Ferradus)

“Sempre que as coisas parecem fáceis, é porque não entendemos todas as instruções.”

(Princípio de Atrop Lado)

Os problemas não se criam, nem se resolvem, só se transformam.”

(Lei da persistência de Waiterc Pastar)

“Você vai chegar ao telefone exatamente a tempo de ouvir quando desligam.”

(Princípio de Ring A. Bell)

“Se só existirem dois programas que valham a pena assistir, os dois passarão na mesma hora.”

(Lei de Putz Kiparil)

“A probabilidade que você se suje comendo é diretamente proporcional à necessidade que você tem de estar limpo.”

“A velocidade do vento é diretamente proporcional ao preço do penteado.”

(Lei Meteorológica Pagá Barbero)

“Quando, depois de anos sem usar, você decide jogar alguma coisa fora, vai precisar dela na semana seguinte.”

(Lei irreversível de Kitonto Kifostes)

“Sempre que você chegar pontualmente a um encontro não haverá ninguém lá para comprovar, e se ao contrário, você se atrasar, todo mundo terá chegado antes de você.”

(Princípio de Tardelli e Esgrande La de Mora)

LEIS DA ATRAÇÃO (COISAS QUE SE ATRAEM SEM ESFORÇO NENHUM):

Pobre e funk

Mulher e vitrines

Homem e cerveja

Chifre e dupla sertaneja

Carro de bêbado e poste

Tampa de caneta e orelha

Moeda e carteira de pobre
Tornozelo e pedal de bicicleta
Leite fervendo e fogão limpinho
Político e dinheiro público
Dedinho do pé e ponta de móveis
Camisa branca e molho de tomate
Tampa de creme dental e ralo de pia
Café preto e toalha branca na mesa
Dezembro na Globo e Roberto Carlos
Segundas-feiras e sono
Terças-feiras e sono
Quartas-feiras e sono
Quintas-feiras e sono
Sextas-feiras e cervejaaaaaaaaaaaaaaaaaa
Chuva e carro trancado com a chave dentro

1- LEIS BÁSICAS DA CIÊNCIA MODERNA:

- * Se mexer, pertence à Biologia.
- * Se feder, pertence à Química.
- * Se não funciona, pertence à Física.
- * Se ninguém entende, é Matemática.
- * Se não faz sentido, é Economia ou Psicologia.
- * Se mexer, feder, não funcionar, ninguém entender e não fizer sentido, é INFORMÁTICA.

2- LEI DA PROCURA INDIRETA:

- * O modo mais rápido de encontrar uma coisa é procurar outra.
- * Você sempre encontra aquilo que não está procurando.

3- LEI DA TELEFONIA:

- * Quando te ligam: se você tem caneta, não tem papel. Se tiver papel, não tem caneta. Se tiver ambos, ninguém liga.
- * Quando você liga para números errados de telefone, eles nunca estão ocupados.
- * Parágrafo único: Todo corpo mergulhado numa banheira ou debaixo do chuveiro faz tocar o telefone.

4- LEI DAS UNIDADES DE MEDIDA:

* Se estiver escrito 'Tamanho Único', é porque não serve em ninguém, muito menos em você...

5- LEI DA GRAVIDADE:

* Se você consegue manter a cabeça enquanto à sua volta todos estão perdendo, provavelmente você não está entendendo a gravidade da situação..

6- LEI DOS CURSOS, PROVAS E AFINS:

* 80% da prova final será baseada na única aula a que você não compareceu e os outros 20% será baseada no único livro que você não leu.

7- LEI DA QUEDA LIVRE:

* Qualquer esforço para agarrar um objeto em queda provoca mais destruição do que se o deixássemos cair naturalmente.

* A probabilidade de o pão cair com o lado da manteiga virado para baixo é proporcional ao valor do carpete.

8- LEI DAS FILAS E DOS ENGARRAFAMENTOS:

* A fila do lado sempre anda mais rápido.

* Parágrafo único: Não adianta mudar de fila. A outra é sempre mais rápida.

9- LEI DA RELATIVIDADE DOCUMENTADA:

* Nada é tão fácil quanto parece, nem tão difícil quanto a explicação do manual.

10- LEI DO ESPARADRAPO:

* Existem dois tipos de esparadrapo: o que não gruda e o que não sai.

11- LEI DA VIDA:

* Uma pessoa saudável é aquela que não foi suficientemente examinada.

* Tudo que é bom na vida é ilegal, imoral, engorda ou engravida.

12- LEI DA ATRAÇÃO DE PARTÍCULAS:

*Toda partícula que voa sempre encontra um olho aberto”

72

LEONARDO BOFF

CARISMA E CARISMÁTICOS: QUE ENERGIA É ESSA?

Nestes tempos de campanha eleitoral, surgem figuras de todo tipo. Mas poucos são aqueles que irradiam energia contagiante, suscitam um novo imaginário e movem as massas. Esses são os portadores de carisma.

Carisma, carma, Crishna, Cristo, crisma e caritas possuem a mesma raiz sânscrita kri ou kir. Ela significa a energia cósmica que tudo acrisola e vitaliza, tudo penetra e rejuvenesce, força que faz atrair e fascinar os espíritos. A pessoa não possui um

carisma. É possuída por ele. A pessoa, sem mérito pessoal nenhum, vê-se tomada por uma força que irradia sobre outras, fazendo que fiquem estupefactas; se estão falando, se calam, se estão se entretendo com alguma coisa, param para prestar atenção à pessoa carismática.

O carisma é algo surpreendente. Está nos seres humanos, mas não vem deles. Vem de algo mais alto e superior. Nietzsche conta que passeando pelos Alpes, era tomado por uma força que o fazia escrever. Era outro que se servia dele. Tomava seu canhenho e nele escreveu o melhor de suas intuições.

Os antropólogos introduziram um palavra tirada da cultura de Melanésia: o mana. A personalidade-mana irradia um poder extraordinário e irresistível que, sem violência, se impõe aos demais. Atrai, entusiasma, fascina, arrasta. É o equivalente de carisma na nossa tradição ocidental.

Quem são os carismáticos? No fundo, todos. A ninguém é negada essa força “cósmica” de presença e de atração. Todos carregamos algo das estrelas de onde viemos. A vida de cada um é chamada para brilhar, no dizer de um cantor. É carismática de uma forma ou de outra. José Martí, pensador cubano dos mais argutos da América Latina, bem dizia: “Há seres humanos que são como as estrelas: geram sua própria luz, enquanto outros refletem o brilho que recebem delas”. Alguns são Sol, outros, Lua. Ninguém está fora da luz, própria, ou refletida. Em fim, estamos todos na luz para brilhar.

Mas há carismáticos e carismáticos. Há alguns nos quais esta força de irradiação implode e explode. É como uma luz que se acende na noite. Atrai os olhares de todos.

Pode-se fazer desfilar todos os bispos e cardeais diante dos fiéis reunidos. Pode haver figuras impressionantes em inteligência, capacidade de administração, zelo apostólico. Mas o olhar de todos se fixa sobre Dom Helder Câmara enquanto estava ainda entre nós. Porque era portador eminente de carisma. A figura é irrisória. Parece o servo sofredor sem beleza e ornamento. Mas dele saía uma força de ternura unida ao vigor da palavra que se impunha suavemente a todos.

Muitos podem falar. E há bons oradores que atraem a atenção. Mas deixem o bispo emérito de São Felix do Araguaia, Dom Pedro Casaldáliga, falar. A voz é rouca e às vezes quase desaparece. Mas nela há tanta força e tanto convencimento que as pessoas ficam boquiabertas. É a irrupção do carisma que faz de um bispo frágil e fraco parecer um gigante. E hoje quase não podendo falar por causa de forte Parkson, sua escrita ou seus poemas tem a força do fogo. É um exímio poeta.

Há políticos hábeis e grandes administradores. A maioria maneja o verbo com maestria. Mas façam o Lula subir à tribuna, diante das multidões. Começa baixinho, assume um tom narrativo, vai buscando a trilha melhor para a comunicação. E lentamente adquire força, as conexões surpreendentes irrompem, a argumentação ganha seu travejamento adequado, o volume de voz alcança altura, os olhos se incendeiam, os gestos ondulam a fala, num momento o corpo inteiro é comunicação, argumentação e comunhão com a multidão que de barulhenta passa a silenciosa e de silenciosa a petrificada para, num momento culminante, irromper em gritos e aplausos de entusiasmo. É o carisma fazendo sua irrupção. Pouco importa a opinião que pudermos fazer de seus 8 anos de governo. Nele não se pode negar a presença do carisma.

Não sem razão Max Weber, o grande estudioso do poder carismático, chamou-o de estado nascente. O carisma como que faz nascer, cada vez que irrompe, a criação do mundo na pessoa carismática, ou personalidade-mana. A função dos carismáticos é a

de serem parceiros do carisma latente dentro das pessoas. Sua missão não é dominá-los com seu brilho, nem seduzi-los para que os sigam cegamente. Mas despertá-los da letargia do cotidiano. E, despertados, descobrirão que o cotidiano em sua platitude guarda segredos, novidades, energias ocultas que sempre podem acordar e conferir um novo sentido e brilho à vida, à nossa curta passagem por esse universo.

Que cada qual descubra a estrela que deixou sua luz e seu rastro dentro dele. E se for fiel à luz, brilhará e outros o perceberão com entusiasmo.

73

LUIZ ORLANDI

WILHELM REICH & O ANTI-ÉDIPPO

O objetivo desta comunicação é tão-somente salientar as explícitas referências feitas a Wilhelm Reich (1897-1957) encontradas em *O Anti-Édipo* [1], obra publicada em 1972. Embora não seja o caso de explicitar cuidadosamente os conceitos envolvidos nessas referências, procurarei destacá-las tendo em vista o papel que elas desempenham em certas linhas da problemática própria desse livro.

Que problemática é essa?

O título resumido desse livro – *O Anti-Édipo* – tem o inconveniente de sombrear uma coisa importante: ele obscurece a inserção do livro numa alongada e complexa série de textos, série dita *Capitalismo e esquizofrenia*, da qual participam também *Mil platôs*, de 1980, e *O que é a filosofia?*, de 1991.

Além disso, esse resumido título – *O Anti-Édipo* -- facilita a redução do sentido da obra a uma simples oposição a certo modelo gerado na psicanálise. Para afastar essa primeira impressão de sombreado e de reducionismo, é preciso ir ao encontro daquilo que é positivamente afirmado nessa obra, é preciso pensar a expressão anti-Édipo como se estivéssemos viajando ao longo de um **CRIATIVO ROMPIMENTO** com a tradição que **MALTRATOU** o desejo, que o manteve prisioneiro da **FALTA**, por exemplo.

A atmosfera do livro é a de uma nova problemática que se impõe ao pensamento mais acordado do século XXI, pensamento que é, paradoxalmente, aquele que mais desconfia de si próprio, pensamento que se sabe infestado por um impensável que o fustiga, mas que também pode deixá-lo apenas abobalhado.

A audácia do livro, portanto sua contribuição para essa problemática, consiste em libertar o desejo daquelas representações, concepções, modelos etc. que atrapalham pensar o próprio desejo como sendo o **IMPENSÁVEL DO PENSAMENTO REPRESENTATIVO**, o impensável a ser pensado, mas por uma nova maneira de pensar, o que implica, portanto, o advento de uma nova imagem do pensamento. É a essa ousadia que *O Anti-Édipo* se dedica. Ele o faz, postulando a necessidade de praticar o aprendizado do desejo, isto é, no caso desse livro, a necessidade da atenção imanente a um funcionamento desejoso libertado de Édipo.

Mas que significa esse libertar-se de Édipo? Esta pergunta remete aos grandes “temas” que os autores valorizam quando, tempos depois, resumem o que pensam do seu livro[2].

Esses temas configuram dimensões da problemática antiedipiana. Com a ajuda delas talvez possamos organizar as referências do livro às instigações que os autores encontram em REICH. Cada uma dessas dimensões, cada um desses temas corresponde a um dos quatro capítulos do livro. Seguirei esse fluxo, mesmo com o risco de algumas repetições.

Primeiramente, é preciso levar em conta que libertar-se de Édipo é uma árdua tarefa. Essa tarefa vai desde uma FÚRIA DESTRUIDORA até a necessária pergunta pelo funcionamento concreto do “inconsciente”, de modo que este não seja submetido a representações ou interpretações: “o inconsciente”, dizem os autores, “funciona como uma fábrica e não como um teatro (questão de PRODUÇÃO, e não de representação)”.

Os modelos representativos, assim como as interpretações, precisam levar, em cada caso, o choque da pergunta pelo funcionamento da coisa. Trata-se de um choque de realidade. Mas é preciso NÃO interpretar a própria REALIDADE como FALTA, não apenas porque isso é expressamente criticado [375; 398], mas porque, como ensina certo BERGSONISMO, ao REAL NADA FALTA; mesmo o inesperado, o novo, as surpresas, as criações, os possíveis são diferenciações numa complexa realiterabilidade. E é dessa realiterabilidade que participam produtivamente os fluxos desejosos, razão pela qual a tese que vigora na obra toda é a do desejo como produção, e não como carência ou falta.

A. A respeito desse tema, o capítulo I (“As máquinas desejanter”), em seu item 4 (intitulado “psiquiatria materialista”) inclui uma referência a REICH .

Nesse momento, o livro está defendendo a tese segundo a qual “a produção social é unicamente a própria produção desejante em condições determinadas”. Isso quer dizer que há IMANÊNCIA entre o campo social e o desejo, quer dizer que o “campo social é imediatamente percorrido pelo desejo”, ou seja, que o desejo é COEXTENSIVO AO SOCIAL, que “a LIBIDO NÃO TEM NECESSIDADE DE MEDIAÇÃO OU SUBLIMAÇÃO ALGUMA, , de operação psíquica alguma, de transformação alguma para investir as forças produtivas e as relações de produção”, de modo que o desejo participa da “produção” até mesmo das “mais repressivas e mortíferas formas da reprodução social”.

É neste ponto que os autores, além de estarem dialogando de outro modo com a tradição marxista, se aliam a ESPINOSA E A REICH para exprimir o que chamam de “problema fundamental da filosofia política”, aquele que Espinosa “soube levantar”, e que Reich “redescobriu”. Eis a pergunta que exprime esse problema:

“por que os homens combatem pela sua servidão como se se tratasse da sua salvação?”

Na seqüência do texto, os autores enaltecem REICH e concordam com ele, mas criticam-no por ainda manter um “dualismo” entre o “racionalmente produzido” e a “produção fantasmática irracional”.

Convém transcrever integralmente a passagem:

“Nunca Reich mostrou ser um tão grande pensador como quando se recusa a invocar o desconhecimento ou a ilusão das massas ao explicar o fascismo, e exige uma explicação pelo desejo, em termos de desejo: não, as massas não foram enganadas, elas desejaram o fascismo num certo momento, em determinadas circunstâncias, e é isto que é necessário explicar, essa perversão do desejo gregário. (Psicologia de massa do fascismo).

Todavia, Reich não chega a dar uma resposta capaz, porque restaura o que pretendia demolir, ao distinguir a racionalidade tal como existe, ou deveria existir no processo da produção social, do IRRACIONAL DO DESEJO, sendo apenas este que está sujeito à psicanálise. Reserva então para a psicanálise a única explicação do 'negativo', do 'subjetivo' e do 'inibido' no campo social. Retoma necessariamente o dualismo entre o objeto real racionalmente produzido e a produção fantasmática irracional. Renuncia, pois, a descobrir a medida comum ou a coextensão do campo social e do desejo. E que, para fundar uma psiquiatria realmente materialista, faltava-lhe a categoria de produção desejante, à qual o real foi submetido tanto sob formas ditas racionais como irracionais”.

A crítica dos autores ocorre porque eles mantêm, mesmo quando há maciça “repressão social agindo sobre a produção desejante”, o “princípio” segundo o qual “o desejo produz real, ou a produção desejante não é outra coisa senão a produção social” [36-37; 46-47].

B. O segundo grande tema desse livro, a segunda dimensão do seu libertar-se de Édipo, consiste em pensar o “delírio” como “histórico-mundial”, e não reduzi-lo ao jogo “familiar”: “o delírio, ou o romance”, dizem os autores, “é histórico-mundial, e não familiar (deliraram-se as raças, as tribos, os continentes, as culturas, as posições sociais...)”.

B.1. Em função desse tema, encontramos quatro referências no capítulo II (“Psicanálise e familismo”).

A primeira delas está no item 5 (intitulado “a síntese conjuntiva de consumo”).

Está em pauta nessa referência a caracterização da esquizofrenia, do “processo esquizo” em sua “viagem” em meio a “relações de intensidade através das quais o sujeito passa sobre o corpo sem órgãos, e opera devires, quedas e altas, migrações e deslocamentos” [100; 112]. Está em pauta o “consumo de quantidades intensivas” nesse nomadismo, quantidades que “formam o material das alucinações e delírios subsequentes” diferenciados por “emoções intensivas” [101; 113].

Ora, se o processo esquizo implica uma tal agitação intensiva, então, dizem os autores, “longe de ter perdido não se sabe qual contato com a vida, o esquizofrênico é o mais próximo do coração palpitante da realidade, até um ponto intensivo que se confunde com a produção do real”. E é essa pulsação intensiva, segundo os autores, que leva REICH a esta frase do seu livro A função do orgasmo:

“o que caracteriza a esquizofrenia é a experiência desse elemento vital (...) no que concerne a seu sentimento da vida; o neurótico e o perverso estão para o esquizofrênico como o comerciante sórdido para o grande aventureiro”.

Então perguntam os autores, como explicar a redução do esquizofrênico “à sua figura autista, hospitalizada, cortada da realidade?”

É o processo, ou, ao contrário, a interrupção do processo, sua exasperação, sua continuação no vazio?” Por que o processo se encolhe num “corpo sem órgãos tornado novamente surdo, cego, morto?” Mas aí já estamos fora da referência [104-105; 116-117].

B.2. Ainda no cap. II, a segunda referência aparece no item 6 (“Recapitulação das três sínteses”).

Nesta passagem, os autores ficam a favor de REICH e MARCUSE e não dos que os acusam de “rousseauismo”, de “naturalismo”, de terem uma “concepção demasiado idílica do inconsciente”.

Os detratores estariam perdendo de vista que os “horrores” atribuídos ao “inconsciente” são precisamente “os da consciência”.

Numa perspectiva vizinha a de Reich e Marcuse, os autores dizem que o inconsciente é, “necessariamente”, ocupado por “menos crueldade e terror” (e que crueldade e terror nele seriam ainda “um outro tipo”) do que a “consciência de um herdeiro, de um militar e de um chefe de Estado”. Os horrores do inconsciente “não são antropomórficos”, e quem “engendra os monstros” é a “racionalidade vigilante e insone”.

Trata-se, a rigor, concluem Deleuze e Guattari, de “desedipianizar”, de “desfazer a teia de aranha do pai-mãe”, de “desfazer as crenças para atingir”, na imanência, “a produção das máquinas desejantes, e os investimentos econômicos e sociais onde se joga a análise militante” [133; 146-147].

B.3. Ainda no cap. II, temos uma terceira incidência do nome Reich no item 7 (“Repressão e recalçamento”).

Essa passagem trata da relação entre “repressão” e “recalçamento”. O livro diz que a psicanálise põe Édipo como “objeto do recalçamento, e mesmo seu sujeito por intermédio do superego”.

Com isso, ela pretenderia uma “justificação cultural do recalçamento”, passando-o para o “primeiro plano” e colocando o “problema da repressão como secundário do ponto de vista do inconsciente”. Pois bem, Reich (em A função do orgasmo) e também Marcuse (em Eros e civilização) propiciam, segundo os autores, de maneira “rigorosa e nuançada”, expressões do modo como a psicanálise se embrenhou cada vez mais em uma “visão familista e ideológica”, assim como em “COMPROMISSOS REACIONÁRIOS”.

Nesse quadro, “a força de Reich”, dizem Deleuze e Guattari, “foi ter mostrado como o recalçamento dependia da repressão”. Para não confundir os conceitos, deve-se levar em conta o seguinte: “a repressão tem justamente necessidade do recalçamento para formar súditos dóceis e assegurar a reprodução da formação social, inclusive em suas estruturas repressivas”.

Entretanto, isso não autoriza compreender a “repressão social” com base num recalçamento familiar coextensivo. Ao contrário – e é esta a maneira dos autores concordarem com Reich – o recalçamento é que “deve ser compreendido em função de uma repressão inerente a uma forma de produção social dada”. E essa repressão, além de atingir “necessidades e interesses” (pré-conscientes ou conscientes), incide “sobre o desejo (...) pelo recalçamento sexual”, o que acaba atualizando Édipo.

Para os autores, Reich, esse “verdadeiro fundador de uma psiquiatria materialista”, foi o “primeiro a levantar o problema da relação do desejo com o campo social”. E, ao fazer isso, “colocando o problema em termos de desejo”, Reich “foi o primeiro a recusar as explicações de um marxismo sumário”, um marxismo apressado em “dizer que as massas foram enganadas, mistificadas”.

Por outro lado, nessa mesma passagem do livro, Deleuze e Guattari deixam claro um certo desacordo em relação a Reich. Eis como eles dizem isso: por não ter “formado suficientemente o conceito de uma produção desejante”, Reich “não conseguiu

determinar a inserção do desejo na infra-estrutura econômica, a inserção das pulsões na produção social. A partir disso, o investimento revolucionário lhe parecia tal, que o desejo coincidia aí, simplesmente, com uma racionalidade econômica; quanto aos investimentos reacionários de massa, eles lhe pareciam ainda remeter à ideologia, tanto que a psicanálise tinha por papel único explicar o subjetivo, o negativo e o inibido, sem participar diretamente como tal na positividade do movimento revolucionário ou na criatividade desejante”. Essa observação se repete no cap. IV [412-413; 438].

Apesar dessa crítica, os autores reconhecem que Reich, “em nome do desejo, fez passar um canto de vida na psicanálise”. Reich “denunciava, na resignação final do freudismo, um MEDO DA VIDA, um ressurgimento do ideal ascético, um caldo de cultura da má-consciência”.

Em vez de continuar psicanalista, achou melhor partir em busca “(...) do elemento vital e cósmico do desejo”. E eis o final melancólico da passagem: Reich tinha sido o primeiro a tentar entrosar o funcionamento conjunto da “máquina analítica” e da “máquina revolucionária”; e acabou contando apenas com “suas próprias máquinas desejantes, suas caixas paranóicas, miraculosas, celibatárias, de paredes metálicas guarnecidas de lã e de algodão” [139-142; 152-155].

B.4. A quarta e última referência a Reich presente no cap. II (“Psicanálise e familismo”) aparece no item 8 (intitulado “neurose e psicose”).

Está em pauta nesse referência uma crítica à posição de Reich com respeito ao problema do papel dos chamados “fatores atuais” nas neuroses. Embora preocupado em relacionar o desejo às “formas de produção social e, por isso mesmo, em mostrar que não há psicose que não seja também neurose atual”, Reich, apesar disso, dizem os autores, “continua a apresentar os fatores atuais como se eles agissem por privação repressiva (a ‘estase sexual’) e surgindo após”.

Ora, isso, segundo os autores, leva Reich a “manter uma espécie de edipianismo difuso, já que a estase ou o fator atual privativo definem somente a energia da neurose, mas não o conteúdo, que remete por seu lado ao conflito infantil edipiano, este conflito antigo que se encontra ativado pela estase atual”.

O trecho de A função do orgasmo, citada pelos autores em apoio a essa crítica, é este: “Todas as fantasias neuróticas mergulham suas raízes no apego sexual infantil aos pais. Mas o conflito criança-pai não poderia produzir uma perturbação durável do equilíbrio psíquico se não fosse alimentado continuamente pela estase atual que esse conflito criou na origem (...)” [150-151; 164-165].

Os autores apresentam seu próprio encaminhamento do problema nas páginas subsequentes, mas não é o caso de retomá-las aqui.

C. Um terceiro tema, uma terceira vertente, pela qual o livro continua a libertar-se de Édipo, consiste em enfrentar o problema da suposta universalidade de Édipo. Os autores são obrigados, então, a traçar o quadro de uma “história universal”. Sabemos o quanto pode ser abusiva uma tal expressão: história universal; quem já leu Paul Veyne está mais do que vacinado contra isso.

Os autores sabem disso e tomam certo cuidado, pois dizem que uma tal história não se compõe de generalidades; a história que eles visam “é a da contingência”. Por que eles podem dizer isso?

De um lado, porque a história que interessa a eles é a dos fluxos desejosos agenciados pelas grandes máquinas que se distribuem entre selvagens, bárbaros e civilizados. Por outro lado, eles podem afirmar o caráter contingente dessa história porque, nela, há cruzamento, há “conjugação de fluxos independentes”, fluxos que “passam por códigos primitivos” entre selvagens, por “sobrecodificações despóticas” entre bárbaros, e por “descodificações capitalistas” entre civilizados.

É possível tomar essa afirmação de uma história da contingência dos cruzamentos de fluxos como afirmação deleuze-nietzscheana da NECESSIDADE DO ACASO, assim como uma forma de repensar a tese de Cournot sobre o acaso como cruzamento de linhas causais.

C.1. Essa dimensão inclui duas referências presentes no cap. III (“Selvagens, bárbaros, civilizados”). A primeira delas aparece no item 4 (“Psicanálise e etnologia”).

Nesta incidência, o que está em pauta é o objeto de uma discussão havida entre culturalistas (como Malinowski, Kardiner e Fromm) e psicanalistas ditos ortodoxos (como Jones e Roheim), mas também lacanianos. Discute-se a universalidade ou não de Édipo.

Neste caso, a pergunta é se Édipo aparece entre selvagens, nas sociedades ditas primitivas: seria ele o “grande símbolo paterno, católico, a reunião de todas as igrejas?”

Pois bem, as observações etnográficas apontam uma “ausência patente” do nosso suposto Édipo nas relações entre familiares e seus aliados vizinhos na “máquina territorial selvagem”. Porém, essa ausência patente é interpretada como “presença latente de Édipo”, de modo que a própria ausência antes constatada por etnólogos é psicanaliticamente compreendida como “efeito do recalçamento”.

Estar-se-ia recalçando a representação edipiana implicada na proibição do incesto, incesto justamente desejado, porque proibido. Neste momento, os autores sustentam dois pontos: 1. a representação edipiana supõe a proibição do incesto; 2. não se pode dizer que essa representação nasça ou resulte do incesto. Como entender isso? É neste ponto que os autores se apropriam do modo como Reich acrescenta uma “observação profunda”, dizem eles, às teses de Malinowski: “o desejo é tanto mais edipiano quanto mais as proibições incidam, não simplesmente sobre o incesto, mas ‘sobre as relações sexuais de qualquer outro tipo’, tapando as outras vias” (texto de Reich: *Der Einbruch der Sexualmoral*, Verlag für Sexualpolitik, 1932).

Deleuze e Guattari, consoante o objetivo principal do livro, desenvolvem esse ponto no sentido de afirmar que “o recalçado não é inicialmente a representação edipiana”, mas a “produção desejante”, ou melhor, aquilo que, “dessa produção” desejante, “não passa na produção ou na reprodução sociais”. Recalca-se o que “introduziria desordem ou revolução”; neste caso da sociedade dita primitiva, são recalçados “os fluxos não codificados do desejo”, os fluxos que não operam como “investimento sexual direto dessa produção social” [203-204; 219-220].

C.2. Uma segunda e última incidência no cap. III aparece no item 10 (“A representação capitalista”).

Trata-se aqui do delineamento nocional de um problema que se mantém em nossos dias, o problema da significação da “conquista do aparelho de Estado”. Com apoio em Sartre (*Crítica da razão dialética*), os autores salientam a distinção entre a “espontaneidade” desejosa de “grupos em fusão” e o caráter “serial” da classe, representada pelo partido ou pelo Estado. Enquanto o “interesse de classe” é da “ordem

dos grandes conjuntos molares”, o “desejo de grupo põe em jogo a ordem molecular das máquinas desejantes”, firmando-se, assim, o “problema” da distinção “entre os desejos inconscientes de grupo e os interesses pré-conscientes de classe”.

Do ponto de vista da incidência do nome de Reich nessa passagem, o que importa é distinguir interesse e desejo. Deleuze e Guattari escrevem o seguinte: “o desejo nunca é enganado; o interesse pode ser enganado, não reconhecido ou traído”. É então que eles anotam o “grito de Reich: não, as massas não foram enganadas; elas desejaram o fascismo, e é isso que é preciso explicar... Acontece de desejarmos contra nosso interesse: o capitalismo se aproveita disso, mas também o socialismo, o partido e a direção do partido. Como explicar que o desejo se dedique a operações que não são desconhecimentos, mas investimentos inconscientes perfeitamente reacionários?”

E na mesma seqüência eles perguntam: “e que Reich quer dizer quando fala de ‘fixações tradicionais’? Elas também fazem parte do processo histórico, e nos trazem de volta às funções modernas do Estado. As sociedades modernas civilizadas se definem por procedimentos de descodificação e de desterritorialização. Mas, o que elas desterritorializam de um lado, elas reterritorializam do outro. Essas neo-territorialidades são freqüentemente artificiais, residuais, arcaicas; só que são arcaísmos com uma função perfeitamente atual”. Etc. [304-306; 324-327].

D. Finalmente, podemos acrescentar uma quarta dimensão a essas três anotadas pelos autores. Trata-se da retomada de pontos anteriores, acrescida da introdução a uma pragmática (dita ESQUIZO-ANÁLISE) compatível com o novo campo de problemas trazidos pelo livro. Em outras palavras, as tarefas do libertar-se de Édipo são reexaminadas de um duplo ponto de vista: o ponto de vista de uma tarefa negativa aponta para a destruição desse cortejo edipiano que são “a ilusão do ego, o fantoche do superego, a culpabilidade, a lei, a castração...”; porém, ao mesmo tempo em que se faz essa “limpeza”, essa “raspagem do inconsciente” [371; 394], as “tarefas positivas” são explicitadas.

Saliento a tarefa que “consiste em descobrir num sujeito a natureza, a formação ou o funcionamento de suas máquinas desejantes, independente de qualquer interpretação” [385; 408-409]; saliento também a idéia prática que, postulando o envolvimento mútuo das “máquinas desejantes” e das “máquinas sociais” [406; 431], afirma a necessidade de distinguir o “investimento libidinal inconsciente de grupo ou de desejo” e o “investimento pré-consciente de classe ou de interesse” [411; 436].

D.1. Essa dimensão, que se espalha pelo cap. IV (“Introdução à esquizo-análise”) inclui três referências a Reich. A primeira incidência aparece no item 2 (“O inconsciente molecular”).

Nessa passagem, os autores apontam o interesse de Reich por uma “biogênese”, à sua idéia de uma “energia cósmica intra-atômica” etc., procurando entender isso como tentativa reichiana de “ultrapassar a alternativa do mecanicismo e do vitalismo”.

Deleuze e Guattari não se sentem incomodados pelo “caráter ao mesmo tempo esquizofrênico e paranóico” da teoria final de Reich. Eis o que escrevem: “confessamos que toda aproximação da sexualidade com fenômenos cósmicos do tipo ‘tempestade elétrica’, ‘bruma azulada e céu azul’ (...) ‘fogo-de-santelmo e manchas solares’, fluídos e fluxos, matérias e partículas, nos parece, afinal, mais adequada que a redução da sexualidade ao lamentável pequeno segredo familista. (...)”

Não é o neurótico deitado no seu divã que nos fala do amor, de sua potência e de seus desesperos, mas o passeio mudo do esquizo (...) a viagem móvel em intensidades sobre o corpo sem órgãos. Quanto ao conjunto da teoria reichiana, ela tem a incomparável vantagem de mostrar o pólo da libido, como formação molecular na escala sub-microscópica, como investimento das formações molares na escala dos conjuntos orgânicos e sociais". Segundo os autores, estariam faltando apenas "as confirmações do bom senso: por que, em que é isso a sexualidade?" [346-347]

D.2. A segunda incidência do nome de Reich no cap. IV ("Introdução à esquizo-análise") aparece no item 3 ("Psicanálise e capitalismo").

Há uma dupla referência nessa passagem. Ambas valorizam determinada posição de Reich, mas assinalam que ele não teria sido suficientemente radical. De acordo com a primeira, Reich "denuncia a maneira como a psicanálise se põe a serviço da repressão social". Mas, em que sentido ele não teria ido suficientemente longe nessa denúncia? Por não ter visto que "o liame da psicanálise com o capitalismo não é apenas ideológico", mas "infinitamente mais estreito" por uma série de razões, uma das quais, não menos importante, é ela manter-se referida tão-só a si própria.

Na segunda referência desse mesmo bloco, lemos que Reich "pressente um princípio fundamental da esquizo-análise", o que ocorre quando ele diz que "a destruição das resistências não deve esperar a descoberta do material" (A função do orgasmo). Os autores concordam com isso, mas acham que Reich deveria ter ido mais longe. É que, para Deleuze e Guattari, não é preciso esperar a descoberta do material para destruir resistências. Por que? Pela simples razão de que "não há material inconsciente", a tal ponto que a esquizo-análise, dizem eles, "não tem nada para interpretar" [372-375; 396-399].

D.3. A terceira e última incidência do nome de Reich no cap. IV ("Introdução à esquizo-análise") aparece no item 4 ("A primeira tarefa positiva da esquizo-análise").

Nesta referência, Deleuze e Guattari criticam o "culto da morte na psicanálise". Em vez de ser um "canto à vida", em vez de nos "ensinar a cantar a vida", a psicanálise "emana o mais triste canto de morte". Para os autores, Reich não cede à tentação de jogar o "instinto de morte contra Eros", não cede à "liquidação da libido".

Dizem os autores: "Reich não se enganou, ele que foi talvez o único a manter que o produto da análise deveria ser um homem livre e alegre, portador de fluxos de vida, capaz de levá-los até o deserto e descodificá-los -- mesmo que essa idéia tomasse a aparência de uma idéia louca".

Fim provisório

Eu gostaria de colocar um fim provisório nestas anotações dizendo o seguinte: apesar dos momentos de distanciamento crítico, a relação de Deleuze e Guattari com a obra de Reich é a de sempre manter a alegre pulsação do polifônico canto à vida. Tudo fazer para que esse canto seja a permanente referência dos conceitos e das questões inevitáveis.

Vimos relances do modo como os autores se aliam a Espinosa e a Reich no âmago daquela difícil pergunta: por que se luta pela servidão de si, como se se tratasse da sua própria salvação. Deleuze e Guattari retomam essa questão num sentido que deixaria felizes esses dois aliados. Eis a pergunta: "como se chega a desejar a potência, mas também sua própria impotência?" Para os autores, a resposta depende de uma "teoria generalizada dos fluxos" [284; 303-304].

É quase certo que, nessa teoria, será sempre decisivo o papel dos cantos à vida. E que sentido esses cantos emitem? Eles emitem o sentido de um desejar sem falta, esse desejar a potência e não os poderes que nos submetem aos valores dominantes.

A esse respeito, é sempre bom repetir, principalmente numa homenagem a Reich, o convite que nos fizeram Deleuze (1925-1995) e Guattari (1930-1992) a sempre retomarmos a guerrilha contra nós mesmos, ou melhor, a guerrilha contra as Potências maiúsculas – sejam Partidos, Religiões ou quaisquer proeminências transcendententes – que nos invadem, que nos habitam ou que nos habilitam na sacanagem muito contemporânea de certo servilismo.

74

MARCELO ALVES DIAS DE SOUZA

MISTERIOSA OBSESSÃO

“100 filmes: da literatura para o cinema” (BestSeller, 2014), organização de Henri Miterrand, é um livro que eu recomendo deveras. Literatura e cinema, sozinhas ou misturadas, são duas coisas boas da vida, vos asseguro.

Todavia, o livro, nos traz uma advertência que acredito crucial: “Desde a sua criação até os dias atuais, o cinema bebe da fonte da literatura. No entanto, o segredo que permite transpor o trabalho do papel para a película parece conhecido apenas por alguns dos grandes nomes da sétima arte: Kubrick, Visconti, Renoir, Bresson e poucos outros foram capazes de criar obras-primas baseadas em outras obras-primas enquanto nomes menores criaram cópias insossas”. De fato, com honrosas exceções, é comum dizermos: “o livro é melhor que o filme”. E, dentre essas exceções, talvez a mais famosa seja a trilogia “O Poderoso Chefão” (“The Godfather”), iniciada em 1972 sob a direção de Francis Ford Coppola, baseada no livro de Mario Puzo.

E é aí que entra uma questão curiosa: o gênero da literatura a ser adaptada para o cinema. Este e a TV parecem ser muito mais exitosos quando adaptam/roteirizam a literatura de gênero, em especial as estórias de suspense/mistério, para as suas maravilhas de imagem e som.

Outro dia, aliás, li no site literário Goodreads um belo artigo sobre o tema, de autoria de Adrienne Johnson, intitulado “Mystery Solved: Why Hollywood Is Obsessed with the Whodunit [leia-se ‘quem fez isso’]?”. E tudo fez sentido.

De logo, não são só Hollywood e as plataformas de streaming (Netflix, Amazon Prime, Apple TV etc.) que estão obcecadas por mistérios. Nós também estamos. Não conseguimos parar de assisti-los, mesmo com mil coisas a fazer ou necessitando dormir. Tiro pelo meu caso com “Lupin”, série da Netflix baseada na obra do francês Maurice Leblanc. Acabei vendo episódio atrás do outro, madrugada adentro. Hollywood ou Netflix nos vende o que queremos comprar.

E esse nosso amor pelos livros, filmes e séries de mistério/suspense decorre de vários fatores, muitos dos quais inconscientes. Há a questão da qualidade intrínseca à boa literatura. Como anota Adrienne Johnson, se uma editora de renome colocou

seu selo num livro, ela está dizendo: “isso tem certa qualidade”. Ela também sugere olharmos a história do cinema: a maioria dos filmes ganhadores do Oscar são, na verdade, baseados em livros. Ademais, se a coisa nos encantou, é comum pensarmos: “já li o livro; agora vou ver o filme”.

Os livros também costumam oferecer uma abordagem mais profunda e completa da estória se comparados aos filmes. São 300 páginas em vez de 90 minutos de imagem e som. Com a explosão dos serviços de streaming, pululando nas TVs, isso é uma mão na roda. Temos aqui flexibilidade em formatos e tempo de execução. Uma série poderá ter inúmeros episódios ou ser divididas em várias temporadas. O livro é um ótimo plano para a série seguir e se desenvolver.

Há ainda a questão do enredo forte, típico dos whodunit, dos thrillers e por aí vai. Quem fez isso? Por que fez? Como fez? Isso sem falar nas reviravoltas a cada instante ou episódio. Nos livros de mistério, os capítulos geralmente terminam em um momento de angústia. Perfeito para os cortes da grande tela e, sobretudo, para os capítulos na TV. Deixará você grudado ali se perguntando: O que houve? O que vai acontecer?

Ademais, os filmes/séries de mistério nos tornam mais do que espectadores da estória. Em meio ao suspense, quase participamos da trama. Sentimos medo, raiva e alegria. E há os dilemas éticos e morais. O que faríamos no lugar da personagem X? Vendo “Lupin”, minha mulher me perguntou se eu roubaria um violino para ela. Disse que não. Quase fui abandonado na hora. Isso tudo pode até ser escapismo. Não importa. Temos esse direito.

Por fim, hoje, há uma tendência nos filmes/séries de mistério de contar sua estória com um toque de humanismo, mesmo quanto ao seu anti-herói. Um grande sofrimento ou injustiça prévia explica/justifica o seu comportamento. Além disso, também abordam, mesmo que lateralmente, questões atualíssimas, tais como igualdade e justiça social, gênero, classe, raça e por aí vai. Vejam o caso da já citada série “Lupin”.

Bom, de minha parte, mil vivas para essa misteriosa obsessão.

75

MARCO AURÉLIO NOGUEIRA
NOVO, NOVIDADE, RENOVAÇÃO

Jamais existe o novo em estado puro. Admitir isso é pressupor que não houve história viva antes. É achar que tudo começará do zero, que nunca antes alguém fez o que eu prometo fazer. É agir como se tudo o mais pudesse ser sumariamente suprimido, ou neutralizado, ou desprezado, menos eu, minhas ideias e minhas realizações. O novo está sempre determinado pela história e pelas circunstâncias. É relativo, não absoluto.

É muito fácil manipular o novo, assim como demonizá-lo e vê-lo com suspeição. A direita é especialista em fazer isso.

Apesar disso, vivemos orientados pela busca do novo. Quem não pensa assim, vive parado ou olhando para trás. Um novo governo, uma nova cultura, uma nova vida, um novo homem, uma nova política são sinalizações utópicas que animam as gentes e as fazem refletir.

Na vida real, há sempre uma fusão entre novo e velho, uma luta entre eles. Frase famosa de Gramsci: épocas de crise são aquelas em que se abre um intervalo no qual “o velho morre e o novo não pode nascer”. Na história, fases, relações, relacionamentos, hábitos, ideias e instituições são ultrapassados e desconfigurados pelos processos de transformação.

Deste ponto de vista, a história é luta permanente entre ideias e práticas cristalizadas, que representam uma fase ultrapassada da História, e necessidades práticas atuais, que se impõem com o signo da novidade. Ou seja, luta permanente entre “o que foi pensado e o novo pensamento, entre o velho que não quer morrer e o novo que quer viver”.

A assimilação do novo que emerge ou é anunciado varia conforme as classes, os interesses e as posições sociais. Setores há que abraçam cegamente o que é novidade, o *dernier cri*. Outros resistem bravamente a tudo que possa ameaçar sua estabilidade emocional ou seus interesses. Jovens são mais sensíveis ao que é novo. Velhos, mais refratários. Mas há jovens conservadores e reacionários, assim como velhos empolgados com o futuro e com o que rompe com o passado.

Há épocas mais abertas e outras mais fechadas ao novo. O mundo atual, com sua dinâmica mudancista e suas revoluções incessantes em certos planos da vida (a tecnologia, a cultura, os direitos, as estratificações, as formas de trabalho e de organização da produção), fez da novidade algo mais forte do que o novo. Todos querem ser *up to date*, mas nem todos se dispõem à renovação substantiva.

O passado, a rigor, nunca passa, nunca acaba de acabar. Verdade conhecida por historiadores e cientistas sociais, a frase parece assumir proporções dramáticas no Brasil, que carrega em seu DNA a dificuldade de romper com os arranjos sociopolíticos que, vindos do passado e acumulados pelo tempo, terminam por frear ou moderar o progresso social. Entre nós, ressoam forte as célebres palavras de Marx no *Dezoito Brumário de Luís Bonaparte*: “A tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos”. Os “espíritos do passado” são recorrentemente convocados nos diferentes momentos da história, mas nem sempre para que se honrem os heróis e sim para que se aprisione o futuro.

Apesar de nunca acabar, o passado é um todo complexo. É História. Sempre dialogamos com ele. Mostra-se carregado de virtudes e defeitos, de heroísmo e tragédia, de erros e acertos. Deixa marcas, pegadas, traços, glórias e feridas

fundas, protege, identifica e desafia. Temos, pois, que saber assimilá-lo e incorporá-lo à experiência.

Todo projeto opera com a ideia de futuro. Ainda que carregado de compromissos com o passado -- passado que é, em si mesmo, repleto de significado, lutas e derrotas, vencidos e vencedores, que se recriam de muitas maneiras --, o projetar é uma deliberada aposta no valor do que é novo, naquilo que se julga merecedor do desejo de ser alcançado: o desconhecido, que pode ser pensado como “racional”.

O arranque rumo ao futuro, porém, nunca é simples ou despojado de dramaticidade e resistência. A imagem eloquente de Walter Benjamin, construída a partir de um diálogo com a aquarela *Angelus Novus* de Paul Klee, merece ser recordada. Nela, diz Benjamin, “se vê um anjo que parece prestes a se distanciar de algo em que fixa o olhar. Ele tem os olhos arregalados, a boca aberta, as asas distendidas. O anjo da história deve ter este aspecto. Seu rosto está voltado para o passado”. Onde vemos uma cadeia de acontecimentos, este anjo enxerga uma única catástrofe contínua, que amontoa destroços sobre destroços. “Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. A tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso”.

Devemos pensar nessa dialética para valorizar a história e entender seu ritmo. Marx e Engels escreveram na *Ideologia Alemã*: o processo histórico “ocorre muito lentamente; as diferentes fases e os diversos interesses jamais são completamente ultrapassados, mas apenas subordinados ao interesse vitorioso, e vão-se arrastando durante séculos ao lado deste”.

O pensamento crítico não tem como “livrar-se” do passado ou negá-lo como história. Ao se realizar precisamente como crítica do presente, do que existe, sua meta é jogar luz sobre o futuro. Tal como a revolução social estudada por Marx no século XIX, este pensamento “não pode tirar sua poesia do passado, e sim do futuro”. Precisa se “despojar de toda a veneração supersticiosa do passado” e “deixar que os mortos enterrem seus mortos”.

Aceitar o novo se confunde com aceitar o risco: o desconhecido. Força a que se saia daquilo que protege e dá segurança: o conhecido. Agarrar-se ao *status quo* não é somente um dado de resistência ou reacionarismo: pode também ser uma estratégia de sobrevivência.

As amplas massas populares, escreveu Gramsci, “mais dificilmente mudam de concepção” e, quando mudam, jamais mudam “aceitando a nova concepção em sua forma ‘pura’, por assim dizer, mas – apenas e sempre – como combinação mais ou menos heteróclita e bizarra” [CC, 1, 108

MARINO BOEIRA**FALO COM...**

Falo com Dyonélio Machado, nascido em Quaraí, em 1895, e falecido em Porto Alegre, em 1985. Foi escritor, jornalista, médico, psicanalista e deputado comunista na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul.

- Dyonélio, você tem três ou quatro livros fundamentais para a literatura brasileira - Os Ratos (1936) O Louco do Cati (1942) e Deuses Econômicos (1966). Como é viver a vida para um grande escritor?

- "A grande lição que recebi da vida é que ela precisa ser vivida com uma enorme dose de indiferença. Indiferença diante dos triunfos, sempre tão poucos, como diante das frustrações, que tanto avultam, mesmo na mais obscura das vidas. Mesmo quando pareça insurgir-se contra ela".

- Como você analisa sua obra?

- "Eis uma pergunta que ficaria melhor dirigida ao leitor."

- Por que você se tornou médico psiquiatra?

- "Venho do século XIX. Venho de um século convulsionado por ideais, visando ao aperfeiçoamento da espécie humana, abrindo-lhe perspectivas cada vez mais amplas e arrojadas. Não admira que me fizesse médico, quando foi nele que a Medicina começou mesmo a ser uma ciência de aplicação social. Desse vasto campo, quantas vivências, indo do trivial ao dramático, sem todavia deixar de oferecer uns traços do pitoresco, guardei comigo."

- E a sua contribuição como psiquiatra?

- "Bem, eu fui um dos primeiros a utilizar os métodos psicanalíticos no Rio Grande do Sul. O professor Roberto Pinto Ribeiro cita-me como o primeiro tradutor de psicanálise no Rio Grande do Sul. Mas não quis ser um psicanalista. De modo algum. Seria difícil para mim aceitar uma doutrina ou uma teoria dogmática, que encontrasse explicações para tudo. A psicanálise encaminhou-se para isto. E eu sou um eclético que detesta qualquer unilateralismo, seja de ideias, seja de fatos. Não gosto e, como já disse, sou um rebelde".

- A Medicina tem alguma coisa a ver com a Literatura? Afinal, Guimarães Rosa e o senhor, possivelmente, como Graciliano Ramos, os maiores romancistas do Brasil, foram médicos.

- "Não. A medicina serve à literatura de ficção, sem escolha do literato. Haja vista aquela página, jamais igualada, da descrição de um delírio. Trabalho de romancista brasileiro e que recebeu, ao que se diz, a consagração dum dos maiores escritores da língua, Eça de Queirós, que a sabia de cor. Fora escrita por Machado de Assis, simples empregado público."

- E o Jornalismo?

- "A minha experiência jornalística tomou várias formas, sem nunca assumir o caráter de uma profissão."

- Como você se tornou um deputado pelo Partido Comunista na Assembleia Legislativa?
- "Eu fui muito amigo do doutor Borges de Medeiros, do doutor Protásio Alves, de toda a cúpula do Partido Republicano. Minha família esteve sempre envolvida com a política e eu sempre fui político. O Partido Republicano vinha sempre ao encontro das aspirações populares da época. O positivismo professava uma espécie de socialismo estatal. E o doutor Borges era assim. Nunca se esqueçam de que nós tínhamos a Viação Férrea estatizada, caso raro no Brasil, que tentamos criar um imposto progressivo sobre a terra, tentando utopicamente distribuir o latifúndio... Os maragatos de 1923, tendo à frente o homem de Pedras Altas, insurgiram-se contra este governo pequeno-burguês, de bacharéis e pequenos proprietários. Eles defendiam, sob a capa do liberalismo político, o interesse seu dos terratenentes. Eu não poderia concordar com aquela insurreição. No fundo, era o socialismo que estava nascendo... de Medeiros. Nesta escola eu me formei. Apenas, depois, procurei evoluir neste socialismo, enquanto meus mestres iniciais ficaram estacionados".
- Como foi ser um preso político?
- "Eu saí da cadeia, dois anos depois, sem culpa formada. A prisão dá material para muitas coisas. Uns fazem memórias - são célebres as de Sílvio Pellico -, mas eu achei melhor utilizar as minhas vivências em livros de ficção. Era um crime ter este material e não utilizá-lo. Eu não perderia tempo em camuflar qualquer que fosse a ditadura nacional."
- E a Semana de Arte Moderna de 1922?
- "Conversando numa das raras vezes, com Mário de Andrade e Osvaldo, vi que eles haviam feito aquilo, lá no Teatro Municipal, quase como uma pilhéria. E pegou. Mas nós não seguimos a geração de 1922. Os prosadores desta época, principalmente, conseguiram trazer o esoterismo do parnasianismo na poesia para a prosa. Esta tornou-se difícil, misteriosa, esotérica... Eu não compactuo com este gênero. Minha formação artística despreza o regionalismo, o esoterismo. Eu tenho a base moldada pelo positivismo de Augusto Comte, universalista geral. Uma arte feita para o maior número de pessoas entenderem. E assim foram os romancistas da minha geração. Bastante duradouros porque populares. Nós não seguimos os modernistas, que pareciam viver nas nuvens. A nossa tradição prende-se ao universalismo de Monteiro Lobato, por exemplo."
- O senhor poderia, como Érico Veríssimo, ter vivido apenas de direitos autorais, caso se dedicasse inteiramente à Literatura?
- "Não poderia. Desprezando a questão de saber se eu venderia ou não, há uma bem mais importante... Eu sou um rebelde. Eu não sou do público. Sou incapaz de escrever algo pensando no que vão achar, qual será a impressão que causará".
- Seu estilo sofreu alguma influência de algum autor português, quem sabe Eça de Queirós, pela absoluta correção que caracteriza, por exemplo, Os Ratos?
- "Não me é dado averiguar isso. A mim me parece que escrevo como sei, sem copiar ninguém, nem primar por uma originalidade. Tenho predileção pela boa linguagem, embora mais corriqueira. Muitas vezes sou procurado por pessoas um tanto ingênuas, que querem saber como se pode ser escritor. Meu conselho é este: escreva como quem fala. Não fui modernista. O que quis era, examinando o passado, entender o presente."
- E O Louco do Cati?

- "Foi um desafio com a morte, ou eu escrevia o livro ou morria. Eu já tinha tido um colapso periférico e ouvi o grito da minha mulher, que era igual ao grito das mulheres cujos maridos estavam morrendo, e eu como médico sabia disso. Eu reagi contra a morte. Utilizei minhas vivências neste período (Dyonélio Machado foi preso político de 1935 a 1937, saiu muito abalado da prisão e escreveu o romance em 1941) não com um caráter memorialista, mas como elemento para a ficção. Não achei que fosse mais duradouro, não, porque não tinha nenhuma esperança, mas que seria melhor. Para mim, pelo menos."

- O que o senhor acha de ser reconhecido unanimemente pela crítica e pelo público como um dos maiores escritores da língua portuguesa?

- "Eu acho que este reconhecimento não está muito certo, eu não sou nada disso. Eu não me sinto assim."

- A seu ver, o movimento modernista de 22 teve algum impacto na literatura brasileira e especificamente na sua obra?

- "Na minha obra não. Deve ter influenciado a literatura brasileira porque grande parte da mocidade que escreve toma a história da literatura brasileira a partir deste movimento. Examinando os meus livros, há de se ver que eu não fui modernista em coisa nenhuma. Ao contrário, o que eu quis era, examinando o passado, compreender o presente."

- E no Brasil, qual o romancista que mais fundamente o sensibiliza?

- "É o velho Machado de Assis. Não em toda a sua obra, é claro, mas em alguns livros, e o que eu mais destaco é o Memórias Póstumas de Brás Cubas. Certa vez li uma comparação de Machado de Assis com Dostoiévski, que este tratava dos grandes crimes e Machado dos pequenos crimes. Eu já havia sentido isso antes de ler esta opinião."

- Porque o senhor nunca se candidatou à Academia Brasileira de Letras?

- "Certa vez, um cidadão telefonou-me do Rio e fez esta pergunta. Dei uma enorme gargalhada e ele considerou a gargalhada como resposta. Sou membro da Academia Rio-Grandense de Letras, como pagamento de uma dívida que eu tinha com meu Estado, a quem não dei nada. Ao Brasil não devo nada, estou dando meus livros a ele."

(Essa "entrevista" foi montada a partir das lembranças que tive com Dyonélio em 1960, como repórter de Última Hora e trechos das entrevistas que Dyonélio deu para Marcos Túlio de Rose, Leo Gilson Ribeiro, Danilo Ucha e José Montserrat Filho).

77

MÁRIO QUINTANA
O LAÇO E O ABRAÇO

Meu Deus! Como é engraçado!

Eu nunca tinha reparado como é curioso um laço... uma fita dando

voltas. Enrosca-se, mas não se embola, vira, revira, circula e pronto: está dado o laço. É assim que é o abraço: coração com coração, tudo isso cercado de braço. É assim que é o laço: um abraço no presente, no cabelo, no vestido, em qualquer coisa onde o faço.

E quando puxo uma ponta, o que é que acontece? Vai escorregando...

devagarzinho, desmancha, desfaz o abraço.

Solta o presente, o cabelo, fica solto no vestido.

E, na fita, que curioso, não faltou nem um pedaço.

Ah! Então, é assim o amor, a amizade.

Tudo que é sentimento. Como um pedaço de fita. Enrosca, segura um pouquinho, mas pode se desfazer a qualquer hora, deixando livre as duas bandas do laço. Por isso é que se diz: laço afetivo, laço de amizade.

E quando alguém briga, então se diz: romperam-se os laços. E saem as duas partes, igual meus pedaços de fita, sem perder nenhum pedaço. Então o amor e a amizade são isso...

Não prendem, não escravizam, não apertam, não sufocam.

Porque quando vira nó, já deixou de ser um laço!

78

MICHEL LUSCOMBE

Em seu programa de rádio, Dr. Laura Schlesinger disse que, como um judeu ortodoxo observador, a homossexualidade é uma abominação de acordo com Levítico 18:22, e não pode ser condenada em nenhuma circunstância. A seguinte resposta é uma carta aberta para a Dra. Laura, escrita por um morador dos EUA, que foi publicada na Internet. É engraçado, além de informativo: Caro Dr. Laura: Obrigado por fazer tanto para educar as pessoas a respeito da Lei de Deus. Aprendi muito com o seu programa, e tento partilhar esse conhecimento com o máximo de pessoas que puder. Quando alguém tenta defender o estilo de vida homossexual, por exemplo, eu simplesmente lembro que Levítico 18:22 claramente afirma que é uma abominação... Fim do debate. Preciso de alguns conselhos vossos, porém, sobre alguns outros elementos das Leis de Deus e como segui-los. 1. Levítico 25:44 afirma que posso possuir escravos, tanto homens como mulheres, desde que sejam comprados de nações vizinhas. Um

amigo meu afirma que isto se aplica aos mexicanos, mas não aos canadianos. Você pode esclarecer? Por que eu não posso possuir canadianos? 2. Gostaria de vender a minha filha à escravidão, como sancionado em Êxodo 21:7. Nos dias de hoje, o que acham que seria um preço justo para ela? 3. Sei que não me é permitido nenhum contacto com uma mulher enquanto ela estiver no seu período de imundícia menstrual - Lev. 15: 19-24. O problema é como eu conto? Já tentei perguntar, mas a maioria das mulheres se ofende. 4. Quando queimo um touro no altar como sacrifício, sei que cria um odor agradável para o Senhor - Lev. 1:9. O problema são os meus vizinhos. Eles afirmam que odor não lhes agrada. Devo bater neles? 5. Tenho um vizinho que insiste em trabalhar no sábado. Êxodo 35:2 claramente afirma que ele deveria ser condenado à morte. Sou moralmente obrigado a matá-lo eu mesmo, ou devo pedir à polícia que o faça? 6. Um amigo meu sente que, apesar de comer marisco ser uma abominação, Lev. 11:10, é uma abominação menor que a homossexualidade. Eu não concordo. Consegues resolver isto? Existem " diplomas " de abominação? 7. Lev. 21:20 estados que não me aproximo do altar de Deus se tiver um defeito à minha vista. Tenho que admitir que uso óculos de leitura. A minha visão tem de ser 20/20, ou há algum espaço de diversão aqui? 8. A maioria dos meus amigos do sexo masculino apara o cabelo, incluindo os cabelos em volta das suas temporas, apesar de isto ser expressamente proibido por Lev. 19:27. Como eles devem morrer? 9. Eu sei de Lev. 11:6-8 que tocar na pele de um porco morto me deixa impuro, mas posso ainda jogar futebol se usar luvas? 10. Meu tio tem uma fazenda. Ele viola Lev. 19:19 plantando duas colheitas diferentes no mesmo campo, como a sua esposa usando roupas feitas de dois tipos diferentes de fio (mistura de algodão / poliéster). Ele também tende a xingar e blasfemar muito. É realmente necessário que nos demos ao trabalho de reunir toda a cidade para apedrejá-los? Lev. 24:10-16. Não poderíamos simplesmente queimá-los de morte num caso de família privado, como fazemos com as pessoas que dormem com os sogros? (Lev. 20:14) Sei que estudou estas coisas extensivamente e, portanto, desfruta de uma considerável experiência em tais questões, por isso estou confiante que pode ajudar. Obrigado novamente por nos lembrar que a palavra de Deus é eterna e imutável. Você é adorável fã. James M. Kauffman, Ed.D. Professor Emérito, Departamento. De Currículo, Instrução e Educação Especial Universidade de Virgínia (Seria uma porra de vergonha se não pudéssemos possuir um canadense)

79

MIGUEL RIBEIRO

O QUE É CRIATIVIDADE?

A criatividade é a ferramenta mais adequada para encontrarmos maneiras de fazer mais com menos, de reduzir custos, de simplificar processos e sistemas, de aumentar lucratividade, de encontrar novos usos para produtos, de encontrar novos segmentos de mercado, de desenvolver novos produtos e, também, de melhorar a sua vida,

tornando-a mais criativa e interessante. Tornar-se mais criativo significa ampliar e desenvolver as habilidades de solução de problemas e de aproveitar as oportunidades que surgem no dia a dia. Isto implica no domínio de algumas técnicas, ferramentas e estratégias que nos ajudam a entender os desafios, a gerar ideias para lidar com estes desafios, a selecionar as melhores opções e a planejar e implementar com sucesso as ações de melhoria.

O Processo Criativo se fundamenta em três princípios: Atenção, Fuga e Movimento. O primeiro princípio nos diz: concentre-se na situação, oportunidade ou problema; o segundo: escape do pensamento convencional; o terceiro: dê asas à sua imaginação. Ao nos concentrarmos, preparamos nossa mente para romper com a realidade existente e se abrir para a percepção de possibilidades e conexões que normalmente não enxergamos. Se estivermos explorando oportunidades, voltamos nossa atenção para o que não funciona ou pode ser aperfeiçoado. Se estivermos analisando um problema, concentramos nossa atenção para compreender melhor a situação, suas diferenças e similaridades com outras situações conhecidas, as peculiaridades do problema analisado e suas possíveis causas. O conhecimento dos três princípios do processo criativo abre o caminho para o entendimento dos diversos métodos e técnicas de criatividade. Dominando os três princípios, Atenção, Fuga e Movimento, você pode criar o seu próprio método, selecionando, combinando, ou mesmo criando as técnicas e ferramentas que mais se adaptam à sua personalidade e preferências. Você também pode adequar métodos e técnicas ao problema específico que está enfrentando. Para serem eficazes, as técnicas de criatividade precisam ser acompanhadas de atitudes mentais que nos levem a ver o mundo sob diferentes perspectivas, a vencer os bloqueios mentais e a trilhar caminhos nunca antes tentados.

Os bloqueios mentais são obstáculos que nos impedem de perceber corretamente o problema ou conceber uma solução. Pela ação destes bloqueios, nos sentimos incapazes de pensar algo diferente, mesmo quando nossas respostas usuais não funcionam mais. Alguns bloqueios são criados por nós mesmos: temores, percepções, preconceitos, experiências, emoções, etc.

Outros são criados pelo ambiente: tradição, valores, regras, falta de apoio, conformismo, entre outros.

Para tornar sua vida mais interessante é fundamental identificar claramente os bloqueios que impedem-no de pensar diferente, para viver criativamente. Citando Thomaz Jefferson: “Nada pode impedir uma pessoa com a atitude mental correta de realizar seu objetivo, porém, nada na terra pode ajudar uma pessoa com a atitude mental errada”.

80

MILTON SALDANHA
FAROL DA ILHA DE ALTO MAR

Todos os dias, no começo da noite, acendo uma luz na frente da casa. Apago na hora de dormir.

Essa rotina, nesta vida reclusa, de pandemia, me faz lembrar das ilhas de alto mar, que ficava observando, em viagens de navio, onde só havia uma casinha e um farol.

Ficava pensando em como seria a vida do faroleiro, com aquela rotina numa solidão que me parecia desoladora.

Teria ele família? Viveria sozinho? O que faria durante o dia longo?

Da luz do farol poderia depender a vida dos navegantes, durante a noite, principalmente nas embarcações mais rudimentares, sem a tecnologia dos transatlânticos.

Um trabalho importante.

Numa vida que me parecia de sacerdócio.

Sempre me lembro disso quando ligo e depois desligo minha pequena lâmpada.

Viremos ilhéus. Isolados.

Cada um com seu farol.

Enquanto existir luz a vida segue.

Barcos imaginários passam.

Vamos escapar dessa, falta pouco.

Força, gente!

(Milton Saldanha, com saudade dos bons tempos dos cruzeiros)

81

MILTON SALDANHA VOLTA DOS NAVIOS DE CRUZEIROS VIROU ASSUNTO POLÊMICO

O navio Itatinga, a vapor, marcante nas minhas memórias, já era um sucata, em 1954, quando minha família nele subiu um grande trecho do litoral brasileiro, de Pelotas ao Rio de Janeiro. Com escalas em várias cidades.

Mais que viagem, foi uma grande aventura. Eu tinha 9 anos de idade.

Desde então os navios nunca mais saíram da minha vida, como também do meu irmão, Rubem Mauro, meu parceiro de cabine na maioria das vezes.

Perdi a conta dos cruzeiros e travessias oceânicas que fizemos. Até por mares nunca imaginados, como o Báltico e Mar Egeu. Teve até um fluvial, pelo Reno.

Mas nosso grande boom como navegantes, por mais de década e meia, foi a partir de 1974, quando Francisco Ancona, publicitário e então consultor de marketing da Costa Cruzeiros, convidou meu jornal Dance a ser o "promotor e divulgador oficial" de cruzeiros dançantes.

Foram dezenas de navios e roteiros. Um deles pelo Caribe.

Fiz este rápido retrospecto para dizer o quanto os navios fizeram parte da minha vida, com paixão.

Quando afundou o lindo Costa Concordia, na Itália, que foi capa do Dance, e onde fizemos fantástica edição do Dançando a Bordo, senti uma dor profunda.

Corta para 2021.

Estamos numa pandemia, que não acabou, com pelo menos duas variantes agressivas do covid fora de controle.

Eu não entraria agora num navio. Em hipótese alguma.

Estamos falando de naves que carregam, hoje, de 4 a 5 mil pessoas.

Num ambiente confinado -- e quando é a céu aberto, como nas piscinas, sempre lotado. Com ar condicionado em todos os lugares.

Dispensável dizer da festa que isso representa para o covid.

Este vai se divertir mais dos que hóspedes e tripulantes, principalmente nos finais dos cruzeiros.

É uma insanidade total liberar isso na próxima temporada de verão.

E tem sido como pensa nossa ajuizada e profissional Anvisa.

Mas não as companhias de navegação e o Ministério do Turismo.

Existe uma polêmica sobre isso, permeada pelas naturais pressões que alegam faturamento, mercado de trabalho para tripulantes (por lei uma parte tem que ser brasileira), ganhos diretos das agências de turismo, ganhos indiretos do comércio na escalas, e vai por aí, numa lista longa de vantagens indiscutíveis.

Onde se considera também o prazer dos passageiros, grande parte deles frustrados pelo cancelamento da temporada anterior e ainda com créditos.

Tudo isso é verdade. E duvido que alguém, mais do que eu, gostaria de retornar aos navios.

Mas não dá. Acho irresponsabilidade.

Já tive o covid e não foi fácil. Corri real risco de morte. Vera, minha mulher, também. Hoje mesmo recebemos a notícia de dois adolescentes da família que estão acometidos, um deles internado em hospital.

Gente, não passou.

Nesta questão estou com a Anvisa. A saúde e a vida em primeiro lugar.

Que me desculpem as pessoas que postaram em redes sociais festejando a volta dos cruzeiros e criticando as autoridades sanitárias. É natural que todos estejam cansados das privações e ansiosos pela retomada da vida normal.

Um cruzeiro, sem dúvida, é um grande prazer. Que passa rápido.

Mas nenhum vale o risco de vida. Que espera-se seja longa.

MONICA DE BOLLE

TRATADO DA ESTUPIDEZ HUMANA

“A Primeira Lei Fundamental da estupidez humana assevera sem qualquer grau de ambigüidade que: Sempre e inevitavelmente, cada um de nós subestima o número de indivíduos estúpidos em circulação.” São cinco as leis fundamentais da estupidez humana, segundo Carlo M. Cipolla, um dos maiores historiadores econômicos contemporâneos, ex-Professor de Berkeley, falecido em 2000. As leis subsequentes são: A probabilidade de que certa pessoa seja estúpida é independente de qualquer outra característica da mesma pessoa (Segunda Lei); Uma pessoa estúpida é aquela que causa um dano a outra pessoa ou a um grupo de pessoas, sem retirar qualquer proveito para si, podendo até sofrer um prejuízo com isso (Terceira Lei); As pessoas não estúpidas desvalorizam sempre o potencial nocivo das pessoas estúpidas (Quarta Lei); O estúpido é o tipo de pessoa mais perigoso que existe (Quinta Lei).

PAULO BAÍA

VOTO É AFETO

Os processos eleitorais como o de 2014 alimentam as expectativas sobre os veículos de comunicação de massa.

Sobretudo quando constata-se que mais de 90% dos domicílios têm televisão e/ou rádio, e que o hábito de leitura é uma eventualidade, quando contrastado ao consumo audiovisual e digital.

Levanta-se então a questão: podem os programas eleitorais de TV e rádio definir a eleição?

Para os que acreditam, vale a tese de que voto é resultado da articulação dos afetos e dos desejos; sua racionalidade está no domínio da emoção, estando a cidadania sob efeito da emoção.

Analisar o porquê do voto nos traz uma dualidade; procuramos cálculos políticos nas escolhas e a decisão está vinculada ao território das paixões.

A emoção, mais que a lógica instrumental, forma a percepção do eleitor, sendo o voto a expressão mais profunda da verdade passionalizada pelo desejo. Na política, voto é materialização da fantasia, dos desejos.

É ato de prazer, ódio, desprezo, felicidade, depressão ou euforia.

É uma dimensão afetiva que se faz presente no dia-a-dia dos governos de forma invisível e silenciosa.

O voto é um agradecimento, vingança, pedido de perdão ou socorro.

Uma esperança que tem o poder de fundar uma nova ordem afetiva na vida de cada eleitor.

É uma catarse.

Uma celebração.

Tem uma lógica afetiva, construída na subjetividade do eleitor a partir de suas experiências, da memória emocional.

Essa lógica utiliza todos os artifícios da paixão, manobra o imaginário, os sentidos, as fantasias e os desejos que cada um tem sobre si e a sociedade.

É uma estratégia da emoção.

E, muitas vezes, uma cilada.

A escolha eleitoral é, então, forma acabada de afeto.

Votar é fazer do devaneio realidade política.

O voto está além do pragmatismo político; é o momento em que se produz a transformação dos sentidos represados na alma do indivíduo em gozo.

É acontecimento de um sonho, tendo a teoria das trocas políticas, a teoria dos jogos e a teoria das escolhas racionais como eixos do ato de votar.

84

PAULO MONTEIRO

NEGRINHO DO PASTOREIO

Num de repente, o baio-cabos-negros ergueu as orelhas e se firmou na ponta dos cascos, como prevendo um floreio de ferro branco.

Logo reconheci a tropilha de tordilhos do General, conduzidos por Simeão, meu companheiro de infância.

- Tu não envelheces nunca! Ainda és o mesmo piá que o General matou a laço e lançou num formigueiro!

- Quem diria! O general fez tudo o que fez e virou herói nacional do Continente! E tu estás ficando cada vez mais velho.

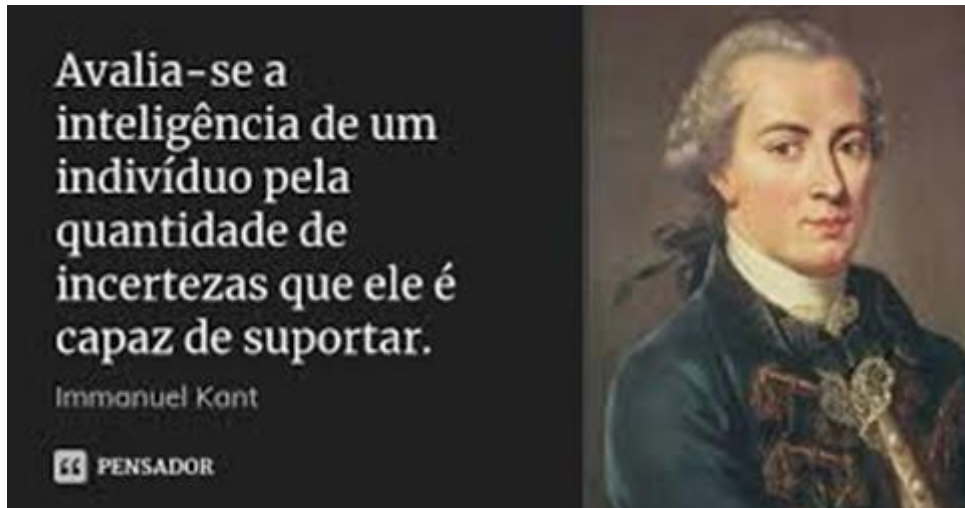
- Por falar em "ficando cada vez mais velho", em nome de nossa velha amizade, prometo te guardar todos os tocos de cigarro e cotos de velha, se me ajudares a encontrar Ela.

- Aquela que anda engarupada com todos os andejos e se reborqueia nos pelegos de todos os desgarrados, nunca poderá ser achada, pois está em todos os lugares e não se encontra em lugar nenhum. Contenta-te, com os tocos de cigarro e nacos de vela que a vida te dá, Blau Nunes.

E seguiu cumprindo seu fadário, de mártir e de santo, repontando a tropilha do General, pois uma vida imita a outra.

PAULO TIMM

VISÃO DE TÚNEL: A VEREDA SOMBRIA DAS SEITAS



Ortega y Gasset, nas "Meditaciones del Quijote", diz: "Yo soy yo y mi circunstancia; si yo no la salvo a ella, no me salvo yo".

Visão de túnel é uma expressão muito comum na aviação. Não sou piloto, mas gostaria de ter sido. Quando tentei e tinha condições de fazê-lo, já estava com 60 anos. Meus filhos me proibiram. Talvez tivessem razão. Mas como gosto de aviões, embora morra de medo cada vez que neles viajo, vejo muitos documentários e programas sobre o mundo aeronáutico. Um deles, MAY DAY - aviso de socorro grave -, mostra as investigações feitas por autoridades sobre os grandes acidentes com aeroplanos, com o objetivo de evidenciar suas causas e, eventualmente, corrigir procedimentos técnicos da indústria, do tráfego e humanos com vistas a correções. Graças a isso, a segurança de voo melhorou muitíssimo nas últimas décadas. A velocidade de curso é praticamente a mesma há 60 anos, cerca de 900km por hora, mas os acidentes são relativamente raros. Morre-se mais no trânsito de casa aos Aeroportos do que propriamente do voo. Pois bem, nestas investigações, não raro, aparece a tal visão de túnel como causa de acidentes fatais. Ela pode ocorrer na decolagem ou aterrissagem, quando o comandante simplesmente troca de pista ou mecanismo, normalmente porque preocupado com um grave desafio atmosférico, senão mera distração, mesmo estresse, ou outro assunto. Passa quando deixa de ver a pluralidade das circunstâncias e se concentra num ponto, problema ou desafio. Mas pode-se levar este conceito para outras campos da vida e aí se revelam as seitas.

Platão, sempre Platão, tratou deste assunto, quando descreveu o mito da caverna. Ele é ele um dos três filósofos mais importantes da História, ao ponto que muitos consideram que tudo o que veio depois são meros pés de página da sua obra, até, pelos menos, meados do século XX. Quando se vive num buraco mal iluminado onde as imagens se refletem distorcidas nas paredes, esta é a imagem da realidade. Mas se

ocorre de um dos moradores sair à luz do sol, ilumina-se com a percepção de novas formas. O famoso Iluminismo, sob o qual se construiu a Modernidade Ocidental, com seu par Razão e Liberdade, não é, senão, uma extensão desta escapadela. Agora, imaginem: se este ente que viu a luz voltar para os seus e tentar dizer-lhes que estão errados...(?) Vai pra fogueira...

Mais tarde, já no século XVII, o grande Lord Bacon voltou ao assunto, em busca da verdade, junto com outro, Baruch Spinoza, e mostrou como somos vítimas do que denominou “os ídolos da razão”. Pensamos de acordo com o que aprendemos na tribo, geografia, na época, tempo, numa nação, cultura, tudo criado com o objetivo de eternizar a imagem, com seus inevitáveis interesses, da correspondente sociedade. . Karl, Marx e Manheim, seguiram esta trilha e nos falam em ideologia. Na entrada do século XX o poeta Oscar Wilde levou estas reflexões às últimas consequências: Nascemos velhos e escravos! Advertiu, porém, que poderíamos, por um grande esforço de desprendimento, morrer livres das “ideologias”, entendidas como sistema rígido e fechado de ideias, verdadeiros tabus, que formaram nossa “consciência. Este esforço é o projeto de autonomia (auto-nomos) humana: Regular-se a partir da capacidade reflexiva sobre o que é melhor para si como um animal social, eticamente constituído e capaz de conduzir-se por si mesmo: “Duco non ducor”, lema dos paulistas. Conduza, não seja conduzido. Para tanto, temos que sair à luz, conviver e aceitar o outro, os outros, compreender-lhes em sua origem e valores. Diversificar experiências de vida e pensamento, muitas vezes propiciada pela leitura de livros, filmes ou viagens. Vivências. Tarefa difícil. Mas indispensável se queremos ser realmente libertos, o que não se confunde com fazer o que se bem entende, ter liberdade de ir e vir, ou dizer qualquer coisa que venha à cabeça, escolher uma entre várias marcas de algum produto. A liberdade consiste no conhecimento da necessidade por si mesmo. Sou livre, diz uma velha dicção dos advogados, porque sou servo da Lei. Servo não conformista, por certo, capaz de avaliar a Lei no seu papel de assegurar a coesão da comunidade no seu devir libertário para a sobrevivência e reprodução. Servo com os olhos bem abertos, ouvidos atentos e imaginação ativada.

Falo sobre isso a propósito do escândalo revelado por Morato na CPI do COVID, de uma empresa de plano e serviços de saúde, PRESERVE SENIOR, de São Paulo. A jovem advogada de um grupo de médicos inconformados com as exigências insólitas desta corporação, declarou na CPI que deles escutou que o uso compulsório do tal KIT COVID correspondia a um “alinhamento ideológico” da PRESERV com o imperativo da manter as pessoas na rua de forma a assegurar o funcionamento da economia, oriundo do Palácio do Planalto. A isso se dá o nome de cega militância política, que consiste no envolvimento de pessoas, grupos ou partidos submissos a uma corrente, dominante ou não, com vistas a implantar obsessivamente uma ideia, um Projeto, ou um Plano de Governo. Aparece com frequência em regimes autoritários, por falta de acesso a outras fontes que não a oficial, como foi o caso do biólogo Lysenko, na ex-URSS, que quase leva o socialismo ao precoce desastre, como também sob Hitler ou sob ditaduras contemporâneas. Nestes casos, as ideias se cristalizam, sem ar nem renovação, em seitas que podem ser de inspiração política, religiosa ou até científica. O Neoliberalismo em curso na esfera econômica e hoje contestados por 17 Prêmios Nobel de Economia tem este caráter. Impositivo e inflexível: “There is no alternative” – TINA – dizia Margareth Thatcher. Há, pois, que ter muito cuidado em jamais se fechar—ensimesmamento - em si mesmo no cultivo de certezas absolutas. Mede-se a inteligência de alguém não pelo número de convicções arraigadas que tem, mas pelas dúvidas que se faz diuturnamente. Sair à luz, com abertura `a várias interpretações do mundo, conviver com pessoas de origens e pensamentos diferentes, escutar, e

compreender, sobretudo, que a há que se encarar o mundo com certo humor. O grande Amós Oz, escritor israelense, dedicado ao entendimento do fanatismo dizia: - O fanático perdeu o humor. Além disso, compreender que vivemos sempre, mesmo nesta era de grande avanço da Ciência, sob um manto de mistério. Não há nem explicações, nem soluções fáceis. Daí porque um dos grandes intelectuais contemporâneos, Jurgen Habermas, insista tanto no seu conceito de “razão consensual”, única maneira de se conviver com um mínimo de harmonia nas sociedades democráticas. Respeitar tudo: religiões, ideologias políticas, abordagens científicas. Ou isso ou a barbárie totalitária em nome da qual “serial killers” se utilizam de Governos, Igrejas e Teorias para matar em massa. Sempre com boas e belas “razões”.

86

PAULO TIMM

TALENTO, CARISMA, BELEZA NA ERA DAS ABERRAÇÕES

"O espetáculo consiste na multiplicação de ícones e imagens, principalmente através dos meios de comunicação de massa, mas também dos rituais políticos, religiosos e hábitos de consumo, de tudo aquilo que falta à vida real do homem comum: celebridades, atores, políticos, personalidades, gurus, mensagens publicitárias – tudo transmite uma sensação de permanente aventura, felicidade, grandiosidade e ousadia. O espetáculo é a aparência que confere integridade e sentido a uma sociedade esfacelada e dividida. É a forma mais elaborada de uma sociedade que desenvolveu ao extremo o ‘fetichismo da mercadoria’ (felicidade identifica-se a consumo). Os meios de comunicação de massa – diz Debord – são apenas ‘a manifestação superficial mais esmagadora da sociedade do espetáculo, que faz do indivíduo um ser infeliz, anônimo e solitário em meio à massa de consumidores’”.

G.Debord – Sociedade do Espetáculo

As quatro décadas do Pós-Guerra, apesar da Guerra Fria e tirando a Revolução Chinesa vitoriosa em 1949 e os conflitos no sudeste asiático (isto ficava no outro lado da lua...), pareciam prometer um mar de rosas para a humanidade. As principais economias do mundo cresciam satisfatoriamente, junto com algumas periféricas como Brasil, Canadá e Austrália. O fantasma da revolução social e política parecia congelado pelo Pacto Social-Democrata que redistribuía polpudos dividendos às classes trabalhadores. O Estado de Bem Estar na Europa e o Welfare nos States, consagravam a Pax Americana. Eram tempos augustos, numa referência ao período em que o Imperador Augusto, depois de Cesar, subiu ao trono. I. Meszaros, um dos mais renomados marxistas contemporâneos, assinala, citando o próprio Sartre em recente conferência no Brasil no II Encontro de São Lázaro, na Faculdade de Filosofia da Bahia, em 2012:

É necessário enfatizar aqui que, por quase três décadas depois da segunda guerra

mundial, a expansão econômica bem sucedida nos países capitalistas dominantes geraram a

ilusão, até mesmo entre alguns intelectuais importantes de esquerda, de que a fase histórica

de “capitalismo em crise” tinha sido superada, dando lugar para o que eles chamaram de

“capitalismo organizado avançado”. Quero ilustrar este problema citando algumas passagens do

trabalho de um dos maiores intelectuais militantes do século vinte, Jean-Paul Sartre, por quem, pelo que vocês bem sabem pelo meu livro sobre Sartre, tenho a mais elevada consideração. Entretanto, o fato é que a adoção da noção de que, superando o “capitalismo

em crise” e convertendo-se em “capitalismo avançado”, a ordem estabelecida criou grandes

dilemas para Sartre. Isso é ainda mais significativo porque ninguém pode negar a busca inteiramente comprometida de Sartre por uma solução emancipatória viável, nem sua grande integridade pessoal. Em relação ao nosso problema, temos que recordar que, na

importante entrevista dada ao grupo Manifesto Italiano – depois de esboçar sua concepção

das implicações insuperavelmente negativas de sua própria categoria explicativa da institucionalização inevitavelmente prejudicial do que ele chamava o “grupo em fusão”, em

sua Crítica da Razão Dialética –, ele teve de chegar à penosa conclusão de que: “Enquanto

reconheço a necessidade de uma organização, devo confessar que não vejo como os problemas que confrontam qualquer estrutura estabilizada possam ser resolvidos” (Entrevista

publicada em The Socialist Register, 1970, p. 245)

(I.Mezzaros – Crise Estrutural e Necessidade de Mudança Estrutural-2012).

Verdade que o mundo inteiro seria sacudido pela onda libertária de 1968, mas ela, além da curta duração, de sua natureza eminentemente libertária e não social, de sua composição sociológica difusa, foi imediatamente assimilada pelo sistema como um marco para o aprofundamento do individualismo e não de outros regimes políticos. No fundo deste sereno e luzidio lago hollywoodiano, agitavam-se as águas. E delas, como se ninguém se desse conta, emergiu nos anos 80 um outro mundo: O mundo dos artefatos, em substituição à sociedade de meros objetos, na qual o próprio homem, embora reificado como vendedor de força de trabalho sob o capital, estava unificado nesta condição como sujeito capaz e portador natural de direitos igualitários (“Século dos Direitos” - N.Bobbio). O sociólogo Laymert Garcia dos Santos, doutor pela Oxford University e professor titular da Unicamp tem nos brindado com vários artigos e um brilhante livro sobre este processo, tendo, recentemente comparecido ao Programa “Invenção do Contemporâneo”na TV Cultura, no qual apresentou seu olhar nesta além-modernidade.

<http://www.cpfcultura.com.br/2009/08/04/integra-modernidade-e-a-dominacao-da-natureza-laymert-garcia-dos-santos/>

No mundo dos artefatos tudo mudou e ainda estamos tentando entender do que se trata esse novo tempo. Qual sua tecnologia, qual seu falar, qual sua razão de ser? Mal conseguimos. Mas ele é visível numa simples observação de um sobrevivente do furacão Katrina em New Orleans, quando disse: - “Lá estávamos nós, náufragos, com fome, sede e total insegurança, em cima de alguns telhados, no centro do maior império econômico do mundo, abandonados, durante dias. É como se o Governo pensasse assim: Eles fizeram essa escolha. Agora nadem. Ou morram...”. (“Heist – Quem roubou o sonho” – Doc) . Talvez aí esteja a síntese do nossa Era: o cinismo. Mas não o cinismo literário, construído como defesa pelo romântico desiludido, que tal como o poeta de Fernando Pessoa, finge sentir que não é dor a dor que sente profundamente. Agora a impressão é que ninguém sente mesmo nada, a não ser com altas doses mortíferas de drogas ou felizes espectadores de grandes shows. Não se trata do fim do romance, mas de sua inexistência em qualquer tempo. A palavra de ordem é : SALVE-SE QUEM PUDER! Coisa que faria corar até o iconoclasta Oscar Wilde, quem, zombando dos entusiastas do fin du siècle (XIX), diziam que , ao contrário do que pensavam, “o mundo caminhava inexoravelmente para o individualismo”. Não caminhou, ultrapassou...

Não vou, hoje, completar essa impressão com os dados sobre a eleição de Reagan nos Estados Unidos e E. Thatcher, na Inglaterra, como marcos políticos do Consenso de Washington que varreria o mundo numa tormenta neoliberal que engoliria até o Marxismo Soviético e Chinês e seus corolários espalhados pelo mundo inteiro -os Partidos Comunistas - , levando de roldão o trabalhismo inglês, grande parte da social-democracia européia, e até segmentos importantes da esquerda creolla como peronistas de Menem na Argentina e o tucanato recém criado no Brasil. Nem com as valiosas informações de Layert no campo da ciência que produziu as condições técnicas da Era das Aberrações. Não é esse meu propósito, hoje.

Quero falar, neste contexto, na venda do Neymar para o Barça, da Espanha. E de como alguns ídolos do futebol e outros esportes, das artes e até da Política, se transformam em novos milionários. Não só muito ricos, mas verdadeiros heróis, enaltecidos pelo públicos do mundo inteiro:

A relação profunda, porém, do estrelato, é com o arquétipo do herói. O herói é sempre – ele também – um mediano dotado de superpoderes. É a aplicação (ou o sinal da Graça) do arquétipo do herói a uma pessoa dotada de misteriosas fluxos e comunicações empáticas. É uma representação dos valores com do mito do herói e não mais decorrência de personagens heróicas.

(Arthur da Távola – O carisma e o estrelado – acima em Notícias em Destaque)

Vejamos Neymar:

Uma empresa brasileira de consultoria o situa como o sexto mais publicitável do mundo. Dia até que o craque do Santos foi vendido numa baixa, 'barato', ao ser avaliado em R\$ 122 milhões, indo para a Europa ganhar 7 milhões de euros por ano, quase R\$ 2 milhões por mês. Messi , aliás, outro craque do futebol, chega a R\$ 244 milhões e é o mais valioso de todos.

Neymar é o sexto jogador mais valioso do futebol mundial, avaliado em € 50 milhões (R\$ 122 milhões). Esta é a conclusão de um estudo de marketing feito pela empresa

brasileira Pluri Consultoria, que levantou números e valores dos 60 principais mercados da bola. Porém, levando em conta a idade do craque (19 anos), ele está "barato".

O craque do Santos só ficou atrás de Lionel Messi (€ 100 milhões, ou R\$ 244 milhões), Cristiano Ronaldo (€ 90 milhões, ou R\$ 219 milhões), Andrés Iniesta (€ 65 milhões, ou R\$ 158 milhões), Cesc Fàbregas e Wayne Rooney (€ 55 milhões, ou R\$ 144 milhões). A empresa diz ter usado como fontes seu próprio levantamento, a "imprensa especializada" e o site "Transfermarkt".

- A combinação de crescimento econômico, gestão profissional e melhoria do marco regulatório do futebol permitirá que, no futuro, jogadores de ponta do futebol mundial tenham o mercado brasileiro como possibilidade concreta de atuação. Nesse cenário chegaremos num estágio em que veremos times brasileiros contando com jogadores como Wayne Rooney e Iniesta ao lado de Neymar e Kaká. E viajaremos pela Europa vendo meninos vestindo camisas de times brasileiros. Aposto que esse é o futuro - escreveu o economista Fernando Pinto Ferreira, responsável pelo relatório "Painel Pluri Futebol 2011".

(Por wilson yoshio.blogspot - Do Globoesporte.com)

Os milionários passes e contratos, como se pode ver, se estendem a vários jogadores de futebol e alcançam diversos esportes. É bem conhecido, também, o sucesso do excêntrico jogador de golf, Tiger Woods. Tiger Woods é um dos melhores jogadores de golfe de todos os tempos. Venceu quase cem competições oficiais. Ao todo, já ficou por 623 semanas em número um do ranking mundial, quase 300 semanas a mais que o segundo. Isto lhe trouxe fama, muito dinheiro e cerca de 120 amantes ... Para se ter uma idéia de sua fortuna, só divórcio lhe custou 750 milhões de dólares...Outro herói...

Mas a lista se segue com outros ídolos, no campo das artes.

Conta-se que nunca houve, por exemplo, um artista plástico tão rico como Damien Hirst, apesar de muitos considerarem suas obras como verdadeiro lixo vendido a preço de ouro. É simplesmente inacreditável que isto ocorra não só com ele, mas que peças autênticas, de pintores consagrados cheguem aos milhões. Ele próprio afirma no título de uma de suas obras "Quase normal", marcada por aberrações horrendas, tal como tem feito ao alterar os originais de outros quadros famosos.

"Quase normal": aberrações físicas a preço de ouro (Divulgação)

Hirst promove suas exposições como se fosse um ator de cinema. Os jornalistas são convidados para coletivas em grupos de três que duram apenas vinte minutos. Como uma prima-dona, ele parece farto do monótono assédio da mídia. Acomodado num sofá de couro em um enorme salão vazio no sétimo andar da Tate, ele olha diretamente nos olhos ao apertar a mão de cada jornalista, sempre transbordando autoconfiança. É claro que lhe importa pouco o que pensam dele. Está acostumado a ser elevado ao céu ou atirado aos quintos dos infernos.

Como um artista acusado pela crítica de não saber pintar, cujas obras podem ser substituídas por cópias caso o original se deteriore, se tornou um homem tão rico? "Não sei, talvez porque eu tenha sorte. Não sei como responder a essa pergunta. Com certeza porque as pessoas gastam os tubos comprando meus trabalhos. Acho que a pergunta não é porque sou tão rico, mas se mereço ser tão rico"

Mas não são apenas os pintores os agraciados pela fortuna nestes tempos de artefatos, arrogância e valorização de aberrações. Os cantores ganham tanto que já comparecem na Revista Forbes, especializada neste tipo de ranking de riqueza no mundo:

Saiba quais são os 10 cantores mais ricos da atualidade!

Não é fácil ser um cantor de sucesso. Muitos nadam, nadam, porém, morrem na areia. Beyoncé é um exemplo a ser seguido, já que a cantora começou com 9 anos, com as Girls Tyme, que evoluiu para Destiny's Child e, mais tarde, se lançaria no solo e conseguiria muitos prêmios, e conseqüentemente, muito dinheiro. O site MadeMan listou os 10 cantores mais ricos do mundo, baseado em dados da revista Forbes e dos jornais New York Times e Sunday Times. Knowles e seu marido, o rapper Jay-Z, fazem parte da lista, confira:

Em 2007, a Forbes informou que Jay-Z tinha uma fortuna avaliada em U\$150 milhões. Desde então, ele vendeu a Rocawear por 204 milhões e fechou um contrato com a Live Nation, por mais 150 milhões. Isso tudo se soma em 504 milhões de dólares, não contando com os números de contratos com a Budweiser, Armadale Vodka e seu último álbum, "Blueprint 3".

Princesa do pop e rainha de Jay-Z, Beyoncé tem uma fortuna estimada em U\$315 milhões. Entre seus discos solo e os das Destiny's Child, Knowles já vendeu mais de 100 milhões de cópias; estrelou em campanhas publicitárias de gigantes, como a Pepsi, e é recordista de prêmios Grammy® dados à uma cantora, com 16 no total. Além de estrelar em filmes de sucesso, como "DreamGirls". Com 28 anos de idade, a cantora é a mais nova a fazer parte da lista.

Paul McCartney

Jay-Z

Madonna

David Bowie

Sean Combs (P. Diddy)

Beyoncé

Mick Jagger

Elton John

Céline Dion

Mariah Carey

Fonte: MadeMan.com

Leia mais: <http://www.bemestaroufino.com/products/saiba-quais-s%C3%A3o-os-10-cantores-mais-ricos-da-atualidade/>

As listas e exemplos poderiam se alongar. Por pudor não vou postar a lista dos Pastores mais ricos. Um escândalo! Mas meu propósito, até aqui, é apenas elencá-los, não com o sentido amaldiçoar seus ricos beneficiários por esta dádiva, a qual recolheu muitos das mazelas da pobreza para até tonteá-los com o botim da fama, que dificilmente administrarão adequadamente. A questão é: Como é possível que isto ocorra, quando há poucos anos artistas mal ganhavam a vida nos circos ou nas ruas e quando desportistas dificilmente conseguiam se profissionalizar? A resposta está na virada dos anos 80 que produziu simultaneamente artefatos e ídolos cada vez mais expostos numa sociedade de grandes espetáculos, estes, em grande parte, também produzidos.

Pela leitura ideológica, o estrelato é uma apropriação pelo sistema produtor das qualidades empáticas e de certos dons gratuitos de atores tomados pela magia do estrelato. Pela leitura psicológica o estrelato é uma relação profunda entre pessoas com um “self” extrovertido capaz de simbolizar valores patentes, latentes, ou jacentes no público. São seres marcados por alguma forma particular de Graça, identificados com o mistério e o sagrado. Daí o carisma, marca peculiar, “graça extraordinária concedido pelo Espírito Santos” segundo a definição do cristianismo

(Arthur da Tavola, citado acima).

Não que Neymar, Paul M Cartney ou o citado Damien Hirst não tenham talento e que, por este dom, distingam-se e se valorizem pela raridade na espécie humana. Mas o talento de cada um deles está inserido no contexto de uma sociedade de aberrações, cuja maior aberração é exatamente dispor de condições tecnológicas para alimentar a humanidade toda, das condições patrimoniais para manter todo mundo num emprego digno e o mundo em paz e não o faz. Um bilhão morre de fome; 26 milhões estão desempregados na Europa e quase 40 voltaram à pobreza nos Estados Unidos; e as guerras regionalizadas, às quais se somam os atos de violência nas grandes metrópoles continua matando. A concentração de negócios em alguns poucos países, em algumas poucas mãos que, segundo a insuspeita Presidente do FMI mal chega a 0,35% da população do mundo, em alguns poucos bancos que concentram trilhões de dólares em Paraísos Fiscais é simplesmente inconcebível. Mas é ela que propicia o mercado no qual se gestam estas novas fortunas nas áreas do esporte, das artes e até das Igrejas. O talento de cada um deles sequer pode ser qualificado de excepcional, tarefa que só o tempo poderá ratificar. Mais das vezes, como nos ensinava Arthur da Távola, o estrelato está hoje impregnado de manipulações mercadológicas e financeiras:

O estrelato é o resultado de uma disposição empática do ser que recebe uma ampliação mercadológica e pode advir ou não da qualidade artística de seu portador. Quando ocorre a coincidência das duas precondições (empatia e ativação mercadológica) com a qualidade artística, o estrelato pode alcançar a idolatria.

O ídolo é, portanto, a junção das precondições empáticas e mercadológicas com a qualidade artística e um profundo sentido de mediania. O ídolo é – sempre- um mediano de alto talento. O artista acima da média pode alcançar a fama, a genialidade e até a imortalidade. Raro, porém, consegue a idolatria em vida. Suas mensagens estão acima, adiante e além da média.

(Arthur da Távola, citado acima)

É exatamente este processo de manipulação contemporânea das grandes virtudes como talento, beleza, inteligência e carisma que pode nos conduzir a uma banalização da cultura, tal como estamos vivendo a banalização da Política. Já não vemos grandes estadistas, em qualquer parte do mundo, preocupados, como dizia Churchill, com a próxima geração. Apenas candidatos que controlam máquinas partidárias putrefatas e extemporâneas que se sucedem nos cargos em decorrência de campanhas bem feitas por marketeiros ultra-especializados. Marx advertiu para a dominação capitalista como execrável, mas foi Weber quem melhor percebeu essa tendência à uma racionalização da vida contemporânea que leva a que tudo desemboque no artefato: aquilo que é produzido. Assim, entre o impulso natural do passado e o espectro do manipulado ficamos nós, à espera de um futuro amedrontador que já chegou provocando não só imensas disparidades de propriedade e renda no mundo, mas agora, também, na própria espécie humana. Daqui a pouco nem poderemos mais arguir em defesa de Direitos Humanos, pois alguém arguirá: Qual deles...? Somos geneticamente diferentes...

87

PAULO TIMM

A BELEZA SALVARÁ O MUNDO?

Recomenda o velho ditado que, se não tens nada a dizer, fiques calado. Afinal, se a fala é de prata, o calar é ouro fino. Conselho importante para se ter presente nas reuniões sociais, mas inviável para quem vive de fazer-se ouvir. Não falo do viver como instância material, mas como substância existencial, sem a qual um escritor, poeta, romancista ou cronista se exila de si e morre de inanição. Mas o que dizer diante de tanta miséria humana, exposta aos olhos do mundo na tragédia do Haiti? Como compatibilizar uma consciência iluminista com a vitória de um aliado de Pinochet no Chile? Dá para suportar a edição de mais um Big Brother Brasil na Rede Globo, sobre o qual convergirão os indicadores de audiência, estimulando as outras redes com programas similares?

Não sei não...Folheio livros, releio meus arquivos eletrônicos, verdadeiro porta-jóias de minhas leituras diárias, arrisco-me a comentar uma entrevista de Willian Faulkner na qual ele abre o jogo sobre o segredo dramático de seus romances... Querem saber?

Trata-se da trindade da consciência. Uma “santíssima trindade” laica que iria influenciar gerações inteiras de escritores, chegando até nosso imortal Gabriel Garcia Marques, que nele se inspirou. Os romances de Faulkner, segundo ele, giram em torno de três personagens chaves, detentores de três tipos de consciência: os que nada sabem – e porque não sabem, pouco se importam e nada fazem -; os que sabem e não se importam – que são os cínicos- , que locupletam nosso universo político; e os que sabem e se importam – que são os que carregam as mazelas do mundo, Zilda Arns entre eles, como outrora Luther King e tantos outros abnegados. Com base nesses personagens Faulkner diz que o escritor está sempre tentando criar “pessoas verossímeis em situações comoventes e críveis, da maneira mais comovente” de forma a expor a vida em movimento, pois é no movimento da

vida que as pessoas vivem. A vida é movimento, diz ele, e o movimento está ligado ao que faz com que o homem se mova, que é a ambição, o poder, o prazer”. E adverte: “Qualquer tempo em que um Homem possa dedicar à moralidade ele tem que arrancar à força do movimento do qual faz parte. Sua consciência moral é a maldição que ele tem que aceitar dos deuses de modo a obter deles o direito de sonhar.”

Me pergunto: Alguém tem culpa pelo que ocorre no Haiti? Quem sabia e nada fez para mudar o curso de um destino trágico? Quem sabia, tentou fazer e não conseguiu? E não pergunto pelos que nem sabiam e nada fizeram, porque deles é Reino de Deus...Basta-lhes a felicidade do simples jogo da vida, escapando-lhes o direito de sonhar...E quanto ao Chile, de quem é a culpa pela vitória de Piñeros? E como o mundo civilizado permite reedições sistemáticas do Big Brother por todos os seus países...?

Volto ao Romance. Nele me refugio. Com efeito, ainda não se conseguiu, mesmo com o desenvolvimento considerável das Ciências Humanas no Século XX, nada comparável ao Romance como Teoria da Existência Humana. E, assim, continuamos no pólo da sensibilidade, antena da beleza, para entender o Homem. Mas por que, então, tanto (esforço) à verdade e tão pouco à beleza se ela, a verdade, é tão inatingível? Leon Tolstói alimentou tantos sonhos em sucessivas gerações russas para, afinal, confiná-las, sob o condomínio da verdade administrada pelo marxismo soviético, à depressão dos Gulags. Dostoiewski, no seu encaço, acreditava que só a beleza salvaria o mundo. E apostou nisso criando as mais belas páginas de literatura mundial. Salvou alguma coisa? Ou, simplesmente, não conseguiu sensibilizar aquele maravilhoso povo, suficientemente, para o primado da beleza sobre a verdade...?

Sempre o Romance... Tecendo o fio de existências humanas grandiosas mas incompletas, sem direito à História, cativa da razão.

Longe da nossa tradição ocidental, marcada por Shakespeare, e o corolário de romancistas, desde Crétien de Troyers, com Lancelot e Tomas Malory, no Sec. XV, passando no século seguinte aos épicos de Cervantes, Mme. Lafaeyete e Daniel Defoe, para fechar-se num prodigioso ciclo de “folhetins” inaugurado por Goethe, em 1796, com o histórico “Os anos de aprendizagem de W. Meister, seguido dos grandes “fleuves” de Honoré de Balzac – “A Comédia Humana” e Émile Zola – Rougon Marquart, num imenso fluxo que desembocaria no início do século XX em James Joyce, Romain Rolland, Roger Martin Du Gard e Sartre, Milan Kundera nos fala dos formadores de consciências do lado oriental da Europa, evidenciando também sua importância para este, que foi o memorável autor da “Insustentável leveza do (de) ser”:

“Musil e Hermann Brock sobrecarregaram o homem com responsabilidades enormes. Eles o viam como a suprema síntese intelectual. O último lugar onde o homem ainda questiona o mundo como um todo. Estavam convencidos de que o romance tinha um tremendo poder sintético, que ele podia ser fantasia, aforismo e ensaio. Tudo ao mesmo tempo. O objeto específico daquilo que Brock gostava de chamar “conhecimento novelístico” é a EXISTÊNCIA. A meu ver, a palavra “poli-histórico” deve ser definida como **AQUILO QUE REUNE TODO ARTIFÍCIO E TODA FORMA DE CONHECIMENTO DE MODO A LANÇAR LUZ SOBRE A EXISTÊNCIA**”.

Será que as novas gerações estão lendo esses autores com a mesma sofreguidão com que nós o fazíamos. E descobrindo o universo da natureza com os livros equivalentes de Julio Verne, H.G.Wells, Arthur Clarck, Atthr Koestler? Ou estão apenas embalados na fantasmagoria de Harry Potter e Paulo Coelho?

Não sei...

Mas pelo sim, pelo não, vale a pena insistir na beleza como caminho da salvação, senão do mundo, dos nossos pobres espíritos massacrados por tantas e sucessivas verdades. E quem sabe o espírito reanimado não seja o caminho da reconciliação. “Minha pátria é minha língua”, insistia Fernando Pessoa, deleitando-se com as palavras que dançavam nos seus versos propiciando-lhe momentos de verdadeiro êxtase. As “Cartas a um Jovem Poeta”, de Rainer Maria Rilke são igualmente comoventes e nos ajudam a suportar o delírio de um mundo insano, predispondo-nos, quem sabe à ação. Entregome a elas e a elas lhes convivo, num rápido passeio sobre as que me parecem suas mais belas passagens:

CARTAS A UM JOVEM POETA

1 – Paris, 17 de fevereiro de 1903

Não há senão um caminho: Procure entrar em si mesmo

Não escreva poesias de amor, relate suas mágoas e seus desejos

Utilize, para se exprimir, as coisas de seu ambiente, as imagens de seus sonhos e os objetos de suas lembranças

Se a própria existência cotidiana lhe parecer pobre, não a acuse. Acuse a si mesmo. Volte a atenção para sua infância.

Uma obra de arte é boa quando nasceu por necessidade

O criador... deve ser um mundo para si mesmo e encontrar tudo em si e nessa natureza a que se aliou.

2 – Viareggio, 5 de abril de 1903

Toda uma constelação de eventos se deve reunir para que uma única vez se alcance um resultado feliz.

Não se deixe dominar pela ironia, sobretudo em momentos estéreis. Nos momentos criadores procure servir-se dela, como de mais um meio para agarrar a vida. Utilizada com pureza, ela também é pura e não nos deve envergonhar. Ao verificar porém, que se familiariza demais com ela, temendo uma intimidade excessiva, volte-se para objetos grandes e graves, diante dos quais ela se encolhe desajeitada. **BUSQUE O ÂMAGO DAS COISAS ONDE A IRONIA NUNCA DESCE**

3 – Viareggio, 23 de abril de 1903

O próprio destino é como um amplo e admirável tecido em que dedos de infinita ternura conduzem cada fio, colocando-o entre os demais, fixando-o a cem outros que o sustentam.

As obras de arte são de uma infinita solidão; nada as pode alcançar tão pouco quanto a crítica. Só o amor as pode compreender e manter e mostrar-se justo com elas. É sempre ao seu sentimento que deve dar razão.

Deixar amadurecer inteiramente, no âmago de si, nas trevas do indizível e do inconsciente, do inacessível a seu própria intelecto, cada impressão, cada germe de sentimento e aguardar com profunda humildade e paciência a hora do parto de uma nova claridade.

Ser artista não significa calcular e contar, mas sim amadurecer como a árvore que não apressa a sua seiva.

Aprendo-o diariamente no meio das dores a que sou agradecido: a paciência é tudo.

A experiência artística está tão incrivelmente perto da experiência sexual no sofrimento e no gozo que os dois fenômenos não são senão formas diversas da mesma saudade e da mesma bem-aventurança.

4 – De passagem por Worpswede, 16 de julho de 1903

Creio, contudo, que o (...) não deixará de encontrar uma solução, se agarrar a coisas que se assemelham a si, como as que agora dão repouso aos meus olhos. Se se agarrar à natureza, ao que ela tem de simples, à miudeza que quase ninguém vê e que tão inesperadamente se pode tornar grande e incomensurável; se possuir este amor ao insignificante; se procurar singelamente ganhar como um servidor de confiança daquele que parecer pobre – então tudo se lhe há de tornar fácil, harmonioso e, por assim dizer, reconciliador, não talvez do intelecto, que fica atrás espantado, mas sim na sua mais íntima consciência, que vigia e sabe.

A carne é um peso difícil de se carregar.

A criação intelectual, com efeito, provém também da criação carnal. É da mesma essência; é apenas uma repetição silenciosa, enlevada e eterna da volúpia do corpo. Numa idéia criadora revivem mil noites de amor esquecidas que a enchem de altivez e altitude.

Sobre a base do acaso que parece cumprir-se nesse abraço, acorda a lei que faz que um germe forte e poderoso avance até que o óvulo que vem aberto a seu encontro. Não se deixe enganar pela superfície: - nas profundidades tudo se torna lei.

. Por isso, caro senhor, ame a sua solidão e carregue com queixas harmoniosas a dor que lhe causa. Diz que os que sente próximos estão longe. Isto mostra que começa a fazer-se espaço em redor de si. Se o próximo lhe parece longe, os seus longes alcançam as estrelas, são imensos

. Mas a sua solidão há de dar-lhe, mesmo entre condições muito hostis, amparo e lar, e partindo dela encontrará todos os caminhos. Todos os seus desejos estão prontos a acompanhá-lo e minha confiança está consigo.

5-Roma , 29 de outubro de 1903

Há muita beleza aqui, porque há beleza em toda parte.

6-Roma, 23 de dezembro de 1903

Ao verificar que sua solidão é grande, alegre-se com isto

Há uma solidão só: é grande e difícil de se carregar

O que se torna preciso, é ... isto: solidão, uma grande solidão interior. Entrar em si mesmo , não encontrar ninguém durante horas – eis o que se deve saber alcançar.

O que importa apenas, é prestar atenção ao que nasce dentro de si e colocá-lo acima de tudo o que observar ao redor.

Os seus acontecimentos interiores merecem todo seu amor,; neles de certa maneira deve trabalhar e não perder demasiado tempo e coragem em esclarecer suas relações com os homens.

A posição em que agora deve viver não é mais carregada de convenções, preconceitos e erros do que todas as outras.

O solitário é como uma coisa submetida às profundas leis.

Não tendo nenhuma comunhão com os homens, procure ficar perto das coisas, que não o abandonarão. Ainda há as noites e os ventos que passam pelas árvores e percorrem muitos países.

Que sentido teria a nossa vida se Aquele a que aspiramos já tivesse sido.

Como as abelhas reúnem o mel, assim nós tiramos o que há de mais doce em tudo para o construirmos.

7- Roma, 14 de maio de 1904

Não se deve deixar enganar em sua solidão, por existir algo em si que deseja sair dela

Tudo na natureza cresce e se defende segundo a sua maneira de ser; e faz-se coisa própria nascida de si mesma e procura sê-lo a qualquer preço e contra qualquer resistência.

Sabemos pouca coisa, mas que temos de nos agarrar ao difícil e uma certeza que não nos abandonará.

E bom estar só porque a solidão é difícil

O fato de uma coisa ser difícil deve ser um motivo a mais para que seja feita.

Amar também é bom: porque o amor é difícil

O amor de duas criaturas humanas talvez seja a tarefa mais difícil que nos foi imposta, a maior e última prova, a obra para a qual todas as outras são apenas uma preparação.

O amor, antes de tudo, não é o que se chama entregar-se, confundir-se, unir-se a outra pessoa.

O amor é uma ocasião sublime para o indivíduo amadurecer, tornar-se algo em si mesmo, tornar-se um mundo para si, por causa de um outro ser; é uma grande e ilimitada exigência que se lhe faz, um escolha e um chamado para longe.

8-Borgeby Gard, Flãdie, Suécia, 12 de agosto de 1904

Perigosas e más são apenas as tristezas que levamos por entre os homens para abafar a sua voz.

Se nos fosse possível ver além dos limites de nosso saber e um pouco além da obra de preparação de nossos pressentimentos, talvez suportássemos nossas tristezas com maior confiança que nossas alegrias. São, com efeito, esses os momentos em que algo de novo entra em nós, algo de ignoto: nossos sentimentos emudecem com embaraçosa timidez, tudo em nós recua, levanta-se um silêncio e a novidade, que ninguém conhece, se ergue aí, calada, no meio.

Por isto é importante estar só e atento quando se está triste.

Não se observe demais. Não tire conclusões demasiadamente apressadas do que lhe acontece. Deixe as coisas acontecerem.

.

8 - Furugborg, Jonsered, Suécia, 4 de novembro de 1904

Acredite-me: a vida tem razão em todos os casos.

Quanto aos sentimentos: São puros todos aqueles que o senhor concentra e guarda; impuros os que agarram só um lado de seu ser e o deformam.

Tudo o que pode pensar a respeito de sua infância é bom.

Tudo o que o torna algo mais do que foi até agora em suas melhores horas é bom.

Toda intensificação é boa, quando está em todo o seu sangue, quando não é turva e ebriedade, mas alegria cujo fundo se vê.

9 – Paris, dia seguinte ao Natal de 1908

A arte também é apenas uma maneira de viver. A gente pode preparar-se para ela sem o saber, vivendo de qualquer forma. Em tudo o que é verdadeiro, está-se mais perto dela do que nas falsas profissões meio-artísticas. Estas, dando a ilusão de uma proximidade da arte praticamente negam e atacam a existência de qualquer arte. Assim o faz, mais ou menos, todo jornalismo, quase toda a crítica e três quartos daquilo que se chama literatura.

88

PAULO TIMM

RAPSODY IN BLUE

Os Anos Loucos da década de 1920 consagraram dois grandes maestros do jazz em New York, Whitenham, branco, e Fletcher, negro. Em 1923, o primeiro deles consagrou Rapsody in Blue, pérola das criações do compositor George Gershwin (1896.1937) como um verdadeiro hino da época, no Aelian Hall, levando o público ao delírio. No concerto não havia lugar para improvisações. Era tudo rigorosamente musicado, o que lhe valeu o ódio dos negros que o acusavam de haver roubado a sua alma para o deleite dos brancos. Não obstante, aquele gesto contaminou toda a sociedade americana e não só consolidou o jazz como preferência nacional americana como abriu o mercado para outras variações deste estilo musical, sobretudo o fox trot, o blues, o swing, que consiste em tocar nota certa no momento certo, na mesma batida do coração, do universo. Abria-se o palco do mundo para Louis Armstrong com seu novo vocabulário do solo de trompete como marca da improvisação. Sublime e intenso, registram todos os que acompanharam aquela década de tanta loucura e devassidão que projetou os Estados Unidos como maior potência do mundo no rastro da indústria automobilística. Não durou a vida inteira o modelo daquela noite, mas foi intenso enquanto durou. Logo COUNT BASIE lhe desbancaria a fama e fortuna, sobrepondo-se ao concerto letrado, mas abriu caminho para muitas outras bandas, das quais a minha preferida sempre foi Glenn Miller, com sua “Melodia Imortal”.

O encontro de Lula com Alkmin no dia 22 de abril passado (2022), depois dos encontros preliminares de dezembro e fevereiro, em São Paulo, de lançamento de suas pré candidaturas à Presidência e Vice em outubro próximo, foi uma espécie de Rapsódia Azul, com tons de vermelho, verde e amarelo. Representou uma nova etapa da disputa eleitoral com uma performance mais articulada de Lula, com partitura pré elaborada pelos luas do PT, de forma a consagrar o estilo sem os deslizamentos das improvisações e com todos os cuidados para uma reaproximação do PT com a classe média. Não terá havido, com certeza, eletrização da plateia, sempre propensa a acompanhar as pulsações do inusitado, mas pavimentou o caminho da chapa em torno da conclamação democrática. No fundo, uma espécie de luxo, concertado, como antevéspera do necessário, numa sugestão de outro gênio americano da década de 1920, Frank

Lloyd Wright (1867-1959), arquiteto modernista, autor da mais famosa casa do mundo – A CASA CASCATA -. Considerada uma das mais famosas casas do mundo, a Casa Cascata ou Casa Kaufmann é uma residência construída em 1936, localizada 50 milhas a sudeste de Pittsburgh, em Bear Run, na Estrada Rural 1, seção Mill Run de Stewart Township, Condado de Fayette, nas Laurel Highlands dos Montes Allegheny, Estado da Pensilvânia, Estados Unidos. Ele sempre dizia: “Façamos o supérfluo, o necessário virá de qualquer jeito”, expressão que contaminou JK durante a construção de Brasília, certamente importada do vocabulário de Niemeyer. Lula e Alkmin, portanto, um luxo só, para todos aqueles que se guiam pelas batidas do coração.

89

PUA SEDUÇÃO

PUA – O GUIA COMPLETO DO PICKUP ARTIST (DEFINITIVO)

Os PUAs (abreviação para Pickup Artist) são pessoas que estudam e praticam técnicas relacionadas à psicologia e sociologia com foco em seduzir seus parceiros sexuais. No Brasil, o PUA é comumente conhecido, sobretudo pela mídia, como “artistas da sedução”, contudo, o foco dessas pessoas vai muito além da sedução em si.

Juntos, através de seus grupos de debate online e reuniões e palestras físicas, buscam a evolução de si mesmos, empenhando esforços em diversas áreas da vida, como a confiança e a saúde física e mental.

O termo “Pickup Artist” se tornou popular no início da década de 70 com o livro “How to Pick Up Girls” de Eric Weber. Porém, tornou-se popular no mundo todo através do livro O Jogo de Neil Strauss, seguido da série de TV “Pickup Artists”, de Mystery (Erik von Markovik), autor do famoso Mystery Method, o método mais difundido no Brasil.

Desde a publicação de “O Jogo”, a comunidade da sedução, como PUAs são referidos coletivamente, tem atraído publicidade maciça, bem como ceticismo, em vários lugares do mundo.

Devido à associação (na maioria de vezes errônea) entre casos famosos e o movimento, algumas pessoas se manifestaram contra o movimento PUA. Podemos citar aqui de forma rápida, o caso de Elliot Rodgers, um jovem que realizou um atentado contra mulheres no ano de 2014 e foi associado pela mídia como ligado à comunidades PUA. Outro caso, do autointitulado “consultor de sedução” Julien Blanc, que foi proibido de entrar no Brasil e na Austrália, por ensinar técnicas que denigrem as mulheres.

Técnicas mais Avançadas

Técnicas de programação neurolinguística (PNL) associadas à Hipnose e até mesmo o Rapport (espelhamento físico) passaram a ser difundidas nas últimas décadas no meio

da sedução. Assim, o cenário PUA acabou recebendo críticas de diversos meios de comunicação e grupos feministas.

Sobretudo, pelo discurso fora de contexto de alguns membros, o qual deram entender, aos ouvidos dos que não conhecem os métodos, que os PUAs menosprezam e tratam as mulheres como meros objetos sexuais.

Alguns especialistas vieram a público referendo-se aos métodos como falsas propagandas criadas para comercializar livros e palestras. No entanto, uma pesquisa feita por Nathan Oesch do Departamento de Psicologia Experimental da Universidade de Oxford validou os princípios da atração e sedução, como descritas em livros de Strauss sobre o assunto. Colocando assim, as técnicas baseadas na psicologia social e evolutiva, como eficazes na geração de atração entre os seres humanos.

Muito embora seja um movimento com quase absoluta formação entre os homens, há pequenos movimentos PUAs formados por mulheres, que focam a sedução direcionada aos homens.

Pausa Rápida: Estamos dando acessos grátis para nossa área VIP, entre agora na área reservada do site:

Programação Neurolinguística (PNL)

A PNL é uma maneira de modelar outros comportamentos fazendo uso de técnicas de comunicação verbais e não-verbais (como gestos). Nossa experiência é feita de visualização (imagens), experiências auditivas e sensações. A PNL estuda como a soma das imagens, sons ou diálogos internos influenciam o comportamento das pessoas.

PNL mostra que as pessoas não nascem com dons de persuasão ou sedução. As pessoas adquirem as crenças e os hábitos que o diferencia dos outros homens no que se referem aparentar serem mais confiantes.

Rapport (Espelhamento)

Técnica de persuasão que tem como meta a fazer com que a pessoa alvo sinta uma semelhança em você, gerando assim uma afinidade maior. É uma técnica da psicologia usada para criar uma ligação de sintonia com a pessoa que você dialoga, seja ela uma pessoa a ser seduzida ou até mesmo uma pessoa com quem se negocia (o rapport é utilizado na área das Vendas).

Como exemplo de rapport, pode-se aplicar o espelhamento do tom de voz da pessoa (começar a falar no mesmo tom de voz e nível de empolgação) ou espelhar (imitar) a postura da pessoa com quem se conversa. Além disso, o ritmo da respiração, a velocidade da fala e os movimentos das mãos também são estudados.

Hipnose

A Associação Americana de Psicologia descreve a hipnose como uma interação cooperativa em que o participante responde às sugestões de alguma pessoa, no caso, o Hipnotizador. Enquanto a hipnose tornou-se bem conhecida graças a atos populares,

onde as pessoas são motivadas para executar ações ridículas em estado de dormência , a técnica também tem sido clinicamente comprovada para fornecer benefícios médicos e terapêuticos , principalmente na redução da dor e da ansiedade. A décadas, técnicas de hipnose são usadas nos campos da sedução.

Principais Sedutores do cenário PUA

Style (Neil Strauss) – Autor do livro “The Game”, um dos mais conhecidos livros de sedução do mundo. Foi considerado como o responsável por trazer o PUA para a mídia mundial dando destaque para vários outros especialistas, entre eles seu amigo pessoal Mystery.

Mystery – (Erik von Markovik) – Criador do método Mystery (Mystery Method) um dos mais difundidos métodos de sedução do mundo. Embora seja considerado um método defasado, ainda serve como porta de entrada para muitas pessoas no mundo da sedução. Estrelou um seriado com duas temporadas sobre PUA.

Ross Jeffries – O ex-escritor de comédia Ross Jeffries é considerado por alguns como padrinho da sedução comunidade moderna. Escreveu o livro Speed Seduction, que se baseia em técnicas de PNL e Hipnose.

Zan Perrion – Palestrante e Coach, um dos maiores especialistas no método “cocky funny” (Arrogante Engraçado), utiliza técnicas de NEG (pequenas ofensas) para gerar afinidade. Em 2007 lançou seu filme “Que comece o Jogo”, não obtendo sucesso nas telas.

Discovery – Um dos principais parceiros de Mystery. Voltou a ativa em 2014 após ficar afastados dos olhofotes. Foi considerado um dos principais PUAs de 2014.

Lovedrop – Velho amigo de Mystery. Foi considerado um dos principais PUAs ativos segundo a PUA Lingo.

David Deida – Obteve destaque mundial após a publicação do famoso livro “O Caminho do Homem Superior”.

Tyler Durden (Owen Cook) – Um dos homens de frente da empresa RSD. Possui mais de uma década de conhecimento em sedução.

Você pode encontrar livros traduzidos e vídeos legendados desses caras em nossa área VIP grátis:

Filmes PUA

Hitch, Conselheiro Amoroso – Will Smith interpreta Hitch, um consultor de relacionamentos que ajuda homens a conquistar a mulher de seus sonhos.

Don Juan de Marco (1995) – Jonny Deep faz o personagem principal que acredita ser Don. Além de seduzir várias mulheres, salva um homem que tenta se matar.

Alfie, o sedutor (2004) – Alfie é um conquistador muito simpático, que acaba direcionando sua energia e sua vida às mulheres. Tudo corre bem, até ele sentir um vazio existencial.

Jogando com prazer (2009) – Ashton Kutcher interpreta Nikki, um conquistador profissional que se muda para uma cidade grande e precisa seduzir mulheres ricas para ter onde dormir.

Como não perder essa mulher (2014) – Jon mora sozinho e resume sua vida em filmes pornôs, academia e sexo sem compromisso. Considerado como um Don Juan moderno pelos seus amigos, tudo começa a mudar quando conhece uma garota que, segundo ele, merece uma nota 1º, é a Barbara (Scarlett Johansson), que acaba mudando toda rotina do rapaz.

Dicionário PUA – Pickup Artist Dictionary

Os membros PUA compartilham seus conhecimentos e relatos de sedução (comumente chamados de “Relatos de Campo”) com os outros membros, afim de ajudarem e serem ajudados pelos mais experientes. Para facilitar esse processo, é extramente comum a utilização de abreviações entre os membros. Abaixo seguem as principais:

AA = Ansiedade. Ex. a pessoa acaba ficando tensa antes de se aproximar de uma garota

BL = Linguagem Corporal, também conhecida como linguagem não verbal.

CALIBRAR = ler as respostas verbais e não-verbais de uma pessoa ou de um grupo e deduzir com exatidão o que estão pensando ou sentindo no momento.

DHV , DVE , DVS = quando o sedutor realiza uma demonstração de valor superior, o que acaba gerando uma atração maior em relação a ele.

DVL ou DVI = o contrário da abreviação acima. Quando o PUA mostra-se inferior ao seu alvo.

PC = Conseguir o número de telefone do parceiro. (phone close)

KC = Conseguir Beijar o parceiro. (Kiss close)

FC = Conseguir transar com o parceiro. (fuck close)

IOD ou IDD = sinais que dão entender que a pessoa que está sendo seduzida não está interessada no PUA. (indicador de desinteresse)

KINO = tocar fisicamente o parceiro para gerar uma aproximação física e em alguns momentos, uma tensão sexual.

LMR , RUM OU RUH = resistencia de ultima hora -Quando o alvo apresenta resistencia a alguma coisa como beija-la por exemplo.

NEG = um leve insulto aparentemente acidental destinado à uma mulher bonita visitando demonstrar desinteresse.

OPENER = uma frase, pergunta ou afirmação direcionada à um grupo ou à uma pessoa que se quer seduzir, para se iniciar uma conversa.

PEACOCK = vestir-se com roupas espalhafatosas ou utilizar algum item que chame atenção, visando se diferenciar das outras pessoas.

Rotina = uma história, conversa pré-escrita, demonstração de habilidade, ou outro material preparado para iniciar, manter ou avançar numa interação.

WING = um amigo, geralmente com algum conhecimento sobre sedução, que ajuda o sedutor na coquista de mulheres.

Principais Fóruns de Debate e Sites

Pua Base – Maior fórum da América latina sobre sedução.

PUA Training – Consultoria de sedução criada por La Ruina, sediada em Londres com filial no Brasil.

Venusian Arts – Fórum criado por Mystery, Matador e Lovedrop.

Pickup Artist Forum – Conceituado fórum internacional de sedução.

90

RAÚL PIERRI

A SEDUÇÃO DO PODER

Montevidéu, Uruguai, 27/6/2011 – Os governos e os grandes meios privados de comunicação da América Latina travam uma guerra para conquistar a opinião pública, verdadeira legitimadora de poder, e a única solução parece ser uma aliança. “Batalha”, a palavra mais repetida no seminário “Comunicação, Pluralismo e Papel das Novas Tecnologias. O Cenário Latino-Americano: um Olhar sobre o Futuro”, realizado no dia 24, em Montevidéu, pela agência de notícias Inter Press Service (IPS) com apoio do Banco Mundial e do governo do Uruguai.

Ignacio Castañares/IPS

O presidente do Uruguai, José Mujica, fala no seminário organizado pela IPS e o Banco Mundial.

Do encontro participaram autoridades de meios de comunicação públicos e estatais da região, jornalistas, representantes da sociedade civil, e especialistas em comunicações. Essa batalha entre governos e mídia privada pelo manejo da informação ficou em primeiro plano nos últimos anos na América Latina, e tem como marco uma onda de administrações de esquerda e seu enfrentamento com determinados monopólios ou oligopólios.

Esses governos tiveram que fazer um pacto de paz com o grande capital, mas também apostaram em uma transformação das comunicações procurando democratizar a mídia, inclusive por meio de leis, explicou Fábio Zanini, editor internacional da Folha de S.Paulo. Zanini citou o exemplo do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que para chegar ao governo “teve de fazer um movimento político estratégico, midiático, para

mostrar-se confiável perante os bancos, o grande capital, os latifundiários e, também, para atrair para sua coalizão partidos de direita”.

Em definitivo, os governos de esquerda, e também os de direita, como o de Sebastián Piñera no Chile, reconhecem a importância vital dos meios de comunicação, com os quais “têm uma relação conflitante”, afirmou Zanini. O secretário da Presidência do Uruguai, Alberto Breccia, preferiu qualificar a relação da esquerda com a imprensa de “esquizofrênica” e pediu aos participantes que propusessem elementos para saná-la.

Zanini destacou os esforços dos governos para ampliar os espaços públicos de comunicação, criando ou renovando canais e rádios, e expressou dúvidas quanto a estes serem realmente imparciais, alertando que podem simplesmente ser usados com fins de propaganda oficialista.

Por sua vez, Alberto Medina, codiretor de notícias da privada Cadeia Caracol TV, da Colômbia, disse que existe “uma guerra pela informação entre os setores público e privado”. E afirmou: “Não estou convencido de que os governos abram suficientemente os canais para um debate entre todos os setores. Sou um pouco descrente desses meios públicos ‘tão democráticos’. Não vejo espaços abertos para a oposição nos canais públicos. São canais que defendem as teses do governo da vez”, acrescentou.

Em meio a este enfrentamento, a missão da mídia comunitária “é poder instalar a luta pela liberdade de expressão como uma demanda geral”, disse à IPS a presidente da Associação Mundial de Rádios Comunitárias, a chilena María Pía Matta. “Nós tampouco queremos que nos transformem em atores do governo da vez. Creio que é preciso discutir mais sobre as liberdades em geral, sobre a liberdade de expressão e por que o Estado se afasta tanto destas liberdades”, afirmou. Na região, “o Estado sempre foi considerado um predador natural da liberdade de expressão, e isso ficou incrustado”, acrescentou.

No entanto, o diretor do jornal uruguaio de esquerda La República, Federico Fasano Mertens, disse que não são dois lados em batalha, mas três: o Estado, a mídia e a sociedade em geral. “A informação é um bem público, um bem comum, um patrimônio da humanidade. E, embora esteja sujeita à apropriação privada, porque o sistema assim o determina, deve estar na ordem do dia desestimular os monopólios e incentivar o pluralismo”, acrescentou.

Para Mertens, que também é diretor da Rádio AM Libre e do canal TV Libre, o fato de em um país haver vários meios de comunicação e de diferentes proprietários não significa necessariamente pluralismo. “Se existe apenas um único pensamento hegemônico, apesar de serem veículos diferentes, é quase um monopólio”, ressaltou.

O seminário foi acompanhado em tempo real pela internet, e dezenas de pessoas comentaram em um chat os conteúdos e fizeram perguntas aos debatedores. Por ali passaram as experiências das redes sociais, como o Twitter, nos levantes árabes e no movimento de descontentamento civil 15M (15 de Maio) na Espanha.

No entanto, o diretor de Comunicação do Governo de El Salvador, David Rivas, defendeu as medidas desse país para controlar a informação e para eliminar programas da mídia estatal que, segundo afirmou, é “nociva para a psique”. Acrescentou que “retiramos programas que os governos anteriores haviam deixado nos veículos de comunicação do Estado com uma carga ideológica impressionante, onde nos vendiam a sociedade entre ricos e maus, se denegria a imagem da mulher e eram apresentadas coisas que beiravam o crime”.

Rivas também insistiu na necessidade de “perder o medo da regulamentação” dos conteúdos e das leis para “garantir maior acesso da população à mídia”. E ressaltou que “não existe um direito absoluto, nem mesmo o da liberdade de expressão. Os que nos disseram que ‘a melhor lei é a que existe’ nos enganaram todo esse tempo”, afirmou.

Essa frase foi citada durante o seminário e pertence ao orador principal, o presidente do Uruguai, José Mujica, que a utilizou há alguns meses para não aceitar uma proposta de legislar sobre os meios de comunicação deste país que, paradoxalmente, nasceu de um âmbito instalado por seu governo. Mas não foi Mujica quem repetiu essa frase no seminário que, por outro lado, exortou os presentes à “luta permanente” pela liberdade.

“Embora os meios de comunicação modernos e contemporâneos sejam capazes de nos dar recursos inimagináveis para nos comunicarmos, também podem ser os instrumentos mais negadores da liberdade”, afirmou. “Significa que a questão de como se usa e para qual finalidade se usa o progresso tecnológico é uma batalha, é quase desesperador”, acrescentou.

Miguel Wiñazki, secretário de redação do jornal argentino Clarín, decidiu começar por uma definição de opinião pública: “um coletivo que concede poder”, gerador, portanto, de um mecanismo de sedução colocado em prática pelos políticos e pela mídia. “Percebidas as crenças, os preconceitos e as ideologias dominantes da opinião pública, tanto os governos quanto a corporação política e a mídia privada tendem a exonerar o valor da informação em si para dar à opinião pública a fábula que está escrevendo”, disse Wiñazki. A esse conceito chamou de “notícia desejada”.

Esta notícia desejada, definitivamente, não passa de propaganda. “A ação jornalística propriamente dita é a batalha cotidiana dos trabalhadores da imprensa para impor a informação acima da notícia desejada”, ressaltou Wiñazki. Envolverde/IPS

91

ROBERTO SANTOS

João Sebastião Bach era alemão, isto não se discute. Mas, mesmo luterano convicto, que ele iria curtir um monte uma roda de choro ou uma serenata, isto é um fato que só contesta quem não tiver a oportunidade de ouvir este fragmento pescado no YouTube no canal do Ouvídio - “Ovidio Velasco de Oliveira”, publicado em 31 de out. de 2020.

Os intérpretes são Lucinha Morelenbaum e o Ouvídio numa audição covidiana, (sem trocadilhos por favor); isto é, cada qual no seu quadrado; ela com o clarinete no Rio de Janeiro (RJ), ele com o violão em Campo Grande (MT). A peça é o 2º mov. da “Sonata para flauta e cravo BWV 1031, de J. S. Bach” em três movimentos - Allegro, Siciliana e Allegro. De acordo com a descrição do vídeo a transcrição para a parte do violão é violonista austríaco Konrad Ragossnig (1932-2018).

Em tempo: A “siciliana” é um gênero musical que, segundo alguns teóricos da música, se originou de uma dança tradicional de origem Italiana. Na música barroca passou a denominar um movimento de composições instrumentais como as sonatas. Neste caso é provável que sua origem se encontre nas óperas. São peças de caráter pastoral, com certo ritmo de canção de embalar.

Foi atestada em Itália desde o fim do século XIV, afirmou-se nos séculos XVII e XVIII na música instrumental e vocal. As árias utilizadas nas óperas são mais lentas e, na música instrumental, compositores célebres, como Bach ou Fauré, escreveram composições que batizaram de "siciliana".

92

ROBERTO SANTOS

Para os amigos do perfil um canto de dramática esperança para dias incertos e homens tormentosos.

“Un bel dì, vedremo / Levarsi un fil di fumo / Sull'estremo confin del mare / E poi la nave appare

E poi la nave è bianca / Entra nel porto, romba il suo saluto / Vedi? È venuto!”

A ária “Un bel di vedremo” é um dos belos momentos da ópera “Madame Butterfly” de Giacomo Puccini. Há três anos o oficial da marinha norte-americana Pinkerton partiu deixando a gueixa Cio-Cio-San (Butterfly) em desgraça perante a sua sociedade. Ela ficou grávida e só, com um filho, que o marinheiro desconhece. Ele partiu prometendo a ela que quando as rosas florescessem ele retornaria e ela aguarda, resando pelo seu regresso, e olhando as águas do porto na esperança de ver seu barco branco retornar. É esta trágica esperança, que no fundo ela e sua aia Suzuki sabem, mas que sem ela Cio-Cio-San deixará de existir, que ela Butterfly canta.

A cantora é a soprano chinesa Ying Huang e o vídeo foi compartilhado do canal “Tagerk1” e foi publicado no YouTube em 2012.

93

ROBERTO SANTOS

Passando e repassando: de 24 mil pulou para 89 mil; agora saltou para 7,5 milhões

O governo de Jair Bolsonaro repassou ao programa “Pátria Voluntária” liderado pela primeira-dama Michelle Bolsonaro os R\$ 7,5 milhões doados para a compra de testes rápidos da Covid-19. O dinheiro foi doado pela empresa “Marfrig”, um dos maiores frigoríficos do país, no dia 23 de março, no início da pandemia. A ideia original era adquirir 100 mil testes para a doença.

De acordo com reportagem da Folha de S.Paulo, após a transferência do dinheiro, no dia 1º de julho, o governo Jair Bolsonaro consultou a Marfrig sobre a possibilidade de utilizar a verba em outras ações de combate à pandemia, não mais nos testes. O dinheiro foi então repassado ao projeto “Arrecadação Solidária”, vinculado ao “Pátria Voluntária”, e, em seguimento, o dinheiro foi repassado para instituições missionárias evangélicas aliadas da ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, Damares Alves. Os repasses de doações privadas foram realizados sem edital de concorrência.

A “Associação de Missões Transculturais Brasileiras (AMTB)” recebeu R\$ 240 mil por indicação da ministra Damares, segundo documentos do programa levantados pela “Folha de São Paulo”. A AMTB tem como endereço registrado em seu site e na Receita Federal o mesmo endereço de registro da ONG “Atini”, fundada por Damares em 2006 e onde a ministra atuou até 2015. No local, porém, funciona um restaurante desde novembro do ano passado.

O “Pátria Voluntária” foi criado por decreto pelo presidente Jair Bolsonaro em julho do ano passado e já consumiu cerca de R\$ 9 milhões dos cofres públicos em publicidade pagos pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência. Entretanto o objetivo do programa é fomentar a prática do voluntariado e estimular o crescimento do terceiro setor, arrecadando dinheiro de instituições privadas e repassando para organizações sociais.

(fonte: site do jornal “Folha de São Paulo”, publicação de 30/09/2020 3 site “brasil247.com/charges”, publicação de 01/10/2020)

94

ROBERTO SANTOS

Tem gente falando asneira, muitos querendo o que pagaram para ter, e uns tantos bestando sem fazer o que devem fazer.

Tem gente falando em “pólvora” na Amazônia. E, no Amapá, estão com utilizando iluminação a luz de velas há 9 dias.

O vice-presidente general Hamilton Mourão disse que esta questão – energia e a Amazônia - é complicada; e o embaixador americano disse que os fuzileiros navais americanos é uma força militar muito bem equipada pronta para defender os interesses norte-americanos em qualquer parte do mundo.

Tempos difíceis ...

(fontes reportagens: i) “Apagão no AP chega ao 8º dia com luz 'parcelada' e imprevisto na rotina”. site “g1.globo.com”, postado em 10/11/2020; ii) “- A questão da energia na Amazônia é complicada - , diz Mourão” postada no site “videos.band.uol.com.br” em 10/11/2020; iii) “Após Bolsonaro falar em pólvora, embaixador americano exalta o poderio militar dos EUA”, site “g1.globo.com”, em 11/11/2020.)

95

ROBERTO SANTOS

Ainda sobre a juíza Ruth Ginsburg. Textos compartilhados do artigo “Progressista, juíza Ruth Ginsburg é homenageada por juristas brasileiros” publicado na internet em “[https://www.conjur.com.br/ ...](https://www.conjur.com.br/)”

“Ganhou destaque nos noticiários a crítica que fez ao então candidato à presidência dos Estados Unidos Donald Trump, em 2016. "Ele não tem qualquer coerência. Ele diz qualquer coisa que vem à cabeça no momento. Ele é realmente egocêntrico", criticou a juíza em uma entrevista à CNN.

Trump rebateu dizendo que a juíza estava mentalmente incapaz e pediu sua renúncia por "constranger a todos com comentários bem imbecis". Logo depois, Ruth desculpou-se. "Os juízes devem evitar comentários sobre um candidato a exercer um cargo público." Em entrevista posterior, a magistrada reafirmou seu entendimento de que juízes devem manter o decoro em relação às declarações que dão.”

Palavras de autoridades jurídicas brasileiras

i) Celso de Mello, decano do STF

"Os grandes magistrados, como a 'Justice' Ruth Bader Ginsburg, nunca morrem, nunca partem e jamais se vão, pois permanecem na consciência e no coração dos cidadãos a quem serviram com o exemplo de sua integridade pessoal e de sua atuação independente, construindo caminhos, afastando intolerâncias, reconhecendo direitos, protegendo minorias e iluminando, desse modo, para sempre, a vida das presentes e futuras gerações com a grandeza do seu legado que moldou destinos, que transformou práticas sociais injustas, que repeliu discriminações e que definiu os rumos de uma sociedade aberta, plural e democrática." Ao jornal O Estado de S. Paulo.

ii) Luiz Fux, presidente do STF

"O Supremo Tribunal Federal recebe com pesar a notícia da morte da juíza e decana da Suprema Corte Americana, Ruth Ginsburg, nesta sexta-feira (18). Sua atuação na defesa da igualdade de gênero, das minorias e do meio ambiente está entre as marcas de sua trajetória seja na advocacia, seja na magistratura da mais alta Corte do Estados Unidos da América.

O STF teve o privilégio e a honra de homenagear Ruth Ginsburg, em maio do ano passado, ao exibir em sessão especial no edifício-sede do Supremo o documentário 'A Juíza', que retrata a atuação desta notável jurista.

Meus sentimentos aos familiares, amigos e a todo povo americano."

iii) Maria Cristina Peduzzi, presidente do TST

"Sensibilizou-me especialmente a notícia do falecimento da 'Justice' Ruth Ginsburg, por tudo o que ela representava na Suprema Corte Americana em defesa da igualdade de direitos. Decana da Corte e com uma belíssima carreira acadêmica e também na advocacia, continuará sendo um ícone de magistrada, a inspirar tantas mulheres que se dedicam às carreiras jurídicas.

Em junho de 2017, tivemos a sorte de conhecê-la, o Ministro Ives Gandra e eu, quando fomos palestrar no Wilson Center, assistindo a sessão da Suprema Corte, onde relatou dois processos. Impressionou-me sua firmeza e serenidade, carisma e objetividade. Oxalá exemplos como o dela se multipliquem pelo mundo, fazendo da Justiça um mundo para o qual a mulher traz o seu contributo particular de sensibilidade e discernimento.

Fica aqui nossa homenagem póstuma a essa grande ministra e mulher. Adeus 'Senhora Justiça!'"

ROBERTO SANTOS

Um blues especial para o dr. Paulo “Cat” Guedes e sua proposta de arrumar a popularidade do Coiso com o dinheiro da Educação e do leitinho das viúvas.

“Now you kept on betting that the dice wouldn't pass / But it left you broke and hungry, papa, and raggedy be at last”

“Crying won't you be kind to me, I'll be kind to you / Won't you be kind to me, I'll be kind to you /

Drop down, daddy, and rock away my blues”

“Now, twenty-five cents a saucer, seventy-five cents a cup / But it's an extra dollar, papa, if you want to keep it up”

“Now won't you be kind to me, I'll be kind to you / Won't you be kind to me, / I'll be kind to you

Drop down, daddy, rock away my blues”.

Mais um blues de Hattie Hart gravado em 1929 por “Memphis Jug Band/Hattie Hart”. Neste vídeo compartilhado do canal “John Dodds” postado em junho de 2019 no YouTube uma apresentação da banda “Tuba Skinny” em Nova Orleans, em 2019. Destaque para o vocal impecável de Erika e o trio de sopros Craig Flory (clarinete) / Shaye Cohn (trumpete) / Barnabus Jones (trombone) com sua interpretação de “contida indignação” na intervenção instrumental no meio da apresentação.

ROBERTO SANTOS

“Renda Cidadã com dinheiro da educação é alvo de críticas. Congresso, especialistas em contas públicas e educadores criticam a proposta do governo de utilizar recursos do Fundeb e precatórios para financiar programa social. "Calote", "contabilidade criativa" e aumento da desigualdade são alguns dos problemas apontados”

“Dois meses após o Congresso Nacional impedir o avanço do governo em utilizar parte do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica (Fundeb) no financiamento de um programa social de transferência de renda, o Executivo fará nova investida para que uma porcentagem do dinheiro destinado ao fomento do ensino seja aplicado. Desta vez, a justificativa é tirar do papel o Renda Cidadã. Além transferir recursos previstos para a educação, o Palácio do Planalto defende que uma parcela do dinheiro destinado para o pagamento de precatórios – dívidas de ações judiciais do governo —, seja usada como fonte de financiamento do substituto do Bolsa Família. A proposta do governo repercutiu mal no meio político, no mercado e entre especialistas em contas públicas e em educação.”

(“Correio Brasiliense”, matéria assinada por Rosana Hessel e Augusto Fernandes, postada em 29/09/2020)

ROBERTO SANTOS

“A. R. Penck” é o pseudônimo de Ralf Winkler (1939 - 2017) um artista plástico alemão que nasceu em Dresden no momento em que estava começando a Segunda Guerra Mundial; a Alemanha invadiu a Polônia em 01/09/1939 dando início a Guerra e Winkler nasceu em 05/10/1939. E viveu boa parte da sua vida sob o signo da guerra entre ideologias: primeiro sob nazismo e depois sob o epicentro da “Guerra Fria”.

No início da adolescência, começou o seu convívio com Jürgen Böttcher, pintor e cineasta que conhecido pelo pseudônimo de Strawalde; de fato ele juntou-se a Böttcher e outros para formar um grupo de artistas renegados que se auto intitulava “Erste Phalanx Nedserd”. “Nedserd” é “Dresden” escrito de trás para a frente e, entre 13 e 15 de fevereiro de 1945 (portanto ao final da Guerra) a cidade de Dresden, importante centro universitário, foi arrasada por bombardeios aéreos incendiários pelos Aliados. Em 1953 aquela iniciativa de jovens artistas era de certa forma uma reação.

O grupo procurou realizar um trabalho artístico sem compromisso, e os seus membros recusaram-se a estudar numa academia. Viviam na República Democrática Alemã (RDA), a Alemanha Oriental de orientação comunista e controlada com mão de ferro pelos russos. É natural que os membros do grupo fossem recusados pela “Associação de Artistas Visuais”, uma sociedade do Estado. Tiveram, portanto, que ganhar a vida como trabalhadores ou artesãos. Penck trabalhou por vários anos como foguista, jornalista, empacotador de margarina e vigia noturno.

Em 1966, Winkler adotou o pseudônimo artístico de A. R. Penck, escolhido a partir do nome do geólogo célebre geógrafo, climatologista e geólogo alemão Albrecht Penck (1848 – 1945). Mas mesmo assim continuou a ter problemas com a arte estatal cultivada na RDA. Em agosto de 1980 conseguiu ir viver no lado Ocidental e se tornou um dos principais expoentes da nova figuração e nomes um dos maiores do neoexpressionismo no seu país.

Autodidata, Penck criou nas suas pinturas "mundos" e "espaços de experiência", repletos de abreviaturas simbólicas. Ele usou bonecos e ícones gráficos que parecem reminiscências de pinturas rupestres, da caligrafia asiática e do grafismo.

ROBERTO SANTOS

Vocês sabem o que é a Guazuma ulmifolia? E “mutamba”, sabem o que quer dizer? Não então leiam o texto a seguir e vejam o vídeo que encontraram as respostas a estas perguntas.

“Guazuma ulmifolia” é uma árvore encontrada no Cerrado e em outros biomas brasileiros, que é conhecida com os nomes populares de mutamba, mutambo, mucungo, fruta-de-macaco, embireira, pau-de-pomba, guamaca, pojó, guaxima-macho; no Pará como embira, mutamba-verdadeira ou periquiteira; no Rio Grande do Sul como embiru e na Bahia como periquiteira; já no no Mato Grosso como envireira e pau-de-bicho, e

em São Paulo como araticum-bravo, cabeça-de-negro e guaxima-torcida. É entrada também na vegetação nativa de outras regiões das Américas e nomeada pelos mais variados nomes populares.

A planta foi descrita pelo naturalista francês Jean Baptiste Antoine Pierre de Monnet de Lamarck e publicado em Encyclopédie Méthodique, Botanique no ano de 1789. A espécie também foi descritas por outros botânicos com outras nomenclaturas e apresenta aproximadamente 26 sinonímias botânicas. (Wikipedia)

100

ROBERTO SANTOS

Depois do fogo ficam as cinzas.

Estas são notícias que queimam.

i) “ Queimadas, tempo seco, má qualidade do ar, 'chuva preta', temperaturas altas: os fenômenos que atingem o Brasil

Ao menos um dos fenômenos tem sido registrado em várias partes do país. Mas qual a relação entre eles?

Os principais fatores que unem os fenômenos vistos no Brasil são as características atípicas da atual estação - bem mais seca e quente do que a média - e a falta de uma coordenação em tempo adequado para frear a ação dos homens responsáveis pelas derrubadas e as queimadas criminosas. Conjugações de fatores climáticos fazem com que a fumaça viaje nas altas camadas da atmosfera. sobre o país.

As queimadas vêm atingindo, principalmente, três dos grandes biomas brasileiros: a Amazônia, o Cerrado e o Pantanal. Em muitos casos a origem do fogo são as ações humanas. Só no Pantanal, onde equipes combatem as chamas há mais de um mês e especialistas calculam que ao menos 12% do ecossistema já foi destruído, investiga-se situações de real ação criminosa.

ii) Governo nomeia coronel da reserva do Exército Lamartine Barbosa Holanda para substituir o presidente da Funarte pela quinta vez. O coronel assumirá a presidência do órgão no lugar de Luciano da Silva Querido, ex-auxiliar de gabinete do vereador Carlos Bolsonaro (Republicanos-RJ), um dos filhos do presidente Jair Bolsonaro, que havia sido nomeado diretor-executivo da Funarte em 5 de maio e efetivado como presidente em 13 de julho.

Lamartine Barbosa Holanda é o quinto presidente da Funarte no governo Jair Bolsonaro. O coronel Lamartine tem experiência em logística e já presidiu a Câmara de Comércio Brasil-Albânia. Um especialista em cultura tanto quanto o general Eduardo Pazuello é um expert em saúde pública.

Em tempo: a “Fundação Nacional de Arte – FUNARTE” é responsável por promover e incentivar a produção cultural no país.

A nomeação do coronel da reserva do Exército foi publicada na edição desta segunda-feira (14) do "Diário Oficial da União" e foi assinada pelo ministro da Casa Civil, Walter Souza Braga Netto..

(fonte das informações: matérias da editoria G1 publicadas em “g1.globo.com” e publicadas em 14/09/2020. Imagem compartilhada de Google_imagens)

Tantos militares tocando os rumos nacionais nas mais diversas especialidades. Dizem que eles – os militares de carreira - recebem um amplo campo de informações na sua formação na AMAN. Um mar de conhecimentos com um palmo de profundidade ...

101

ROBERTO SANTOS

“O silêncio é a música em estado de gravidez” - para entender esta afirmação tem viajar nesta conversa entremeada, música / musico / palavra.

Nesta postagem fugiremos do cumum e compartilhamos com os amigos do perfil uma entrevista na íntegra. O entrevistado é o virtuose do violão Yamandu Costa. O programa de entrevistas é da série “Sangue Latino” do Canal Brasil, com apresentação de Eric Nepomuceno. A imagem é do Waltinho, o Walter Carvalho. Só isto já vale ficar a quase meia hora que dura a entrevista. Os dados técnicos do vídeo estão na sua descrição.

A propósito, no vídeo que antecede a este nesta publicação no Feici - Um fragmento de “O Crepúsculo dos Deuses” / A marcha funeral de Siegfried. - vale perceber o quanto as pausas musicais conduzem a melodia e ... o ouvinte.

O administrador do perfil espera, com este vídeo compartilhado do canal “Yamandu Costa” publicado no YouTube em 3 de set. de 2020, ofertar aos amigos do perfil um momento fértil e prenhe do não-trivial do dia-a-dia.

102

ROBERTO SANTOS

Vocês lembram da naja, aquela que picou aquele maluco – um tal estudante de veterinária – resolveu criar ilegalmente (e irresponsavelmente) em casa? Aquele caso que deu o maior chabu e depois sumiu da imprensa?

Pois é, a tal naja, cujo nome de direito é “Naja kaouthia”, é nativa do Sudeste Asiático. Em partilcular neste incrível lugar que o nosso perfil convida os amigos para uma curta viagem de pouco mais de 14 minutos.

O local chama-se “Angkor Wat”, foi declarado “Patrimônio da Humanidade” pela UNESCO em dezembro de 1992. “Angkor Wat” fica no Camboja, a 5,5km de uma cidade de nome Siem Reap, é um destino turístico obrigatório para quem passa ou está por aquela parte do mundo.

O complexo de templos ali construídos e cujos nomes estão na descrição do vídeo compartilhado do canal “Amazing Places on Our Planet” publicado no YouTube em

28/05/2015, fazia parte da antiga capital do “Império Khmer” que viveu sua época de esplendor entre os séculos IX e XV. Recentes pesquisas estimem 3 000 km² a extensão da área ocupada pela cidade de “Angkor”, a capital daquele Império e nela vivia uma população de até meio milhão de habitantes. O que a tornaria o maior assentamento pré-industrial da humanidade.

(fonte das informações: Wikipedia)

103

ROBERTO SANTOS

Dá óleo de peroba para ele utilizar como loção pós-barba

Contabilizando mais de 130 mil mortos pela COVID-19, 4.298 mil infectados, sem um plano definido e conhecido para o enfrentamento da crise sanitária e o pós-crise, Bolsonaro – o Cara de Jacarandá – tem o topete de dizer que o Brasil está “quase vencendo” a pandemia.

O País permanece como um dos mais atingido, no mundo, pelo SARS-COV-2 e no plano da economia com um tombo de 9,7% no PIB.

Quem “quase vencendo” o quê Capitão Cloroquina?

A vídeo-reportagem que ilustra esta postagem foi compartilhado do canal “AFP Português” e publicado no YouTube em 11/09/2020. A reportagem que serviram de base para os números comentados foram “Com quase 130 mil mortos por Covid-19, Bolsonaro diz que Brasil está “praticamente vencendo” a pandemia” publicada no site do “Jornal do Brasil” (11/09/2020) e “Casos e mortes por coronavírus no Brasil em 12 de setembro, segundo consórcio de veículos de imprensa (atualização das 13h)” publicada em “g1.globo.com” (12/09/2020)

104

ROBERTO SANTOS

Um monumento geológico de pelo menos 5 milhões de anos está localizado dentro da área urbana da cidade de São Paulo.

Informe-se sobre isto neste vídeo compartilhado do canal “Agência FAPESP” publicado no YouTube em 22/03/2016. Nele o geólogo e pesquisador Victor Velázquez Fernandez, professor da “Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP)” fala sobre como foi o impacto de um objeto celeste há pelo menos 5 milhões de anos no sítio onde hoje se situa “Vargem Grande”, em Parelheiros, bairro da zona sul de São Paulo.

A formação geológica, denominada cratera de Colônia, situa-se a 40 km do centro de São Paulo só encontra paralelo em Ries, na Alemanha, onde existe outra formação geológica semelhante ocupada por uma cidade.

Vale ler os detalhes na descrição do vídeo.

105

ROBERTO SANTOS

Huntsville é a quarta maior cidade do estado do Alabama, nos Estados Unidos. Os cinco policiais que participam do vídeo formam o conjunto de música gospel nomeados na descrição do vídeo como “Blue Notes 5”. Como se vê pelos uniformes no vídeo compartilhado do canal “BuddingCouchPotato” postado no YouTube em 23/06/2008.

Quem tiver a curiosidade de saber mais sobre os cantores vai encontrar na repostagem de Katie Davis Skelley “Police singing group making noteworthy impact” publicada no site “theredstonerocket.com/” em 05/09/2018.

106

ROBERTO SANTOS

A postagem deste sábado é só para ouvir sem comentários além das informações básicas.

Vídeo compartilhado do canal “Alessandra Lombardini-Parks” publicado no YouTube em 06/11/2015 e é um fragmento de um concerto que ocorreu na cidade alemã de Leipzig no “Summer Night Music 2002”.

O coral “The Kuumba Singers” foi criado em 1970 por estudantes negros do “Harvard College” num período de grande turbulência política e se tornou porta-voz da político-cultural com seus cantos de “Negro Spirituals” e de “Gospel” contemporâneo.

107

ROBERTO SANTOS

Morreu nesta última segunda-feira, 31/08/2020, em Brasília, o professor e pesquisador da Universidade de Brasília-UnB João Nildo de Souza Vianna. João Nildo como era conhecido e querido pelos colegas e alunos era professor aposentado do “Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS)”.

João Nildo era uma pessoa muito extrovertida e cativante que arrancava sorrisos por onde passava.

Morre nessa segunda-feira (31/8) João Nildo, pesquisador da Universidade de Brasília

O. Alunos e colegas de trabalho o descrevem como uma pessoa extrovertida e muito carinhosa. Formou-se em engenharia mecânica pela “Universidade Federal do Pará (UFPA)”, seu estado natal, e dedicou a vida aos estudos. Mesmo aposentado, ele produzia pesquisas no Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS) da Universidade

de Brasília (UnB) e orientava alunos que buscavam ser mestres e doutores. Ele era também professor na Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

O professor foi um dos principais articuladores e criadores da “ Rede de Estudos Ambientais de Países de Língua Portuguesa (Realp)”, uma organização em rede que reunia e integrava diversas universidades do Brasil e de outros países de língua portuguesa. E foi um dos sócios fundadores da “ADUnB- Associação dos Docentes da Universidade de Brasília”, fundada em 24/05/1978 em pleno governo do general Ernesto Geisel, e quando era reitor da Universidade o Capitão-de-mar-e-guerra José Carlos de Almeida Azevedo.

Atualmente, João Nildo de Souza Vianna é membro do “Comitê Consultivo do CNPq” e pesquisador associado adjunto da Universidade de Brasília.

(matérias publicadas no “Correio Braziliense” e m “Metropoles” postadas em 01/09/2020)

108

ROBERTO SANTOS

Luto para as artes cênicas, cinema, televisão, literatura e publicidade: morrem os atores Gésio Amadeu e Chica Xavier, além do escritor e publicitário Enio Mainardi

Gésio Amadeu era mineiro de Santos Dumont. Depois de cumprir o serviço militar viajou para São Paulo e tornou-se amigo de Bráulio Pedroso, o escritor que deu modernidade à telenovela brasileira ao lançar Beto Rockfeller. Foi Bráulio quem iniciou Gésio Amadeu na carreira artística ano de 1969. Carreira no teatro, cinema e televisão que se interrompeu no dia 5 de agosto com sua morte por COVID-19.

Francisca Xavier Queiroz de Jesus, cujo nome artístico era Chica Xavier, era baiana de Salvador. Foi uma produtora teatral, atriz de teatro, cinema e televisão. Para o grande público ficou mais conhecida pelos seus trabalhos nas telenovelas da TV Globo, onde eternizou personagens emblemáticas. Mas atuou no teatro nacional por mais de 60 anos destacando-se como grande personalidade da representatividade negra na arte do Brasil. Francisca morreu em 8 de agosto, no Rio de Janeiro, aos 88 anos, em decorrência de um câncer de pulmão.

O poeta, escritor, jornalista e publicitário Enio Mainardi era natural de Pindorama (SP). Como publicitário foi o criador das campanhas do “Extrato de Tomate Elefante” com o “Jotalhão, o elefante da “Turma da Mônica”. Criou dois escritórios de publicidade responsáveis pelas campanhas de marcas como “Tostines”, “Jurema”, “Bonzo”, “Cica”, “Óleo Liza” e “Smirnoff”.

Publicou os livros “Nenhuma Poesia É Inocente” (Editora Martins Fontes, 2007) e “O Moedor” (Editora Kidle, 2013). Ênio lutava contra um câncer e morreu em decorrência de complicações da COVID-19.

As mortes foram notícia em diversos meios de comunicação.

ROBERTO SANTOS

Uma lembrança, uma peça teatral - “Entre quatro paredes” de Jean Paul Sartre -, e muito pano para as mangas nestes tempos bicudos de isolamentos e descalabros.

Uma postagem no canal “Bemvindo Sequeira” de 29/08, lembrou duas coisas: o tal governador – que a gente ainda não sabe se é ex – Witzel, aquele que não era ninguém que falou que ia “mandar matar com tiro na cabecinha” (eta pontaria!) que fazia e acontecia e, ao que parece, andou fazendo e acontecendo pra chuchú; e uma peça teatral escrita por Jean-Paul Sartre (1905 – 1980) de 1944, portanto em plena Segunda Guerra que, há aquela altura (quase seu final) já tinha matando um montão de gente.

Bem, o dito senhor Witzel não nos interessa (por enquanto) mas a peça de Sartre sim. E muito.

A peça tinha o nome original “Huis clos” que recebeu o título em português de “Entre Quatro Paredes”. “Huis clos” estreou em 1944 no “Théâtre du Vieux Colombier”, em Paris; como tinha somente 3 personagens e se passa num quarto fechado, por isto com um único cenário, era uma montagem suficientemente barata para aquele período de vacas magríssimas.

Em resumo a sua sinopse é a seguinte: três personagens principais - “Garcin”, um escritor que queria ser um herói mas se revelou covarde; “Estelle” é uma burguesa fútil que abortou o bebê que teve com seu amante e foge da própria culpa responsabilizando o destino; e “Inês”, homossexual e funcionária pública, agressiva e procura reforçar o sofrimento dos outros dois – morrem e vão para o inferno, que não tem demônios, fonalhas ou qualquer outra imagens que se faz do inferno. O inferno é somente um quarto fechado, vazio e sem janelas onde os três passarão a eternidade com suas culpas, olhando-se o tempo todo. Daí a coisa vai no crescendo dramático entre os horrores das acusações mútuas e culpas insuperáveis até que “Garcin” pronuncia a frase final, conclusiva: “O Inferno são os outros”.

Pois é meus amigos pandêmicos deste perfil: o inferno são os outros. O vírus, o Bolsonero, o talzinho que contam ter levado jabá na doença alheia (e sua), o vizinho dono do tal cachorro que não para de latir, o galo que canta de madrugada, o guri fdp que mora no 10º andar e cada vez que entra no elevador aperta todos os botões, o teu companheiro de isolamento social que peida (um nojo!) debaixo das cobertas, os ... os outros que são todos uns entojos!

Bem, mas a coisa da peça não para aí: a primeira montagem de “Entre quatro paredes” no Brasil aconteceu em 1950 numa montagem do histórico “Teatro Brasileiro de Comédia” com direção de Adolfo Celi (1922 – 1986) tendo por elenco Sérgio Cardoso (1925 – 1972) como “Garcin”, Cacilda Becker (1921 – 1969) como “Inês” e Nydia Licia (1926 – 2015) como “Estela”, além de Carlos Vergueiro (1920 – 1998) que faz “o criado”. O caso é que esta primeira montagem foi CENSURADA por pressões do Partido Comunista Brasileiro e da Igreja Católica. Pode!

Pasmem todos, censurada por pressões do PCB e da Igreja Católica, em 1950. É ... Assim como um general já disse: “Ninguém segura este país”. Nem a COVID-19 e seus asseclas de plantão.

(fonte: Wikipedia, “Enciclopédia Itaú Cultural” e artigo de Eliza Bachega Casadei “Quando o ser é um nada: uma reflexão sobre o passado da classificação etária no país” publicado na internet em extensão .PDF, uma análise da censura a partir apresentação de estréia no Brasil da peça Entre Quatro Paredes, de Jean Paul Sartre. Imagens: Revista Aplauso no Google_imagens)

110

ROBERTO SANTOS

Raoni Metuktire, de 89 anos, líder da etnia Kayapó, está internado desde sexta-feira (28) em um hospital de Sinop, a 503 km de Cuiabá.

Raoni é reconhecido internacionalmente pela defesa dos direitos dos povos indígenas. Em nota, o “Instituto Raoni” informou sobre a internação nesta segunda-feira, 31/08: “O motivo foi a constatação de alterações na taxa de leucócitos no sangue e sintomas de pneumonia. Exames específicos realizados-tomografia computadorizada e sorologia confirmaram Covid-19. Seu estado é bom, sem febre, respirando normalmente e sem ajuda de oxigênio”.

(fontes: “G1.globo.com” e canal “AFP Português” publicado no YouTube em 31/08.

111

ROBERTO SANTOS

“Os canhões de agosto” um livro para ler no mês de setembro, antes das eleições para prefeitos e vereadores.

A escritora norte-americana Barbara Tuchman - Barbara Wertheim Tuchman (1912 – 1989) escreveu seu famoso e premiado “Os canhões de agosto” para quem estiver interessado em boa literatura histórica, quiser ir mais a fundo e entender não só as origens da guerra como seu próprio desenrolar. O livro desenvolve-se quase como um romance, com na análise e na sucessão dos fatos, e na descrição dos personagens políticos mais relevantes da “Grande Guerra” como seres humanos reais: Guilherme II, Joffre, Foch, Von Moltke e Lord Kirtchner são apresentados ao público como indivíduos cheios de idiosincrasias, vaidades e ressentimentos; não como totens da história.

O livro rendeu a Barbara o prêmio Pulitzer de 1963

Pra quem se interessar pelo tema, pela boa literatura histórica e pelo ação dos homens políticos quando se lançam na aventura guerreira a leitura de “Canhões de Agosto” é obrigatória. Sua tese é simples: o que aconteceu no primeiro mês da guerra foi o mais determinante para que ela se desenrolasse como se desenrolou. Seu ponto culminante reside na análise de que tudo deu errado porque todas as estratégias – tanto de um lado como de outro – baseavam-se na análise do que acontecera na guerra passada (Guerra Franco-Prussiana), e ninguém – ou praticamente ninguém – levava em consideração as mudanças impostas pela tecnologia, pela sociedade e pela política. As

nações haviam se desenvolvido e uma nova guerra demandaria novas estratégias e ações.

Ninguém, ninguém mesmo, acreditava que a guerra fosse durar mais de um mês. Em todos os cenários montados pelos estrategistas envolvidos em ambos os lados da contenda trabalhava-se com uma guerra que durasse duas, no máximo três semanas. E durou de julho de 1914 a novembro de 1918 e deixou mais de nove milhões de combatentes mortos, em grande parte por causa de avanços tecnológicos que determinaram um crescimento enorme na letalidade de armas.

A grande lição que se tira com o livro é que 50 milhões de pessoas morreram devido à arrogância de uns poucos, que se acreditavam clarividentes. A nenhum deles ocorreu a sábia simplicidade de Lord Keynes: “Quando as circunstâncias mudam, minha convicção muda também”.

(fonte: site “blogdomaximus.com/2011”)

112

ROBERTO SANTOS

Nas eleições municipais de domingo, 15/11, nas cidades do “Entrono do DF”, a maioria dos candidatos nas 10 cidades mais populosas se declaram negros ou pardos.

São elas Águas Lindas, Luziânia, Valparaíso, Formosa, Novo Gama, Planaltina, Santo Antônio do Descoberto, Cidade Ocidental e Goianésia, em Goiás; e Unai, em Minas Gerais. De acordo com as normas para o registro das candidaturas os postulantes podem se declarar perante o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) como brancos, pretos, pardos, amarelos ou indígenas.

Nas cidades pesquisadas metade dos candidatos a prefeito se autodeclaram pretos ou pardos. Entre aqueles que concorrem por vaga nas Câmaras de Vereadores, os negros são maioria. Das 10 cidades mais populosas, há 2.894 concorrentes à Câmara Municipal e destes, 2.288 se autodeclaram pretos ou pardos e perfazem cerca de 79% dos elegíveis. A cidade com maior índice de candidatos negros é Luziânia, com 329 (70% do total). Já o menor número é de Unai (MG), com 86 postulantes à vereança, o que corresponde a. Levantamento feito pelo “Correio Braziliense”

Na Assembleia Distrital do DF, que corresponde a um polo político irradiador importante para o Entorno os negros e pardos está sub representada; são eles os deputados distritais Chico Vigilante (PT) e Fábio Felix (PSol). E note-se que, segundo pesquisa da “Companhia de Planejamento do Distrito Federal (Codeplan)”, a 57,6% da população do DF é composta por pretos ou pardos.

Assim, mesmo que os candidatos negros e pardos não venham a ser eleitos – como na Câmara Distrital do DF – o simples fato de aqueles autodeclarados candidatos se colocarem para a eleição é o mais significativo neste levantamento feito pelo Correio.

(Fonte: reportagem de Samara Schwingel postada hoje, 14/11, no portal do “Correio Braziliense”)

ROBERTO SANTOS

Uma interpretação jovem e emocionada. (dedicada ao amigo Leandro Faber e da sempre mestra Simone Rasslan e às intermináveis conversas sobre "o meu sol menor sinestésico")

É isto que a pianista Olga Scheps, nascida em Moscou mas criada na Alemanha nos oferece neste vídeo compartilhado do seu canal no YouTube e postado em 2016. O concerto ocorreu no salão de concertos da "Berlin Philharmonie" em 2012. A música uma preciosidade composta por Sergei Vasilievich Rachmaninoff (1873 – 1943), o "Prelúdio nº5, op.23, em sol menor". Uma peça composta em 1903.

Portanto o vídeo nos apresenta uma interpretação contemporânea de uma composição dos primeiros anos do século XX. A pergunta é: poderíamos encontrar na interpretação sem dúvida apaixonada de Olga Schelp um exemplo das ideias de René Descartes (1596 - 1650) e Johann Mattheson (1681 – 1794) sobre a alma e as emoções humanas expressas pela linguagem da música?

Afinal, os mestres ensinam que a palavra "affectus" (palavra latina original) tem a ver com a palavra grega "pathos" que significa cada estado do espírito humano, sofrimento e emoção da alma. Segundo Platão seriam quatro os afetos: prazer, sofrimento, desejo e temor; já Aristóteles enumera onze tipos baseados na mistura de prazer e sofrimento: desejo, ira, temor, coragem, inveja, alegria, amor, ódio, saudade, ciúme e compaixão. Adequar a música ao sentido das palavras e exprimir através dela a força de cada emoção, torna-a mais viva e colorida diante de nós?

Em sua "Teoria dos Afetos" Mattheson sugere que a tonalidade de "sol menor" corresponderia, grosso modo, ao estado de espírito correspondente à serenidade, à amabilidade, à vivacidade; mas destaca que cada um sentirá as coisas ao seu modo e não segundo regras ou padrões porque, em contrário, o sentido da expressão na música se perde. A referência está na obra teórica "Der Vollkommene Capelmeister" escrita por Mattheson para comentar a "Teoria dos Afetos", assunto da moda nos tempos do autor.

Estas foram preocupações reflexivas de Descartes e depois de Mattheson nos primeiros tempos da "era da razão" e teriam criado "o nosso modo de ver as coisas" ou, somente, recolhido material para animar o cafezinho depois da audição ou concerto?

Nota de referência: sobre o assunto, vale buscar na internet o artigo em .PDF da professora Lúcia Becker Carpena (Dep. de Música, Instituto de Artes/UFRGS) "Sobre as qualidades das tonalidades e seu efeito na expressão dos Affecten (Johann Mattheson, 1793) – tradução e breve introdução". Revista Musica, vol. 13, nº1, p.219-241, ago 2012) e o artigo "Teoria dos Afetos" publicado em 13/07/2011 no blog "Historia da Música", blogspot.

ROBERTO SANTOS

Quando preocupações ideológicas arcaicas e descabidas atormentam angústias reais e coletivas, buscar conforto nas artes muitas vezes é a melhor solução.

Konstantín Rázumov é um pintor russo de tendência realista – impressionista. Iniciou seus estudos com Ilyá Glazunov na Academia de Belas Artes de Moscou. Suas obras apresentam diversidade de temas, cores brilhantes, suavidade, sensualidade e expressividade.

O nome da canção ruassa é “Дорогой длинною” ou, conforme as tentativas deste ignorante em russo mas ativo buscador na internet, “Dorogoj dlinnoju” (“Longa Estrada”, em português); e seus autores são o músico Boris Fomin e o poeta Konstantin Podrevskii. Consta que a composição é da década de 1920 (ou seja da borda da “Revolução de Outubro”) mas foi gravada pela primeira vez pela cantora Tamara Tsereteli, uma georgiana. Esta gravação pioneira é de 1925 período em Stálin – também um georgiano – iniciava sua caminhada para o poder absoluto na nascente União Soviética.

A letra da canção está na descrição do vídeo postado em 2017 (e compartilhado do canal “BobsArtGallery) fala de reminiscências sobre a juventude. Talvez por isto tenha recebido este título em inglês: “Those were the days”.

A descrição também indica que a canção está no álbum “Russian Folk Songs and Dances - Golden Ring Ensemble” e este perfil informa que está disponível para aquisição no “Amazon.com”.

Esta informação é pura prestação de serviços (sem jabá) para os amigos do perfil.

Mas toda esta conversa mole é para encher linguiça; o que vale mesmo é a música e as imagens que confortam e amenizam as chaturas. Afinal, como dizia o Mário de Andrade:

“O pinho não se consome, / o que é um dia de fome? / Uma modinha num ai, ? Distrai.”.

115

ROBERTO SANTOS

Há 58 anos o mundo esteve à beira da aniquilação final com a “Crise dos mísseis em Cuba”. “Crise dos mísseis de Cuba”, que conversa é esta?

Esclarecendo: entre os dias 16 e 28 outubro de 1962 um confronto diplomático entre os Estados Unidos e a União Soviética quase desandou num enfrentamento nuclear de consequências catastróficas para o mundo. A coisa se passou do seguinte modo de acordo com a crônica da época.

Tudo começou em 1959, quando o presidente americano Dwight Eisenhower liberou 13 milhões de dólares para a CIA construir um campo de treinamento na Guatemala. O objetivo era preparar uma milícia de cubanos dissidentes capaz de derrubar do poder o líder cubano Fidel Castro. Naquele tempo Fidel ainda não estava aliado aos soviéticos nem tinha uma orientação política comunista. Mas estava contrariando os interesses de empresas norte-americanas que dominavam a economia cubana com mão de ferro. O governo dos Estados Unidos queria repetir em Cuba o que fizera em 1954 quando financiou o golpe que derrubou o presidente guatemalteco Jacobo Arbenz Guzmán.

Guzmán eleito regularmente contrariaria os interesses da “United Fruit Company”, a gigante que havia se apossado de terras naquele país centro-americano e sufocava a economia do país.

Assim, se repetiria a estratégia em Cuba: dissidentes, financiados e treinados pela CIA, iniciariam um movimento popular local que forçaria o governante a renunciar. Kennedy assumiu a presidência em janeiro de 1961 e manteve em linhas gerais o plano. O grupo de exilados cubanos dissidentes desembarcaria na “Baía dos Porcos” na parte central da ilha, próxima a Havana numa ação que não ficasse diretamente vinculada a Washington.

Ação teve início na madrugada de 15 de abril com oito aviões bombardeiros B-26B - supostamente alugado pelo grupo rebelde - atacando três aeroportos na região mas com resultados frustrantes: só inutilizou três dos 16 aviões cubanos. Dois dias depois, 1,5 mil homens desembarcaram sem cobertura aérea e o fracasso da operação é do conhecimento de todos. O fiasco da “Invasão da “Baía dos Porcos” atirou Fidel Castro nos braços da União Soviética: no mês seguinte, Fidel declarou-se marxista-leninista e, a partir daquele momento, Cuba era uma república socialista.

O medo de que os americanos atacariam novamente estreitou os laços militares entre Cuba e a União Soviética. O líder soviético Nikita Khrushchev aproveitou a oportunidade para, sob a justificativa de proteger seu aliado caribenho, para apertar o calo dos norte-americanos com a instalação na ilha de uma estrutura militar capaz de armazenar e lançar mísseis balísticos SS-4. Deste modo respondia, no plano geral da Guerra Fria, ao preceito aberto pelos Estados Unidos em 1961, ao instalar, na Turquia, “Jupiter IRBM” capazes de atingir Moscou.

No dia 24/10/1962, o “Comando Estratégico da Força Aérea” americana elevou a atenção para o nível 2. O passo seguinte seria o estado de guerra. Na manhã de 25/10 Kennedy ordenou a interceptação do primeiro navio soviético, o “Bucharest”, no bloqueio marítimo à Cuba que perdura até hoje. Felizmente no dia 26, um telegrama de Khrushchiov oferecia trégua desde que os Estados Unidos se comprometessem a não invadir Cuba e retirassem os mísseis da Turquia. Em contrapartida os russos retirariam seus mísseis de Cuba.

Naquele 25/10/1962 estivemos perto de virar pó. E uns tantos saudosistas fora de contexto, uns anacrônicos mal intencionados, teimam em reviver aqueles tempos.

116

ROBERTO SANTOS

Seguindo na vibe do cinema francês. O ajudante do chefe – uma postagem para lembrar acontecimentos recentes e comportamentos banais em certos recantos da Capital Federal.

Siga os mandamentos do “ajudante do chefe”: sachez rester simple, modeste ; repoussez l’orgueil. Não entendeu? Então veja o vídeo.

O vídeo compartilhado do canal “Riesling racing TV” publicado no YouTube em 2016 é um fragmento da sequência de seis comédias “Gendarme”, estreladas pelo comediante francês Louis de Funés (1914 – 1983) o mais engraçado dos mal-humorados do cinema da terra do presidente Macron. Esta série de filmes fez sucesso nos cinemas das

décadas 70/80. O último filme da série foi “Le Gendarme et les Gendarmettes” é um filme francês dirigido por Jean Girault (1924 - 1982), lançado em 1982.

Uma nota trágica: Jean Girault morreu durante as filmagens deste último filme que foi concluído por seu assistente, o russo Tony Aboyantz (1928 - 1992)

117

ROBERTO SANTOS

O “Guaraná Jesus”, um refrigerante desenvolvido por um farmacêutico brasileiro e que se tornou icônico para os maranhenses. Conheça a história.

O “Guaraná Jesus” é uma marca de refrigerante que hoje pertencente à “The Coca-Cola Company”. No estado do Maranhão suas sua venda ultrapassa as das demais marcas de refrigerante.

O “presidente sem noção Jair Bolsonaro (Sem Partido-RJ), resolveu fazer uma de suas piadas de mau-gosto com o “Guaraná Jesus” em sua visita recente ao Maranhão. Se soubesse das coisas teria engasgado com sua piada homofóbica: o criador do “Guaraná Jesus”, o farmacêutico Jesus Norberto Gomes era declaradamente ateu e tinha fama de comunista porque tinha o hábito de fazer a “distribuição de lucros” entre seus funcionários, uma prática que não tem nada de socialista sendo, pelo contrário liberal até a medula. (A respeito ver artigo de “Participação dos empregados nos

lucros ou resultados da empresa sob a ótica constitucional - Direito do trabalhador ou faculdade do

empregador? de Maria Hemília Fonseca, Guilherme dos Santos Mendes e Gustavo C Machado, in “www2.senado.leg.br)

Fama que lhe custou uma prisão injusta em 1935 em decorrência da “Intentona Comunista”. O grupo foi levado até o Rio de Janeiro e permaneceu lá até o ano seguinte.

Mas voltando icônico refrigerante. Jesus Norberto Gomes hituava batizar as fórmulas manipuladas em sua farmácia com o seu próprio nome; assim, “Antigripal Jesus”, o “Xarope Peitoral Jesus”, “Jesulina Pasta Dentifricia”. E foi também o que acoteceu com o “Guaraná Jesus”, criado em uma seção de águas gasosas e refrigerantes, algo que era comum nas farmácias da época. A manipulação era feita à base de extratos vegetais, até mesmo o corante, e o refrigerante que passou a ser amado pelo povo maranhense.

A família de Jesus vendeu a fábrica própria, em 1961 mas não a marca e Jesus Norberto Gomes faleceu dois anos depois, em 1963. Anos depois, em 1980, a família Gomes vendeu a marca à antiga Companhia Maranhense de Refrigerantes, que na época era franqueada pela Coca-Cola Brasil no estado.

Os elementos gráficos do rótulo remetem à própria cor do guaraná, já o logotipo escrito “Jesus” é a singular assinatura de seu criador. E em 2008, foi escolhida através de uma campanha, a nova identidade visual do Guaraná Jesus por meio de voto popular, um modelo selecionado que remete aos azulejos coloniais portugueses de São Luís. A

campanha ganhou medalha de ouro de Melhor Estratégia de Marketing no Prêmio Internacional de Excelência em Design (IDEA).

Antes a bebida era engarrafada somente em São Luís e distribuído para os estados do Maranhão, Piauí e Tocantins. Agora, o Guaraná Jesus ganhou outras praças. Desde 2016 passou a ser vendido em São Paulo, Minas Gerais, Paraná e Brasília onde, aliás, passou a ser fabricado.

Em tempo: a “The Coca-Cola Company” agradece o merchandising. Já a imprensa especializada não mencionou se houve ou não jabá pela piada indecorosa e criminosa do presidente.

(fonte: “Revista Forum, reportagem ”Guaraná Jesus, apesar do nome, foi criado por um ateu; conheça a história” reportagem de Julinho Bittencourt, publicada na internet em 30/10/2020.)

118

ROBERTO SANTOS

Se parece aos amigos que eleição presidencial americana está embrulhada em 2020, veja o que aconteceu na eleição de 1876.

Naquele ano a disputa eleitoral resolveu-se por meio de um acordo que, aliás, teve um preço alto e, ao que parece, a última parcela está em questão agora.

A eleição do vigésimo-terceiro presidente dos Estados Unidos ocorreu em 1876, onze anos após o fim da Guerra Civil. Os Estados confederados vencidos na Guerra foram readmitidos na União e a reconstrução do país estava em pleno andamento. Isto é, os estados confederados estavam sob intervenção militar para a garantir que se submeteriam às regras dos vencedores. Por exemplo, a garantia de abolição da escravatura.

Os republicanos tinham mais apoio nas áreas sindicalizadas do norte e nas regiões de afro-americanos do sul, enquanto a força democrata se concentrava nos chamados “Estados brancos” do sul e nas áreas do norte que não apoiaram a guerra civil. Naquele ano os republicanos escolheram como candidato à presidência o então governador de Ohio, Rutherford B. Hayes (1822 - 1893) e os democratas nomearam o governador de Nova York, Samuel Tilden (1814 - 1886) seu candidato.

No dia da eleição ocorreram, no sul, episódios generalizados de intimidação de eleitores afro-americanos republicanos. Na Flórida, Louisiana e Carolina do Sul, estados do sul e redutos dos democratas, os conselhos eleitorais estavam dominados pelos republicanos e nestes três os resultados iniciais indicavam vitórias do candidato democrata, Samuel Tilden. Porém, por conta das acusações generalizadas de intimidação e fraude, as juntas eleitorais invalidaram votos naqueles Estados, o que deu maioria a Hayes no colégio eleitoral.

Estava formado o banzé; em janeiro de 1877, o Congresso recebeu duas contagens diferentes, com resultados opostos. A solução encontrada pela Câmara foi a criação de uma comissão bipartidária: 15 membros do Congresso e magistrados do Supremo Tribunal Federal determinariam como atribuir os votos eleitorais dos três Estados na

disputa. Sete comissários seriam republicanos, sete democratas e haveria um juiz independente, David Davis, de Illinois.

Na época, os senadores ainda não eram eleitos diretamente pelos eleitores e Davis havia sido escolhido pelos democratas do Illinois para o Senado; assim, renunciou à comissão. Ele foi substituído pelo juiz republicano Joseph Bradley, que se juntou a uma maioria republicana de 8-7 que concedeu todos os votos disputados a Hayes, o republicano.

Os democratas optaram por não lutar contra esse resultado final porque o resultado incluía o "Compromisso de 1877", segundo o qual, em troca da entrega da Casa Branca a Hayes, a reconstrução seria finalizada, ou seja, final para a ocupação militar do Sul.

Com este resultado final, qualquer possibilidade de influência política dos afro-americanos no Sul foi destruída e no século seguinte, os "Estados do Sul", livres da supervisão do Norte, promulgariam leis discriminatórias aos negros e que restringiam sua capacidade de votar, fato que só foi alterado com o "Voting Rights Act" em 1965, a "Lei dos direitos de voto", lei federal que colocou fim às práticas eleitorais discriminatórias, decorrentes da segregação racial nos Estados Unidos. A lei foi sancionada no auge do movimento dos direitos civis pelo Presidente Lyndon B. Johnson, um Democrata do Texas.

(fonte: reportagem "Trump x Biden: as disputas e polêmicas de outras eleições presidenciais nos EUA" assinada por Robert Speel, publicada em "BBC News Brasil" em 05/11/2020; e Wikipedia)

119

ROBERTO SANTOS

ANDRÉ THÉVET, UM DOS QUE FEZ COM O MUNDO EUROPEU DESCOBRISSE O "BRASIL EXÓTICO"

Frei André Thévet (1502- 1590) foi um frade franciscano francês, explorador, cosmógrafo e escritor, tornou-se cosmógrafo do rei da França, Henrique II, a partir de 1558. Embarcou para o Rio de Janeiro célebre na frota do Almirante Nicolas Durand de Villegagnon que se destinava a criar uma colônia francesa na Baía de Guanabara, a "França Antártica". Aliás foi Thévet que ajudou a popularizar este nome ao publicar "Les singularitez de la France Antarctique" (Paris, 1557), publicação ilustrada com 41 xilografuras.

Frei André Thévet permaneceu em terras brasileiras de novembro de 1555 a janeiro de 1556, quando observou a natureza e os indígenas da Baía de Guanabara. Em 1575, publicou "La cosmographie universelle d'André Thever, cosmographe de Roy", em 4 tomos, ilustrada com 228 gravuras, sendo um dos tomos dedicado inteiramente aos índios tupinambás.

Thévet foi também guarda das curiosidades reais, e abade de Masdion, em Sanitonge.

ROBERTO SANTOS**A MÚSICA QUE ESTÁ ROLANDO PELO MUNDO**

“Infinity of Sound”, ao que parece pelo nossos esforços para desvendar a descrição do vídeo, é um grupo musical coreano formado por três irmãs: Kim Jin-ah toca o “kayageum de doze cordas” (também chamada de “harpa coreana”); Sun-ah toca o outro instrumento de cordas dedilhadas, o geomungo, com menos cordas que o instrumento anteriormente mencionado e que é tocado o auxílio de uma vara, como se fosse uma palheta e produzindo um som que serve de base ritmo melódica; e Min-ah que executa também um instrumento tradicional na música coreana, uma espécie de violino com duas cordas de seda executadas com um arco, igualmente tradicional na música coreana. Completam o conjunto instrumental discretos acordeão e percussão.

As três irmãs executam seus instrumentos e cantam, produzindo uma música que fica no limite entre a música tradicional coreana e a música pop contemporânea, cujo resultado é algo ao mesmo tempo muito coreano, gentil, agradável e moderno. Não se conseguiu informações sobre a autoria da composição.

A produtora musical responsável pela gravação e postagem no YouTube é empresa musical independente “Nikitin Music Group”, fundada em 2016 em Moscou (Rússia) por Alexey Nikitin. Este grupo está licenciado na “Warner Music International na Rússia (2008-2013)”.

O vídeo publicado no YouTube em ago/2016 foi compartilhado do canal da produtora.

Vídeo

https://www.youtube.com/watch?v=QqSEuqKgTps&feature=share&fbclid=IwAR0BPkq dTKSDpbg_082ycj

ROBERTO SANTOS**A QUESTÃO DA CUECA NA POLÍTICA BRASILEIRA. UM PUNTO DE VISTA HISTÓRICO**

Se os amigos acreditam que a cueca é um elemento recente na crônica política brasileira lamento informar-lhes que se enganaram.

Em “Memórias da Rua do Ouvidor” publicadas em folhetins semanais no “Jornal do Comércio” pelo Dr. Joaquim Manuel de Macedo em 1878, o autor da narrativa memorial da famosa rua do Centro do Rio de Janeiro faz referência a uma fuga atabalhoada de um eminente homem público muito provavelmente com ou sem elas por um beco escuro que cruzava com uma vala fétida. Ao que parece a tal fuga, com as “roupas íntimas” a mostra ou ocultas sob as calças, a eminência política não tinha ligação direta com tópicos escondidos mas com um provável futuro marido inoportuno.

Mas um episódio mais recente relacionado com os trages privados, e bem mais próximo dos últimos acontecimentos envolvendo parlamentares, rendeu a primeira cassação de um deputado por falta contra o decoro parlamentar no Brasil e ocorreu em 1949.

A punição atingiu ao deputado pelo PTB do Rio de Janeiro Edmundo Barreto Pinto (1900-1972). Em sua casa, V. Ex.^a deixou-se fotografar por Jean Manzon para uma reportagem da revista “O Cruzeiro”, um periódico semanal ilustrado de grande circulação nacional. Na foto, o deputado pousou usando fraque e cueca samba-canção.

A reportagem de David Nasser recebeu o título “Barreto Pinto sem máscara”.

A cassação ocorreu em 27/05/1949, em sessão secreta da Câmara dos Deputados. A decisão da Casa foi francamente apoiada até por defensores do parlamentar.

(fontes: “acervo.oglobo.com”, “portalgn1.com.br”, “O Estado de São Paulo” e “Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, da FGV”)

122

ROBERTO SANTOS

AINDA NA TRILHA DE “AS VIAGENS DE GULIVER” - A “SUITE GULIVER” DE GEORG PHILIPP TELEMANN

Dois anos após Swift ter publicado “Viagens em Diversos Países Remotos do Mundo em Quatro Partes, por Lemual Gulliver, a Príncipe Cirurgião e, Depois, Capitão de Vários Navios” - portanto em 1728 – pelo editor Benjamin Motte de Londres em dois volumes, o compositor alemão Georg Philipp Telemann (1681 - 1767) compõe, em Hamburgo (Alemanha), uma suíte para dois violinos intitulada “Suíte de Gulliver”, uma clara leitura musical do livro do irlandês Jonathan Swift. Esta composição nos dá a dimensão do sucesso que o livro atingiu.

A “Suíte” é composta pelos movimentos “Entrada”, “Chacona Lilliputiana”, “Giga Brobdingnagiana”, “Devaneio dos Laputanos e seus acompanhantes”, e “Loure dos bem-educados Houyhnhnms e dança selvagem dos indomáveis Yahoos”. Sobre esta composição de Telemann vale passar os olhos na publicação “The Gulliver Suite (1728)” de Jeff Clef, postada em 4/02/2009 em “<http://blogs.harvard.edu/>”.

No vídeo compartilhado do canal “uclaviolins”, publicado no YouTube em 15/03/2012, os violinistas Movses Pogossian e Guillaume Sutre nos fazem presente de uma divertida apresentação desta composição que ocorreu em 2012, na “Powell Library Rotunda” da “University of California, Los Angeles - UCLA”.

123

ROBERTO SANTOS

BELONAVE?

Segundo este vídeo o naufrágio de um cruzador norte-americano nos últimos dias da Segunda Grande Guerra – o USS Indianapolis torpedeado por um submarino japonês em 30/07/1945 – foi o episódio que inspirou o roteirista Peter Benchley (1940 - 2006), de “O Tubarão” (de Steven Spielberg), para a cena que cria o clima para a parte final do filme.

O vídeo foi compartilhado do canal “BBC News Brasil que foi publicado no YouTube ontem, 19/09, recorda o afundamento da belonave norte-americana no depoimento de um sobrevivente recolhido dos arquivos da rádio BBC. É um depoimento é, de fato, para fazer parte de um roteiro. cinematográfico

Peraí, “belonave”?

Concordo que é do “fundo do baús preto no canto esquerdo do sótão. “Belonave” erro o termo que se usava nos tempos da 2ª Guerra para referir a um grande navio de guerra. Tá?

124

ROBERTO SANTOS

BRASÍLIA SEXAGENÁRIA - LEMBRANDO ARY PARA-RAIOS E O “ESQUADRÃO DA VIDA”

Lembrando O Cara e sua tupe. Com os senhores Ary Para-Raios e o “Esquadrão da Vida”

O Ary fundou o “Esquadrão da Vida” em 1979 e com ele produzia peças de teatro de rua; as peças não tinham um texto determinado – aconteciam e pronto. Isto aconteceu até 1993, se bem lembro. É o que fala Maíra, a filha do Ary.

Estamos falando de Maíra Oliveira, a filha do Ary e a atriz e militante do teatro brasiliense . Ela fala: "Meu pai foi meu mestre. Foi ele que me mostrou o que é o teatro".

O Ary Pára-Raios para quem não conhece é o senhor Ary José Oliveira (1931-2011), o “Palhaço das causas humanitárias na defesa do Cerrado” como ele mesmo se definia. Esta figura impagável e notável nasceu para os palcos de rua candangos num dia 11 de setembro; ali o jornalista, artista plástico e ambientalista (vê lá se haveria possibilidade de existir este título em 1979) nasceu uma das figuras mais populares do Planalto Central: o Ary Pára-Raios, um histórico, responsável e contundente defensor do Cerrado.

Foi assim como tudo começou, com uma palhaçada. Uma séria e politicamente incorreta – para a época – palhaçada que escancarava a ironia do momento que vivíamos e a

irresponsabilidade de como se estava fazendo a ocupação da fronteira agrícola e o desenvolvimento urbano neste “Planalto Central, desta solidão que em breve se transformará em cérebro das mais altas decisões nacionais” (palavras de Juscelino Kubitschek, 2 de outubro 1956). Foram as “irrequietas brincadeiras irônicas do Ary” que mostravam como tinham que ser corrigidos rumos para que “os olhos mais uma vez sobre o amanhã o do meu país e antevejo esta alvorada, com fé inquebrantável e uma confiança sem limites no seu grande destino.” A fala foi do Juscelino mas as palavras do poeta Augusto Frederico Schmidt e, sem o Ary Pára-Raios, um destino pouco recomendável nos aguardaria.

Salve Ary Pára-Raios e seu fantástico “Esquadrão da Vida” – sim, sua existência ocorreu somente pela sua imaginação e práxis.

125

ROBERTO SANTOS

CONHEÇA AS ÁRVORES QUE COLOREM BRASÍLIA EM AGOSTO E SETEMBRO – PARTE 2: O GUAPURUVU

Dando sequência as postagens sobre as árvores floridas em Brasília no final da seca / início da primavera trataremos do “Schizolobium parahyba”, o popular e imponente “guapuruvu”.

O Guapuruvu é uma árvore da família das faváceas – aquelas que produzem favas -, notável pela sua velocidade de crescimento que pode atingir 3 metros por ano. É uma árvore natural da Mata Atlântica mas muito comum em todo o Brasil; daí a variedade de nomes populares que recebe: guarapuvu, garapuvu, guapiruvu, garapivu, guaburuvu, vapirubu, fischeira, bacurubu, badarra, bacuruva, biosca, faveira, pau-de-vintém, pataqueira, pau-de-tamanco ou umbela.

É fácil reconhece-la pelo seu porte ereto, seu crescimento rápido e pela suas sementes grandes e chatas – as favas – que se disseminam com facilidade apesar de seu tamanho. Seu tronco é elegante, majestoso, reto, alto e cilíndrico, casca quase lisa, de cor cinzenta muito característica. Sua floração ocorre numa única florada de flores grandes que substitui as suas folhas tomando a copa com um amarelo claro, vívido, nos meses de agosto (final) , setembro, outubro, novembro e dezembro, conforme a região.

É uma árvore de crescimento rápido - crescimento que pode atingir 3 metros por ano – e pode chegar aos 20 ou 30 metros de altura. Daí sobressair dentre as outras árvores. É uma espécie nativa do Brasil, Bolívia, Paraguai, Venezuela, Equador, Panamá, Nicarágua, Honduras, Guatemala, El Salvador, Costa Rica, Belize e México. No Brasil ocorre da Bahia até Santa Catarina na floresta pluvial da encosta atlântica.

Sua madeira é clara, leve e pouco resistente, mas presta-se à confecção de embarcações tipo canoas de um tronco só exatamente pela leveza e facilidade de entalhe. É indicada para miolo de painéis e portas, brinquedos, saltos de sapato, formas de concreto, compensados e caixotaria.

O guapuruvu chegou a Brasília como planta de ornamentação dos gramados e se disseminou facilmente sendo hoje encontrada até em áreas de cerrado dentro do perímetro do Distrito Federal ou seu Entorno.

O “guapuruvu” é a árvore símbolo de Florianópolis, capital de Santa Catarina.

(fonte: Wikipédia e site “arvores.brasil.nom.br”)

126

ROBERTO SANTOS

CONHEÇA AS ÁRVORES QUE COLOREM BRASÍLIA EM AGOSTO E SETEMBRO – PARTE 7: A SAPUCAIA

A “sapucaia”, nome científico “*Lecythis pisonis*”, é uma árvore nativa das matas brasileiras e é encontrada na Mata Atlântica e na Amazônia; na Mata Atlântica na faixa territorial de floresta primária que vai do Ceará ao Rio de Janeiro, com bastante predominância nos estados do Espírito Santo e Bahia.

Esta vistosa árvore tem outros nomes populares: “castanha sapucaia”, “cumbuca de macaco”, “sapucaia vermelha”, “marmitta de macaco”, “caçamba do mato”.

Etimologia – o termo “sapucaia” é de origem do tupi, que significa “fruto que faz saltar o olho”; isto se deve ao fato de que ao abrir-se a estrutura que serve de tampa ou cobertura a uma cavidade onde estão as sementes do fruto (o opérculo do fruto) a mesma fica com um formato de um olho. Em contrapartida, há quem acredite que a palavra tem origem na palavra tupi para utilizada para nomear a galinha – a ave – que servia de elemento de troca entre índios e portugueses, no início da colonização; os portugueses trocavam pelas castanhas que são as sementes do fruto.

Como a “sapucaia” era abundante nas matas costeiras ficou logo conhecida pelos europeus que chegaram no século XVI. Segundo o cronista Pêro de Magalhães Gândavo os frutos de sapucaias, como grandes cocos muito maduros, estavam repletos de saborosas castanhas doces e pareciam terem sido criados pelo engenho humano e não pela natureza pois tendo sua boca voltada para baixo as castanhas se dispersavam facilmente pelo ambiente. Um pé de sapucaia plenamente desenvolvido pode produzir 80 kg de sementes anualmente. Infelizmente para germinação e crescimento espontâneo das sementes são necessários condições especiais de umidade e solo.

Os estrangeiros se sentiram hipnotizados pela virtude da plante, tanto pela sua beleza como por suas qualidades alimentares e medicinais. Na mata uma árvore pode atingir 20 ou 30 metro de altura e atrai muitos animais silvestres.

Na medicina popular das suas sementes pode ser extraído um óleo do qual se fabrica uma pomada para o tratamento de lesões da pele, como a herpes, bem como para combater piolhos. Pesquisas mais recentes confirmam estas e outras propriedades. Ao que pese as limitações a “sapucaia” pode ser cultivada com facilidade e seu cultivo útil na recuperação da fauna nativa em reflorestamentos.

Sua madeira, dura, resistente e de textura média, pode ser utilizada principalmente em construções rurais em geral como esteios, postes, estacas, tábuas para assoalhos,

pontes. Seus frutos arredondados possuem casca rígida e espessa de coloração castanha, leva em torno de 10 meses para atingir a fase madura(entre agosto e setembro).

Curiosidades: i) quando 222 frutos (em média) se encontram maduros eles abrem suas tampas características na porção inferior e liberam suas sementes. ii) acredita-se que muitas tribos nativas enterravam seus mortos em urnas feitas de cerâmica, baseadas na cumbuca da sapucaia; narram Carl Friedrich Philipp von Martius e Johann Baptist von Spix em seus escritos: “ A alma do morto (...) vai para uma agradável mata, cheia de pés de sapucaia e de caça”.

A “Lecythis pisonis” entrou em Brasília pelo plantio de árvores feito e refeito pela Novacap todos os anos.

127

ROBERTO SANTOS

CONHEÇA AS ÁRVORES QUE COLOREM BRASÍLIA EM AGOSTO E SETEMBRO – PARTE 10: O PEQUIZEIRO

O “pequi” a fruta do “pequizeiro” (nome científico: *Caryocar brasiliense*) é a fruta do Goiás; os goianos tem no “pequi”, “piqui”, “piquiá” ou “pequiá” a sua fruta nacional; adoram o fruto cozido no arroz, no frango, com macarrão, com peixe, com carnes, no leite, e na forma de um dos mais apreciados licores de Goiás. Sem contar os doces e sorvetes. No Goiás o “pequi” é a “salvação da lavoura”. Do “pequi” é extraído um óleo denominado “azeite de pequi”. O fruto pode ser guardado tanto em essência quanto em conserva.

Mas atenção: não vá se atirando de qualquer modo num dos muitos pratos da tradição goiana que tem a fruta no seu preparo. O caroço da fruta tem espinhos. Consome-se as iguarias, que adquirem o cheiro forte e característico da fruta, muito marcante e peculiar, roendo-se os caroços, evitando-se nele cravar os dentes, pois pode causar sérios ferimentos nas gengivas e no palato. Comer os pratos com “pequi” é uma arte que se adquire proficiência com cautela.

Para apreciar plenamente o “arroz com pequi” ou o “frango com pequi” é como no amor: tem que se ter cautela, perseverança e um sentido gourmet peculiarmente lascivo.

Mas voltando a botânica, o “pequizeiro” é nativa do cerrado brasileiro. Seu fruto é muito utilizado na culinária sertaneja. É uma árvore grossa, com aquela forma retorcida característica das árvores de cerrado. Suas flores são belas, grandes e com estames compridos. Os frutos são drupáceos, oleaginosos e aromáticos. Sua frutificação ocorre no período chuvoso entre os meses de outubro e fevereiro. A sua madeira é amarela; dizem que se pode fazer excelentes violas com ela.

A Embrapa Cerrados e as Universidades de Brasília e Goiás realizam estudos para o cultivo comercial do pequizeiro. Em Brasília é possível encontra-se ainda, nas áreas urbanas, árvores de pequi remanescentes do cerrado original.

(fonte informações e fotos: Wikipedia)

128

ROBERTO SANTOS IDEIA DE JERICO – PARTE 2: BURRO EMPACADOR

O vice-presidente, Hamilton Mourão, diz que o que o governo vai adquirir a vacina chinesa “Coronavac” desde que tenha autorização da Anvisa. O “Chefe do Planalto” reage e avisa: quem manda sou eu e quem tem a caneta bic sou eu. (fontes: sites “Correio Braziliense” e “g1.globo.com”)

Este impasse idiota sobre autonomia do presidente para decidir sobre a compra ou não compra da vacina só porque ela foi desenvolvida por um laboratório chinês e está para ser fabricada, no Brasil, pelo Instituto Butantã de São Paulo, um estado governado pelo Doria, que agora virou desafeto do Capitão, é uma falsa polêmica; só empaca o mundo e espalha pó de mico. É como o jegue que embesta em não continuar o caminho. Daqui a pouco alguém certo e que tenha o relho adequado cutuca o fiofó dele e ele anda. Aos coices, mas anda!

Ou se fina no caminho. A menos que quem tem a água e a comida decida o contrário.

O vídeo ilustrativo com a moda de viola foi compartilhado do canal “Sertanejo De Verdade” é a faixa 3 do LP “A Capa do Viajante” de 1965, selo “CONTINENTAL”, da dupla “Jacó e Jacozinho”. Não há indicação da autoria da música.

129

ROBERTO SANTOS IDEIA DE JERICO 3 – O CASO ESTÚPIDO DO “GUARANÁ JESUS”

“Na última quinta-feira (29), depois de tomar um gole de Guaraná Jesus, o presidente Jair Bolsonaro questionou se tinha virado “boiola”, em alusão a cor de rosa da bebida. Bisneta do farmacêutico Jesus Norberto Gomes, a jornalista Roberta Gomes classifica a fala como “infame” e acredita que o refrigerante criado em 1927 pelo farmacêutico e que se tornou um ícone do Maranhão ganhará ainda mais destaque no mercado com a repercussão do comentário.”

(fonte: site “época.globo”)

A compostura deveria de ser pré-requisito para um homem público. Mas não é. E a cada dia parece estar mais distante da vida pública.

Isto é o que comprova o episódio estúpido envolvendo o presidente da república em visita oficial ao Maranhão na última quinta feira, 29/10. Sua fala e atitude causam mais do que mal estar. Provocam repugnância.

Além de reproduzir o fragmento da notícia publicado no site “época” em 30/10 e que coloca o tema para os amigos do perfil, fazemos questão de compartilhar o vídeo comentário de Josias de Souza no Jornal da Gazeta de 30/10, sexta feira.

Mais uma das ideias de jerico do Capitão que se julga presidindo nosso país.

130

ROBERTO SANTOS

MAIS UMA DEMONSTRAÇÃO DA GRANDE CRIATIVIDADE DO BRASILEIRO

Pois é, a coleta de lixo urbano no Rio de Janeiro fez surgir um novo tipo de profissional: o gari especializado em alpinismo e prática de rapel, além de treinamento para sobrevivência em áreas de conflito armado. Acredito até que, com o abrandamento da pandemia, tenha gringo fissurado em excentricidades contratando roteiro para curtir estes programas; assim, o cara entra tour na portaria do hotel, tem direito a atravessar um tiroteio entre milicianos e sabe Deus quem, vai a uma coleta de lixo dependurado num perau de 150 metros, depois vai tomar uma pinga com caldinho de feijão num boteco da zona conflagrada. Tudo por uns módicos dólares. Não sei como o ministro Ricardo Salles (Meio Ambiente) e Marcelo Álvaro Antônio (Turismo) não levaram esta ideia para o presidente aproveitar.

Não minha senhora, a criatividade que está referida na chamada do post não é o gari aventureiro. É o serviço de coleta de lixo não atender áreas densamente habitadas e o no lugar escolhido pela municipalidade para orientar os moradores a depositarem seu lixo. O gari profissional em aventuras é necessidade, é um subproduto da falta outra de oportunidade de ganhar o pão de cada dia.

Sim, o vídeo foi compartilhado do canal de notícias “AFP Português” e publicado no YouTube ontem, 21/09/2020.

131

ROBERTO SANTOS

MICHELLE E O TICO

Já fez os cálculos? 89 mil em 200 são 445 notas. Cabem na bolsa. Não precisa nem usar o sutiã. Vai tudo arrumadinho, discreto, elegante. Nem vai parecer coisa de laranja.

Você pega as 445 notas com o simpático lobo guará, prende com aquele elástico clássico (coisa baratinha), embrulha numa echarpe que foi escolhida com toda a elegância que lhe cabe, combinando com o trage, a bolsa e os sapatos, e sai por aí, supimpa, chamado a atenção somente para a sua bela estampa e não para aquela coisa atoa que transformou tudo - um dinheirinho - num tremendo barraco.

Assim pode ir para o culto cantar “Amazing Grace” em português.

Afinal, o Senhor, que há tudo vê e de tudo sabe os pormenores, está muito ocupado com as grandes questões e não com um irrelevante maço de notas. Ainda mais que antes das coisas aparecerem Ele já sabia tudo.

Larga pra lá este negócio de censurar a musiquinha dos meninos. É tudo molecagem de garotos travessos. E sobre garotos travessos sua experiência com os da casa é grande.

Mas, discretamente, conta aqui, por que o Queiróz repassou esta graninha para senhora?

132

ROBERTO SANTOS

O QUE É MESMO QUE ESTÁ SENDO CONSIDERADO O DESAFIO DO SÉCULO?

Em tempos de opiniões estéreis o melhor é ouvir o poeta que nasceu num dia 24 de novembro e ousou criar o simbolismo brasileiro. Com certeza os símbolos impressos nos seus versos dizem mais.

Em 24 de novembro de 1861, na atual Florianópolis, nascia o poeta Cruz e Sousa. João da Cruz e Sousa era filho de ex-escravos, mas foi criado pelo seu ex-senhor e sua esposa, com quem aprendeu francês, latim e grego. Também conhecido como Dante Negro e Cisne Negro, o poeta foi um dos pioneiros do movimento simbolista no Brasil.

Cruz e Sousa morreu em 1898, vítima de tuberculose.

O vídeo com o poema “Antífona” foi compartilhado do canal “Samuel de Andrade” e publicado no YouTube em 2015.

Vídeo

<https://www.youtube.com/watch?v=iuWdvwgPKrs&feature=share&fbclid=IwAR2IPMuYrLk3aeXDy38S>

133

ROBERTO SANTOS

PARECE QUE O COPO ENCHEU. SERÁ QUE VAI MELAR A TOALHA DO JANTAR

Foi publicado ontem, terça feira, 27/10/2020, no “Correio Braziliense”, um artigo assinado pelo general de divisão Otávio Santana do Rêgo Barros. O general é doutor em “Ciência Militar” e ex-porta-voz do Planalto. Rêgo Barros é pernambucano, e esta é uma informação que não pode ser colocada em segundo plano; passou para reserva em julho de 2019.

Foi exonerado do cargo de porta-voz da Presidência da República no DOU de 07/10/2020, e ocupou o cargo desde o início do atual governo. Antes, era um dos principais assessores do general Eduardo Villas Bôas, comandante do Exército.

Portanto, um alto oficial, de experiência comprovada mesmo nos espaços externos à caserna e compromisso com a vida militar que iniciou em 1981, como Aspirante-a-Oficial de Cavalaria.

Isto não é pouca coisa.

Pois bem, como se disse, em 27/10/2020, o general Rêgo Barros veio à imprensa com um artigo intitulado “Memento mori”, uma expressão latina que quer dizer “lembra-te que és mortal!”. Segundo o autor, a expressão seria uma advertência que escravos que acompanhavam um general romano vencedor em sua entrada triunfante em Roma. Os escravos tinham que sussurrar constantemente a frase aos ouvidos do vencedor.

No artigo, entretanto, o general Rêgo Barros deixa uma dúvida: o vencedor a que faz referência seria Caio Júlio César, o conquistador da Gália, ou Caio Márcio Coriolano, o vencedor do cerco romano à cidade volsca de Corioli e que depois foi exilado de Roma e liderou os próprios volscos em um cerco a sua pátria natal, Roma?

Assunto para pensar ...

Fonte da notícia: “Correio Braziliense”: comentário publicado na coluna de Denise Rothenburg em 28/10; o artigo “Memento mori” assinado por Otávio Santana do Rêgo Barros na seção “Artigo” de 27/10/2020)

Em tempo: de acordo com verbete consultado na enciclopédia “Ciência militar é o ramo da ciência aplicada que preocupa-se com o estudo civil da doutrina, técnica, psicologia, prática e outros fenômenos sociais que constituem o "estado de guerra", desde o conflito inicial até o confronto final. É objeto de estudo dessa ciência a estratégia dos generais, reis e imperadores da antiguidade, mais modernamente de presidentes, chefes de Estado ou chefes de governo.”

134

ROBERTO SANTOS REGISTRAMOS O FALECIMENTO DO JORNALISTA E CARTUNISTA LAN.

O jornalista, cartunista e o mais carioca dos imigrantes que o Brasil recebeu Lanfranco Aldo Ricardo Vaselli Cortellini Rossi Rossini (1925 - 2020), o conhecido como Lan das bem humoradas caricaturas que ilustraram os jornais morreu em decorrência de uma pneumonia.

Ele vivia com a esposa há 45 anos Petrópolis, na Região Serrana do Rio, e deixou um importante legado na arte e no jornalismo brasileiro e internacional.

Lan nasceu na Toscana (Itália) mas foi na América do Sul, particularmente no Rio de Janeiro, que se tornou o importante jornalista e cartunista de expressão internacional. Lan passou por jornais uruguaios, argentinos e brasileiros. No Brasil, seus trabalhos ganharam destaque na “Última Hora”, no “Jornal do Brasil” e no “O Globo”. Suas

caricaturas sobre mulheres, praia, jogadores de futebol e carnaval são uma marca que jamais se apagará.

Chegou ao Brasil em 1952 a convite do jornalista Samuel Wainer para trabalhar na “Última Hora”. Chegou, maravilhou-se e radicou-se no Brasil transformando-se no carioca carioca da gema da apaixonado pela cidade e seu gente que tão bem desenhava. No “Globo” e no “Jornal do Brasil” produziu charges por 33 anos. Na “TV Globo”, o cartunista participou do processo de criação de vinhetas animadas para os intervalos — as célebres plim-plim — e criou cenário para o programa Fantástico. Quando completou 90 anos, o caricaturista ganhou homenagem da TV Câmara.

Apaixonado pelo samba e pela capital carioca, Lan se casou com Olívia Marinho, ex-passista da Portela, em 1960.

Em um depoimento para a Memória Globo em 22 de novembro de 2004 Lan registrou o seguinte: “Nunca pensei na morte, porque se eu for embora antes dos 100 anos, eu parto à revelia. Pretendo trabalhar enquanto viver, procurando novas motivações e novos campos de trabalho”

Este era e sempre será na nossa memória Lanfranco Aldo, o Lan de todos os tempos

(fontes: matérias publicadas em 05/11/2020 no “g1.globo.com”, no “Correio Braziliense” e vídeo reportagem do canal “Jornalismo TV Cultura” postada no YouTube)

135

ROBERTO SANTOS

SOBRE O SUS

A criação e estruturação do SUS – Sistema Único Saúde, um dos maiores e mais complexos sistemas de saúde pública do mundo, é imenso marco civilizatório para o país. Este Sistema foi criado pela Constituição Federal de 1988 e regulamentado pelas Leis n.º 8080/90 (Lei Orgânica da Saúde) e nº 8.142/90 com a finalidade de alterar a situação de desigualdade na assistência à Saúde da população, tornando obrigatório o atendimento público a qualquer cidadão.

O SUS abrange desde o simples atendimento para avaliação da pressão arterial, por meio da “Atenção Primária”, até o transplante de órgãos, garantindo acesso integral, universal e gratuito para toda a população do país. Com a sua criação, o SUS proporcionou o acesso universal ao sistema público de saúde, sem qualquer tipo de discriminação. A atenção integral à saúde, e não somente aos cuidados assistenciais, passou a ser um direito de todos os brasileiros, desde a gestação e por toda a vida dos brasileiros. Foi sem dúvida uma conquista da sociedade brasileira que mostrou sua importância agora que o país submergiu nesta catástrofe sanitária que já matou mais 135 mil pessoas e contaminou, numa estimativa menos catastrófica, mais 3% da população brasileira.

Hoje, 75% da população brasileira depende exclusivamente do SUS.

As dificuldades enfrentadas na gestão da saúde pública em um país com as desigualdades enormes e as dimensões do Brasil mostram somente que o Sistema deve

continuar a ser defendido numa luta política inquestionável tanto quanto a segurança alimentar, o direito a uma renda mínima de inclusão, à educação de qualidade e aos direitos democráticos.

136

ROBERTO SANTOS

UMA AVESTRUZ NO PALÁCIO DO PLANALTO

Como os noticioso trombeteiam o Brasil ultrapassou os cem mil mortos pelo COVID-19 e apresenta um quadro macabro de crescimento desta cifra trágica. Entretanto o presidente afirma ter feito “o possível e o impossível para salvar vidas”. Ele deu esta declaração depois de assinar uma medida provisória alocando R\$ 1,9 bilhão para a aquisição da vacina contra o coronavírus que vem sendo testada pelo laboratório AstraZeneca e pela Universidade de Oxford.

Sua atuação como líder do país desde fev/2020, período em que a pandemia chegou ao Brasil, foi a de minimizar os efeitos da doença, incentivar a não obediência das medidas sanitárias recomendadas pela saúde pública, recomendar o uso e patrocinar o uso de um medicamento inócuo e não recomendado, despachar dois ministros da saúde e empossar um especialista em logística – e outros tantos militares sem qualificação médica ou sanitária – no Ministério da Saúde, desqualificar os chefes de executivos estaduais e municipais, atritar com os poderes Legislativo e Judiciário e vai por aí a fora.

Até agora o (des)governo Bolsonaro não apresentou o mínimo esboço de uma política ou plano de ação perante a tragédia sanitária e a iminente crise econômica subsequente que já se está se instalando no nosso país. Sobre a doença e as mortes suas declarações se resumem a “Lamento a todas as mortes, já tá chegando nos 100 mil (...). Vamos tocar a vida e buscar uma maneira de se safar desse problema”.

Mas que ninguém se engane: este senhor tem 30 anos de experiência como parlamentar e alguém – mineiro - e com muita vivência política avisou:

- “Aqui na Câmara (Federal) se pode encontrar de tudo: honesto, desonesto, ladrão, mentiroso, espertalhão, vigarista. Só não se vai encontrar bobo!”

Como temos eleições ainda este ano - eleições municipais - fundamentais para a formação de uma base com vistas às eleições de 2022, este comportamento aparentemente imbecil esconde uma estratégia política. Alguma estratégia, uma necessária e suficiente para fazê-lo presidente da república e/ou favorecer a criação de um clã de acólitos parlamentares que inclui, no momento, seus três filhos e uns outros que tais.

O nosso “avestruz do Planalto” enterra a cabeça num buraco em busca de um MDB que lhe sirva. Por exemplo o MDB de Temer.

O vídeo que ilustra este post foi compartilhado do canal “Jornal da Gazeta”, postado ontem, 11/08, e nos apresenta o comentário do colunista Josias de Souza. Para a postagem do perfil foram consultadas páginas de outros veículos de informação que publicam regularmente na internet.

ROBERTO SANTOS**UMA DÚZIA DE FRUTAS NATIVAS DO BRASIL 05 – A
SERIGUELA**

A “seriguela”, (*Spondias purpurea*) também chamada “ceriguela” é nome de uma árvore frutífera originária da América Central e da América do Sul e da sua fruta. É uma espécie da família das anacardiáceas, uma família botânica representada por 80 gêneros e cerca de 800 espécies, entre as quais se incluem a manga e o caju.

Trata-se de uma árvore de porte médio, podendo atingir até sete metros de altura, é bastante comum na Região Nordeste do Brasil onde o fruto é muito apreciado e comercializado nas feiras livres.

Trata-se pois de uma fruteira nativa do Brasil onde é encontrada principalmente no Cerrado e na Caatinga); viceja desde o nível de mar até os 1.200 metros de altitude. Exemplares desta árvore ocorrem em cidades dos estados brasileiros de Rondônia, Goiás, do Tocantins, do Piauí, do Ceará, de Pernambuco, da Paraíba, do Paraná, do Maranhão, do Rio Grande do Norte, do Rio de Janeiro, do Mato Grosso, do Mato Grosso do Sul, de Minas Gerais, Distrito Federal, da Bahia, de São Paulo e do Espírito Santo, e no Paraná. Hoje está sendo utilizada no paisagismo urbano pois se presta para plantar em parques e calçadas e para ser cultivada com êxito em pomares domésticos. A região sul do estado do Ceará é, hoje, o maior produtor de ciriguela do Brasil.

Sua frutificação se dá nos meses de outubro e novembro, sendo colhida entre os meses de dezembro e janeiro. Adapta-se a solos fracos e com baixa pluviosidade. É lavoura permanente mas de uso pouco difundido comercialmente. Não há utilização econômica senão para produção sazonal em pequenas plantações.

A plante dificilmente se propaga por sementes, sendo, geralmente, multiplicada por estacas com trinta a cinquenta centímetros de comprimento e de sete a doze centímetros de diâmetro. A melhor época de plantio das estacas no semiárido nordestino brasileiro compreende, empiricamente, do início do mês de outubro até o início de novembro.

A fruta é doce e parece-se com uma ameixa (daí seu nome: ciruela, em espanhol) de cor amarelada ou avermelhada quando maduro, com comprimento entre 2,5 e cinco centímetros e peso entre quinze e vinte gramas. A camada de polpa é fina, com cerca de três milímetros, com um caroço do tamanho de uma azeitona grande.

O seu consumo é feito de diversas formas, desde natural até na confecção de sucos, sorvetes e doces. É rica em carboidratos, cálcio, fósforo e ferro. Na medicina popular a seriguela é considerada eficaz contra anemia e da inapetência.

O dicionário Houaiss já registra a forma “siriguela”.

ROBERTO SANTOS**VAMOS FALAR - E OUVIR - ALGUMA COISA SOBRE
“COUNTRY BLUES”?**

“Country blues”, “folk blues”, “rural blues”, “backwoods blues” são nomes diferentes para um mesmo antigo gênero musical que surgiu nas comunidades negras do sul dos Estados Unidos, com uma sonoridade original nascida no meio dos trabalhadores de origem rural, ex-escravos. Uma música vocal que se vale de instrumentos acústicos – folks guitar tocada com uma técnica de dedilhado particular, washboard e eventualmente armônicas (gaita de boca).

Segundo estudos este gênero se desenvolveu na virada do século XIX para o século XX nos estados do chamado “Southern United States” e ganhou rapidamente popularidade por todo os EUA, desenvolvendo variantes regionais tais como “Memphis Blues”, “Detroit blues”, “Chicago Blues”, “Texas Blues”, “Louisiana Blues”, “Western Blues”, “Atlanta Blues”, “St. Louis Blues”, “New Orleans Blues”, “Delta Blues” e “Kansas City Blues”, só para citar algumas.

As primeiras gravações do gênero surgiram por volta de 1920 com músicos populares como Blind Lemon Jefferson (Texas), Charley Patton (Mississippi), Blind Willie McTell (Georgia), Robert Johnson (Mississippi), “Blind” Willie Johnson (Texas), muitos deles surgidos dentro da música feita nos cultos religiosos.

Em paralelo ao “country blues” se desenvolveu nas cidades um outro gênero co-irmão, o “urban blues”, que se popularizou entre as populações urbanas da mesma região. Estes dois gêneros irão formar o substrato para a construção do jazz, hoje um gênero universal.

STEPHANIE KIM ABE**POR QUE É IMPORTANTE CONTAR HISTÓRIAS PARA O SEU
FILHO?**

“Imaginação e Fantasia. A narração de histórias explora os sentidos, desenvolve a linguagem, apresenta o mundo da arte, amplia o universo de significados e ainda proporciona um momento simples e único de conexão entre pais e filhos.”

“Era uma vez uma menina que usava chapeuzinho vermelho”. Ou “Lá nos fundos do rio, vive uma bela sereia chamada lara”. Ou ainda: “quando eu era pequena e ficava na casa da bisá Maria, sempre me pendurava no pé de manga que era beeem grande”. Seja qual for a sua preferida, todas essas frases são maneiras legítimas e interessantes de começar a narração de uma história. E, se parar para pensar, você também vai se lembrar de um caso que lhe foi contado com carinho pela tradição oral.

“A arte de contar histórias sempre teve uma função básica de passar o conhecimento de geração para geração”, diz Regina Machado, criadora e curadora do encontro internacional BOCA DO CÉU de Contadores de Histórias. Tanto que as histórias do começo da matéria datam de tempos memoriais, indefinidos, mas que vêm sendo transmitidas ao longo dos anos e das gerações.

É da natureza do ser humano contar histórias e estamos o tempo todo contando-as: no ônibus na volta da escola, no trabalho, quando nos reunimos para jantar. Contamos como foi o dia, o que fizemos, o que vimos, o que experimentamos. “A narração de histórias é um ancestral que a gente tem com a palavra. Desde sempre o homem precisou contar histórias para entender a vida”, diz Lili Flor, arte educadora da dupla Lili Flor & Paulo Pixo.

Com momentos de convivência e diálogo com os filhos cada vez mais raros hoje em dia, dado o tempo que passamos separados cada um em frente à sua própria tela, fica ainda mais difícil tirar um momento do dia para praticar essa tradição oral. “Por isso que, na atualidade, o contar história é também o resgate da afetividade. Vemos o distanciamento da troca, do olho no olho”, completa.

Nesse sentido, a narração de história, ainda que muitos não a vejam assim, é um tempo fundamental de brincadeira com o filho. “Do mesmo jeito que jogamos a criança para o alto, demonstrando amor, contar pequenas histórias também é uma forma de enriquecer o afetivo”, diz Gilka Girardello, professora do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Mas, além de ser um momento lúdico e de conexão com o filho, o ato também é importante para o crescimento dele de diversas formas. Isso porque o contar histórias:

Ajuda no desenvolvimento narrativo do bebê

Quando começamos a entender o que é uma história? Desde muito cedo, como explica Gilka Girardello, professora do Centro de Educação da UFSC: “tem estudos da psicolinguística que mostram que antes de um ano de idade a criança já é capaz de ter uma noção de organização da ação no tempo. Ou seja, percebe que uma coisa acontece antes, causa outra que acontece depois etc. Essa amarração narrativa é uma história”.

A compreensão narrativa é, portanto, um aprendizado que vai nascendo com a aprender da linguagem. Ao contar histórias, usamos ao mesmo tempo: palavra, gestos, ritmo, melodia e entonação diferentes. “Essas nuances na voz humana faz com que o bebê se interesse mais pela fala, e assim possa enriquecer a sua própria linguagem também”, diz.

É toda essa riqueza da mensagem verbal e gestual que será amarrada e formará um repertório para o bebê, ajudando-o no preparo de seu discurso narrativo. Esse primeiro passo é importante para o desenvolvimento cognitivo, principalmente quando o bebê começa a falar – já que é a partir da linguagem que ele organiza o seu pensamento.

“Claro que quando as contamos, o bebê não entende todas as palavras. Mas ele já começa a associar as histórias ao prazer, à imaginação, ao afeto. E depois ele mesmo vai começar a contar o era uma vez para as bonecas, para os bichinhos de brinquedo ou falar para si próprio”, diz Gilka.

É fundamental também a interação entre o pai e o filho nesse contar história. É o que a pesquisadora Maria Cecilia Perroni chama de “jogo do contar”: a criança fala “a bola”, a

mãe pergunta “o que aconteceu com a bola?”, e ela responde “chutaram para longe”, e assim em diante. “Essa co-criação vai fazendo com que a criança vá emendando uma ação na outra e organize narrativamente a sua fala”, explica a professora Gilka.

Amplia o universo da Imaginação

“Era uma vez um cachorro que sabia voar”. Mesmo que a criança já saiba que um cachorro não costuma voar, ela vai ficar atenta. Essa mistura de realidade com ficção atrai os pequenos e é o que permite o desenvolvimento do imaginário, do fantástico. “Você conta uma história e por mais que você o faça, que você coloque adereço, que você conte, quem constrói a imagem final é quem está ouvindo. Para cada um chega de um jeito. Você não dá aquela imagem pronta, como se fosse um filme”, diz Carla Passos, atriz e arte-educadora do Instituto Brincante.

Além disso, o encontro com o filho durante o contar a história é um momento de relação mais aberta, longe daquela postura de “não”, por exemplo, que permeia o papel dos pais, como defende Lili Flor, arte educadora da dupla Lili Flor & Paulo Pixo: “se a criança só aprende a ouvir não, ela fica travada, não tem esse espaço do imaginário. Ao passo que a criança que desde os primeiros anos de vida percebe a palavra, ela tem muito mais desenvoltura”.

“Quando terminar a história, os pais podem dizer: e acabou-se a história. Esse final vai fazer com que o filho entenda que o contar história é uma janelinha para outra dimensão, que é outra realidade”, sugere Gilka Girardello, professora do Centro de Educação da UFSC.

Apresenta o mundo da arte e da literatura

O contar histórias é o primeiro encontro da arte com a palavra. Porque é uma forma de arte, mesmo quando é um ato completamente despretensioso. “Um arroz com feijão é um tipo de experiência. Mas o mesmo prato, preparado como arte culinária, expande a relação com a comida. O mesmo ocorre com a palavra. A narração, de forma bem lúdica e divertida, pode contar com elementos artísticos que farão dessa uma experiência poética profundamente enriquecedora”, diz Gilka Girardello, professora do Centro de Educação da UFSC.

Explora os sentidos e constrói novos significados

As histórias são uma forma de tratar de diversos assuntos do ser humano: falam de amores, têm aventuras, trazem humor, colocam desafios, mostram superação, ensinam valores. “A narração de histórias está muito ligada à formação das pessoas, à construção do caráter da pessoa. A história não só traz vários ensinamentos, mas também faz com que nos identifiquemos nas personagens”, diz Carla Passos, atriz e arte-educadora do Instituto Brincante.

Medos, angústias, sofrimento, dúvidas, paixões, coragem. São sentimentos que todos temos e nos identificamos nas histórias. Ao conta-las ao bebê, possibilita-se que ele tome conhecimento dessas emoções, comece a explorá-las, entendê-las. “As histórias têm essa função de fazer com que a criança pergunte o sentido das coisas e tenha os seus sentidos extirpados (tato, olfato, audição)”, diz Regina Machado, criadora e curadora do encontro internacional BOCA DO CÉU de Contadores de Histórias.

TEREZA NOVAES AMAZÔNIA

A Revista Piauí de junho revela tudo sobre a expedição brasileira em busca da terceira árvore mais alta do Brasil, com 83 metros de altura (equivalente a um edifício de 27 andares). Organizada por Diego Armando Silva da Silva engenheiro florestal e por também engenheiro florestal Eric Bastos Görgens e composta pós mais 15 pessoas.

Graças a aparelhos de medição a laser tornou-se possível, a partir de 2010 descobrir árvores gigantes em áreas exploradas das florestas tropicais, em diferentes regiões do mundo.

Aprimeira expedição do grupo liderada por Görgens e Silva, em agosto de 2019, foi em busca da árvore mais alta de todas as árvores. Com 88,5 metros, ela está localizada na Floresta Estadual do Pará, no oeste do Pará uma unidade de uso sustentável de cerca de 3,6 milhões de hectares. Por questões logísticas a recordista não pode ser alcançada mas durante a mesma jornada chegaram a quarta árvore mais alta um Angelim vermelho de 82 metros. Na terceira viagem foi localizada a terceira árvore mais alta do país, outro Angelim vermelho de 85 44 metros de altura e 9,45 de circunferência.

O Angelim ívermelho é uma espécie comum na Amazônia e ainda mais no Amapá e Pará. Sua maneira firme tem grande interesse comercial, em particular Pará a construção civil e naval, sendo por isso uma das mais exploradas legalmente na região. É de grande porte com.

caule muito retilíneo, coberto por uma casca estamos. A copa se abre acima do dossel em cascas miúdas. Suas flores são minúsculas, vem tentáculos brancos que despontam no meio de minipetalas verdes. Seus frutos têm a forma de vagem, pois o Angelina vermelho é da família das leguminosas - essa árvore cresceu a partir de uma semente do tamanho de um feijão.

Agora é necessário descobrir a idade destas árvores. Estudos ainda estão em andamento. A árvore mais antiga da Amazônia que se sabe é um cedro de 259 anos.

Sabe-se que nem sempre a árvore mais alta é a mais velha. Mesmo assim a esperança é que os Angelina gigantes da Amazônia possam contar o que testemunharam nos últimos.sevulos na floresta mais ameaçada do planeta.

WAGNER CORREA DE ARAÚJO O RESGATE DO OFÍCIO DE CONTADOR DE HISTÓRIAS

Quando o filósofo alemão Walter Benjamin usou como estímulo a obra do escritor russo da segunda metade do século XIX, para seu ensaio “O Narrador-Considerações sobre a Obra de Nikolai Leskov”, estava, na verdade, mostrando seu espanto diante do progressivo definhamento da arte da narração.

Leskov, por intermédio de sua novela “O Narrador”, idealizava a narrativa como uma criação absolutamente artesanal: “Literatura para mim não é arte, mas um trabalho manual”. E mostrava assim sua firme crença no ofício tradicional dos contadores de histórias. Estes, muitas vezes, velhos em seu leito de morte que deixavam, como sua marca, um legado ancestral das verdades humanas. A trajetória do cotidiano de suas vidas na comunidade, transmutada na sabedoria dos que partiam para os que ainda iriam viver.

Walter Benjamin então expunha, nas reflexões do seu livro de 1936, a amarga constatação de que a literatura tinha perdido este purismo épico, de aporte social, filosófico e moral, substituindo-o pelo egocêntrico brilho intelectual dos “narradores”.

E ainda lamentava, no teatro, “o abismo que separa os atores do público, como os mortos são separados dos vivos” ou, a dúvida mesmo, de que algum ator fosse capaz de induzir na plateia qualquer sentimento de êxtase ou compaixão pela morte dos outros.

Num referencial de inventiva envolvência, o ator/dramaturgo Diogo Liberano transmuta estes aspectos estético/emotivos na proposta/performance “O Narrador”, com seu Teatro Inominável. Tendo a colaboração de seus integrantes Adassa Martins, Carolina Helena, Flávia Naves e Natassia Velo, além de João Pedro Madureira, responsáveis todos pela investigação gestual da performance.

Aqui, solitário num palco despojado, posicionado em uma cadeira com um figurino doméstico, acompanhado de um boneco de pelúcia como único objeto cenográfico. E onde vai liberando, vocalmente, um extenso solilóquio memorialista, na leitura de páginas atiradas uma a uma ao chão, em procedimento comum mas de singular efeito plástico/visual.

Abrindo mão dos elementos puramente cênicos, faz da presença de sua própria figura humana um anti-personagem, no realismo documental de um narrador de vivências pessoais. Na prevalência, inclusive, daquelas ligadas às perdas pela morte de familiares e amigos, usando as palavras como imagens na revelação de tristes memórias.

Cartas, poemas, emails, recados e bilhetes, expostos em precioso tom intimista, ora numa nuance de voz mais melancólica, ora com um sotaque de aparente firmeza, desmontado em lágrimas reais, quando a coragem desaba diante do “belo horror da morte”, neste pensar próximo a Walter Benjamin.

Compartilhando esta transcendência artística que liga expressivamente Leskov, Benjamin e Liberano, meditativas sonoridades (Rodrigo Marçal) completam, enfim, o ato mágico deste “teatro inominável” – de contemplação da sutil reescrita das palavras lidas por um narrador.

WALTER GALVANI
LONGE OU PERTO

Começar do zero, depois de anos de acesso, não vale. É covardia e falta de consideração para com todos os que me antecederam nessa rude faina de trabalhador das palavras, que não contaram com os milagres da técnica para simplificá-la e aumentar-lhe o alcance.

Agora é assim mesmo e, como todas as épocas tem a sua mecânica, é “adaptar-se ou sair de cena”. Em nosso caso atual, é tão grande a concorrência, que o simples hesitar, devo ou não tomar essa ou aquela atitude, já abre o espaço para os mais vivos e sagazes, que estão chegando aí com soluções mais modernas e, portanto, eficazes. Sim, é isso mesmo, nem adianta espernear porque, diante do domínio das máquinas sobre os humanos, não há tergiversação possível.

Não pensou sobre isso ainda? Então, vá pensar e só volte aqui com a solução na cabeça. O resto da ação é mera consequência de suas decisões e, olhe lá, que isso já muita concessão.

Atualmente, o que você pretende publicar, já é todo um desdobramento de suas verdadeiras intenções.

Pensando bem, obrigá-lo a ser mais cuidadoso com o que escreve e até que ponto aquilo corresponde ao que efetivamente pensa, já é um senhor desafio, que a velocidade dos tempos modernos o obriga a ter. E manter. Perdendo o trem, perderá a oportunidade de tornar público o seu pensamento sobre as coisas que sucedem a seu redor e longe ou perto, não importa, podem ainda receber um atalho aqui, uma contribuição ali, significar que você está vivo. E, portanto, em condições de participar, partilhar, discutir ou debater o que sucede à sua volta, longe ou perto.

A mudança se deu sem a sua concordância... O que, aliás, não interessa. Antes de começar a bater este artigo, esta singela colaboração, já estaria definido o que interessa e a sua posição, como uma espécie de resultado de uma longa elaboração social, também.

Ah, você também pode se tornar uma espécie de revolucionário e destruir com as armas intelectuais que lhe restam, qualquer desvio. Pense nisso.

Eu falei claramente em “armas intelectuais”, porque aonde estaria sua credibilidade e qual seria o seu alcance, se decidisse, nesse momento de sua vida e carreira, pegar em armas reais e virar revolucionário?... Difícil, não?

Então, quando você parece estar exausto com tanta picaretagem, cansado de tanta exploração, resolver agir, será tarde.

Sente e reinicie seu pensamento. Antigamente reverenciava-se um antigo poeta português que havia cunhado a frase: “Tudo vale a pena, quando a alma não é pequena”...

E hoje, o que pensa você? Será que, o bom mesmo não seria ter uma alma pequena?...

143
WIKIPEDIA
SEDUÇÃO

Sedução é o ato de seduzir ou de ser seduzido

1 conjunto de qualidades e características que despertam em outrem simpatia, desejo, amor, interesse etc.; magnetismo, fascínio

2.1 capacidade ou processo de atrair alguém de modo capcioso ou através do estímulo à sua esperança ou desejo

2.2 capacidade ou processo de corromper, de perverter [1]

A sedução pode estar no terreno interpessoal ou no terreno dos objetos. Assim como as pessoas procuram do seu dia a dia seduzir seus interlocutores em busca de melhor vivência e de melhor qualidade de vida, também a propaganda utiliza-se muito desta arma para induzir ao consumo.

No discurso informal, o termo geralmente está relacionado a casos amorosos, envolvendo atitudes específicas para o estabelecimento de relacionamentos interpessoais, através do uso de linguagem corporal.[2] É um processo proveniente de duas (ou mais) partes envolvidas que pode ocasionar respostas comportamentais e emotivas inesperadas, analogamente ao processo químico.

Sigmund Freud na sua "teoria da sedução" afirmava que toda neurose surgiria a partir de um trauma sexual ocorrido na infância. Ao mesmo tempo, começou a formular o "complexo de Édipo", onde defendia que toda pessoa buscaria o prazer (representado, simbolicamente, pela figura materna), mas seria contida pelas leis e pela moral (representados simbolicamente pela figura paterna)[3] .

Carisma - é o poder de sedução e integração da pessoa sobre outras pessoas. Cada nível de Carisma ,aumenta +1 permanente em Carisma . Níveis : 1-Carismático 2-Muito Carismático 3-Magnético .

A ciência tem feito muitas descobertas no campo da sedução, como por exemplo:

1. andar com um cachorro facilita o contato com pessoas desconhecidas, pois o cachorro estimula o afeto das pessoas; 2. música romântica aumenta as probabilidades de conquista;

3. homens são mais atraídos por mulheres com os pés pequenos; 4. pesquisas confirmam que a riqueza e o alto status social tornam as pessoas sexualmente mais atraentes; 5. homens que se vestem de vermelho são mais atraentes que os que se vestem de outras cores.

6.A riqueza e o alto status social estão logicamente relacionados a uma maior probabilidade de manutenção confortável da prole resultante da relação. E a cor vermelha, em diferentes culturas, está relacionada à riqueza.7. Estudos indicam que a presença de uma certa quantidade de "genes gays" aumentaria a atração sexual de um indivíduo, pois o homem com genes homossexuais tenderia a ser mais atencioso (característica feminina) com a mulher e a prole, enquanto que a mulher com genes homossexuais tenderia a ter um maior impulso sexual (característica masculina) do que a mulher sem esses genes. Em relação ao homossexualismo, é interessante citar a opinião de Sigmund Freud, o criador da psicanálise. Ao contrário da opinião científica corrente, que advoga uma causa genética para o homossexualismo, Freud defendia que o homossexualismo era fruto de uma incapacidade do indivíduo de conseguir ter um bom relacionamento com o genitor do mesmo sexo, o que geraria uma busca pelo genitor do mesmo sexo na figura de um relacionamento homossexual. Caso a incapacidade fosse a de se relacionar satisfatoriamente com o genitor do sexo oposto, isto geraria uma ninfomania.8. Homens preferem mulheres com o rosto bonito que mulheres com o corpo bonito na hora de escolher uma parceira para casar e ter filhos. A beleza do rosto está relacionada à fertilidade da mulher.

9. As mulheres, especialmente em seus períodos férteis, têm maior atração por homens criativos. 10. As mulheres sentem-se mais atraídas por homens com barba rala e bem-cuidada, pois denota virilidade. 11. As pessoas tendem a sentir-se mais atraídas por pessoas que têm o mesmo estilo de linguagem que o seu.

- Uma outra forma de seduzir é o "flerte",nesta não há comprometimento (destituída de sentimentos profundos) ,envolve técnicas de persuasão e encantamento com o intuito de levar o sexo oposto a ter paixão ou grande desejo pelo flertador. Tais técnicas podem ser um olhar de consentimento até sinais corporais (não-verbais) que significam diversos estados emocionais. Há obras no mercado que auxiliam principalmente pessoas tímidas a sentirem-se bem em flertar e desinibirem-se com mais facilidade. Há pessoas que acham que o flerte é algo inútil, falta de criatividade. O flerte antecede o namoro, o qual é um compromisso maior que o flerte. O flerte pode ser uma prévia da sedução.

Desde a publicação do livro “The Game” de Neil Strauss, a comunidade da sedução tem atraído publicidade maciça, bem como ceticismo, em vários lugares do mundo.

144

ZOLA XAVIER DA SILVEIRA

ELIEZER SANTOS O “BOLA SETE”

Veio da Bahia para o Território do Guaporé no início dos anos 50 e logo se inscreveu no Partido Social Progressista – PSP, sigla partidária que abrigou a Frente Popular, ainda em tempo de participar da campanha vitoriosa de 1954, quando foram eleitos o Cel. Joaquim Rondon para deputado federal e o Dr. Renato Clímaco Borralho de Medeiros para suplente.

Frequentador assíduo da Drogaria Santa Terezinha, centro de Porto Velho, Bola Sete chegava, com sua pasta e seu gingado próprio, para um bate papo com seu camarada e amigo, Dionízio Xavier da Silveira, o Dió, e, em algumas das vezes, para receber o jornal A Voz Operária, órgão do Partido Comunista Brasileiro - PCB, que guardava na sua grande pasta tipo sanfona junto aos bilhetes da Loteria Federal, instrumentos de seu trabalho. Sua simpatia com o comunismo veio com a leitura dos romances de seu conterrâneo, o escritor Jorge Amado. O livro Jubiabá, seu preferido, conta a história de Antonio Balduino, o Baldo, personagem que Eliezer Santos, o Bola Sete tem como seu herói. Assim como ele, também boxer, sambista, ubandista, jogador de capoeira e militante das lutas contra as injustiças sociais de seu tempo. Seu ponto fixo era em uma banca localizada sob as marquises do edifício Feitosa, no epicentro nervoso da cidade de Porto Velho, Rondônia. No alto deste mesmo prédio funcionou a sede do PSP, a rádio e o jornal A Folha do Guaporé. Bola, depois de seu “expediente” na banca, percorria a cidade vendendo a sorte.

Em entrevista a este escriba, em janeiro de 2008, Leonardo Fernandes, diretor da União Rondoniense dos Estudantes Secundaristas - URES nos anos sessenta, comentou: “ O Bola era meu caixa, sempre quebrava meus galhos. Era um cara fabuloso, fazia uns molhos de pimenta nas caldeiras. Era comunista também. Gente nossa. Foi preso várias vezes. Numa dessas ocasiões, ali no Café Santos, chegou dois policiais para prender o Bola e não conseguiram. Vieram mais dois e também não conseguiram, ele era bom de capoeira. Vieram uns dez, mas para conseguir tiveram que jogar laço. E o Dr. Fouad Darwich, companheiro nosso, foi lá e trouxe o Bola de volta”.

O ex-padre Vitor Hugo, no seu livro “Desbravadores, vol. III” comenta sobre o seu ativismo político. Cita várias prisões sofridas por Bola Sete, todas elas levadas por suas convicções de justiça social. Em uma delas ficou por mais de quarenta dias na prisão. Quanto ao Bola Sete lúdico, declara Vitor Hugo em seu livro acima: “Fundador da Escola de Samba ‘ Deixa Falar ‘, do folião Eliezer Santos, o Bola Sete, instalada na esquina da av. Almirante Barros com a Prudente de Moraes, bem na entrada do Mocambo”. Na ‘Deixa Falar’, por ocasião das comemorações da libertação dos escravos, era promovido um baile popular, como registra uma nota no jornal Alto Madeira, edição de 13 de maio de 1955, “tendo sido para tanto contratada uma afinada orquestra e grande e variado sortimento de frios e gelados”. Dessa maneira seguia seu trabalho político, sempre ao lado de seu povo.

Amigo fiel do Dr. Renato Medeiros e sua família. Com a vitória da Frente Popular em outubro de 54, o Dr. Renato foi nomeado prefeito de Porto Velho, em abril de 1955. Graças a nomeação de seu amigo, Bola Sete, com seu andar balançante e sua inseparável pasta sanfona, pode circular livremente pelas dependências da prefeitura, vendendo bilhetes da Federal. É dessa época uma publicação do jornal O Imparcial de Guajará Mirim, que em sua edição de 23. 10. 55 comenta:

“Acaba de pedir demissão do cargo de Diretor da Divisão de Segurança e Guarda do Território, o tenente Ivis de Souza, oficial da polícia Militar do Rio de Janeiro, que aqui se encontrava em comissão nas altas funções da Polícia Civil. Procuramos saber o motivo e damos ao conhecimento de nossos leitores: Andava pelas ruas de Porto Velho **um preto por apelido de Bola Sete**, dizendo que se o Dr. Juscelino Kubitschek ou o general Juarez Távora pisasse em Porto Velho, ele dava um tiro em cada um, e que, os aluizistas ele os esperava na faca. Mandou então o chefe de polícia prendê-lo e depois de cinco minutos recebeu um telefonema que o prefeito Renato Medeiros havia

ido à polícia e retirado do xadrez o Bola Sete, levando-o para sua casa onde ficou recolhido”.

Um dos fundadores da Diplomata do Samba, Bola era figura esperada por muitos nos desfiles de carnaval, para apreciar sua desenvoltura ao conduzir sua escola, com seu gingado e o bastão colorido em uma das mãos, irradiando seu carisma para felicidade de sua gente. Subiu ao ringue para algumas lutas de Boxer, sua especialidade adquirida na sua terra natal.

Negro, baiano, sambista, jogador de capoeira e comunista, personagem marcante da história social da cidade de Porto Velho, Eliezer Santos, esteve na linha de frente da luta travada contra a oligarquia comandada com mãos de ferro pelo temido coronel Aluizio Ferreira. Bola Sete foi a irreverência ambulante de seu tempo.

No atentado político da noite de 26 de setembro de 62, o comício da Frente Popular que ficou sendo conhecido por Caçambada Cutuba, Bola Sete foi o principal protagonista da manifestação contra a proibição das visitas dos familiares das vítimas, nas enfermarias do Hospital São José. Doca Brandão, no cordel de sua autoria de nome “A Caçambada ou o maior atentado político da cidade de Porto Velho” relata a participação de Eliezer Santos, o Bola Sete:

“Após o atropelamento

O Bola Sete, um cabra bom e ordeiro

Verdadeiro Pele Curta

Amigo de Renato Medeiros

Saí correndo pra o hospital

Para ajudar os companheiros”.